

Do alto das torres da Igreja o vale aparece numa visão de encantamento. A

que daí não impede aos olhos do menino e mesmo ver ao longe os

os engenhos, que ali estão como um teste dos privilégios da

terra. Tudo aqui é uma beleza poética. O Sado Sua Mão

universo. É possível que os vestígios do

paraíso se espalhe como é um

as sobre o vale. Essa [

po seu colorido. Como ad

ca. O cinzento da tocado de

líticas. O significado do canavial que, apesar da chuva

onda, como se fosse tangido por um gênio da Poesia.



*Viagem-memória de Nilo Pereira:
Do Ceará Mirim ao Recife e do Recife ao Ceará Mirim*

Helicarla Nyely Batista de Moraes

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – MESTRADO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: HISTÓRIA E ESPAÇOS
LINHA DE PESQUISA I: NATUREZA, RELAÇÕES ECONÔMICO-SOCIAIS E
PRODUÇÃO DOS ESPAÇOS

*Viagem-memória de Nilo Pereira:
Do Ceará Mirim ao Recife e do Recife ao Ceará Mirim*

Helicarla Nyely Batista de Moraes

Natal/RN
Agosto de 2010

Helicarla Nyely Batista de Moraes

*Viagem-memória de Nilo Pereira:
Do Ceará Mirim ao Recife e do Recife ao Ceará Mirim*

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós-Graduação em História, Área de Concentração em História e Espaços, Linha de Pesquisa I: Natureza, Relações Econômico-Sociais e Produção dos Espaços, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sob a orientação do Prof. Dr. Raimundo Pereira Alencar Arrais.

Natal/RN
Agosto de 2010

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA).

Morais, Helicarla Nyely Batista de.

Viagem-memória de Nilo Pereira: do Ceará Mirim ao Recife e do Recife ao Ceará Mirim / Helicarla Nyely Batista de Moraes. – 2010.
250 f.: il.

Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-graduação em História, Natal, 2010.

Orientador: Prof.º Dr. Raimundo Pereira Alencar Arrais.

1. Pereira, Nilo. 2. Memória. 3. Intelectuais – Ceará Mirim (RN). 4. Intelectuais – Recife (PE). I. Arrais, Raimundo Pereira Alencar. II. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. III. Título.

RN/BSE-CCHLA

CDU 929

Helicarla Nyely Batista de Moraes

*Viagem-memória de Nilo Pereira:
Do Ceará Mirim ao Recife e do Recife ao Ceará Mirim*

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, pela comissão formada pelos professores:

Nome do Orientador

Nome do Avaliador Externo

Nome do Avaliador Interno

Nome do Suplente

Natal, _____ de _____ de _____

*Por meus Pais, por meus
Avós, Familiares e
Amigos sinceros. Por todos
do meu afeto.*

Agradecimentos

Agradeço com todo o coração àqueles que não permitiram que eu estivesse sozinha nos momentos de incerteza e desânimo. Agradeço a todos que compreenderam que, mais do que silêncio e solidão, o trabalho intelectual também pede afeto e cuidado. Necessita, muitas vezes, de amparo. Não encontramos apenas nos livros e marcas pelo texto os fios que se rompem e fazem errar o caminho. O norte perdido muitas vezes está na ternura do gesto de se estender a mão e reconduzir ao caminho, ao texto.

Obrigada aos amigos que sempre me disseram que nada estava perdido e que no tempo certo as tarefas seriam cumpridas, a vida tornaria a seu curso. Obrigada. Agradeço a Daniel, meu querido colega de turma, pelo carinho e respeito com que sempre me tratou. Sou-lhe muito grata pela amizade que me dedicou nos dois anos de mestrado.

Ao meu Pai Carlos e minha Mãe Hélia, muito obrigada. Foi muito importante saber que alguns vínculos não se rompem. Agradeço aos meus três irmãos, Carlinhos, Juninho e Caio, três irmãos mais novos do que eu, mais fortes do que eu. Obrigada por tentarem me proteger.

Agradeço aos professores com os quais convivo desde a graduação e que vêm me ajudando a dialogar com a História. Durval, Almir, Nonato, Helder, Wicliffe, Aurinete, Fátima, meus professores, muito obrigada. Chamo-lhes, assim, pelo primeiro nome porque estabelecemos, nesses seis anos de convivência e aprendizado, uma relação de respeito e afeto. E de minha parte, como é justo e devido, de profunda admiração. Agradeço também a colaboração dos professores que fizeram parte de minha banca de qualificação, Humberto Hermenegildo, Muirakytan Macedo e Raimundo Nonato Rocha, naquela ocasião na condição de meu orientador. Aquele momento foi muito importante para a finalização dessa pesquisa.

Agradeço também aos funcionários do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, do Arquivo Público do Estado e da Cúria da Diocese de Natal, onde pude consultar os jornais que ajudaram a construir o trabalho. Agradeço também à Virgínia Barbosa e a Luiz Marcondes, funcionários da Fundação Joaquim Nabuco, no Estado de Pernambuco, que me conduziram na pesquisa que realizei nos arquivos daquela instituição.

As manhãs em que estive no Arquivo Público Estadual de Pernambuco também renderam bons frutos. Devo ainda um agradecimento à Fundação Gilberto Freyre, de onde me foram enviados arquivos de extrema valia para a conclusão da dissertação. Agradeço à Fundação Nilo Pereira, de Ceará-Mirim, especialmente, ao funcionário Edvaldo, um amigo querido. Lá pude consultar o álbum de fotografias que Sebastião Lucena produziu, a pedido de Nilo Pereira, da casa grande do engenho Guaporé, que guardava ainda outra preciosidade, um texto de Gilberto Freyre sobre aquela casa.

Agradeço à família Pereira que conheci no Recife: o Sr. Geraldo Pereira, Zaina e Carol, que me receberam com tanto carinho e me conduziram em minhas andanças pelos arquivos e pela cidade. Ao Sr. Geraldo, especialmente, por não ter medido esforços para me auxiliar na busca por documentos. Eles não foram apenas colaboradores. Voltei do Recife com a certeza de ter estabelecido por lá não apenas laços profissionais, mas também laços de afeto. Agradeço também ao Sr. Roberto Pereira, que foi sempre tão distinto e atencioso às minhas indagações. Lembro também os membros do Conselho Estadual de Cultura e da Academia Pernambucana de Letras do estado de Pernambuco, que me ouviram com respeitosa atenção e me ajudaram também a reconstituir traços importantes da trajetória de Nilo Pereira. Agradeço também à Lúcia Helena Pereira, que, sempre muito carinhosa e solícita, me ajudou a esclarecer dúvidas e a garimpar documentos.

Agradeço às instituições de fomento à pesquisa de Ensino Superior, CAPES e CNPq, pelo apoio financeiro tanto na graduação, quando fui aluna de Iniciação Científica, como no Mestrado, quando estive na condição de bolsista. Agradeço também o apoio técnico do Grupo de Pesquisas “Os Espaços na Modernidade”, coordenado pelos professores Raimundo Arrais e Raimundo Nonato, especialmente à doce Flávia e a Renato por me ajudarem com as últimas arrumações do trabalho.

Sobre o meu orientador, o Professor Raimundo Arrais, tenho certeza de que ele compreende a medida de sua presença nesse trabalho e na minha trajetória no Curso de História da UFRN. Agradeço imensamente pela parte significativa de sua biblioteca que foi transportada para a minha casa. Sempre cuidei muito bem de seus livros por acreditar que guardava comigo sua maior riqueza. Agradeço pelas marcas firmes e direcionadoras no texto, pelas aulas, pelas conversas que durante os últimos cinco anos caracterizaram sua orientação esclarecedora, dedicada e competente. Sem o professor Raimundo Arrais esse

trabalho não seria possível, pois ele me ajudou a compreender como viagens podem significar na escrita e na vida.

Quanto ao ponto de chegada dessa viagem pela memória e pelos lugares da memória, preciso dizer àqueles a quem agradeço que não é exatamente o que deveria ser. Não unicamente pela versão no papel, que não se explica em si mesma, como todo texto escrito, mas pelas circunstâncias em que foi concluída. No entanto, *Viagem-memória de Nilo Pereira: do Ceará-Mirim ao Recife e do Recife ao Ceará-Mirim* é resultado de quatro anos e meio de um trabalho de pesquisa que me permitiu sentir e compreender algumas das palpitações, gozos e frustrações que atravessam e alinham a trama histórica para torná-la crível e consistente, pois precisamos *sentir*, acreditar naquilo que escrevemos, nas histórias que contamos.

Resumo

O trabalho proposto analisa o processo de construção da escrita memorialística do intelectual Nilo Pereira, nascido no início do século XX, na cidade de Ceará-Mirim. O processo de elaboração da escrita do cearamirinense é marcado por dimensões afetivas e históricas, fruto da relação do autor com os grupos sociais dos quais fez parte, como os regionalistas do Recife. O processo de compreensão da formação dessa escrita envolve os dispositivos de construção da memória, e também da formação e manutenção de um grupo, já que implica um desejo auto-formativo. O processo de formação da escrita memorialística de Nilo Pereira é mapeado por meio da análise de crônicas e livros que ele publicou durante meio século de exercício intelectual, associando a esse conjunto a leitura de uma bibliografia que ajudou a reconstituir o contexto histórico e social no qual ele estava inserido. Não estudamos um período exato da escrita do autor. Tentamos apreender em cada período as características do homem e da escrita, tentando compreender a lógica da sua trajetória intelectual. Tomamos como referências básicas de nossa análise os livros *Evocação do Ceará-Mirim* (1959), *A rosa verde* (1982) e *Imagens do Ceará-Mirim* (1969). Tomamos esse último como referência base de nossa análise por considerá-lo o mais elaborado dos livros de memória de Nilo Pereira, representando a síntese do memorialismo praticado por ele. De um modo geral, o trabalho aqui apresentado investiga a escrita de Nilo Pereira e sua relação com um grupo de intelectuais nordestinos da primeira metade do século XX e a cidade de Ceará-Mirim.

Memória, história, escrita, Ceará-Mirim/Recife, Nilo Pereira.

Sumário:

<i>O poder da escrita, dos sentimentos e da memória</i> -----	11
 <i>Capítulo 1 - Viagem-memória: voltar e reescrever o passado</i> -----	23
Primeiros passos do memorialista -----	24
Imagens do Ceará-Mirim: viagens pela escrita, retalhos de memória -----	26
Imagens e evocações -----	29
Imagens e romance -----	35
O historiador e o memorialista em Nilo Pereira -----	40
Primeiro reencontro com o vale: viagem de 1939 -----	49
-A cidade morta, lugar da tradição -----	52
-O homem e a cidade -----	59
- Os rituais de retorno -----	62
-Reescrevendo o passado -----	67
Uma manhã no Vale: viagem de 1949 -----	72
Morte sobre o Vale: viagem de 1954 -----	78
O percurso nas letras: Viagem de 1955 -----	86
O reencontro com as origens -----	91
 <i>Capítulo 2 - O homem na escrita</i> -----	96
Natal, o primeiro porto da viagem: o despertar para as letras -----	97
Mudança de ares: Nilo vai para o Recife... -----	115
De braços dados com o poder -----	122
Nilo descobre o velho Recife: vida, morte e saudade... Recifencisando-se -----	140
 <i>Capítulo 3 - O Vale da escrita: Ceará Mirim, engenho e saudade</i> -----	164
Um cearamirinense em terras pernambucanas: regionalizando-se... -----	165
Regionalismo e tradição: o alvorecer do século XX no Recife -----	183
Nordeste regionalista: inscrição espacial e identitária -----	190
As origens do Regionalismo-Tradicionalista -----	195
Primeiro esboço do Nordeste do açúcar -----	199
O menino de engenho e a imagem ideal do Nordeste açucareiro -----	207
Trama tecida no fio da saudade -----	214
Ceará-Mirim, engenho e saudade -----	225
 <i>Escrevendo a vida, vivendo na escrita</i> -----	243
<i>Referências bibliográficas</i> -----	248



*O poder da escrita, dos sentimentos e
da memória*

O poder da escrita, dos sentimentos e da memória

O objeto que estudamos começa a ser visualizado no ano de 1939, momento em que o intelectual cearamirinense Nilo Pereira, radicado no Recife desde 1931, volta ao estado de origem, o Rio Grande do Norte, para visitar a família deixada aqui. Voltar ao Rio Grande do Norte significava voltar ao Ceará-Mirim, cidade de economia açucareira, onde ele nasceu no ano 1909 e passou a infância e o princípio da adolescência, tendo se mudado para a capital, em 1922, com objetivo de fazer o ensino preparatório.

A trajetória de Nilo Pereira era comum aos jovens de famílias que descendiam dos produtores de açúcar da região e dispunham de algum recurso para investir na educação dos filhos. No período de prosperidade da indústria açucareira, países como França e Inglaterra foram destino dos filhos dos produtores de açúcar de Ceará-Mirim. Destinos mais comuns eram Rio de Janeiro, onde estava a Faculdade de Direito; Bahia, para onde seguiam aqueles que almejavam a Medicina, e a não tão distante Recife, que também dispunha de uma tradicional Faculdade de Direito. As filhas dos homens de posse de Ceará-Mirim também eram mandadas para centros maiores para cumprir sua formação, como o caso de Madalena Antunes Pereira, filha de Vicente Ignácio Pereira, um dos grandes senhores de engenho da região, na segunda metade do século XIX, tendo estudado na escola normalista do Recife, naquele período.

Nesse trajeto de partida em busca de uma formação intelectual, o primeiro ponto de parada de Nilo Pereira foi a cidade de Natal, que serviu de laboratório para a sua carreira jornalística. De lá, seguiu para o Rio de Janeiro para bacharelar-se em Direito, transferindo-se, logo em seguida, para a Faculdade de Direito de Pernambuco. Antes dele, o pai, Fausto Varella Pereira, já tinha sido aluno da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro. O avô, Vicente Ignácio Pereira, havia se formado em medicina na Bahia. Em algum momento, todos deixaram o Ceará-Mirim e o Rio Grande do Norte. No entanto, o pai, o avô e a tia Madalena Antunes estiveram fora somente o período equivalente à conquista do diploma desejado. Para as duas primeiras gerações dos Pereira voltar significava cuidar de um empreendimento ainda próspero, que era o engenho de propriedade da família, e gozar do

prestígio político e econômico garantido pela condição de produtor de açúcar na segunda metade do século XIX, no Rio Grande do Norte.

No início da década de 1920, quando saiu do Ceará-Mirim em busca da capital, Nilo Pereira começou a traçar um caminho sem retorno para as terras norte-rio-grandenses. O Rio Grande do Norte, que desde o período de sua formação, ainda atrelado à capitania de Pernambuco, era uma província menor, naqueles anos que abriam o século XX não estava em melhor situação. Durante algum tempo, as zonas produtoras de açúcar foram os centros políticos e econômicos do Estado. Com a baixa do açúcar, as atenções se voltaram para a região do Seridó, onde se produzia o algodão¹. Ceará-Mirim estava entre as cidades que perderam status político e econômico no estado. Se no século XIX havia produzido deputados e até um presidente de Província, como foi o caso de Vicente Ignácio Pereira e Manuel Varella do Nascimento, chegou à década de 1930 como um lugar de economia decadente, onde se vivia do prestígio amealhado no século que findara, sendo batizada pelos cronistas da época de “A bela adormecida no Vale”.

Essa cidade de economia sonolenta já não oferecia possibilidades aos filhos das famílias tradicionais. Muitos se estabeleceram em outros estados, como o poeta Juvenal Antunes, que foi para o Acre durante o período do ciclo da borracha e viveu por lá até o fim da vida. Outro exemplo bastante expressivo é José Pacheco Dantas, nascido em 1878, filho do coronel Filismino Dantas, proprietário do engenho União, que em 1900 vai para o Rio de Janeiro, onde se forma na Faculdade de Medicina, obtendo os diplomas de Farmácia, Odontologia e Medicina. Pacheco Dantas volta ao Ceará-Mirim somente para contrair núpcias com a senhora Isabel da Cunha, bisneta do Barão do Ceará-Mirim.

Na capital Federal, Pacheco Dantas colaborou em vários jornais, nos quais escrevia artigos cobrando as atenções da União para o Estado do Rio Grande do Norte e para a cidade do Ceará-Mirim. Essa era a maneira que ele havia encontrado de não perder os vínculos com a sua terra. Conta-se que o cearamirinense radicado no Rio de Janeiro chegou à velhice amargurado por não ter podido ajudar sua terra, que “não esquecia jamais”, pois “Tudo lhe fazia recordá-la”. O cearamirinense desterrado revelara o desejo

¹ TAKEYA, Denise Monteiro. *Um outro Nordeste: o algodão na economia do Rio Grande do Norte (1880-1915)*. Fortaleza: BNB, ETENE, 1985. (Documentos do Nordeste); MACEDO, Muirakytan K. de. *A penúltima versão do Seridó: uma história do regionalismo seridoense*. Natal: Sebo Vermelho, 2005.

último de repousar, quando de sua morte, em terras do Ceará-Mirim: “em fevereiro de 1951, em sua última viagem ao Rio Grande do Norte, colheu com suas próprias mãos areias do Ceará-Mirim, sobre as quais repousa sepultado no Cemitério do Caju, Quadra 36, jazigo perpétuo n. 2.316, no Rio, desde 24 de julho de 1961”. Repetia-se aqui, como Nilo Pereira o repetirá 42 anos depois, o gesto ritual das culturas antigas, segundo o qual “O homem não podia mudar-se sem levar consigo a terra e os seus antepassados. Era importante cumprir esse ritual para então, ao mostrar o novo lugar que se havia adotado, poder dizer: essa terra continua sendo a de meus pais, terra patrum, pátria; aqui é minha pátria porque aqui estão os manes de minha família”².

Assim como José Pacheco Dantas, Nilo Pereira também teve que partir em mudança definitiva para outro estado. Assim como Pacheco Dantas, empreendeu inúmeras viagens ao Ceará-Mirim para visitar o lugar ao qual se ligava por meio dos laços familiares. Sentimos em Nilo Pereira o mesmo desejo de retornar à terra da infância, no momento da morte. Nos dois casos esse retorno tem um caráter simbólico. Um punhado de terra da infância foi levado ao lugar distante onde construíram a vida adulta e profissional. Percebemos, então, que entre os cearamirinsenses a relação de provinciano saudosista, pelo menos para aqueles que tiveram de partir para centros maiores, era um modelo já familiar.

O destino de Nilo Pereira não foi o Rio de Janeiro, mas Recife, a capital pernambucana, que no início do século XX era colocada no centro das discussões sobre a unidade nacional, reivindicando o status de capital regional do Nordeste e síntese dos valores e manifestações culturais que delimitavam a espacialidade que estava sendo construída como região Nordeste. Um grupo de intelectuais se reuniu em torno do desejo de definir a fisionomia da região que se formava. No início dos anos 1920, esse grupo recebe um importante incremento e passa a circundar em torno das idéias daquele que se tornaria o intelectual nordestino de maior expressão nacional e internacional, o pernambucano Gilberto Freyre. Desde a última década do século XIX, vinha se configurando uma nova divisão do espaço nacional, que anteriormente era dividido apenas entre Sul e Norte, englobando os estados de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Sergipe, Maranhão, Alagoas e Bahia, junto com os estados da região amazônica.

² COULANGES, Fustel. *A cidade antiga*: estudo sobre o culto, o direito, as instituições da Grécia e de Roma. São Paulo: Hemus, 1975, p. 108.

A autoconsciência de Nordeste veio junto com a decadência que fez com que a elite produtora começasse a construir dentro da região Norte uma unidade social e econômica diferenciada, que se arvorava o título de berço da nação e merecedora de maiores atenções da União. A partir do discurso regionalista-tradicionalista, o Nordeste começa a se afirmar como região e como unidade cultural e social. Gilberto Freyre foi o grande impulsionador desse movimento que objetivava recuperar um passado de tradição que caracterizava e diferenciava a região Nordeste. Freyre e os regionalistas inventam a tradição do passado patriarcal do Nordeste, disseminada por meio da história, da sociologia, da pintura, da poesia, da Geografia; enfim, construiu-se para essa nova inscrição espacial uma fisionomia que se formava por meio dos costumes, dos valores, das relações que o homem que habitava aquele espaço mantinha com o lugar. Os costumes e valores enfatizados foram os da sociedade do açúcar, como o senhor de engenho, a casa grande, os moleques da bagaceira, a capela junto a casa, a culinária de influência luso-africana.

Do esforço multidisciplinar empreendido pelos regionalistas-tradicionalistas surge um tipo de escrita muito peculiar, que nem era história, nem sociologia, nem crônica e era tudo isso ao mesmo tempo. Foi por meio de uma escrita memorialística e autobiográfica que essa nova região foi escrita e inscrita na espacialidade brasileira. Ao chegar ao Recife, Nilo Pereira vai encontrar esses homens saudosos do passado e vai, aos poucos, se juntando a eles nesse processo de redescobrimto e disseminação da imagem de um Nordeste tradicional. O cearamirinense inicia um duplo empreendimento: descobrir esse novo Nordeste e se fazer também parte dele. Para isso, ele leva a cidade do Ceará-Mirim para ser vista e auscultada pelos recifenses. Traz para o Ceará-Mirim os recifenses reconhecedores e mantenedores da tradição do Nordeste do açúcar. Transforma a cidade de economia decadente e abandonada pelos herdeiros da sociedade dos engenhos em objeto de rememoração, em cidade rica da tradição inventada pelos regionalistas-tradicionalistas, uma aparentada do Recife no Rio Grande do Norte.

O Ceará-Mirim tinha a tradição que inspirava nos seus filhos os sentimentos telúricos, provincianos, de amor à terra; tinha engenhos, casas grandes, um vale repleto de ruínas, das lembranças de famílias que se sustentaram e enriqueceram por meio da produção do açúcar, do esforço dos negros. Tinha os elementos necessários para compor

uma imagem muito semelhante àquela que se estabeleceu como o Nordeste do açúcar, elementos que ligavam a cidade do Ceará-Mirim à cidade do Recife. Aproximando cada vez mais Recife e Ceará-Mirim, as duas cidades onde plantou suas raízes, Nilo escreveu o capítulo da história do Ceará-Mirim no livro do Nordeste do açúcar.

Todas essas ambições poderiam ser resumidas num projeto literário, dando origem a uma produção histórica, artística e sociológica. A palavra foi a grande arma nas mãos dos regionalistas do Recife e de Nilo Pereira. Por meio da escrita, eles foram se apropriando dos espaços, conceitos, valores e imagens desejadas. Nilo, o Ceará-Mirim, os regionalistas e o Nordeste foram forjados na escrita, na escrita de si, na escrita do outro, o que chamamos de processo de apropriação pela escrita, no qual sofriam dupla transformação. Primeiro desmaterializavam-se em dimensões afetivas e intelectuais: conceitos, sentimentos, sensações, para depois voltar a ser matéria. Ou seja, para que algo se torne objeto da escrita é preciso decompô-lo em conceitos e valores que caracterizam o esforço intelectual de compreensão e reconhecimento de determinada realidade. Após esse primeiro momento de apropriação da escrita sobre o objeto, ele se (re)materializa, saindo do estágio de linguagem escrita, transformando-se em imagem e refletindo-se na realidade exterior à escrita e ao pensamento.

Ou seja, a cidade do Ceará-Mirim, por exemplo, desperta determinados sentimentos em Nilo Pereira: a saudade da infância, o ressentimento pela decadência do lugar. Esses sentimentos são despertados a partir de certas situações. No caso de Nilo, a distância, a velhice. Esses sentimentos vão se materializar por meio da linguagem escrita, que reelabora o objeto apropriado, a cidade de Ceará-Mirim. Em Recife, a cidade de Ceará-Mirim ficou conhecida como a cidade de Nilo Pereira, apresentada por ele por meio das crônicas diárias que escrevia nos jornais, dos livros que publicava e das conversas com os amigos. O Ceará-Mirim de Nilo Pereira passou a ser também o Ceará-Mirim dos recifenses.

Tanto o Nordeste como o Ceará-Mirim que conhecemos a partir da escrita dos regionalistas e de Nilo Pereira, e o próprio Nilo, são constructos dessa natureza. A escrita, mas não somente ela, é dimensão fundamental no processo de construção identitária. Ela permite que ordenemos e elaborem os elementos dispersos que compõem uma realidade. A linguagem é via por onde ocorrem todas as trocas entre o imaginado e o sensível, entre o

interior e o exterior. A linguagem escrita é uma das vias de materialização do imaginário e decodificação do mundo sensível, daquilo que se pode tocar, por meio dela podemos explorar outras formas de linguagem como a pintura, as sonoridades. O exercício da escrita estabelece pontes entre tempos, espacialidades e realidades diferentes. Equaliza em uma única dimensão, a do papel, diversos mundos e temporalidades.

Toda a complexidade por trás do processo de escrituração impõe uma reflexão no sentido de compreender o alcance dessa dimensão na produção histórica, já que a História é, antes de tudo, narrativa. Mas escrita histórica é determinada como tal, como nos lembra Michel de Certeau, por um conjunto de práticas e métodos próprios da disciplina. Ou seja, “A operação histórica (o escrever, o produzir história) se refere à combinação de um lugar social, de práticas ‘científicas’ e de uma escrita”. Não tomamos o conceito de Certeau como sistema de engessamento da história por meio das relações de poder. Entendemos que ele nos chama a atenção para o caráter interpretativo da ciência histórica, ligada que está, como outras disciplinas, a um lugar de produção, o que implica determinações próprias e um lugar social definido, por isso a importância de se entender a maneira como determinados grupos compreendem e explicam a história. A principal relação que devemos estabelecer entre história e linguagem escrita é que história é uma (re) significação do passado e que o trabalho do historiador é estabelecer esse diálogo entre os sentidos do passado e o sentido que se quer dar a um evento no presente, pois não se escreve história para o passado e sim para o presente³. É a linguagem escrita que possibilita esse diálogo que se desdobra em diálogo entre a história e a morte, pois, ao mesmo tempo que ela honra o passado, fazendo registro dele, enterra-o, definitivamente, colocando-o lá atrás, junto com aquilo que só pode ser (re)significado e não revivido. Podemos afirmar, então, que a história, assim como a escrita, se inscreve naquilo que escreve, materializa-se naquilo que subjetiviza.

A relação entre história e linguagem escrita chama a atenção para uma outra dimensão da História, a memória. Alguns autores, como Jacques Le Goff, afirmam que a história se apoderou da memória em caráter instrumental, tornando-a um objeto da história. Outros defendem, como Paul Ricoeur, que na memória está o caráter matricial da História. Para ele, a memória tem um caráter dual – ao mesmo tempo que tem como referente último

³ ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. *História: a arte de inventar o passado*. São Paulo: EDUSC, 2007.

o passado, sofre sensível interferência da realidade de onde se invoca esse passado. A memória tem como principal referência espacial o nosso próprio corpo, com o qual sentimos e experienciamos o mundo, onde estão inscritas todas as marcas e memórias de nossa vida. Desse modo, é possível perceber no ato de lembrar que nos recordamos de algo que aconteceu no passado, o que permite que saibamos exatamente em que momento da nossa vida vivemos determinadas situações. No entanto, quando recordamos tais situações no presente o que temos de volta é apenas uma imagem do passado, já bastante alterada pelas novas experiências que foram se acumulando com o passar tempo.

Pensar no processo de construção da escrita de Nilo Pereira nos remete a todas essas discussões, obrigando-nos a situá-lo no tempo, no espaço, e em grupos de interesses. A memória e a escrita são fundamentais nos embates intelectuais que deram origem ao homem e à obra de Nilo Pereira. Guardadas as devidas proporções, o cearamirinense faz em relação a Ceará-Mirim aquilo que Gilberto Freyre fez em relação ao Nordeste açucareiro, a Pernambuco. O projeto de Nilo era bem menos ambicioso, mas os métodos utilizados foram inspirados em Freyre. Ele pôs-se a escrever obsessivamente sobre o passado vivido na cidade de Ceará-Mirim, sobre a infância de menino de engenho que tivera, vivendo próximo a um vale recoberto de plantações de cana de açúcar e construções do século XIX – casas grandes, engenhos, senzalas. Iniciou, por meio da escrita, um processo de ordenamento do mundo disperso da infância, onde foi buscar todos os elementos que caracterizavam a imagem que ele desejava reconstruir do passado. Exerceu o ofício de escritor como cronista, memorialista, historiador, durante 66 anos. Durante cinco décadas, de 1939 a 1992, podemos mapear a escrita de Nilo Pereira por meio das referências ao vale do Ceará-Mirim e à infância vivida lá. Durante 53 anos, ele praticou o exercício de reconstituir o passado e apresentar aos recifenses a cidade de Ceará-Mirim, levando, a cada viagem de retorno que fazia a cidade, um dos amigos recifenses, que logo depois, assim como ele, transformaria aquela viagem em memória.

O que fazemos aqui é tentar compreender o processo de construção da escrita memorialística desse autor, enfatizando sua relação com os grupos sociais e afetivos nos quais ele estava inserido, o que envolve também os dispositivos de construção da memória, os dispositivos de formação e manutenção de um grupo. Entendemos que a escrita de

conotação autobiográfica é fundamental nesse processo, pois tanto o Nordeste do açúcar quanto o Ceará-Mirim de Nilo Pereira se constroem por meio de lembranças. Entendemos que o autobiográfico pode estar presente em todos os gêneros de escrita, por isso, para entender o processo de formação da escrita memorialística de Nilo Pereira, analisamos as crônicas escritas para os jornais, os livros publicados nas áreas de História e Filosofia, os livros caracterizados como memórias. Não estudamos um período exato da escrita do autor, já que fazem parte da nossa análise artigos e livros publicados entre os anos 1930 e a década de 1980, já muito próximo de sua morte.

Tentamos apreender em cada período as características do homem e da escrita, tentando compreender a lógica da trajetória intelectual do autor. Tomamos como referências básicas de nossa análise os livros *Evocação do Ceará-Mirim*, *A rosa verde* e *Imagens do Ceará-Mirim*, publicados respectivamente em 1959, 1969 e 1982. Percebemos cada um desses livros como uma tentativa de sistematizar a escrita memorialística, uma estratégia de reafirmação a cada fase da vida, já que todos eles trazem os mesmos personagens, os mesmo lugares, os mesmos acontecimentos, girando em torno da infância vivida na cidade de Ceará-Mirim e da trajetória da indústria açucareira no vale. Percebemos que *Imagens do Ceará-Mirim* é o livro mais elaborado do conjunto que ele atribui o título de memória, entendido aqui como a síntese do memorialismo do autor, por isso estaremos sempre nos remetendo a ele.

Os artigos mencionados foram publicados em jornais norte-rio-grandenses e pernambucanos, como *A Republica*, *Tribuna do Norte*, *A Ordem*, *Diário de Natal*, *Jornal do Commercio*, *Folha da Manhã*, *Diário de Pernambuco*. Nem todos os artigos lidos tinham como tema a cidade do Ceará-Mirim e a infância no vale, o que permitiu perceber outros traços da personalidade e da escrita do autor, além do saudosismo e do regionalismo. Perceber as particularidades dos temas e da escrita de Nilo Pereira permitiu evidenciar os conflitos e contradições enfrentados pelo homem, que refletem também as tensões que envolviam a época e os grupos pelos quais ele circulou.

Para ter acesso a esses artigos visitei instituições como o Arquivo Público de Pernambuco e a Fundação Joaquim Nabuco. Em Natal fui ao Arquivo Público do Rio Grande do Norte e ao Instituto Histórico e Geográfico, à Cúria da Diocese de Natal e à sede

do antigo Jornal *A Republica*. Também fiz a leitura de boa parte dos livros publicados por Nilo Pereira. Fui pinçando em cada um deles elementos que mostrassem a singularidade da escrita do autor. Num segundo momento da pesquisa, tive acesso a um material riquíssimo que ajudou a arrematar alguns pontos observados nas fontes anteriormente consultadas. Trata-se de uma coleção de livros nos quais o autor guardou inúmeros recortes de jornais contendo os artigos que ele vinha escrevendo desde 1965. Também constavam nos livros recortes de matérias que mencionavam Nilo Pereira e seus livros e artigos. Percebe-se que havia uma grande predileção pelos artigos que se reportavam ao Ceará-Mirim e por aqueles em que ele aparecia como homem saudoso em relação à infância vivida lá, como o homem que defendia as tradições do Recife e do Ceará-Mirim.

Mesmo tendo analisado textos de diversas etapas da vida do autor, evidenciando um período situado entre 1939 e 1992, buscamos apreender com maior detalhe o período que vai de 1939, quando ele escreve o primeiro texto de caráter memorialístico e regionalista, e 1969, quando publicou *Imagens do Ceará-Mirim*. Definimos esse período como o eixo principal de nossa pesquisa por representar o ponto de partida da obra memorialística do autor e o momento de sistematização dessa escrita em um livro que ele chamou livro de memórias. A leitura do material publicado posteriormente a 1969 foi fundamental para compreender o processo de reinvenção de Nilo e da sua escrita. O recorte de 1939-1969 reporta ao processo de inserção do autor cearamirinense no grupo dos intelectuais regionalistas-tradicionistas no Recife e compreende também o período de mais forte repercussão dos produtos mais significativos do regionalismo-tradicionista, como o Centro Regionalista do Recife, fundado em 1924, a realização do Primeiro Congresso Regionalista em 1926, a publicação do *Livro do Nordeste* em 1925, a publicação de *Casa Grande & Senzala* e de *Menino de Engenho*, em 1933.

De um modo geral, o trabalho aqui apresentado investiga a escrita de Nilo Pereira e sua relação com um grupo de intelectuais nordestinos da primeira metade do século XX e a cidade de Ceará-Mirim e está dividido em três capítulos: “Viagem-memória: voltar e reescrever o passado”; “O homem na escrita” e “O Vale da escrita: Ceará Mirim, engenho e saudade”. No primeiro capítulo, encontramos Nilo Pereira em sua primeira viagem de retorno ao Vale do Ceará-Mirim. Desse encontro, surge um primeiro texto de viagem e de

memória que vai ser o primeiro de uma série de reencontros e de uma série de outros textos, como se memória puxasse memória. Nesse roteiro apresentamos as principais obras memorialísticas do cearamirinense, *Evocação do Ceará-Mirim*, *Imagens do Ceará-Mirim* e a *A Rosa verde*, e vamos cotejando sua análise com outros textos do autor. Nesse capítulo procuramos evidenciar como a cidade do Ceará-Mirim e a escrita de Nilo Pereira vão sendo formados nesses reencontros, que não são apenas viagens no espaço, mas viagens na escrita, na memória e no tempo.

O segundo capítulo, “O homem na escrita”, é a segunda etapa dessa viagem no tempo. O homem que vimos retornando a Ceará-Mirim depois de 10 anos de ausência, volta a ser adolescente, retorna à cidade de Natal. Encontramo-lo já a caminho da capital, em 1922, onde permaneceu até 1930. A partir da reconstituição do roteiro cumprido por Nilo Pereira até chegar ao Recife, procuramos evidenciar a constituição do homem e do intelectual, percebendo como a convivência com grupos e ambientes diferentes colaborou para a constituição de sua obra e personalidade. Buscamos apreender como se conjugam vida e obra para compreender as relações sócio-histórico-afetivas por trás da constituição de uma rede intelectual na qual ele se inseria.

No terceiro capítulo, chegamos ao Ceará-Mirim, conhecemos o vale e um pouco da trajetória de declínio da economia daquela cidade. O momento é o do nascimento de Nilo Pereira, da crise do açúcar, das cheias que devastavam o canavial, do empobrecimento de diversas famílias proprietárias de engenho, inclusive a dele, a partir do que se compreende quais elementos da formação histórico-social daquela cidade contribuíram para a escrita que ele elaboraria mais tarde sobre si mesmo e sobre a cidade. A imagem apreendida na escrita de Nilo Pereira tem um lugar no tempo e no espaço. A imagem que ele construiu ao longo da vida em sua escrita era a de uma cidade híbrida, que guardava duas cidades. Essa cidade intermediária, situada na confluência de dois rios, era a ponte que unia a cidade de Ceará-Mirim à zona açucareira do estado de Pernambuco, ao Nordeste do açúcar e da tradição que surgiu na paisagem brasileira, nas primeiras décadas do século XX.

Sentimos pulsar nessa escrita a tensão entre o presente e o passado, a vida e a morte, o afeto e a saudade. A imagem da morte ganha várias conotações em cada etapa da

vida e da literatura. A morte aparece como um estigma em Nilo Pereira: num primeiro momento representava o fascínio pelo passado, que vai se transformando em objeto do historiador e do memorialista; na velhice significava aproximar-se de algo desconhecido, que provocava angústia e temor. Até aquele momento, a morte, para ele, era algo completamente conhecido, estava no passado de sua família, de sua cidade, dos homens que fizeram a história do Recife e do Ceará-Mirim – estavam todos nos seus livros e artigos, onde ele conseguia enganar a morte por meio da memória e da escrita. Nos últimos anos de vida, começa a surgir o medo da morte que ele não poderia transformar em imagem literária, em narrativa histórica. Mesmo assim, ele mantém a estratégia de sempre e relembra cada vez com mais intensidade os tempos de menino no Ceará-Mirim. Quando a morte chegou para ele, a imagem do menino de engenho do Vale do Ceará-Mirim que se perpetuaria já havia sido escrita e solidificada.

Essa história de homens e lugares transborda de sentimentos: nostalgia em relação ao passado, medo e fascínio em relação à morte, afeto pela terra das origens. Todos esses sentimentos confluíam para um só, a saudade, que se transformou numa maneira de enxergar e entender o passado. Seguindo esse fio de sentimento que entrelaça aqui história, memória e poesia, seguimos o itinerário de Nilo Pereira em sua busca pela cidade de Ceará-Mirim, deixada no ano de 1922 para se transformar em objeto do sonho, da escrita e da memória.



*Viagem-memória:
Voltar e reescrever o passado*

Cap. 1 - Viagem-memória: voltar e reescrever o passado

Primeiros passos do memorialista

No dia 05 de novembro de 1939, o jornal *A Republica*, voz oficial do governo republicano em Natal, fundado em julho de 1889, noticiava a volta de um norte-rio-grandense que há muito deixara o estado. Anunciava que um dos melhores nomes da terra estava no Rio Grande do Norte, “em visita a pessoas de sua família”¹. Essa visita significava voltar à casa, depois de dez anos de ausência.

Esse homem, que será apresentado nas próximas páginas, é Nilo Pereira, nascido no início do século XX, na cidade de Ceará-Mirim, onde prosperou a cultura da cana de açúcar, a partir da segunda metade século XIX. Ainda menino, aos treze anos de idade, precisou partir para a capital, onde iniciou os estudos secundaristas e também a prática do jornalismo. Como tantos outros norte-rio-grandenses e nordestinos de sua geração que aspiraram ao bacharelado, ele se transferiu para a cidade de Recife, depois de uma temporada na Faculdade de Direito do Rio de Janeiro.

No Recife, cidade onde viveu por mais de sessenta anos, o cearamirinense se casou com Lila Pimentel Marques e constituiu família. Lá, o jovem continuou exercendo o ofício de jornalista, construiu laços com a intelectualidade católica e acabou entrando também para a política, começando por fazer parte do secretariado do Estado Novo. O homem que saiu da cidade de Ceará-Mirim também exerceu as atividades de professor e historiador, publicando diversos livros, versando sobre temas como história das idéias da religião no Brasil e regionalismo.

Na primeira semana do mês de novembro de 1939, enquanto se preparava para voltar ao Rio Grande do Norte, ele vislumbrava seu reencontro com o vale do Ceará-Mirim. Essa viagem o iniciaria em um percurso que daria um novo sentido à sua vida, marcando o homem e o intelectual que se formaria, a partir de então.

Naquele ano, o cearamirinense foi homenageado por figuras importantes da política norte-rio-grandense, como Aldo Fernandes (interventor interino do Rio Grande

¹ UMA homenagem do Departamento de Educação ao dr. Nilo Pereira. *A Republica*, 05 nov. 1939.

do Norte) e Luiz da Câmara Cascudo, nessa época já um nome de peso na intelectualidade local e nacional, ex-professor e amigo de Nilo Pereira. Foi oferecido ao ilustre conterrâneo um almoço, realizado no Grande Hotel, no qual estiveram presentes, além dos nomes já citados, José Bezerra (assistente militar da Interventoria) e os diretores de estabelecimentos de ensino: Celestino Pimentel, Clementino Câmara (educador com livros publicados), Luiz Soares (médico, introdutor do escotismo no Rio Grande do Norte, no início do século XX), e ainda Joaquim Coutinho, José Saturnino, Acrísio Freire e Adélia Teixeira.

A viagem de retorno do cearamirinense teve grande destaque nos jornais de Natal. Podemos ver, já no dia 03 de novembro, a matéria do correspondente d'*A Republica*, em Ceará-Mirim, informando sobre a passagem de Nilo pelo Vale, em companhia de Aldo Fernandes e de José Bezerra, e da recepção oficial que lhe foi oferecida: “Os ilustres visitantes foram recebidos pelo prefeito Pedro Heraclito [...] em companhia de quem almoçaram, na intimidade, tendo tomado parte do almoço o Sr. Miguel Dantas Cavalcanti [...] Coletor Federal, e Manuel de Aguiar Gusmão, secretario da Prefeitura”². Após o almoço, a comitiva seguiu pela cidade para apreciar “os melhoramentos efetuados pela administração municipal”³. As andanças pelo Vale trariam de volta a paisagem da infância e abririam caminho para novos horizontes.

Nilo Pereira, como político, e mesmo como homem instruído, talvez devesse ou quisesse ver “melhoramentos”, mesmo os de província. Mas o que ele queria mesmo ver ainda estava por vir. O momento mais esperado para o homem vindo de Recife estava além do protocolo das visitas oficiais. A paisagem que ele buscava era o vale do Ceará-Mirim. Mais do que isso, segundo sua própria expressão, ele queria “reviver, que não é apenas recordar, mas viver de novo”⁴, como se voltasse a ser criança naquela paisagem da infância...

As andanças e reencontros proporcionados por essa viagem também serviram de inspiração à escrita do intelectual. Segundo Nilo Pereira em *Imagens do Ceará-Mirim*, essa foi uma das visitas mais demoradas que ele fez à sua cidade, depois da mudança para o Recife. O reencontro suscita no autor os laivos poéticos do estrangeiro que volta à terra, inspira-o a escrever um artigo sobre a cidade, intitulado “Guaporé”,

² PELOS MUNICIPIOS. *A Republica*, II Nov. 1939.

³ Idem.

⁴ PEREIRA, Nilo. *Imagens do Ceará-Mirim*. Natal: Imprensa Universitária, 1969, p. 13.

nome do velho solar patriarcal que no passado havia pertencido à sua família. No texto publicado no jornal *A Republica* de 08 de novembro daquele ano de 1939, o autor discorre sobre o abandono ao qual tinha sido relegada a velha casa, produto e testemunha da aristocracia cearamirinense, do mundo dos engenhos que floresceu ali.

Escrever sobre o vale e a cidade do Ceará-Mirim após cada visita tornou-se uma espécie de ritual que Nilo passaria a cumprir, a partir daquele ano. As páginas dos jornais e dos livros que traziam a escrita do cearamirinense se tornariam um espaço marcado pelas imagens, personagens, paisagens e histórias do Ceará-Mirim. No texto que abre esse itinerário da escrita do autor, que carrega como título o nome do solar patriarcal que pertenceu à família Pereira, o Guaporé é descrito como uma casa austera, palco de grandes acontecimentos. O texto, evocativo do tempo dos engenhos, inicia com as seguintes palavras: “Há poucos dias tive a emoção de rever o Ceará-Mirim. A companhia agradável de Aldo Fernandes me levou a visitar tudo quanto deixei, há dez anos, naquela terra que é uma das mais aristocraticas do Estado e onde vivi toda a minha meninice”⁵. Talvez, sem o saber, Nilo Pereira começasse a trilhar o caminho que o levaria a *Imagens do Ceará-Mirim*, livro de natureza confessional publicado pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em 1969 – uma viagem de retorno ao Vale, início das reflexões sobre o tempo e o lugar perdidos junto com a infância.

Imagens do Ceará-Mirim: viagens pela escrita, retalhos de memória...

Peço ao leitor – ao leitor ceará-mirinense mais do que a outro – que me entenda nessa viagem de volta e me acompanhe nesse deslumbramento interior. Não custará muito ir comigo a tantos lugares e paisagens e cenários; ver o rio descer em cheias diluviais; ouvir a voz do canavial, tangido por um sopro de poesia, entrar na Matriz e orar a Nossa Senhora da Conceição; descer e subir pelas velhas ruas, onde há de cada um de nós um pouco; voltar à primeira escola [...] contemplar um doce crepúsculo; ouvir no silêncio da noite uma flauta evocativa; ir ao cinema mudo onde as valsas nem sempre tinham que ver com o filme; deixar-se estar diante duma velha casa, onde a alma da gente povoa de ilusões a solidão encantada⁶.

⁵ Idem. Estou conservando em todo este livro as grafias da época.

⁶ PEREIRA, Nilo. *Imagens do Ceará-Mirim*, p. 12.

Nesse trecho, que abre o livro publicado em 1969, Nilo faz um apelo ao leitor: Venha comigo! Ele diz; Acompanhe-me... O autor faz um convite. Mais do que isso: ele procura estabelecer um pacto com o seu leitor. Ele quer fazer o leitor seguir junto com ele pelas ruas da cidade até descerem juntos ao Vale; quer dividir com o leitor suas experiências, suas sensações diante do reencontro com o lugar que ficou para trás no tempo e no espaço. O homem que escreve sobre a cidade e o vale do Ceará-Mirim buscava fazer daquele que se aventurasse na leitura de seus artigos sobre o lugar da infância um amigo íntimo, alguém que se sentisse também um filho daquela cidade. O intelectual se coloca como um guia nesse doce retorno, prometendo descortinar um mundo de paisagens deslumbrantes que se revelam à contemplação de um olhar singelo, carregado do encantamento e da pureza da infância.

Nilo não quer apenas o leitor cearamirinense, mas a esse dedica maior atenção. Talvez ele sugerisse que o leitor cearamirinense carregava o ressentimento de ter sido abandonado pelo conterrâneo que vem de longe, pedindo sua companhia e compreensão no momento de retorno. O homem que vem de longe, que construiu sua vida pública e intelectual em outras terras, e não naquela que o viu nascer, parece pedir perdão àqueles a quem abandonou. A terra deixada ainda na infância, que não foi palco das atuações políticas, das ações do professor, do jornalista, do bacharel, ganha na escrita um lugar de expiação da culpa. Escrever sobre o Vale redime o homem do abandono anterior; permite que o intelectual possa mostrar suas raízes bem plantadas no chão de sua terra. As lembranças tão vivas de sua infância, das paisagens que ficaram para trás, mas que ganhariam novas cores e contornos na escrita do intelectual, mostram a força dos ecos dessa infância na obra e na vida de Nilo.

Podemos ouvir também nesse trecho alguns dos ecos da influência regionalista do pernambucano Gilberto Freyre na composição do livro de Nilo Pereira. O *Guia prático, histórico e sentimental da cidade do Recife*, publicado pelo sociólogo na década de 1960, por exemplo, está carregado desses convites: “vamos comigo”, “vamos conhecer o verdadeiro Recife, o da tradição, o que é verdadeiramente recifense e merece ser visto”. Nilo Pereira, ao descrever, em seu artigo, o Ceará-Mirim das cheias, do cinema mudo, da paisagem poética dos canaviais, das velhas ruas, das casas antigas, parece afirmar que esse é o Ceará-Mirim que vale a pena ser visto, lembrado e registrado em imagens e palavras. É como se ele afirmasse que esse é o Ceará-Mirim que deve ser lembrado pelo cearamirinense, pelo verdadeiro cearamirinense, assim

como ele o faz, como ele o é. Podemos ver nesse trecho o roteiro de sua viagem pela cidade, um convite para contemplar o Vale, tendo o autor como guia. Esse deve ser o roteiro a ser seguido por quem queira conhecer verdadeiramente o vale e a cidade. Seguindo-o, Nilo volta ao vale...

As viagens de volta do cearamirinense não são apenas um deslocamento no espaço, mas também no tempo, levando o intelectual de volta ao mundo da infância. É viagem que não se faz apenas levado por automóvel ou avião, mas viagem que também se faz pela imaginação, viagem pela escrita, a travessia de toda uma vida. Dizemos então, como Raimundo Arrais analisou no caso de Gilberto Freyre, que essa viagem é “um deslocamento no espaço mas também um deslocamento no tempo (na medida em que conduz o indivíduo à descoberta da memória dos tempos remotos da infância plantada nesse espaço)”⁷.

Em *Imagens do Ceará-Mirim* encontramos os desdobramentos desse roteiro, o grande painel composto pelos pedaços das viagens de Nilo. Nele encontramos o Nilo confessadamente memorialista. No entanto, é preciso salientar que o memorialismo do cearamirinense não se restringe a esse único livro, espalhando-se por toda a sua obra. Mesmo em seus livros de História e Filosofia, e nos artigos que escrevia para os jornais, estão os traços memorialísticos. Podemos afirmar ainda que o livro de 1969 traduz-se, principalmente, numa escrita carregada de melancolia e saudosismo em relação ao passado, misturando história, memória e literatura, já que o autor narra com toda a liberdade de quem escreve as memórias da infância vivida na cidade do Ceará-Mirim entrecortadas por episódios ocorridos no âmbito familiar, mas que evidenciam a trajetória do declínio econômico e social no qual a cidade mergulhou, nas primeiras décadas do século XX.

Encontramos ainda vários depoimentos nos escritos de Nilo Pereira nos quais ele afirma que a maior parte dos temas abordados em seus estudos históricos e filosóficos tiveram origem na vida familiar, nas histórias que o menino ouvira em família, na infância vivida no vale do Ceará-Mirim. Mas não é apenas isso: em cada livro do autor, em cada artigo que encontramos publicado em jornal, deparamo-nos com os vestígios da presença da vida do menino e daquilo que ele apreendeu em família.

⁷ ARRAIS, Raimundo. Gilberto Freyre e a formação do pernambucano. 2009. Dig.

Percebemos mais uma estratégia de convencimento do autor. Essa é, perceptivelmente, uma forma de reafirmar o predomínio da força inspiradora da infância vivida na cidade de Ceará-Mirim e das experiências pessoais sobre os seus escritos.

Imagens do Ceará-Mirim é, pois, o livro que representa o conjunto da obra memorialística de Nilo Pereira, um livro que se desdobra em outros livros. Um livro que é a reunião de muitos artigos, de muitas lembranças, de vários tempos como poderemos constatar logo adiante.

Imagens e evocações

Dez anos antes da publicação de *Imagens do Ceará-Mirim*, Nilo Pereira havia publicado *Evocação do Ceará-Mirim*, editado pelo Arquivo Público Estadual de Pernambuco. O livro também é voltado para a cidade e o vale do Ceará-Mirim. Trata-se do discurso que o cearamirinense proferiu na solenidade de comemoração do centenário de emancipação política da cidade, ocorrido em 30 de julho de 1958. Nele, encontramos idéias, personagens, passagens e páginas inteiras do livro que seria publicado em 1969. “Manhã da criação”, texto no qual se descreve uma manhã cinzenta no vale do Ceará-Mirim, publicado no jornal *A Republica* em 1949, é o último capítulo de *Evocação* e também reaparece mais tarde nas páginas do livro de 1969. Todos os temas, personagens, discussões e paisagens apresentadas no livro de 1959 voltam a figurar nas páginas de *Imagens do Ceará-Mirim*. Os capítulos aparecem diluídos no texto.

Evocação do Ceará-Mirim traz o prefácio de Jordão Emerenciano, à época, diretor do Arquivo Público de Pernambuco. O pernambucano nascido na cidade de Catende inicia a apresentação do livro de Nilo Pereira com as seguintes palavras: “PENA é que minha ruim prosa venha comprometer esta linda ode que, em louvor da terra natal, o Ceará-Mirim, escreveu Nilo Pereira”⁸. Jordão Emerenciano dá ao livro o título de ode, lembrando a poesia de Camões, um canto de exaltação à terra natal. Mais do que isso, ele chama a atenção para os traços poéticos da prosa do autor, principalmente, quando o tema é a cidade, o estado onde nasceu, como quando nos diz sobre a produção do discurso que foi transformado em livro: “Escreveu com o saber dizer, o gôsto, a eloqüência e a ternura que põe em tudo quanto faz a propósito do Rio

Grande do Norte”⁹. O prefaciador afirma ainda que a publicação do pequeno livro não é apenas uma homenagem a Nilo, mas uma homenagem ao Ceará-Mirim – vale e cidade: “Em se publicando estas comovidas páginas, presta-se não somente o testemunho a que êle tem direito [...] como se rende uma fraterna homenagem àquela cidade e ao seu vale”¹⁰. Com essas palavras, Emerenciano afirma que o livro é, antes de qualquer outra coisa, um cântico de amor ao Ceará-Mirim, uma poesia que canta as belezas do lugar, que expressa o amor de quem escreveu. Essa poesia se constrói com personagens, paisagens e histórias do Ceará-Mirim.

O próprio Nilo vem nos dizer sobre o seu livro: “Isso é que é história e poesia, memórias de fatos e lembranças de meninice, a continuidade emocional da vida em ondulações e saudade, como se o vento manso que agita os canaviais também tangesse, no nosso território sentimental, a planície verde do coração”¹¹. Ele volta a afirmar que é o coração, a emoção que aparece na sua escrita, como se não houvesse pretensões outras, apenas um cântico consagrado à saudade. Embora o texto que compõe o livro seja carregado de imagens e sonoridades, como percebemos no trecho acima, não se trata apenas de poesia, mas poesia e história. Logo na primeira página, ele faz questão de explicitar o objetivo maior daquela publicação: “A celebração do centenário da ‘Briosa Vila do Ceará-Mirim’ me leva a fixar os destinos desta cidade privilegiada, o seu cenário social, a sua história aristocrática, a riqueza de sua paisagem humana, os sortilégios do seu vale açucareiro”¹². O texto marcado pelas imagens poéticas objetiva também informar sobre o processo que permitiu a independência política da cidade: “Foi há um século que o deputado José Alexandre Seabra de Melo, em projeto apresentado à Assembléia Legislativa Provincial, transferia a sede do Município de Extremoz para o lugar Boca da Mata, com a denominação tão sugestiva, tão heráldica de ‘Briosa Vila do Ceará-Mirim’”¹³.

O texto segue esse compasso. Vai misturando evocações, imagens literárias, datas e acontecimentos importantes para a formação da cidade, como esse que trata das origens históricas do lugar. Essa cadência também é sentida em *Imagens do Ceará-*

⁸ PEREIRA, Nilo. *Evocação do Ceará-Mirim*. Recife: Arquivo Público Estadual, 1959, p. v (prefácio de Jordão Emerenciano).

⁹ Idem.

¹⁰ Idem.

¹¹ Idem, p. 5.

¹² Idem.

¹³ Idem, p. 5 e 6.

Mirim. O próprio Centenário, motivação maior para a produção de *Evocação do Ceará-Mirim*, também é um dos temas lembrados no livro de 1969. A divisão do livro é mais um indício da pretensão do autor de evidenciar a relação entre história e poesia, que ele buscou estabelecer no discurso daquela data e em toda a sua obra memorialística e historiográfica. Boa parte dos temas tratados por ele estão relacionados a um tempo familiar, evidenciando a predominância da memória em sua escrita, gênero situado entre história e poesia.

A primeira parte do livro traz todo o discurso que Nilo Pereira proferiu no dia 30 de julho de 1958. Numa linguagem carregada da sensibilidade do memorialista, do poeta, o historiador vai reconstituindo o processo de independência política do Ceará-Mirim, desde suas origens, assentadas no cultivo da cana: “Estava escrito que a história do Ceará-Mirim repousaria no açúcar. Numa civilização típica, que produziria não apenas os autênticos senhores de engenho [...] mas uma fidalguia poderosa, elegante e aprimorada, que encheu de brilho os fins do século XIX, nesta cidade”¹⁴. O que ele chamou de *Predestinação histórica do vale do Ceará-Mirim*. Referindo-se ao início da produção açucareira na região, que se deu em meados do século XIX, ele afirma que “Começaria aí a utilização canavieira do vale, o ciclo aristocrático, que, de 1894 a 1910, [...] mais se salientou, pois naquele interregno o Ceará-Mirim ocupou o quinto lugar no quadro geral da receita dos municípios northeriograndenses. [...] O vale era a promessa”¹⁵.

Assim, o orador segue em sua missão de desvendar os mistérios da fundação da cidade até chegar à sua emancipação, intercalando em sua fala as lembranças dos acontecimentos vivenciados em família: “Perdoai-me as recordações. Mas deixai-me que vos lembre, ao fim da peregrinação, as festas do sobrado de José Antunes, pondo a derradeira nota aristocrática na noite quieta da cidade já enfeitada pelo seu sonho malogrado”¹⁶. Ele jamais abandona a poesia ao escrever sobre o Ceará-Mirim. O sonho, o feitiço, a melancolia, o malogro eram os elementos preferidos para descrever a cidade e sua história e a sua própria história, a do indivíduo, do menino que nasceu naquelas terras. Nilo Pereira era muito cioso das tradições de sua família, dos laços com a aristocracia do Vale. Ele descendia de duas estirpes que tiveram grande destaque no

¹⁴ PEREIRA, Nilo. *Evocação do Ceará-Mirim*, p. 10.

¹⁵ Idem, p. 12.

¹⁶ Idem, p. 33.

desenvolvimento da aristocracia canavieira da região, aparentado de senhores de engenho e do primeiro barão do açúcar do Rio Grande do Norte, Manoel Varela do Nascimento.

O fechamento do livro é o momento em que a poesia se sobrepõe inteiramente à História. Uma prosa poética toma todos os espaços nas páginas de *Evocação do Ceará-Mirim*. Cessava a narração de acontecimentos e datas históricas. A partir daquele momento, o único personagem da narrativa seria o Vale, observado sob uma névoa fria e cinzenta, que descobria, ao longe, uma paisagem que era quase uma pintura em que as linhas verdes da cana e os tons de ocre das ruínas dos engenhos se misturavam ao cinza daquela manhã de inverno, dando àquela cena os traços e as cores que surgiam das lembranças e do afeto por aquele lugar: “O verde intenso e opulento está, naquela manhã da criação, tocado de um cinzento misterioso, através do qual como que se esconde um mundo de recordações”¹⁷. O vale se mostrava agora em todo esplendor que a escrita e a imaginação do memorialista podia lhe dar: “As manhãs da criação não devem ter sido diferentes daquela em que vi todo o vale do Ceará-Mirim imerso numa luz indecisa, fria e lírica, como se estivesse receosa de ferir as retinas dos primeiros habitantes da terra”¹⁸.

Nesse momento, não importa mais a data de fundação ou de emancipação da cidade dada pelos homens. O vale, ao pé do qual a cidade fora erguida, na escrita de Nilo Pereira, se tornava eterno, estava lá antes dos homens, no início dos tempos, escolhido por Deus como o berço da criação, onde a manhã da criação continua a nascer todos os dias. Nilo, senhor da escrita, assume o lugar do criador, e reescreve a história do vale por meio da liberdade e dos artifícios da linguagem poética. A história perde lugar para a poesia e o mito é o gênero escolhido para explicar as origens da cidade e do vale do Ceará-Mirim. Diferente da história, essa escrita poética permite que ele se refira a um tempo mítico. Sendo assim, todos os acontecimentos que foram descritos anteriormente para dar uma lógica racional e histórica às origens da cidade são substituídos pelo maravilhoso, pela mão divina sobre o vale. Entendemos então que “Manhã da criação” é o texto que institui, na escrita de Nilo Pereira, um mito de fundação para a cidade do Ceará-Mirim. A inserção do texto em questão no livro de

¹⁷ Idem, p.57.

¹⁸ Idem, p. 60.

1959 não se faz à toa. Ele vem coroar a idéia de comunhão entre história e poesia na escrita do autor.

No entanto, no decorrer das páginas do discurso que virou livro, ainda há uma certa separação entre essas duas dimensões da escrita. Algo formal que impede que a fusão entre esses dois momentos do livro seja completa. Na primeira parte de *Evocação do Ceará-Mirim*, o autor busca, mesmo utilizando-se de uma linguagem literária, uma explicação mais racional para as origens da cidade. Mas é também mais do que perceptível que o autor ainda sente a necessidade de fazer alguma separação entre a história e a poesia, que, para ele, juntas, completam o livro. Em *Imagens do Ceará-Mirim* essa mistura se mostra ainda mais clara. Não há na maneira como ele estrutura o livro a mínima separação entre essas duas dimensões da escrita. A escrita poética e os dados históricos dialogam na missão de narrar a vida dos dois personagens principais da narrativa, o Ceará-Mirim (vale/cidade) e Nilo Pereira.

Acompanhemos o trecho inicial de “Manhã da criação”, publicado uma terceira vez em *Imagens do Ceará-Mirim*:

Do alto das tôrres da Igreja o vale aparece numa visão de encantamento. A chuva que cai não impede aos olhos do menino que volta a si mesmo ver ao longe os velhos engenhos, que ali estão como um testemunho permanente dos privilégios da terra. Tudo aquilo é uma beleza poética. Deus há de ter demorado Sua Mão universal sôbre o vale, onde é possível que reconheça, ainda hoje, vestígios do paraíso perdido. [...] Um vasto silêncio se espraia sôbre a cidade; e como é um domingo as chaminés deixam de esparzir sôbre o vale a sua fumaça espessa [...] O vale parece dormir; mas é tão forte o seu colorido que a vida, mesmo adormecida, é cada vez mais bela e exuberante. O cinzento da manhã, tocado de tonalidades líricas, não supera o verde magnífico do canavial que, apesar da chuva insistente, ondula levemente como se fôsse tangido por um gênio da Poesia¹⁹.

Na escrita de Nilo, como podemos perceber na longa citação, compõe-se um quadro de imagens e metáforas, quase uma pintura que mostra a mão criadora de Deus sobre o vale, acentuando suas cores, tocando levemente o canavial, mostrando a natureza como obra do criador. Como o próprio título do livro já anuncia, a visão é o sentido mais importante na apreensão do mundo para o Nilo que descreve a sua cidade de origem por meio das lembranças da infância. As cores, a fumaça, o ondular do

¹⁹ PEREIRA, Nilo. *Imagens do Ceará-Mirim*, p. 143.

canavial são descritos com traço preciso do pintor que vai buscar na contemplação da natureza a inspiração para sua obra. Logo no início, ele adverte: a contemplação é “o verbo mais freqüente dessas Memórias Líricas”²⁰.

Ele aplica à cidade a metáfora do sono, enquanto o vale representa a vida, a criação, a beleza exuberante. O vale (que forma o complexo vale-cidade na escrita do autor) aparece eternizado nas suas memórias, fixado num tempo e num espaço perdidos, que só podem ser revisitados em suas lembranças. A memória do autor projeta o vale num tempo idílico, do mito, da criação do mundo, o Gênesis. Sendo assim, a narrativa acaba se aproximando da fábula, pois “Como um tipo de história, o mito é uma forma de arte verbal e pertence ao mundo da arte. Como a arte, e diferentemente da ciência, ele lida não com o mundo que o homem contempla, mas com o mundo que o homem cria”²¹. A cidade do Ceará-Mirim que aparece nas descrições de Nilo Pereira, “a Bela adormecida no vale”, é uma elaboração da mente do autor romântico e religioso, buscando no gênero lírico e na Bíblia a inspiração para a sua escrita.

O autor parece repetir uma única frase sempre que se refere ao vale do Ceará-Mirim: “e assim se fez o mundo, aqui é o princípio de tudo”, e renasce a cada amanhecer – em cada “manhã da criação” – um lugar exuberante, prodigioso, onde

As terras não cansam. A cidade do Ceará-Mirim sofre os efeitos da crise. Aquieta-se no seu sonho de Bela adormecida no vale. [...] cidade enfeitiçada pela crise do açúcar [...] O Ceará-Mirim em que fui e sou ainda menino é o dessa transição: romântico, vivendo da sua glória, do seu fausto, dos seus braços, o vale prometendo à cidade que ela não morreria, que ela venceria o traumatismo econômico e que a sua legenda heróica jamais feneceria²².

O tempo da narrativa construída no livro é um tempo mítico, o tempo do eterno retorno, o tempo parado na origem dos tempos, na origem do mundo, já que o vale é o Éden, o lugar da criação. Sendo assim, o mito é entendido aqui como uma narrativa simbólica que apresenta a idéia de estatismo temporal, ou seja, “a narrativa que legitima essa ou aquela fé religiosa ou mágica, a lenda e as suas intimações explicativas, o conto popular ou a narrativa romanesca”²³. O caráter confessional das memórias permite ao

²⁰ Idem, p. 20.

²¹ FRYE, Northop. *Fábulas de identidade: estudos de mitologia poética*. São Paulo: Nova Alexandria, 2000.

²² PEREIRA, Nilo. *Imagens do Ceará-Mirim*, p. 127-128.

²³ DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral*. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 356.

autor essa liberdade na escrita. Nilo vai se colocando não como o historiador, memorialista ou poeta, mas como escritor, o que lhe permite a autoridade de dispor dos recursos da linguagem escrita, livremente, obedecendo aos interesses da persona que ele assume quando escreve, pois a “prática da escrita [...] se coloca [...] como momento de transformação do ser humano em suas relações consigo mesmo e com os outros, porque ela pode produzir mudanças em termos de potencialização dos recursos individuais”²⁴.

Imagens e romance

O texto que saúda o Ceará-Mirim numa manhã cinzenta e fria atravessa ainda algumas décadas e se transforma numa das páginas de um romance que surge no início dos anos 1980. Nas décadas de 1930 e 1940, o vale de Nilo Pereira vai se construindo nas crônicas e nos artigos que eram publicados em jornais natalenses e recifenses. No final da década de 1950, veio o primeiro livro. Dez anos depois, as memórias que se confessam memórias... Em 1982, Nilo Pereira se aventura novamente pelos caminhos do Vale. Não se tratava mais de uma viagem física, corpórea, mas de uma incursão pela escrita, uma viagem que o autor realizou através da imaginação e que o levou de volta às terras do Ceará-Mirim. Não era um discurso de exaltação ou um livro de memórias que o autor oferecia à sua cidade natal. Tratava-se de um romance. Na verdade, um discurso de exaltação e um livro de memórias sob a máscara da ficção. Do novo percurso do memorialista pelo Vale surgia *A rosa verde*, a escrita já velha, como Nilo, e rebatizada, mais um fruto das viagens do menino que sempre voltava. Para ele, “Volta-se também pelo sonho, como quem viaja nas asas da imaginação”, e faz-se “um poema interior”²⁵, um romance no qual o menino faz sua viagem de volta, pois “Ninguém pode viver sem a poesia da infância, que é o tempo restituído ao homem”²⁶.

Escrevendo sobre a vida que passou, ele reencontra o tempo que se foi, pois o momento da escrita, para quem rememora, significa se libertar do presente e viajar para o lugar onde se quer estar, ser novamente aquele que já não somos mais, visitar a infância, ter de volta o passado, iludir-se com a promessa de eternidade. Alba Olmi nos ajuda a compreender que, ao escrever, “encontramos a libertação e a durabilidade”, o

²⁴OLMI, Alba. *Memória e memórias: dimensões e perspectivas da literatura memorialista*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006, p. 35.

²⁵PEREIRA, Nilo. *Imagens do Ceará-Mirim*, p. 19.

²⁶Idem.

que significa “Salvar as palavras de sua existência transitória e conduzi-las para o que é durável”, “tarefa de quem escreve”. Fechando o raciocínio, a crítica literária consegue tocar a questão essencial da escrita confessional, que aponta para a íntima relação entre memória e poesia: “quando o homem se lança à conquista de sua própria história, então a poesia o acompanha”²⁷.

A trama do livro *A rosa verde* se desenvolve em torno dos acontecimentos vividos pelo cearamirinense na infância, algo já familiar ao leitor de Nilo Pereira. Novamente os personagens e paisagens de sua infância se encontram. Eles são reunidos mais uma vez pelo autor. No entanto, o menino do vale carrega agora o nome de Lauro, personagem principal da novela, e vai narrar novamente a chegada da luz elétrica à cidade, os episódios das cheias descendo pela Rua de São José, assistir mais uma vez aos efeitos da crise do açúcar de 1910²⁸, quando iniciou de vez o processo de decadência da indústria açucareira do Ceará-Mirim e, como consequência disso, da cidade também.

Para Nilo Pereira, o Vale merecia um pintor de sua paisagem social, como foi José Lins do Rego para o Nordeste açucareiro: “Não temos ainda romancistas que, à semelhança de José Lins do Rego, fixassem o nosso ciclo da cana de açúcar”²⁹. Nas palavras do memorialista, o Ceará-Mirim não teve o seu José Lins para mostrar suas paisagens sociológicas. É mesmo provável que a insistência dessa afirmação, desse clamor que se repete em seus livros, seja uma maneira de dizer que ele, o próprio Nilo, tomara para si essa missão, que ele realiza ao escrever sobre a cidade e a trajetória da indústria açucareira que se desenvolveu por lá.

O escritor regionalista tão aclamado pelo cearamirinense para contar a história social do vale, o romancista paraibano nascido no engenho Corredor, escolheu para tema de seus primeiros romances a decadência do engenho de açúcar no Nordeste. Os seus romances regionalistas chegaram a público como literatura ficcional. Ao poucos, a cada novo livro publicado sobre o tema, descobria-se que essa era uma estratégia para encobrir o memorialismo que habitava em seus textos. O primeiro título desse ciclo histórico-literário do escritor foi *Menino de engenho*. E, só depois de publicados todos

²⁷ OLMÍ, Alba. *Memória e memórias: dimensões e perspectivas da literatura memorialista*, p. 12.

²⁸ Para compreender a significação desses acontecimentos na obra de Nilo Pereira ver: MORAIS, Helicarla N. B. de. *Três rios dentro de um homem: Nilo Pereira em Imagens do Ceará-Mirim*. Natal: EDUFERN, Sebo Vermelho, 2009.

os livros do ciclo do açúcar, apareceram *Meus verdes anos*, livro de memórias no qual são reveladas as origens das histórias contadas nos romances das décadas de 1930 e 1950. Em *Meus verdes anos*, o autor vai revelando que a riqueza de detalhes e cores do mundo dos engenhos e, principalmente, do período de transição para as usinas, apresentada em sua escrita, provém, não de uma rica imaginação literária, não somente, mas da sua vivência nesse mundo como menino de engenho que foi.

Nilo Pereira também buscou disfarçar a natureza confessional do romance que publicou em 1982. No caso do autor cearamirinense, há uma inversão: primeiro vieram as memórias e, para fechar o ciclo memorialístico sobre o vale do Ceará-Mirim, ele escreveu o seu primeiro romance, no qual surge mais um elemento da simbologia mítica que ele construiu em torno da cidade: *A rosa verde* que floresce no canavial. O artifício do narrador-personagem que transforma Nilo Pereira no menino Lauro no seu romance, é muito recorrente na obra dos escritores regionalistas, principalmente, daqueles que escrevem na primeira metade do século XX, quando se produz uma literatura preocupada em relatar a dissolução de uma certa realidade social da região Nordeste. Ao se tornarem eles mesmos personagens de seus romances, esses escritores transformavam suas memórias em memórias de um período, de um tempo.

Os três livros do cearamirinense mencionados aqui mais detidamente, *Imagens do Ceará-Mirim*, *Evocação do Ceará-Mirim* e a *A rosa verde* resultam do memorialismo do autor. São textos centrados no indivíduo, estabelecendo uma relação direta entre a vida e obra do sujeito, mas que também buscam retratar uma realidade que circunda o autor, um período histórico no qual ele e o grupo do qual fazia parte estavam inseridos. Podemos perceber nos três livros comentados que o autor estabelece uma relação literária que se assemelha àquilo que Pierre Lejeune denomina de “pacto autobiográfico”, colocando-se como autor-narrador-personagem, confirmando a aproximação da sua escrita com a escrita autobiográfica. Podemos afirmar então que a escrita de Nilo Pereira guarda elementos autobiográficos e memorialísticos, privilegiando, em sua narrativa, o indivíduo e aquilo que foi testemunhado por ele, constituindo-se em uma escrita confessional.

No campo literário, as fronteiras entre o discurso autobiográfico e o memorialismo não são bem definidas. Na verdade, as linhas que separam esses dois

²⁹ PEREIRA, Nilo. *Imagens do Ceará-Mirim*, p. 47.

gêneros literários são muito tênues, permitindo mesmo que essas duas dimensões da escrita dialoguem de forma muito íntima. Para o crítico literário Wander Melo Miranda, “A distinção entre memorialismo e autobiografia pode ser buscada no fato de que o tema tratado pelos textos memorialistas não é o da vida individual, o da história de uma personalidade, características essenciais da autobiografia”. Nas memórias, “a narrativa da vida do autor é contaminada pela dos acontecimentos testemunhados que passam a ser privilegiados”. No entanto, “Mesmo se se consideram as memórias como a narrativa do que foi visto ou escutado, feito ou dito, e a autobiografia como o relato do que o indivíduo foi, a distinção entre ambos não se mantém muito nítida. O mais comum é a interpenetração dessas duas esferas”³⁰ – como percebemos nos textos de Nilo Pereira.

Os personagens criados pelos autores que escreveram romance-memória, como *Carlinhos*, o menino de engenho de José Lins, carregavam muito de seus autores, das histórias vividas por eles. O romance-memória institucionalizava uma determinada visão sobre o período, o lugar, a sociedade materializada no Nordeste patriarcal. Nas palavras de Luciano Trigo, “o romance volta ao coração da realidade após a aventura do primeiro modernismo”³¹ para refletir a perda de valores, sentimento que marca os livros do açúcar, que têm como discussão central a destruição de uma paisagem embotada pelo tempo. Esses romances, nos quais encontramos, em grande medida, um pensamento saudosista, abordam uma problemática individual e também regional, descrevem um mundo perdido e irrecuperável, a não ser pela via da memória. Esse ciclo histórico-literário que relata a transição do engenho para a usina é incentivado, no Nordeste da primeira metade do século XX, por Gilberto Freyre, o grande nome do regionalismo-tradicionista.

Quando Nilo assinala que a riqueza social do Vale poderia servir de tela para um grande observador da vida nos engenhos, como foi o escritor José Lins do Rego, o faz com o objetivo de chamar a atenção para as semelhanças entre o mundo retratado pelo romancista e aquele que ele pretendia retratar. Ao assumir o papel de pintor social daquela realidade, Nilo Pereira buscava fixar as belezas de uma paisagem dizível apenas pelos traços de um pincel que descrevesse os contornos de lugar tão elevado como aquele que surgia de sua escrita. Fica muito claro em seus textos que a pintura que ele

³⁰ MIRANDA, Wander Melo. *Corpos escritos*: Graciliano Ramos e Silviano Santiago. São Paulo: EDUSP; Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1992, p. 36.

³¹ TRIGO, Luciano. *Engenho e memória*: o Nordeste do açúcar na ficção de José Lins do Rego. Rio de Janeiro: Topbooks, 2002.

desejava não deveria retratar somente o vale, onde se plantava cana de açúcar na cidade de Ceará-Mirim, mas o vale do Ceará-Mirim visto e escrito por ele, transformado em imagens literárias e pinturescas. Esse lugar que parece ter sido todo o horizonte da infância de Nilo Pereira surge em sua escrita sempre em cenas que impressionam os olhos. Quando escreve sobre o vale, escreve para os olhos, como podemos perceber no trecho que segue: “O vale todo reverdece, espraia-se quase preguiçosamente, lento e vasto como um antigo deus protetor vindo da mitologia da terra. A visão é a do paraíso”³².

Diante de tal visão, ele então se perguntava: “Cadê os pintores que não vêm pintar?”³³. Encontramos num artigo publicado por Gilberto Freyre em 1924, no *Diário de Pernambuco*, um questionamento muito semelhante em relação ao Nordeste açucareiro, o Nordeste brasileiro. Para o antropólogo, faltava “no velho Nordeste a sumir-se”, onde “ha cousas a gritarem por um grande pintor que as pinte antes de morrer”, “Um grande pintor capaz de identificar-se com ellas”³⁴. Freyre conclui o artigo com a seguinte pergunta: “Quê dos pintores do meu país estranho, Onde estão elles que não veem pintar?”³⁵. Nesse artigo, ele assinala a riqueza da paisagem cultural de um recorte específico, “o velho Nordeste”, merecedor do pincel eternizador dos pintores/poetas. O mote dos pintores que não vêm pintar a terra é da poesia portuguesa, especificamente, de Antonio Nobre, que “morreu sem saber onde estavam os pintores de seu paiz”³⁶. Como fez com os memorialistas, Freyre se esforçava para arregimentar os pintores das paisagens humanas e das tradições do Nordeste: Manoel Bandeira, Lula Cardoso Ayres, Luis Jardim e Cícero Dias atenderiam ao chamado do antropólogo, o que permite chamá-los também de pintores-memorialistas, pois pintaram não somente aquilo que ainda podia ser visto no Nordeste, mas, principalmente, aquilo que gostariam de ver ainda e que estava inscrito na memória social do lugar.

Nilo, assim como Freyre, também encontrou quem atendesse ao seu chamado: “o pincel de Newton Navarro fixou o Guaporé em tela impressionista”³⁷. O pintor norte-rio-grandense veio transformar de vez o vale de Nilo Pereira em obra de arte. Na cena retratada por ele, no meio da paisagem paradisíaca está encravado um dos

³² PEREIRA, Nilo. *Imagens do Ceará-Mirim*, p. 36.

³³ Idem, p. 36.

³⁴ FREYRE, Gilberto. 54. *Diário de Pernambuco*. Recife, fev. 1924.

³⁵ Idem.

³⁶ Idem.

símbolos da sociedade que constituía o velho Nordeste que Freyre buscava fixar: uma antiga casa de engenho, o Guaporé. A paisagem etérea de Nilo era composta pelo vale e pelas marcas que a sociedade do açúcar havia deixado ali. A poesia e a pintura foram as linguagens escolhidas para apreender essa realidade. A tela que o próprio Nilo Pereira pinta do Vale, por meio da escrita, leva as tintas de outros pintores – é moldada a partir do olhar desses outros que o guiaram na construção da sua escrita – pintores que escrevem poesia com o pincel e escritores que pintam paisagens com as letras.

Explicando a apropriação que faz dos versos do poeta português Antonio Nobre, seguindo o modelo adotado por Freyre, Nilo revela ainda a sua relação emocional com o Vale: “É o que me acode, o verso de Antônio Nobre. Sim, o verso de Nobre e só. Porque palavras não há que digam tudo”³⁸. O desejo por um pintor para as coisas do Vale traz em sua origem o saudosismo de Nobre apropriado por Freyre em seu esforço de transformar o Nordeste açucareiro em símbolo de tradição e originalidade da sociedade brasileira. O esforço de reunir paisagens e escritos sobre o Nordeste se explicam na seguinte relação: as memórias desses escritores e pintores de paisagens ameaçadas pelo esquecimento acabaram se tornando também as memórias de um período, de um lugar, de uma sociedade que eles buscavam reconstituir.

O historiador e o memorialista em Nilo Pereira

A viagem de Nilo Pereira pela história, pela memória e pelos caminhos do Vale está em toda a sua obra. Em *Imagens do Ceará-Mirim*, ele afirma que esse livro é “antes lembrança do que documentação”. Ou seja, “Não é, portanto, um livro de História”³⁹, que requer o uso de documentos e o estabelecimento de uma cronologia rígida. Para ele, à história precisamos aliar documentos e o que ele faz nesse livro é apresentar paisagens da infância, imagens que ele chama de memórias e não de história. Em outra ocasião, no livro *Conflitos entre a igreja e o estado no Brasil*, de 1970, que discute a relação entre a igreja católica e o estado durante o Império, ao tratar das fontes que utilizou na pesquisa, Nilo afirma que “poder-se-á dizer que jornal não é documento histórico e nem estamos tomando como tal, ao pé da letra. Mas é um testemunho social e cultural indispensável”, pois

³⁷ PEREIRA, Nilo. *Imagens do Ceará-Mirim*, p. 36.

se havia paixões refletidas nos editoriais e comentários quase sempre de caráter pessoal – há um vasto material – cartas, ofícios, artigos assinados, anúncios, – que documentam uma época e chegaram a ser, não raro, um dos seus melhores retratos – o retrato que não foi feito com intenção histórica⁴⁰.

A valorização do uso desse tipo de documento na pesquisa histórica, no Brasil, segundo Nilo Pereira, deve-se a Gilberto Freyre, que demonstrou em seus trabalhos sua “alta valia sociológica”⁴¹. Podemos ler sob as palavras do nosso autor o discurso do próprio Freyre. Os historiadores já reconheciam há algum tempo o valor dos jornais como fonte histórica. Em 1961, Freyre publicou *Os escravos nos anúncios de jornais brasileiros no século XIX*, livro que se explica inteiramente já no longo subtítulo, no qual se lê: “tentativa de interpretação antropológica, através de anúncios de jornais brasileiros do século XIX, de características de personalidade e de formas de corpo de negros ou mestiços, fugidos ou expostos à venda, como escravos, no Brasil do século passado”.

Nilo esteve sempre tentando se equilibrar entre contrários, talvez buscando equacionar suas várias vertentes conceituais. Quando o assunto discutido é fonte histórica, há a aceitação da existência da subjetividade por trás da constituição de qualquer documento-testemunho, como demonstra o caso do elogio ao uso dos textos de jornais como fonte por Freyre, mas percebe-se a necessidade de explicar que o valor do documento histórico consiste ainda na neutralidade da narrativa que ele apresenta. Ou seja, o verdadeiro documento histórico ainda é aquele no qual se julga encontrar os fatos puros, neutros, objetivos. Por isso ele classifica o jornal como testemunho social e cultural, retrato que não foi produzido com intenção histórica e muito menos como documento. Nota-se aí a influência da escola metódica do alemão Leopold Von Ranke. No entanto, ao admitir que os jornais podem ser analisados como testemunhos históricos e culturais, ele começa a nos mostrar que na história, na disciplina histórica, também há lugar para as subjetividades, afinal, ela trata dos homens e das relações nas quais eles se entrelaçam.

Um estudo mais apurado sobre as relações entre história e memória ganhou espaço no cenário da historiografia nas décadas de 1980 e 1990, com publicações como

³⁸ PEREIRA, Nilo. *Imagens do Ceará-Mirim*, p. 36.

³⁹ Idem, p. 15.

⁴⁰ PEREIRA, Nilo. *Conflitos entre a igreja e o estado no Brasil*. 2 ed. Recife: Ed. Massangana, 1982, p. 20.

Les lieux de mémoire (1984), de Pierre Nora, que discute a relação entre memória e identidade na construção das nações, e os volumes *História e memória* (1992), de Jacques Le Goff, nos quais o historiador discute a construção conceitual da história e de elementos apropriados pelos historiadores, como a memória, que, para ele, é a dimensão “onde cresce a história, que por sua vez a alimenta”⁴².

Quando Nilo diz: “este livrinho, antes lembrança do que documentação. Não é, portanto, um livro de História”, lembrando Seignobos (“Pas de documents, pas d’histoire”), está estabelecendo fronteiras bem marcadas entre história e memória. No entanto, o discurso rígido diferenciando história e memória é mais uma atenção ao que predominava, à época, pois uma leitura atenta de sua obra permite observar que o historiador e o memorialista parecem ter habitado sempre o mesmo lugar, sendo um a extensão do outro. Isto está demonstrado em *Dom Vital e a questão religiosa no Brasil*, de 1966. Na justificativa do tema escolhido ele se coloca como o menino criado no vale do Ceará-Mirim, preso ainda às conversas familiares, aos serões em que muito se falava no *Bispo de Olinda*, nos quais o religioso combativo aparece como um defensor a todo custo dos preceitos da Igreja Católica.

Encontramos na confissão do reminiscente o lugar de onde emerge o historiador: “Tive sempre grande admiração por D. Vital. Admiração pelo homem e pelo Bispo. Na minha família era nome sempre lembrado em serões. Nunca me esqueço de, aos 12 anos de idade, ver o já velho monsenhor José Paulino Duarte contar a morte de D. Vital em Paris”⁴³. As conversas ouvidas nos dias de menino no Ceará-Mirim incutiram no homem a admiração pelo bispo que lhe aparecia como um herói, na infância. Essa imagem não se desfez no homem adulto, no historiador que escreve sobre questões religiosas do Brasil Império, pois é a mesma que encontramos nas páginas do livro, a do líder religioso que resiste às ingerências do Estado nos assuntos da fé cristã. A sua maneira muito peculiar de escrever suas memórias, entremeadas de datas, de acontecimentos relacionados à cidade, à política, à economia, à vida cotidiana do lugar também é muito representativa da maneira como ele entrelaça história e memória em sua escrita.

⁴¹ PEREIRA, Nilo. *Dom Vital e a questão religiosa no Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Recife: Arquivo Público Jordão Emerenciano, 1986, p. 14.

⁴² LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 3. ed. Campinas: Ed. Unicamp, 1994. p. 477.

⁴³ PEREIRA, Nilo. *Dom Vital e a questão religiosa no Brasil*, p. 14.

Nilo Pereira afirma que “o historiador tem de guardar a necessária imparcialidade diante dos fatos e compreender que as paixões do tempo não devem refletir-se no seu julgamento”⁴⁴. No entanto, escreve ainda que “Ninguém faz história sem vivê-la. Nesse sentido é que tôda história é contemporânea nossa, porque estamos inseridos nela, sentindo a sua palpitação humana e ouvindo até, muitas vêzes, a voz dos seus protagonistas”, pois “Nenhum documento é mudo. Nenhum testemunho é uma palavra morta”⁴⁵, mas, para que possamos ouvi-los, é preciso viver a história e estar dentro dela, inteiro, carregando crenças, verdades e paixões. Sentimos aqui a influência da filosofia intuitiva de Benedetto Croce, que considerava a história “um ato de entendimento e compreensão induzido pelas exigências da vida prática”⁴⁶. Ou seja, para ele, a história ou a abordagem histórica está diretamente relacionada ao presente, às indagações suscitadas pelo presente, pela realidade em que se vive. Escrever a história, então, como lemos em Nilo Pereira, é vivê-la, estar mergulhado dentro dela.

Nilo gostava de relatar aos seus alunos em suas aulas de história na Faculdade de Filosofia de Pernambuco que havia presenciado no Ceará-Mirim, em 1918, as manifestações que marcaram o fim da Primeira Guerra Mundial. Encontramos em *Imagens do Ceará-Mirim* o seguinte relato: “Um dia, lá vinha a multidão, ao som da banda de música. [...] as canções patrióticas diziam tudo: a guerra havia terminado com a derrota da Alemanha. O Brasil estava também vitorioso”⁴⁷. O professor gostava de abrir suas aulas sobre a Primeira Guerra Mundial com o depoimento de quem havia sentido o calor dos fatos, se assim podemos dizer. Ele nos diz ainda que o cenário, pela distância do tempo, já lhe surgia numa imagem um tanto confusa, mas ainda tinha “fôrças para dizer aos [...] alunos o que foi a guerra, mas, sobretudo, a paz, com a multidão na Rua de São José, como se representasse ali, tão longe do grande mundo, o sentimento do mundo todo”⁴⁸.

Para ele, ter vivido aquele momento permitia-lhe uma compreensão visceral do evento, o que possibilitou o cenário para as suas futuras aulas, nas quais seria sempre narrado não como um acontecimento longínquo da história, mas como algo que fez parte da sua própria existência. Percebemos em sua fala que a emoção, a sensibilidade

⁴⁴ Idem, p. 28-29.

⁴⁵ Idem, p. 29.

⁴⁶ CROCE, Benedetto. História como façanha da liberdade. 1938

⁴⁷ PEREIRA, Nilo. *Imagens do Ceará-Mirim*, p. 82.

⁴⁸ Idem.

da experiência vivida, é algo intrínseco à história. Referindo-se ainda a Primeira Grande Guerra, ele afirma com bastante ênfase sua posição em relação à construção do fato histórico: “para mim, no caso, a emoção precedeu a História, sinto que esta é maior ainda quando a gente a vê com os olhos puros e desprevenidos, que testemunham a sua grandeza”⁴⁹. Ele encerra a narrativa sobre sua relação com a Primeira Guerra Mundial e o seu conceito de fato histórico chamando Croce para arrematar a discussão: “Quando Benedito Croce diz que precisamos ser contemporâneos do fato histórico – seja qual for a sua época, ainda a mais recuada – certamente quer significar a vivência criadora do passado quando o historiador, empaticamente, se põe nele, para melhor vivê-lo”⁵⁰. Ou seja, precisamos viver a história, transportando-nos para a sensibilidade que permita sua compreensão, mesmo quando não tenhamos testemunhado os fatos.

Ao se referir a uma conferência realizada no Recife pelo historiador inglês Arnold Toynbee, considerado por ele um “historiador puro”, Nilo Pereira discute mais uma vez sua relação com a História:

a História não é uma lição morta. O historiador inglês mostrou, ampla e claramente, que estudar a história é estudar a vida; e bastava isso para suscitar o amor por essas coisas que, parecendo mortas e enterradas pelo tempo, apenas adormeceram para criar na consciência coletiva a noção de que somos um povo que está preso à tradição e ao passado⁵¹.

História e vida – é o que vemos nas páginas do historiador Nilo Pereira, que traz ainda de suas lembranças de menino no Vale personagens como o “Dr. Tarquínio Bráulio de Souza Amarantho”, amigo do avô materno, Victor de Castro Barroca, e representante político do Rio Grande do Norte, no Império. Segundo ele, esses dois personagens “Conversaram sôbre [a] Questão Religiosa no velho engenho do Verde Nasce”, onde nasceu, “no vale do Ceará-Mirim”⁵², tema que mais tarde iria figurar na bibliografia produzida por ele. Os amigos da família, os cenários da infância, a casa materna, são personagens históricos, fazem parte do desenrolar político, econômico e social da época, ou seja, fazem parte da história.

Os objetos de estudo e a inspiração do historiador são pinçados na tradição familiar, nos tempos da infância, o que fica ainda mais claro quando o apanhamos em

⁴⁹ Idem.

⁵⁰ Idem.

⁵¹ PEREIRA, Nilo. *A dimensão humana*. Recife: Ed. Universitária, 1975, p. II.

momento de confissão e devoção em relação às suas lembranças da vida em família: “Tudo isso me levou a D. Vital”⁵³, tudo isso fez ressurgir dos mortos a figura solene do bispo, do afeto e admiração cultivados ainda em criança. Para o homem que escreve nos idos de 1966 sobre religião, sobre o bispo de Olinda e sua luta, essa pesquisa, o interesse pela história, por esse passado, tem origem no mundo apreendido em casa, no seio da família.

Ele nos diz que não é preciso se envergonhar de “conservar e de cultivar a tradição. Pois se as épocas não se parecem, e nem a História se repete, a verdade é que o tempo é a melhor lição que a vida oferece”⁵⁴. Em seus livros sobre história da religião no Brasil, Nilo Pereira produz uma história que se pauta ainda na linearidade do tempo. Essa história ensina sobre a vida, sobre o que passou e que se perpetua por meio da tradição, que, segundo o cearamirinense, “não é coisa morta, empalhada em museus. Ela tem a sua vida e a sua alma”⁵⁵, e é alimentada, essencialmente, pela memória.

Em *Imagens do Ceará-Mirim*, livro em que a relação entre história e memória é muito clara, vê-se um panorama do memorialismo difuso de Nilo Pereira. O livro se constitui em uma reunião de artigos, discursos e palestras que o cearamirinense escreveu, ao longo de trinta anos. E se constitui então no objeto principal da análise empreendida aqui justamente por reunir elementos que permitem perceber, principalmente, o memorialista, mas também o historiador, o político conservador, o regionalista, o cristão católico – facetas importantes na constituição da escrita do cearamirinense. Por isso, estaremos sempre nos referindo a esse livro e à sua relação com o conjunto da obra do autor.

A escrita memorialística de Nilo Pereira tem uma relação vital com a cidade do Ceará-Mirim, com as viagens que ele fez de volta às terras da infância, o que nos faz pensar nas palavras de Paul Ricoeur sobre a relação entre a memória, o corpo e o espaço. Para o historiador francês,

Não nos lembramos somente de nós, vendo, experimentando, aprendendo, mas das situações do mundo, nas quais vivemos, experimentamos, aprendemos. Tais situações implicam o próprio

⁵² PEREIRA, Nilo. *Dom Vital e a questão religiosa no Brasil*, p.15.

⁵³ Idem.

⁵⁴ PEREIRA, Nilo. *Conflitos entre a igreja e o estado no Brasil*, p. 21.

⁵⁵ Idem.

corpo e o corpo dos outros, o espaço onde se vive, enfim, o horizonte do mundo e dos mundos, sob o qual alguma coisa aconteceu⁵⁶.

Enfim, “fenômenos mnemônicos [...] implicam o corpo, o espaço, o horizonte de mundo ou de um mundo”⁵⁷. As nossas lembranças trazem com elas aqueles que fizeram parte das situações lembradas. Rememoramos não somente as nossas histórias, a nossa vida, mas também a daqueles que fizeram parte dela, pelo menos naquilo que está associado a nós.

Para Ricoeur, a implicação entre corpo, memória e lugar revela uma dimensão não reflexiva da memória, como se as marcas deixadas no corpo pela passagem do tempo, pelas experiências vividas, guardassem uma impressão profunda, a origem, aquela que não nos permite o engano nem de tempo nem de lugar, quando afirmamos lembrar “de ter gozado ou sofrido” na carne, “neste ou naquele período de minha vida passada”, ou de ter, “por muito tempo, morado naquela casa, daquela cidade, de ter viajado para aquela parte do mundo”, pois “é daqui que eu evoco todos esses lãs onde eu estava”⁵⁸. O corpo é o referencial espacial primordial da nossa memória. É com ele que experimentamos o mundo, é nele que são impressas as marcas e sensações dessas experiências. É ele que nos permite reconhecer cada lugar como o aqui ou o lá distante. A juventude ou a decrepitude desse lugar, que é o nosso corpo, que permite vivenciar o mundo que nos rodeia, deixa ver a distância que separa o vivido do apenas lembrado.

O Nilo que volta à cidade de Ceará-Mirim traz consigo as visões, idéias e imagens que o horizonte distante mostrou a ele, durante o curso de sua vida. O corpo marcado pela distância, pela vida em outros mundos, vai reescrever o vale e a cidade, reelaborando-os na memória e na escrita. Os próprios textos que ele foi escrevendo sobre o Vale, sobre a vida que se passou lá, vão ganhando novos significados, passam a ser testemunhos da tradição do lugar, passam a ser testemunhos da vida do próprio Nilo Pereira, do intelectual, do escritor, do historiador. Suas memórias passam a ser também a história do vale que o viu nascer, da cidade que cresceu ao pé desse vale. Talvez o mais acertado seja inverter a ordem dessa afirmação: as imagens que Nilo formulou ao longo da vida sobre o vale e a cidade do Ceará-Mirim passaram a ser as memórias de sua vida.

⁵⁶ RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007, p. 53.

⁵⁷ Idem, p. 57.

⁵⁸ Idem.

Para compreendermos o processo de formação dessas memórias, remetemo-nos ainda ao que Ricoeur chama de caráter não reflexivo da memória. Esse conceito permite o entendimento de que um evento ocorrido lá no passado não muda de lugar com o passar do tempo, não é deslocado para um outro momento da vida. O que acontece é que podemos passar a enxergá-lo de maneiras diferentes em determinadas fases da vida, de acordo com o que passamos a ser e acreditar, durante esse trajeto. As sensações que a lembrança desse evento pode despertar, com certeza, vão ou podem mudar, mas o evento em si, o lugar de origem da lembrança, não, mesmo quando a reinventamos a cada dia, ao gosto do nosso presente, que “muda incessantemente”, fenômeno o qual podemos denominar simplesmente de “acontecer”⁵⁹. O que nos leva ao que podemos chamar de caráter veritativo da memória, pois, nada melhor do que ela, a memória, “para garantir que algo aconteceu antes de formarmos sua lembrança”⁶⁰.

Quando Nilo Pereira se refere ao vale e à cidade do Ceará-Mirim como um lugar de tradição que vai se perdendo, destruído pelas vicissitudes do tempo, como um lugar “tangido pelo sopro da poesia”, podemos ver o homem que viajou por outros mundos, que leu sobre história, literatura, poesia, e trouxe para o retrato que vai pintando do vale e da cidade todas as impressões que esses novos mundos deixaram no seu espírito, no seu intelecto. O vale e a cidade que o viram nascer foram revestidos por sentimentos e impressões humanos, imagens literárias: o vale poético/tranquilo, a cidade enfeitiçada pela poesia. O lugar que ele descreve em suas memórias não é fruto simplesmente dos seus reencontros com a cidade, mas também das leituras que o transportaram até lá.

Nilo Pereira projeta nas dimensões espaciais dimensões subjetivas. Os sentimentos de afeto e saudade vão redesenhando o lugar onde ele nasceu, que vai sendo reescrito e inscrito em uma nova realidade. O vale e a cidade gravados na memória e que surgem de sua escrita são frutos da imaginação, da percepção de mundo do autor. O que nos remete às projeções, às imagens que imprimimos no espaço, na natureza, e que permitem associarmos as lembranças desses lugares em nossa memória a determinados sentimentos e sensações, pois, desde que vivamos e absorvamos as experiências que vão mapeando nosso corpo e nossas mentes, elaboramos e

⁵⁹ Idem, p. 51.

⁶⁰ Idem, p. 26.

reelaboramos o mundo em volta a cada novo olhar, a cada nova reflexão. É através dessa moldura que os homens “contemplam a paisagem”⁶¹.

O vale de que fala Nilo Pereira, no plano geográfico, continua sendo aquele que se situa ao norte da zona urbana de Ceará-Mirim, na parte baixa da cidade, mas ressurge nas suas lembranças como um paraíso. A cidade – antes, provavelmente, compreendida como o lugar que não lhe proporcionaria futuro algum, pois o cearamirinense teve que rumar em direção a centros maiores para poder estudar e se estabelecer profissionalmente –, ressurge como o sonho deixado para trás, o que o faz repetir sempre ao voltar: “Esta é a ditosa pátria minha amada”⁶². Sempre que se refere ao Vale, esses versos de Camões são as primeiras palavras usadas para nomear o lugar onde nasceu. É assim nas páginas que abrem os livros *Imagens do Ceará-Mirim* e *Evocação do Ceará-Mirim*. Para Nilo, Ceará-Mirim é a pequena pátria, a província, o lugar de onde emergem o passado e a saudade. O Ceará-Mirim é o grande mote de sua escrita, sua relação com a aristocracia do açúcar nascida ali é o que lhe permite a oportunidade de estudar na capital e depois de se estabelecer no Recife com o propósito do bacharelado. Esse era o caminho dos filhos do açúcar, principalmente, os da geração falida, como é o caso de Nilo Pereira. A perda do poderio econômico é compensada pelo prestígio intelectual conquistado.

O retorno ao vale e o novo mundo, vividos pelo viajante, vão acionar a memória, que se transforma em memória da cidade e do homem. O menino que o homem vai buscar no passado não está sozinho. Ele vem acompanhado daqueles que dividiram com ele os momentos narrados e também daqueles que o ajudaram a lembrar, a dar forma à sua narrativa. Podemos dizer que a memória pertence ao passado. Nesse momento, lançamos mão novamente das discussões de Ricoeur sobre a relação entre memória e história para afirmar que “A própria historiografia [...] não conseguirá remover a convicção sempre criticada e sempre reafirmada, de que o referente último da memória continua sendo o passado”, pois a memória se constitui “a partir de um evento ocorrido no passado”⁶³. Todavia, com o passar do tempo, essa memória, esse evento, sofre as variações que a dinâmica temporal impõe. A memória se coloca entre o passado e o presente, o que faz o historiador francês afirmar ainda que a memória é a matriz da

⁶¹ SCHAMA, Simon. *Paisagem e memória*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 17.

⁶² PEREIRA, Nilo. *Imagens do Ceará-Mirim*, p. 19.

⁶³ RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*, p. 26.

história “na medida em que ela continua sendo a guardiã da problemática da relação representativa do presente com o passado”⁶⁴.

Esse retorno ao passado resulta num livro escrito em tempos diferentes, em épocas diferentes da vida do homem e do intelectual, escrito, inicialmente, não como páginas de memória, mas como crônicas do passado de uma cidade que mergulhava na decadência. Em certa altura de sua vida, o intelectual resolve nomeá-las de memórias e descobrimos que ele passou a vida toda a recordar, pois, para ele, “a vida seria um eterno retôrno a essa doce paisagem familiar”⁶⁵. Percebemos então que esse memorialismo e os textos que comporiam *Imagens do Ceará-Mirim* começaram a ser gestados em 1939 – no primeiro reencontro com o vale –, ponto de partida também para os textos publicados nas décadas de 1940 e 1950. Esses textos, reunidos em livro em 1969, permitem perceber que essas imagens foram produzidas durante as viagens de volta do autor à sua terra natal.

Primeiro reencontro com o Vale: viagem de 1939

O memorialismo de Nilo Pereira carrega uma característica peculiar. Ele está dissolvido em praticamente todos os escritos do cearamirinense, como partes que foram sendo costuradas e re-costuradas, ao longo da vida. Prova disso é que todos os seus livros de memória são pedaços de outros textos escritos em diversos períodos. Esse memorialismo aparece inicialmente nos artigos que ele publicou nos jornais entre as décadas de trinta e quarenta, nos quais o memorialista aparece sob a forma do cronista, descrevendo as paisagens da sua cidade.

Em novembro de 1939, Nilo Pereira, estabelecido no Recife desde 1931, de passagem pelo Rio Grande do Norte, mantendo relações com o jornalismo e com a intelectualidade local, publicou, no jornal *A Republica* do dia 08 daquele mês, artigo no qual encontramos uma descrição do vale e da cidade do Ceará-Mirim, uma exaltação às tradições da terra. O artigo publicado no jornal inicia com as seguintes declarações:

Há poucos dias tive a emoção de rever o Ceará-Mirim. A companhia agradável de Aldo Fernandes me levou a visitar tudo quanto deixei, há dez anos, naquela terra que é uma das mais aristocraticas do Estado e

⁶⁴ Idem, p. 100.

⁶⁵ PEREIRA, Nilo. *Imagens do Ceará-Mirim*, p. 20.

onde vivi toda a minha meninice. Vi a cidade com a sua igreja, que é um grande marco da espiritualidade da terra; com o seu cemiterio, em cujas lapides se inscrevem nomes ilustres na política e na economia do Rio Grande do Norte, com as suas ruas largas e claras como as de um burgo medieval, com o seu casario, onde não há o estilo barroco como em Mariana, Ouro Preto e Olinda, mas onde o perfil semi-colonial recorda a fisionomia das cidades velhas, cheias de tradições. Mas, sobretudo vi o vale do Ceará-Mirim, de um verde tranquilo e vasto, onde aqui e ali se levantam os velhos engenhos da cana da açúcar, de perfil austero e senhorial ⁶⁶.

Nilo Pereira narra no artigo publicado no jornal o reencontro com o Ceará-Mirim, depois de ter se mudado, definitivamente, para o Recife. Ao narrar o passeio que realizou na companhia de Aldo Fernandes, Secretário do Governo, numa tarde de novembro de 1939, pelas ruas da cidade, caminho que o levaria sempre ao Vale, o cearamirinense usa a palavra *emoção* logo na primeira linha do texto (“tive a emoção de rever...”). No entanto, o texto guarda uma certa sobriedade, mesmo empregando adjetivos como *aristocrática*, *ilustre*, *austero* e *senhorial* para qualificar a cidade. O Vale, referenciado como um lugar de vasta tranqüilidade que guardava o verde dos canaviais, abrigo dos engenhos e da tradição, ainda não representava a dor da saudade da infância perdida, da perda da “meninice” do homem e da cidade. Os dezessete anos que distanciavam o intelectual do lugar onde viveu os primeiros anos de sua vida não eram, ainda, suficientes para abrir a ferida com que a saudade dos tempos idos costuma marcar aqueles que já viveram o bastante para se voltar para o passado com a esperança de revivê-lo, com a necessidade de recuperar, através das lembranças, o vigor e os horizontes da juventude. Em 1939, Nilo era ainda um bacharel que buscava, como muitos outros, abrigo nas letras, no magistério, no jornalismo, um escritor que construía ainda um estilo. O vale, a cidade, antes de se tornarem objetos de inspiração para a prosa poética do escritor, que começava a construir a sua imagem de menino do vale, seriam a bandeira erguida em defesa da tradição.

Na década de 1930, a intelectualidade brasileira estava empenhada no projeto de construção da identidade nacional, buscando reinventar as origens e as tradições brasileiras. Os olhares se voltavam para o passado colonial, para a herança desse passado, revestido agora pela aura da tradição, transformando-se em objetos do

⁶⁶ PEREIRA, Nilo. O Guaporé. *A Republica*, 08 nov. 1939.

patrimônio nacional ⁶⁷. No entanto, havia uma tensão envolvendo os rumos que tomaria a cultura brasileira, naquele período. No Nordeste, os regionalistas tradicionalistas, liderados por Gilberto Freyre, reivindicavam fortemente a primazia dessa tradição, muito ciosos que eram dos seus engenhos de açúcar, das capelas contíguas às casas grandes, da paisagem canavieira do Nordeste açucareiro. Nilo Pereira, mais próximo das idéias regionalistas, almejava colocar a cidade encravada na Zona da Mata do Rio Grande do Norte, mesmo que numa posição subalterna, ao lado das velhas cidades açucareiras. A tradição defendida por ele não é a mesma tradição barroca da arquitetura de Minas Gerais, mas a da arquitetura forte e singela do Nordeste do açúcar. O texto que apresentamos traz um pouco da oposição que dividia os intelectuais brasileiros no período em que ele foi publicado.

Ao elencar os elementos que caracterizam a herança e tradição do Ceará-Mirim, Nilo acaba por confessar o abandono da cidade marcada pela desvalorização dos antigos engenhos, das casas grandes, levando à morte a alma do lugar que recorda as cidades velhas, tradicionais. O texto se constrói sob uma tensão: a morte dos personagens que deram vida à tradição defendida por ele, transformando a cidade num cemitério, amesquinhando aquilo que para ele era um dos patrimônios deixados pela sociedade açucareira, também é o que torna aquela pequena cidade de arquitetura semi-colonial digna de fazer parte da história da sociedade do açúcar, de figurar como um lugar, onde “A história anda, como a saudade, em cada canto” ⁶⁸. Os adjetivos mais fortes no texto de 1939 são aqueles que conferem à cidade o status de cidade velha que carrega o peso do tempo, que assistiu à ascensão e à queda de uma sociedade e que guarda ainda suas marcas. Austero, senhorial, aristocrático, assim seria Ceará-Mirim, nos escritos de Nilo Pereira: produto e herança da sociedade do açúcar. O texto de 1939 foi o primeiro passo dado na direção do caminho que o cearamirinese começaria a trilhar naquele ano e que transformaria sua escrita no lugar de evocação e exaltação não apenas da cidade do Ceará-Mirim, mas do próprio Nilo, filho daquela cidade fundada ao pé de um vale, onde prosperou a cultura e a sociedade do açúcar.

⁶⁷ Podemos ver um panorama desse projeto em: CAVALCANTI, Lauro (Org.). *Modernistas na repartição*. 2 ed. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, MINC - IPHAN, 2000.

⁶⁸ PEREIRA, Nilo. *Imagens do Ceará-Mirim*, p. 19.

- *A cidade morta, lugar da tradição*

O romance publicado por Nilo Pereira na década de 1980, *A rosa verde*, que toma emprestado personagens e cenários da infância do autor e também de outros livros seus já publicados, tem um sugestivo capítulo intitulado de “A cidade morta”. Nilo, sob o disfarce de Lauro, personagem principal da trama, abre o capítulo com as seguintes palavras: “Ficava para trás a cidade morta. Por que morta? Ninguém explicava bem esse mistério. Morta talvez porque algo havia em nós outros que morria”⁶⁹. O que haveria morrido em Lauro? Por que a cidade estava morta? De novo surge o homem em defesa da tradição. A cidade, como o próprio Lauro/Nilo explica no parágrafo seguinte, agonizava porque “Findava um passado aristocrático”, porque “Tudo mudava” e mudava sob a batuta do progresso. Descendo um pouco mais os olhos sobre a página, encontramos uma resposta de caráter econômico para o questionamento: “Era natural. As usinas vieram matar os engenhos”⁷⁰. Os senhores de engenho passaram a fornecedores de cana, “Algo agonizava. Diziam que era o progresso chegando”⁷¹.

Discursando suas idéias regionalistas sob a pele de Lauro, Nilo nos diz que esse progresso era indesejado. Esse progresso era o que matava a cidade, soterrada pela chegada do trem, dos automóveis, das usinas. Uma época findava sob os auspícios... do progresso. Ia chegando ao fim a jornada dos carros de boi, dos senhores de engenho, do próprio engenho e dos homens que nasceram nos engenhos. A cidade desejada era “A cidade sempre morta. [...] Era melhor que fosse”⁷². O próprio Nilo lembra-se de indagar sobre tal mistério: “E por que isso?”

contavam-se muita coisa dos engenhos. Das suas festas. Das suas carruagens. Das suas casas grandes. Do seu luxo. Da sua aristocracia. Armava-se uma paisagem social que predominava sobre os novos tempos. Os costumes eram outros. Mas a cidade, posta em sossego como uma Inês de Castro adormecida no vale, tinha que ser a mesma; não se devia bulir com ela⁷³.

⁶⁹ PEREIRA, Nilo. *A rosa verde*. Lucilo Varejão (org.) Recife: Ed. do Organizador, 2006, p. 270.

⁷⁰ Idem; Para compreender o processo de substituição do engenho pelas usinas no Nordeste ver: ANDRADE, Manuel Correia de. *Área do sistema canavieiro do Nordeste*. Recife: SUDENE, 1998.

⁷¹ Sobre o processo traumático de substituição do engenho pela usina e a oposição tradicional/moderno contida nesse processo ver: REGO, José Lins do. *Usina*. 9. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1979; FREYRE, Gilberto. *Nordeste*. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio; Recife: Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco, 1985.

⁷² PEREIRA, Nilo. *A rosa verde*, p. 270.

⁷³ Idem.

O que era a cidade morta? No ano de 1977, em crônica publicada no *Jornal do Commercio*, o próprio Nilo nos dava essa resposta: “Cidade morta, mas morta por quem? Quem te matou cidade viva e bela? [...] A poesia é que te matou, para que vivesses/E fosses a rosa em que floresces/Dia e noite na vida que acalentas/Os sonhos de sinhôs e sinhás [...] De velhos bacharéis patriarcais”⁷⁴. A cidade morta era a cidade do passado. A cidade morria na escrita de Nilo Pereira para não perecer diante da verdadeira morte – para o homem das letras, o historiador, romancista e memorialista, o esquecimento. Era preferível a cidade parada, vivendo à sombra dos carros de boi, dos engenhos, das histórias de luxo e festas que se contavam dos tempos passados, a uma cidade insípida, malograda, que se rendera ao superficialismo das usinas e dos automóveis. Repetimos uma vez mais a palavra “tradição”, essa era a cidade morta, a cidade da tradição. Estabelece-se então um romântico paradoxo: a cidade precisava morrer para continuar viva, para não ser esquecida como um centro produtor de açúcar que foi, impulsionada pela produção dos engenhos, pelos homens que os moviam.

É possível afirmar que o vale do Ceará-Mirim surge nessa visão de Nilo Pereira sob o risco de sucumbir ao “oubli sous la forme la plus radicale et la plus dérisoire, l’effacement de ce que représente ce lieu”⁷⁵. O Ceará-Mirim da escrita de Nilo Pereira tenta fugir do esquecimento, que é a pior das mortes. Esse esquecimento que soterra os lugares, as pessoas, a tradição. Os sentidos do viajante/escritor se aguçam para ouvir os murmúrios dos mortos que sucumbiram à passagem do tempo. O viajante, assim como o historiador em Nilo Pereira, tenta ressuscitar os seus mortos. Sentimos a cada passo do viandante a tensão que atravessa a sua viagem e a sua escrita: a conflituosa relação entre a vida e a morte que o homem restituído à terra traz consigo. Voltar ao passado, ao cenário da infância, é reviver algo que já se foi, que perdeu o lugar no tempo e no espaço.

A velha cidade aparece como uma necrópole, onde habitavam apenas os mortos, aqueles cujos nomes estão gravados nas lápides do cemitério, exalando de lá o odor da tradição, possível de ser sentido apenas nas cidades e sociedades mortas, já em decomposição, em ruínas, podemos dizer. As ruas, “largas e claras como as de um burgo medieval”, estão vazias nas lembranças de Nilo Pereira. Percebemos nessa

⁷⁴ PEREIRA, Nilo. CIDADE, morta. *Jornal do Commercio*. Recife, mai 1977.

⁷⁵ REY, Jean-Michel. Michelet dans son histoire. In.: CHIANTARETT, Jean-François (org.). *Écriture de soi, écriture de l’histoire*: réflexions du temps présent, p. 127. Tradução: « O esquecimento sob a forma mais radical e mais desprezível, o apagamento do que representa esse lugar ».

passagem, junto com o desejo de morte de um tempo para que outro possa de novo ter vida, um culto às ruínas, que são os vestígios de uma sociedade, de uma civilização, de uma época que sofreu as ações do tempo, que se deteriorou, que já não existe mais em seu esplendor, mas que deixou seus vestígios para ser lembrada, como o “Velho engenho/A bela ruína solitária e muda/Crucificado no grande lenho/Que a história, em agonia, ajuda/A ser algo que morre, lentamente/Numa tarde mística santamente”⁷⁶. Nessa outra estrofe do poema publicado em 1977, em homenagem ao amigo de infância, Edgar Barbosa, falecido naquele ano, Nilo Pereira estabelece também essa relação entre a ruína, a morte e a história. Podemos perceber ainda que essa cidade sempre morta pode ser vista apenas sob a luz da tarde, possivelmente, de um fim de tarde, quando os tons alaranjados da luz do sol dão vida às cores frias das ruínas.



Ruínas do engenho Carnaubal, o primeiro instalado no vale do Ceará-Mirim, fundado no ano de 1840. Acervo da autora.

As ruínas, para a estética romântica, em especial, as ruínas medievais, são testemunhas da transitoriedade das obras humanas, são o símbolo do destino do homem – elementos que ganham contornos pitorescos e dramáticos a um só tempo, assinalando a necessidade de conservação do passado. O culto à ruína faz parte de uma nova emoção

⁷⁶ PEREIRA, Nilo. CIDADE, morta. *Jornal do Commercio*. Recife, mai 1977

estética, de uma nova sensibilidade romântica, acionada “pelo pitoresco, sentimento de abandono imposto pela percepção da ação corrosiva do tempo”, que vai ser refletida nos monumentos do passado, determinante para a constituição do monumento histórico. Esse é um fenômeno característico da sociedade que entrava na era industrial, que se dava conta de que o mundo, irremediavelmente, mudava, mobilizando escritores, intelectuais, artistas, por uma tomada de consciência “de uma mudança de tempo histórico, de uma ruptura traumática do tempo”⁷⁷, elegendo as ruínas como os elementos de permanência do mundo que se apagava, como sinais de alerta contra o esquecimento completo, o que significaria a morte definitiva de uma sociedade, dos valores e costumes inerentes a ela.

Para Françoise Choay, as ruínas medievais, “mais difundidas e familiares”, representadas pelo castelo fortificado reduzido a muralhas, a igreja gótica, da qual restava apenas o esqueleto, revelam,

mais do que se estivessem intactos, o poder fundador que os mandou construir; mas os musgos corrosivos, as ervas daninhas que desmantelam os telhados e arrancam as pedras das muralhas, os rostos erodidos dos apóstolos no pórtico de uma igreja romântica lembram que a destruição e a morte são o término desses maravilhosos inícios⁷⁸.

A imagem da cidade sem vida, sem viço, servindo apenas para elucubrações evocativas na escrita de Nilo Pereira, que só consegue enxergá-la e defini-la em suas semelhanças com mundos e sociedades passadas, nada mais é do que o desejo do autor de transformar Ceará-Mirim em monumento do passado. Atribuindo-lhe história e tradição, revestindo-a das vestes que se faziam necessárias para ser igualada ao patamar de patrimônio histórico nacional⁷⁹, ele reanimava sua cidade. Essa imagem da tradição é apresentada nas reminiscências da força política e econômica que os homens da terra exerceram no Estado em outros tempos; na fisionomia semi-colonial do casario posto em sossego; e representava também o esforço do intelectual por imortalizar no tempo elementos de uma sociedade, de um lugar, de um mundo em degradação.

A descrição da cidade morta de Nilo Pereira nos lembra ainda as *Cidades mortas* de Monteiro Lobato, livro publicado em 1919, reunindo alguns dos primeiros

⁷⁷ CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio*. São Paulo: Estação Liberdade, Editora UNESP, 2001, p. 135.

⁷⁸ Idem, p. 133.

trabalhos do autor. O livro denunciava o atraso do Brasil. Lobato usa a metáfora da morte para explicar o fato de que o progresso havia deixado de lado as cidades brasileiras de certas regiões do país. Para ele: “A quem em nossa terra percorre tais e tais zonas, vivas outrora, hoje mortas, ou em vias disso, tolhidas de insanável caquexia, uma verdade, que é um desconsolo, ressurre de tantas ruínas: nosso progresso é nômade e sujeito a paralisias subitas. Radica-se mal”⁸⁰. O livro de Monteiro Lobato se constitui numa crítica ferrenha às cidades esquecidas pelo progresso. Em Nilo Pereira essa mesma imagem é tomada como símbolo da tradição.

O que aproxima os dois autores é que a Ceará-Mirim que se forma na escrita do autor cearamirinense, assim como as cidades mortas de Lobato, também é vítima do progresso que não vingou, transformando-se em “cidade sempre morta”, onde “Os senhores de engenho passaram a ser fornecedores de cana. [...] Assim veio a usina [...] arrastando tudo nos seus tentáculos”⁸¹. A metáfora da morte associada ao progresso é muito comum em autores regionalistas. O tema do atraso era colocado como uma grande questão nacional – e atraso se opunha à industrialização. No início do século XX, o Brasil iniciava o processo de industrialização, buscava desconstruir a imagem de país de economia agrícola e entrar de vez na era progressista. A imagem de país agrícola, escravocrata, era tida como algo degradante que precisava ser apagado. Promover a industrialização significava alcançar esse progresso e uma espécie de redenção nacional, que, a princípio, se mostrou deficiente e superficial⁸². A substituição dos engenhos pelas usinas no Nordeste açucareiro faz parte desse processo de industrialização malogrado.

A presença dos sinais da morte também é muito forte nas crônicas que Luiz da Câmara Cascudo – contemporâneo e amigo de Nilo Pereira – escreveu sobre a cidade de Natal, na década de 1940. O intelectual que se constituía historiador oficial da cidade, para Raimundo Arrais, que estuda a faceta de historiador do grande nome da intelectualidade natalense, aparece nos textos que dedicou a Natal na década de 1940 como alguém que caminha entre os mortos. Nesses textos, aparece a Natal do passado, a que respira ainda sob os escombros deixados pelos novos traçados e ruas que surgiram,

⁷⁹ Nos anos vinte e trinta, os intelectuais modernistas estão empenhados no projeto de reconstrução da identidade nacional e estabelecem uma série de elementos que definem o patrimônio histórico nacional.

⁸⁰ LOBATO, Monteiro. *Cidades mortas*. 7.ed. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 3.

⁸¹ PEREIRA, Nilo. *A rosa verde*, p. 270.

a partir dos anos vinte. Na cidade velha, Cascudo “procura ler os nomes gravados nos jazigos”⁸³. Ao caminhar pelas ruas, só conseguia enxergar a cidade velha que se perdia naquela que se colocava diante dos seus olhos. A Natal que ele queria ver era outra, a dos personagens ilustres, já mortos, levados pela força do tempo e que o historiador “deve restituir”⁸⁴, pois “devolver a vida aos corpos dos mortos, reanimando-os a partir de qualquer fio de vida”⁸⁵, é a missão do historiador.

Esse historiador que ama os mortos e que não consegue enxergar nada que não seja a morte, sofre do mal que Michelet chamou de “‘belle maladie’ qui assombrissait sa jeunesse – le fait d’aimer la mort”⁸⁶. Para Michelet, a história “se situe du côté de l’art”⁸⁷, que lhe permite atravessar a morte e resgatar de lá aqueles que reclamam a ressurreição porque a arte lida com o subjetivo, com o sobrenatural, com as dimensões imateriais e atemporais do homem. O mundo formado na escrita de Nilo Pereira é povoado por sombras que reclamam essa ressurreição, sombras que tocam piano, que andam pela casa, que enchem as casas velhas do Vale de vozes, da rotina de personagens antigos. Eles reclamam a posse de suas casas, as festas, a posição social que a passagem do tempo esfarelou.

Ao voltar ao Vale, Nilo vê o passado de fausto e tradição reanimar-se, voltar a habitar as ruínas dos casarões abandonados pelos senhores que se foram levados pela morte, pela morte física e social, essa que ele procura evitar. Ao se distanciar novamente do Vale, é essa imagem que ele carrega. Fica muito claro que é isso que o autor quer dizer quando fala em “tempo restituído ao homem”. O tempo, os homens, as casas, as festas, a música tocada por mãos de sinhazinhas se restituem na escrita do memorialista. O tempo que revive em sua lembrança, quando ele volta ao Vale, é capturado em suas páginas de escritor do tempo que se foi, da vida que passou e deixou suas marcas. Por isso o movimento da viagem, do retorno, é tão vivaz em sua escrita. Os reencontros com o Vale eram o alimento da chama que reacendia a vida nos

⁸² Para uma melhor compreensão do processo de industrialização do Brasil ver: LUZ, Nícia Vilela. *A luta pela industrialização do Brasil*. São Paulo: Ed. Alfa-Omega, 1978.

⁸³ ARRAIS, Raimundo. *Do alto da torre da matriz, acompanhando a procissão dos mortos*. Câmara Cascudo como historiador da cidade do Natal. Seminário “Cascudo e os saberes”. (CNPq), FFLCH-USP, Cood. Marcos Silva, 2005. Com. Oral.

⁸⁴ Idem.

⁸⁵ Idem.

⁸⁶ REY, Jean-Michel. Michelet dans son histoire. In.: CHIANTARETT, Jean-François (org.). *Ecriture de soi, écriture de l’histoire: réflexions du temps présent*, p. 127. « ‘Bela enfermidade’ que tornava sombria sua juventude – o fato de amar a morte »

⁸⁷ Idem “Se situa do lado da arte”.

engenhos e nas casas velhas da infância. Se o perigo da distância e do esquecimento se aproximava, esse era o sinal de que chegava a hora de um novo retorno, de um novo texto, de uma nova crônica, de um novo livro, de mais uma palavra de redenção. Por isso, na escrita de Nilo Pereira, o Vale aristocrático, aquele do passado, ainda vive. Ele renasce com seus personagens e casarões a cada reencontro com o cenário da infância:

Dir-se-ia que tudo começa a se animar sob o influxo de algum poder extraordinário, que tivesse como principal condão o de dar ao passado uma atualidade surpreendente. O Guaporé ostentava sua fachada fidalga abismado num sonho; mas a vida renasce e, como num encantamento de magia, o cenário recobra seu colorido emocional. Velhas figuras que se foram no tempo voltam; e através da manhã romântica as notas de um piano antigo atravessam até os meus ouvidos a paisagem sentimental. Alguma coisa como um fim de século, com as suas valsas típicas, é o que tenho diante de mim⁸⁸.

O poder extraordinário que fazia reviver o Vale, as casas em ruínas, os senhores e escravos inertes e silenciosos é o poder da palavra, do escritor, do memorialista, do historiador. O texto do qual retiramos o trecho acima, publicado em setembro de 1949, republicado em 1959, 1969 e em 1982, é modelar na escrita de Nilo Pereira. Essa é a paisagem que ele buscava quando voltava ao Ceará-Mirim, esse que ele buscava reconstituir em sua escrita, dimensão onde se dá a vitória do memorialista sobre a morte. Os lugares e personagens que figuram em sua escrita são aqueles já tocados pela morte, aí é que ele reencontra a vida que passou no vale, que se foi junto com a infância, com a decrepitude de uma sociedade. As mãos que insistem em continuar sobre o piano, as figuras que voltam são as sombras de um passado que ele se esforçava para manter bem vivo. Nilo enveredava pelos caminhos do passado e os trazia de volta. Para o nosso escritor, que parece também ter sofrido da “belle maladie”, o talismã secreto, o que lhe permite atravessar a morte e fazer reviver uma época, uma sociedade morta, é a memória, que lhe permite realizar ainda essa viagem, materializada por meio da escrita. Ele já não escreve, mas ainda possibilita aos seus leitores essa viagem de retorno.

Na escrita de Nilo Pereira, a cidade morta é preferida àquela que se construía sobre as ruínas do mundo senhorial. A velha casa solitária, abandonada por já não fazer parte da vida da cidade, é o lugar onde, para ele, palpitava a vida, as lembranças do passado. E melhor seria, como sugere no final do parágrafo, “deixá-lo assim. Seu destino foi esse. As mãos invisíveis o sustentarão pelo tempo afora. Sua decadência

parece mais uma ressurreição. Sua morte trás a vida”⁸⁹. O passado é a dimensão que carrega real significado, sobrepondo-se ao presente.

- *O homem e a cidade*

No artigo de 1939, Nilo Pereira evoca um Ceará-Mirim diferente do que ele encontra ao voltar à cidade de origem, quase duas décadas depois de tê-la deixado. O que vemos é o Ceará-Mirim dos tempos dos engenhos, não da infância do autor, mas do tempo dos senhores e barões do açúcar – estes, ainda percorrendo com suas caleças as ruas íngremes da cidade que desce para o Vale. Esse reencontro não é apenas com a cidade. O Nilo que volta ao Ceará-Mirim é “um homem em busca de si mesmo”, que se reencontrava “nessa fuga do tempo, que passa depressa”⁹⁰.

Em *Imagens do Ceará-Mirim*, a viagem de 1939, entendida aqui como um marco na escrita memorialística de Nilo Pereira, é novamente narrada sob a forma de reminiscência. Ao ler a passagem que está no artigo *Guaporé*, publicado naquele ano no jornal *A Republica*, transplantada para o livro de 1969, temos a impressão de que o autor está narrando as impressões deixadas por aquela viagem, que foram se formando em seu espírito ao longo dos trinta anos que separavam o momento da viagem da escritura das memórias. Mas o que temos são impressões de viagem transformadas em memória, escolhidas pelo autor como suas memórias. Trazemos então novamente a citação já apresentada para tentarmos entender se o jovem cronista de 1939 se repete, inteiramente, no homem maduro que nos induz a pensar que, aos 60 anos, tinha chegado para ele o momento de reviver o passado:

Revi a cidade com a sua Igreja, que é um grande marco da espiritualidade da terra; com o seu cemitério, em cujas lápides se inscrevem nomes ilustres na política e na economia do Rio Grande do Norte; com as suas ruas largas como as de um burgo medieval; com o seu casario, onde não há um estilo próprio como em Mariana, Ouro Preto, Olinda, mas onde o perfil semicolonial recorda a fisionomia das velhas cidades, cheias de tradições, onde tudo fala – as pedras, as árvores, os pássaros. Mas, sobretudo vi o vale do Ceará-Mirim, dum

⁸⁸ PEREIRA, Nilo. Manhã da criação. *A Republica*, 25 set. 1949.

⁸⁹ Idem.

⁹⁰ PEREIRA, Nilo. *Imagens do Ceará-Mirim*, p. 25.

verde tranquilo e lúcido, onde aqui e ali se levantam os velhos engenhos da cana do açúcar com o seu perfil senhorial ⁹¹.

Ele realmente estava relembando, evocando um passado reconstituído através do sentimento de saudade, do signo da ausência. Mas a lembrança era já antiga, reminiscência de reminiscência. O homem que reescreve e reapresenta o texto sobre a casa grande do engenho Guaporé e a cidade do Ceará-Mirim não é apenas um, mas vários que habitavam dentro dele: o menino nascido no vale que fugia da casa de São José, a “casa da rua”, para visitar a “avó Dobé”, no casarão de engenho; o jovem de 30 anos que revê a cidade em que nasceu após uma década de sua mudança definitiva do estado; e o intelectual de 58 anos que resolve passar a vida a limpo contando suas memórias. Podemos enxergar a cidade do Ceará-Mirim e o próprio Nilo Pereira em três momentos da sua história, a partir da leitura de *Imagens do Ceará-Mirim* e dos textos que compõem o livro.

Aparece no trecho apresentado o discurso do filho pródigo que tece um longo comentário elogioso às tradições da terra, lembrando os nomes ilustres da cidade (agora já cravados nas lápides do cemitério), comparando a arquitetura do casario cearamirinense a cidades de arquitetura colonial como Olinda e Ouro Preto. Para ele, não importa se o estilo da arquitetura cearamirinense é apenas semi-colonial, carregava ainda a doçura e simplicidade da arquitetura colonial brasileira que aparece nas páginas de *Casa-Grande & Senzala*, assinalando a cor da tradição. Para Freyre, a arquitetura das casas grandes seguia o modelo daquela desenvolvida aqui pelos jesuítas, “a expressão mais alta e erudita de arquitetura no Brasil colonial” ⁹². Para o neto de barão que retorna ao Ceará-Mirim até as pedras são impregnadas de tradição. O discurso de exaltação fica ainda mais acentuado quando o objeto da descrição é o Vale: “Mas, sobretudo vi o vale do Ceará-Mirim, dum verde tranqüilo e lúcido, onde aqui e ali se levantam os velhos engenhos da cana do açúcar com o seu perfil senhorial” ⁹³. A tradição do período colonial, forjada na obra de Gilberto Freyre, resvala no Ceará-Mirim que surge das memórias de Nilo Pereira.

Levemos em consideração as imagens evocadas nas duas passagens de texto do autor, apresentadas anteriormente: a que compõe o artigo de 1939 e a que constitui as

⁹¹ Idem, p. 39.

⁹² FREYRE, Gilberto. *Casa grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 49 ed. São Paulo: Global, 2004, p. 37.

⁹³ Op. cit.

páginas do livro de memórias de 1969. Em 1939, Nilo está distante da infância no vale há aproximadamente duas décadas. A cidade que ele descreve é aquela que se construiu no tempo dos engenhos. Ele se recorda dessa cidade a partir das histórias contadas em família, dos serões nos quais se falava do fastígio de outros tempos, de barões, de senhores de engenho, de escravos de família, de festas suntuosas no Vale, de visitas ilustres como a do bispo pernambucano José Pereira de Barros.

Falava-se ainda das perdas sofridas pela família, a perda traumática do engenho Verde Nasce, a retirada humilhante para a casa simples da cidade – essa, a cidade da infância, nas primeiras duas décadas do século XX, que assistiu à chegada de D. Maria Amélia, viúva de Victor José de Castro Barroca, trazendo sua família e pertences para a Rua São José: “Nas conversas de família [...] quase não se falava em outro assunto senão no que estava perdido”⁹⁴. Essas são as razões por trás do discurso do filho que voltava depois de um longo período de abandono. Diferente da versão bíblica, na fábula de Nilo e do Ceará-Mirim, a cidade é que se tornou empobrecida. É esse empobrecimento que sua escrita busca encobrir, talvez um desejo de amenizar o sentimento de culpa por ter deixado para trás a cidade, os engenhos que se transformaram em ruínas.

O tempo narrado por Nilo é também o tempo em que chegavam “o cinema mudo onde as valsas nem sempre tinham o que ver com o filme; [...] os primeiros automóveis e caminhões”⁹⁵, a máquina de escrever e, antes de tudo isso, o milagre da luz elétrica. A cidade estava dividida entre as dádivas do progresso e a ruína dos engenhos, que pareciam andar lado a lado⁹⁶. Ceará-Mirim já figurava nos jornais locais como um “cemitério de tradições”. Nilo agora nos apresenta uma cidade “onde tudo fala”, fala da tradição, fala daquilo que jaz no cemitério, fala da morte que se estendeu sobre toda a cidade. Vemos outra vez a tensão entre a vida e a morte conduzindo a narrativa do intelectual.

Conseguimos ver também a Ceará-Mirim do século XIX, quando do Vale despontavam “nomes ilustres na política e na economia do Rio Grande do Norte”, nomes de cearamirínenses – terra que deu ao estado bacharéis em direito, médicos,

⁹⁴ PEREIRA, Nilo. *Imagens do Ceará-Mirim*, p. 53.

⁹⁵ Idem, p. 12-13.

presidentes de província, senhores de engenho, um barão do açúcar. Logo em seguida, vemos a cidade já decaída das riquezas dos tempos em que dezenas de engenhos esparziam sua fumaça pelo Vale, onde ressoavam ainda os nomes ilustres, mas que só podiam ser vistos no “cemitério, em cujas lápides se inscrevem”. A necrópole se estende por toda a cidade. Essa era a Ceará-Mirim de 1939. Nos dois momentos assinalados podemos ler nas entrelinhas do texto a transição do engenho para a usina, do fastígio para a ruína.

Em 1969, o Ceará-Mirim se reveste por completo da imagem de “cemitério de tradições”. O que se via pelas ruas da cidade já ia muito distante do mundo que ele, Nilo Pereira, insiste em retratar e que, quanto mais distante, mais força ganha na literatura produzida por ele, que já não era mais o menino do vale, por isso se voltava para os cenários da infância na tentativa de recuperar os “pedaços da alma perdidos na fuga”⁹⁷.

- *Os rituais de retorno...*

Viagem (re)conhecimento

Nos séculos XVIII e XIX, a viagem, dentro do contexto europeu, aparece como uma forma de conhecer, de experienciar o mundo, reflexo da difusão do ideal do conhecimento “par l’expérience, la collecte des faits et l’enquête sur les hommes et les choses; cet idéal se substitue à l’autorité des auteurs et aux subtilités des raisonneurs”⁹⁸. A experiência era o meio de se chegar ao conhecimento. Era preciso viver, ver e comparar para somente a partir daí elaborar uma narrativa, um enunciado sobre o mundo, sobre determinado lugar ou objeto. A partir das viagens empreendidas pelos intelectuais, produzia-se um conhecimento real. O conhecimento só poderia ser alcançado por meio do deslocamento. O movimento parece levar à reflexão, “Le mouvement invite a réfléchir à la course, à la trajectoire”⁹⁹.

⁹⁶ Para compreender a relação conflituosa entre tradição e modernidade em Nilo Pereira ver: MORAIS, Helicarla. *Três rios dentro de um homem: Nilo Pereira em Imagens do Ceará-Mirim*, p. 59-18 (Cap. 2: Tradição, saudade e modernidade).

⁹⁷ PEREIRA, Nilo. *Imagens do Ceará-Mirim*, p. 20.

⁹⁸ ROCHE, Daniel. *Humeurs vagabondes: de la circulation des hommes et de l’utilité des voyages*. France: Fayard, p. 12. « Pela experiência, a coleta dos fatos e a pesquisa sobre os homens e as coisas ; esse ideal se substitui à autoridade dos autores e às sutilezas dos argumentadores ».

⁹⁹ Idem, p. 11. « O movimento convida à reflexão sobre a corrida, a trajetória. »

As viagens de retorno de Nilo ao vale do Ceará-Mirim fizeram-no pensar na vida que passou, tanto para ele, o homem que havia enterrado o menino nas ruas daquela cidade, como para a própria Ceará-Mirim, que já não era mais o lugar habitado por senhores e escravos, mas carregava ainda os vestígios do passado de tradição que precisavam ser vistos, enunciados e anunciados. Esse é o papel assumido por ele. É a partir da viagem de retorno que a cidade de Ceará-Mirim ressurgiu aos olhos do autor como o paraíso da infância, o lugar da tradição, objeto central das suas lembranças, o que nos faz pensar na “mobilité comme déplacement non seulement dans l’espace, mais aussi dans le temps”¹⁰⁰, já que desperta no viajante memórias de outros tempos, como no caso do cearamirinense, que, ao rever Ceará-Mirim, é levado de volta à infância, sendo capaz mesmo de tomar a estrada dos tempos dos engenhos, do barão, o bisavô que não conheceu.

Para Nilo, “Um homem é sempre a vida que passou, assim como um navegante [...] é sempre a viagem que ele fez”¹⁰¹. Ele nos lembra sempre que “Cada qual faz a sua viagem interior ao redor do seu quarto, como Xavier de Maistre”¹⁰². A viagem interior de Nilo o leva sempre de volta ao Ceará-Mirim. Ele viaja também “no espaço físico, deslumbrado, na sua paisagem exterior e tangível, que os olhos não esquecem”¹⁰³. A escrita do cearamirinense surge do entrecruzamento dessas viagens que ele realiza no tempo, no espaço e na imaginação em busca de si mesmo, em busca do menino que ficou nas terras do vale. A viagem é um percurso em busca de si mesmo, mas o que ele encontra, na verdade, é o outro, aquilo que foi, que já passou, confrontado com o que somos. O Nilo que reencontra o Ceará-Mirim dos tempos de infância é um homem que já passou por diversas experiências, inclusive, a de deixar o lugar onde nasceu, a família em busca de um lugar no mundo.

Sabemos então que ele só volta ao Ceará-Mirim quando esse já não é mais o seu lugar, quando a vida que construiu em lugar distante deu novo sentido à terra da infância. A viagem permite a descoberta de novos horizontes. O viajante cria, elabora seus próprios conceitos sobre aquilo que vê. A visão de novos mundos o leva a refletir. O exercício da escrita permite que vejamos como o velho e o novo mundo se misturam, se reelaboram. A cidade da infância acaba sendo reelaborada como um novo mundo,

¹⁰⁰ Idem, p. 12. « mobilidade não somente como deslocamento no espaço, mas também no tempo. »

¹⁰¹ PEREIRA, Nilo. *Imagens do Ceará-Mirim*, p. 20.

¹⁰² Idem.

¹⁰³ Idem.

marcado por novos significados. O cearamirinense precisou se afastar da sua cidade de origem para entender que ela fazia parte de um mundo de tradição, do mundo dos engenhos, da sociedade do açúcar.

Voltar, para ele, “é um ato de poesia pura. Um ato de reintegração espiritual”¹⁰⁴. Sendo poesia, permite o sonho, o devaneio, a liberdade de escrever e lembrar a cidade como um milagre da evocação, “que põe na terra a perpetuidade do sonho”. “E essa terra quase encantada – uma cidade quase morta, de tão quieta e romântica”, torna-se “um refúgio das horas que vão passando em outra dimensão”¹⁰⁵. A cidade reencontrada e reconstruída é a cidade do sonho, a cidade imobilizada no tempo, que ganha vida na escrita, reescrevendo-se a cada novo encontro.

A viagem, o deslocamento do homem no tempo e no espaço, é colocada desde o século XVIII como essencial para a observação e entendimento do comportamento humano. Ela gera um tipo de conhecimento peculiar. A tensão entre permanecer e partir, segundo Daniel Roche, é determinante na civilização ocidental. Os reflexos dessa tensão podem ser percebidos, aqui, na trajetória de muitos dos intelectuais brasileiros do século XIX e início do século XX. Mas existe uma outra corrente, orientada pelo pensamento de Pascal, para quem “tout le malheur de l'homme vient d'une seule chose qui est de ne savoir demeurer au repos dans une chambre”¹⁰⁶. Supomos que o equilíbrio entre essas duas correntes seria o modo ideal para os intelectuais que se formavam aqui nas primeiras décadas do século XX, principalmente, aqueles que se reconheceram nas teses regionalistas-tradicionistas de Gilberto Freyre, que buscava o conhecimento da essência do lugar onde tinham sido plantadas suas raízes por meio do diálogo entre o local e o universal. Ou seja, era necessário um período de afastamento, no qual o indivíduo enriqueceria o espírito e o intelecto e um retorno para que a partir de então pudesse ver e compreender melhor a realidade que o circundava. Desse modo, o Recife de Freyre, após sua temporada de estudos nos Estados Unidos, tornou-se o centro social, cultural e econômico em torno do qual girava o Nordeste açucareiro, o Nordeste da tradição.

¹⁰⁴ Idem.

¹⁰⁵ PEREIRA, Nilo. *Imagens do Ceará-Mirim*, p. 21.

¹⁰⁶ ROCHE, Daniel. *Humeurs vagabondes: de la circulation des hommes et de l'utilité des voyages*, p. 10. “Toda a infelicidade do homem vem de uma única coisa que é não saber permanecer em repouso no seu quarto”.

A viagem, a saída do lugar de origem, colocava-se, então, como uma necessidade para os homens que buscavam o conhecimento e um lugar no mundo. Em se tratando dos jovens nordestinos, filhos da antiga aristocracia açucareira, o deslocamento rumo aos centros hegemônicos, como o Recife, Salvador e Rio de Janeiro, onde estavam localizadas as faculdades de Direito e Medicina e os grandes jornais, significava a oportunidade de crescimento intelectual e social também. Nesses centros estava o poder econômico e cultural, era oferecido um horizonte mais amplo a esses jovens que aspiravam ao mundo das letras, ao bacharelado, à medicina, ao reconhecimento intelectual e social, por isso ser tão comum a saída dos pequenos centros. Podemos citar aqui Joaquim Nabuco, no século XIX, e o já mencionado Gilberto Freyre, que no final dos anos 1910 partiu para os Estados Unidos para cumprir a sua formação, passando depois pela Europa para completar o ciclo de aprendizagem do outro e de si mesmo – exemplos de trajetória que expressam o “empobrecimento” regional, empobrecimento econômico e intelectual, já que esses homens do Nordeste do açúcar, homens que faziam parte da elite econômica e intelectual dessa sociedade, precisaram partir para centros maiores com o objetivo de cumprir sua formação e de obter o reconhecimento desejado.

Exemplo desse processo de reconhecimento de si mesmo a partir do vislumbre do outro, de outras realidades, ao que se chega por meio do afastamento do lugar de origem, a experiência vivida por Freyre durante o período em que esteve fora de seu estado, do seu país, mergulhado num processo de reconhecimento e estranhamento de si mesmo e da sua pátria, do seu povo, é modelar. Durante todo o período em que esteve ausente, ele escreveu artigos em coluna intitulada “Da outra América”, no *Diário de Pernambuco*, nos quais o jovem intelectual dava notícia aos de sua terra sobre suas impressões de viagem e também procurava manter os laços com o lugar de origem.

Em artigo de janeiro de 1921, Freyre escreve sobre as suas descobertas pelas ruas de Nova York. Para ele, que se sentia o “Provinciano encontrado na maior das cidades”, sua “situação é psicologicamente a mesma de menino guloso diante de enorme travessa de cangica ou de pudim; sem saber por onde começar”¹⁰⁷. Essa frase é reveladora desse paradoxo que diz ser necessário afastar-se para melhor compreender,

¹⁰⁷ FREYRE, Gilberto. [Impressões sobre os primeiros onze dias em New York]. *Diário de Pernambuco*. Recife, jan. 1921. Coluna: Da outra América. Visto em http://bvfg.fgf.org.br/portugues/obra/artigos_imprensa/2outra_america.html, em julho de 2009.

para que o mundo das origens ganhe novos significados por meio da vivência com o novo, o diferente que acaba se tornando semelhante. O fato de estar numa das grandes metrópoles do mundo fez aflorar no rapaz ávido por explorar aquele mundo novo e diverso a euforia do menino guloso diante das iguarias da casa materna, tão fascinantes quanto o novo que se apresentava. Ao voltar ao Brasil em 1923, ele fecha o ciclo telúrico, retorna à sua pequena pátria e inicia o caminho de redescoberta e reafirmação da tradição, da cultura do brasileiro e do pernambucano, iniciando no Recife o movimento Regionalista-Tradicionalista. Era essa dinâmica que esses intelectuais entendiam por unir o local ao universal.

Freyre ainda viveu um segundo afastamento, o qual resultou na conclusão do seu projeto mais ambicioso, *Casa Grande & Senzala*, livro publicado em 1933, depois de sua passagem por África e Europa. No livro, que provoca uma espécie de revolução na maneira de entender a formação cultural do brasileiro, o sociólogo sistematiza suas idéias regionalistas e suas teses de formação da cultura e da sociedade brasileira, defendendo que a mistura de raças é o elemento principal na caracterização da sociedade patriarcal formada aqui. Assim, o Nordeste açucareiro surge como o lugar das origens do Brasil e do brasileiro, representado pelo “senhor de engenho” e pelo mundo que se construiu em torno dele.

Nesse sentido, a necessidade de partir, de conhecer novos mundos parece ter movido a escrita dos intelectuais nordestinos no início do século XX. Era preciso cumprir o périplo, dar a volta ao mundo e voltar para o lugar de origem, para a pequena pátria, num desejo de unir o universal ao local, como se para conhecer profundamente o nosso pequeno mundo, antes fosse preciso vivenciar o que há em volta dele, o que só se faz possível quando carregamos muito fortes dentro de nós as nossas raízes. Nilo Pereira também cumpriu o seu ciclo: primeiro seguiu para a capital de seu estado, onde se iniciou no jornalismo, depois para o Rio de Janeiro, onde iniciou o curso de Direito e, por último, para o Recife, onde se bacharelou e construiu toda a sua vida pública. A peculiaridade está na maneira que ele escolheu para retornar ao lugar de origem, onde jamais voltou a viver, mas viveu sempre através de sua escrita, dos seus retornos físicos temporários que alimentaram a perenidade emocional desse reencontro.

Sair pelo mundo sem se perder, parece ser essa a idéia. Podemos associar ainda esse desejo pela experiência de conhecer outros mundos às viagens empreendidas pelos

européus nos séculos XVIII e XIX, quando saíam em busca da natureza exuberante e do exotismo do Novo Mundo. Esse deslocamento era parte importante da formação daqueles homens. E pode ser explicado como viagem “qui oriente une formation et qui impose la nécessité du départ, la contrainte des mouvements pour un devenir personnel ou pour la survie d’une groupe”(« que orienta uma formação e que impõe a necessidade da partida, a coação dos movimentos para um futuro pessoal ou para a sobrevivência de um grupo ».) Conhecer novas realidades impunha ainda uma outra necessidade, a de narrar: “Elle rend alors nécessaire une forme canonique de récit pour véhiculer une expérience, pour diffuser une instruction”¹⁰⁸. Tornava-se necessário compartilhar as experiências vividas, transformar as impressões de viagem, impressões da vida e dos homens, em idéias aceitas, em interpretações de um grupo, de um lugar.

- *Reescrevendo o passado*

Trinta anos depois do primeiro reencontro de Nilo Pereira com o vale do Ceará-Mirim, vemos o texto escrito em 1939 republicado em um livro no qual o autor reúne as imagens da cidade onde viveu a sua infância, imagens da infância apreendidas naquele período de sua vida e reinventadas no decorrer da vida do adulto que volta sempre, carregando junto consigo as novas e velhas imagens – misturadas, como misturada e difusa é a temporalidade em que se constrói *Imagens do Ceará-Mirim*. Essas imagens difusas, de múltiplas faces, são resultado da busca pelo tempo que se foi, da viagem que o autor empreende na escrita e na memória para reencontrar a cidade da infância e o Nilo que lá habitava.

O homem que volta carrega também múltiplos Nilos, que se escondem sob esse que se diz menino ainda no Vale. Em uma das resenhas que Gilberto Freyre produziu sobre uma biografia do Barão do Rio Branco em 1946, criticando o tipo de biografia que ele chamou de triunfal, a que busca mostrar a vida do biografado como uma constante harmoniosa, retilínea, apresentando um homem sem fracassos e sem contradições, ele escreveu que “nenhum homem [...] é até ao fim da vida um só homem ou uma só pessoa, mas vários homens, várias pessoas. E pessoas desiguais,

¹⁰⁸ ROCHE, Daniel. *Humeurs vagabondes: de la circulation des hommes et de l'utilité des voyages*, p. 12. “Ela torna necessária uma forma canônica de relato para veicular uma experiência, para difundir uma instrução”.

contraditórias, diversas, que nem sempre se completam”¹⁰⁹. Escrever sobre o outro é, muitas vezes, o momento de falar sobre nós mesmos, um disfarce que usamos para poder justificar nossos próprios pensamentos e valores. Nas linhas que escreve sobre a biografia de Rio Branco, encontramos Gilberto Freyre num de seus exercícios intelectuais preferidos: falar sobre si mesmo.

Ao afirmar que o homem é não apenas um, mas vários homens habitando em um mesmo corpo, ele afirma que a riqueza do ser humano vem exatamente do diálogo estabelecido entre essas várias facetas, ao longo da vida. Somos aquilo que as circunstâncias exigem e nos permitem ser. Assumimos vários papéis e, muitas vezes, papéis aparentemente contraditórios entre si. E Nilo Pereira, que em determinado período da vida foi amigo pessoal de Gilberto Freyre, além de companheiro de trabalho no Seminário de Tropicologia, no Instituto de Pesquisas Sociais Joaquim Nabuco (hoje Fundação Joaquim Nabuco) e no Conselho Estadual de Cultura de Pernambuco, não foi diferente disso. Assim como se faz na biografia tradicional criticada por Freyre, em seus livros de memórias, em suas viagens de retorno, o intelectual cearamirinense buscava transformar a dispersão do homem e do mundo deixado por ele numa realidade harmoniosa, distante das tensões, das contradições da vida do adulto. Essa dispersão, ele busca corrigir através da escrita, reelaborando a realidade vivida e rememorada.

O curioso é que cada texto que compõe o livro que Nilo Pereira chamou de livro de memórias, de livro “do coração”, é um fragmento de imagem, um fragmento de viagem, das viagens que ele fez a Ceará-Mirim. Essas viagens fazem parte do itinerário que o memorialista repetia todos os anos na travessia do Capibaribe ao Ceará-Mirim, travessia que parece ter sido um dos sentidos de sua vida. A partir daí, das viagens físicas e emocionais pelo Vale, começa a tomar forma uma literatura toda perpassada pelo traço do memorialismo.

Dizemos então que *Imagens do Ceará-Mirim* é livro que foi escrito a cada viagem realizada ao vale do Ceará-Mirim, a cada volta. O texto *Guaporé*, de 1939, é a primeira imagem do livro a se formar. Esse processo vai sendo mantido nos anos posteriores. As viagens continuam sendo o momento de criação dos textos evocativos de Nilo Pereira. A cada reencontro com o Vale, surgia mais uma das pinturas que

¹⁰⁹ FREYRE, Gilberto. *Rio Branco: a estátua e o homem* (1946) In: PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. *Gilberto Freyre: um vitoriano nos trópicos*. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

comporiam o painel apresentado em *Imagens do Ceará-Mirim*, o que estamos chamando aqui de rituais de retorno.

A visão que Nilo constrói do vale é a do exilado, de quem vê as terras de sua origem à distância, acentuando os laços, o afeto com o lugar, dando a ele uma aura mágica que o leva de volta ao tempo de menino. Nesses rituais de retorno, fazia-se o caminho de volta, levando até Ceará-Mirim as verdades apreendidas no lugar distante, buscando harmonizar o Nilo que nasceu no Vale e aquele que voltava, a cada ano. Por isso rever os caminhos e paisagens da infância, buscando ter de volta o conforto e a paz de espírito da vida uterina, do lugar das origens, no caso de Nilo, o Vale, descrito por ele como berço da criação do indivíduo e da cidade. Para o exilado, há sempre a sensação de algo perdido, de uma ausência, como se o afastamento do lugar de origem provocasse “uma fratura incurável entre um ser humano e seu verdadeiro lar: sua tristeza essencial jamais pode ser curada”¹¹⁰.

Já na velhice, as viagens ao passado eram uma maneira de encontrar o bálsamo para uma alma que vivia atormentada pelos rumos que a humanidade tomava. O intelectual que se orgulhava de ser chamado de pensador católico, como foram Jackson de Figueiredo e Alceu de Amoroso Lima, seus ídolos de juventude, vivia o conflito de ser um homem cristão, católico, conservador, numa sociedade que se liberalizava, que via no divórcio, nos anticoncepcionais, nos motéis, nas drogas, instrumentos de liberdade. Essa, para Nilo Pereira, era mais uma faceta do progresso destruidor que embaçava o discernimento do homem, que substituía a fé no Deus cristão pela fé na máquina, na ciência, na liberdade excessiva. Na década de 1980, na coluna *Notas Avulsas*, que o escritor manteve no *Jornal do Commercio* por quase trinta anos, encontramos um depoimento muito representativo dos valores morais e religiosos defendidos por ele e que nos dá a justa medida da tensão vivida pelo intelectual espiritualista que via na passagem do tempo, no avançar da tecnologia, nas transformações de valores e costumes, a instituição de uma realidade em que a moral, o respeito e a fé se desintegravam.

Aos setenta e um anos, o sentimento de exílio, de deslocamento temporal e espacial que sempre marcou sua escrita se faz ainda mais presente. No entanto, esse deslocamento espacial e temporal ganha novos contornos. Foi reforçado pelos

¹¹⁰ SAID, Eduard. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 46.

sentimentos que o homem velho nutria em relação à sociedade em que vivia. Não era somente a saudade do mundo dos engenhos, a sensação de perda de um grupo que viu desaparecer os símbolos do seu status social e econômico que estava presente em sua escrita, naquele momento. Falava-se agora de um mundo desorientado espiritualmente, de uma liberdade que desvirtuava, das mudanças que faziam toda uma geração que nasceu e cresceu sob os ensinamentos cristãos perder completamente suas referências. O Nilo que se apresenta então parece já cansado, um estranho em seu próprio tempo: “Costumo dizer que pertencço a uma geração feliz. A uma geração que amou os pais. Que estudou as suas humanidades. Que aprendeu um pouco de latim. Que soube obedecer. Que teve o temor de Deus”¹¹¹. Nessa sociedade, a fé cristã, a religiosidade, o temor a Deus que sempre direcionou a vida de Nilo Pereira, e de muitos homens de sua geração, já não era uma premissa, um elemento indispensável. Isso, para o intelectual cearamirinense, soava como o ultraje da humanidade.

Reclamar a paz espiritual de outros tempos não significava, segundo ele, recusar-se a vivenciar a passagem do tempo, as mudanças trazidas por ela, pois “O mundo – é claro – tinha que mudar. Nada fica estagnado”. No entanto, “uma coisa é mudar e outra é negar à condição humana a beleza da vida, o sentido do ser, colocado diante dos desafios do mundo moderno”¹¹². Nilo expressava em seu artigo de 25 de agosto de 1980 sua total descrença nos rumos tomados por aquela sociedade. O homem que se rendia aos excessos da liberdade do mundo moderno, colocado em sua escrita como um mundo desvirtuado pela falta de direcionamento cristão, perdia a beleza da condição humana, mergulhado nos vícios que a falta de regras incitava. Ele associa a condição humana, a beleza do ser, aos princípios da moral cristã. Um mundo que não se orientava mais pela religiosidade, pelo espiritualismo representado pela fé católica, cristã, originava uma sociedade permissiva e libertina, livre da consciência proibitiva do pecado, freqüentadora de “bares, inferninhos, motéis [...] cheios de homens e mulheres que se consideram livres, isto é, libertos de preconceitos e tabus”¹¹³.

O pecado, para Nilo, ganhou uma dimensão social. Não era mais o indivíduo que estava à mercê das fraquezas que o levariam a tal falta, mas toda uma sociedade que se guiava pelo pecado, como esses homens e mulheres que freqüentavam esses antros,

¹¹¹ PEREIRA, Nilo. Avulsas. *Jornal do Commercio*, 25 ago. 1980.

¹¹² Idem.

¹¹³ Idem.

como ele os chamou, nos quais “há uma liberdade exaurida e uma vida manchada pela negação da ordem moral”¹¹⁴. O artigo mordaz que Nilo escreve sobre a nova moral que vinha se estabelecendo chama a atenção a todo o momento para os malefícios dessa falsa liberdade que é a falta de limites e regras morais, elementos facilmente abstraídos da doutrina cristã. Ele falava de uma sociedade pecadora: “Infelizmente já não há mais pecado. O homem não peca mais. Quem peca é a sociedade. O tal ‘pecado social’ permite que se alastre a permissividade, porque quem vai ser julgado é a sociedade”¹¹⁵. Para fechar a coluna *Avulsas* do dia 25 de agosto de 1980, demonstrando toda a sua descrença nessa sociedade sem Deus, ele nos diz que quem partilha desses valores permissivos dessa sociedade moderna “não acredita em Deus. Nunca viu um catecismo”¹¹⁶.

Atormentado, essa é a palavra adequada para definir a condição espiritual e social de Nilo Pereira no momento em que escreveu esse artigo. Desde muito cedo, ainda na adolescência, iniciou a sua cruzada cristã. Ao iniciar-se no jornalismo na década de 1920, muito provavelmente com algum auxílio das suas relações com a Igreja Católica e a *Mocidade Cristã*, escreveu seus primeiros artigos e editoriais para o jornal católico daquela época, o *Diário de Natal*. Os intelectuais católicos de Natal se uniam na missão de dar uma orientação cristã aos seus leitores, por meio da imprensa. A imprensa que servia de veículo para a disseminação do ideário cristão era chamada por aqueles que a faziam de *a boa imprensa*, expressão muito adequada para demonstrar o que esses homens ansiavam dessa instituição e também para qualificar as suas próprias atividades de doutrinação pelos jornais. Como vimos no artigo apresentado anteriormente, a catequese que Nilo empreendia por meio de sua escrita, com o passar dos anos, vai sendo reforçada (na velhice, já fazia parte de um esforço individual, diferente dos artigos doutrinadores que escreveu no período em que esteve inserido na política do Estado Novo em Pernambuco¹¹⁷). Talvez porque já não houvesse muitos dispostos a ouvir os seus preceitos da moral cristã. Nesse sentido, enquanto se perde a aquiescência em relação aos valores conservadores e cristãos, os brados de Nilo Pereira em relação a esse desvirtuamento parecem ganhar maior expansão em sua escrita, que parece ser o seu refúgio de um mundo pernicioso e desvirtuado. Voltar ao passado,

¹¹⁴ Idem.

¹¹⁵ Idem.

¹¹⁶ Idem.

¹¹⁷ Essa discussão será apresentada no capítulo 2.

escrever sobre ele, era um meio de viajar para fora daquela realidade que mais e mais lhe desagradava. A escrita foi sempre o seu refúgio.

As viagens sistemáticas ao Ceará-Mirim funcionariam então como uma maneira de realizar a grande viagem em busca do mundo interior. Voltar ao Ceará-Mirim, seja pela escrita, seja num automóvel que o levasse até o vale da infância, significava rememorar, reviver o tempo de sua geração católica. Empreender essa viagem também representava o cumprimento do périplo intelectual, como se acreditava no início do século XX: era preciso conhecer outros mundos além do seu para que este pudesse ser compreendido em sua essência. E o outro, este espiritual que Nilo realizava ao voltar ao Ceará-Mirim, buscando também os cenários onde tantas vezes entoou as rezas do novenário de Maria.

Uma manhã no Vale: viagem de 1949

Os reencontros com a cidade do Ceará-Mirim eram sempre uma combinação feliz de retorno ao seio familiar e missão oficial, como a que Nilo realizou junto com uma comitiva de intelectuais recifenses, no ano de 1949. Esses encontros eram suscitados pelos amigos, pelas relações que ele mantinha com o Rio Grande do Norte e também pelo prestígio que tinha aqui, reforçado pelo contato com Freyre. As viagens ao estado aconteciam sempre num clima bastante ameno, como um reencontro entre velhos e bons amigos. No depoimento do próprio Nilo sobre a viagem de 1949, no qual ele dá os detalhes de um plano arquitetado por Sylvio Pedroza, prefeito de Natal, à época, e Câmara Cascudo, para interceptar a caravana vinda do Recife com uma falsa ordem de prisão, podemos sentir o clima amistoso no qual se realizavam essas viagens. No entanto, o desejo dos anfitriões de trocar dos visitantes acabou sendo frustrado pela chuva:

Se Aderbal França, o inimitável Danilo, soubesse como teria sido interessante receber a caravana de intelectuais, às portas da cidade, uma ordem de prisão para depois ser relaxada em pessoa por um chefe de Polícia sorridente e ameno, daria razão ao ‘sequestrador’. Mas não houve a farsa, pois a chuva não deve ser uma aliada da pilheria¹¹⁸.

Após escapar à emboscada dos espirituosos anfitriões, o grupo de intelectuais foi recebido como hóspedes oficiais na cidade de Natal. Nilo Pereira hospedou-se na

residência oficial do governador José Varela e os demais membros da comitiva foram hospedados pelo prefeito Sylvio Pedroza. O grupo também recebeu várias homenagens do Governo, da Academia de Letras Norte-Rio-Grandense e da Prefeitura Municipal. O ponto alto da recepção foi a solenidade realizada no dia 06 de agosto, no teatro Alberto Maranhão, quando também foi proferida a conferência “Renan e Nabuco”, de Nilo Pereira, que mais tarde também seria publicada em livro.

As viagens de Nilo Pereira ao Rio Grande do Norte tiveram sempre muito destaque na imprensa local, na qual ele colaborava, mesmo à distância, enviando seus artigos. Nos períodos de visita, a intensidade das publicações do intelectual em jornais norte-rio-grandenses aumentava, sempre resultando em belos textos sobre o vale do Ceará-Mirim e suas tradições, evocando os tempos de menino. Na viagem de 1949, dez anos depois do primeiro reencontro com o Vale, Nilo Pereira também revisita o Ceará-Mirim, trazendo com ele alguns dos integrantes da comitiva vinda de Pernambuco, como o geógrafo Gilberto Osório de Andrade.

No jornal *A Ordem*, de orientação católica, dirigido pela Diocese de Natal, do qual Nilo Pereira também foi colaborador, a vinda dos intelectuais foi anunciada como um grande acontecimento, trazendo a notícia em grande destaque no dia 03 de agosto de 1949: “Chegarão 6ª feira a Natal os intelectuais do Recife”¹¹⁹. O artigo ainda informava:

Em visita de intercambio, cultural, chegará sexta-feira proxima, a esta capital, procedente do Recife, a caravana de intelectuais que desenvolve atividades em Pernambuco, constituída dos srs. Nilo Pereira, jornalista Otavio Pinto, Gilberto Osorio de Andrade, Mauro Mota, Tales Ramalho, prof. Samuel Mac-Dowel, deputado Nilo Coelho e poeta Silvino Lopes¹²⁰.

O jornal *A Republica* também participou ativamente da cobertura da estada dos intelectuais pernambucanos no Estado, publicando inclusive a conferência sobre as influências que Ernest Renan exerceu sobre Joaquim Nabuco e ainda mais dois artigos do cearamirinese: “Visão Social dos problemas” (19 de agosto de 1949) e “Manhã da criação” (em 25 de setembro de 1949).

¹¹⁸ PEREIRA, Nilo. O homem e a cidade. *Folha da Manhã*. Recife, set. 1949.

¹¹⁹ CHEGARÃO 6ª feira a Natal os intelectuais do Recife. Natal. *A Ordem*, 03 ago. 1939.

¹²⁰ Idem.

N'A *Republica* a visita da comitiva pernambucana ganhou manchete de primeira página. No dia 23 de julho de 1949, a expectativa da chegada dos pernambucanos já podia ser sentida nas páginas do jornal. Segundo matéria publicada naquele dia, “A convite do Prefeito da Capital, e afim-de participar das comemorações em homenagem ao transcurso do 350.º aniversário de fundação da cidade, visitarão Natal a 5 de agosto próximo varios e ilustres intelectuais e jornalistas do visinho Estado de Pernambuco”¹²¹. Dentre esses intelectuais, como já se é sabido, está o “dr. Nilo Pereira, redator-chefe da ‘Folha da Manhã’ e secretario de Interior [do] Governo Barbosa Lima”¹²². Faziam parte da caravana o jornalista Mauro Mota e o geógrafo Gilberto Osório de Andrade. Este último acompanhará o cearamirinense muitas vezes em suas deambulações pelo vale, tendo realizado, inclusive, um estudo sobre ele, publicado em 1957, livro intitulado *Os rios do açúcar do Nordeste oriental: I o rio Ceará-Mirim*.

Fica muito claro o prestígio do qual gozavam esses intelectuais em terras norte-rio-grandenses, principalmente, Nilo Pereira. Essas visitas faziam parte de um esforço do cearamirinense para estreitar contatos culturais entre os Estados do Rio Grande do Norte e de Pernambuco. Luiz da Câmara Cascudo e Sylvio Pedroza já haviam sido recebidos em Recife. Era chegado então o momento da retribuição, exatamente, por ocasião das comemorações do aniversário de fundação da cidade de Natal. A vinda dos intelectuais pernambucanos também foi notícia no número do mês de agosto de 1949 da revista *Bando*, tema de artigo que aparece sob a manchete “Caravana pernambucana de cultura”, no qual o autor apresenta um pequeno roteiro da estada dos intelectuais pernambucanos em terras norte-rio-grandenses.

Havia tensões entre os dois estados, e, possivelmente, entre os dois grupos de intelectuais. A aproximação dos intelectuais natalenses, principalmente, de Cascudo, com os modernistas, com Mário de Andrade, que nos anos 1920 passou por aqui em sua viagem de reconhecimento pelo Brasil, não era vista com bons olhos pelos regionalistas-tradicionistas de Pernambuco. A missão da caravana cultural chefiada por Nilo Pereira, em 1949, parece ser a de afinar a intelectualidade desses dois estados

¹²¹ VISITARÁ Natal uma caravana de intelectuais pernambucanos. Natal. *A Republica*, 23 jul. 1949.

¹²² Idem.

num mesmo diapasão¹²³. A revista *Bando* noticiou a passagem dos intelectuais pernambucanos por aqui da seguinte maneira:

O Rio Grande do Norte hospedou de 5 a 7 do corrente, a caravana pernambucana de cultura, que sob a presidência do dr. Nilo Pereira, visitou a nossa capital, em missão de intercâmbio e aproximação cultural. [...] Os ilustres visitantes foram hóspedes dos governos estadual e municipal, tendo oportunidade de conhecer os principais logradouros públicos da cidade, bem como seus bairros e arredores¹²⁴.

O trecho escolhido permite perceber que havia a necessidade de aproximação entre os grupos, dando indício da tensão nas relações entre os dois estados. Um dos lugares visitados pelos membros da comitiva foi a cidade do Ceará-Mirim. O geógrafo Gilberto Osório de Andrade e Câmara Cascudo acompanharam Nilo Pereira no seu reencontro com a cidade, como o autor nos informa nos seus livros *Evocação do Ceará-Mirim* *Imagens do Ceará-Mirim*.

No dia 24 de julho de 1949, aparece no jornal *A Republica* o texto “O Cavalo do Cão”, o qual Nilo dirige a Jaime Adour da Câmara (um filho de senhor de engenho que viveu em Natal até 1918, e depois partiu, tendo escrito um célebre livro de memórias, *Oropa, França e Bahia*)¹²⁵, num dos exercícios intelectuais e emocionais preferidos, discorrer sobre o “Velho Ceará-Mirim”. Dizia ele:

Quem ali nasceu e viveu, guardou sempre nos olhos o cenário bíblico do vale. Lembrei-lhe numa rápida conversa o que era a visão do vale do alto das Tôrres da Igreja: tudo aquilo parecia um paraíso reconquistado; e se ainda pudesse haver no mundo uma terra da Promissão, ali é que ela devia estar, esplendidamente fecunda. Enquanto isso, a cidade propriamente dita, tocada de um romantismo de decadência, como que adormeceu num sonho de grandeza morta. Já ali chegaram as usinas, fazendo estremecer suas terras com suas máquinas fabulosas; e até me dizem que a casa-grande do engenho “Ilha Bela”, onde o meu tio José Felix Varela criou uma família numerosa, foi destruída. Não será por isso que a beleza do vale morrerá, tão fresca e verde, se conserva, num arrojo permanente de vida¹²⁶.

¹²³ Sobre a aproximação dos intelectuais natalenses com o modernismo e posteriormente com o regionalismo-tradicionista de Freyre ver: HERMENEGILDO, Humberto. *Modernismo nos anos 20 no Rio Grande do Norte*. Natal: UFRN, Ed. Universitária, 1995; e SALES NETO, Francisco Firmino. *Palavras que silênciam*. Câmara Cascudo e o regionalismo-tradicionista nordestino. João Pessoa: Ed. Universitária, 2008.

¹²⁴ A CARAVANA pernambucana de cultura. Revista *Bando*, ano I, n. 8, ago. 1949.

¹²⁵ SEREJO, Vicente. Uma conversa sobre Jayme Adour da Câmara. In.: *Bom dia moderno potiguar*. Isaura Maia e Humberto Hermenegildo de Araújo (org.) 2009, p. 91-98.

¹²⁶ PEREIRA, Nilo. O cavalo do cão. *A Republica*, 23 jul. 1949.

Nesse artigo, podemos encontrar as principais idéias que marcam a escrita memorialística de Nilo Pereira: a devoção pelo vale sempre divinizado, a decadência romântica da cidade contrastando com o esplendor do vale, a associação da decadência e da destruição do mundo patriarcal à chegada das usinas. Esse texto não foi integralmente publicado em *Imagens do Ceará-Mirim*, mas é possível perceber idéias, imagens e mesmo palavras que mais tarde vão constituir o livro de memórias. No trecho escolhido podemos perceber que se trata da narração de um diálogo do nosso autor com um indivíduo em especial, Jaime Adour da Câmara. Nilo procura lembrá-lo das belezas do vale do Ceará-Mirim, a fim de compartilhar com ele o seu sentimento de exílio em relação ao paraíso da infância e possivelmente despertar no intelectual conterrâneo, considerado o melhor autor de literatura de viagem, o desejo de escrever um livro de memórias: “Depois de ter conhecido países em quantidade e de haver escrito o seu famoso ‘Oropa, França e Bahia’, o que mais desejou na vida foi voltar ao seu engenho ‘Paraiso’ e encontrar nas melhores sugestões de sua infância, os capítulos mais vivos do livro de memórias quase pronto”¹²⁷. É interessante como ele sugere uma comunhão dos dois intelectuais nessa idéia cosmopolita e, ao mesmo tempo, cada vez mais provinciana, de voltar à terra. A literatura confessional já exercia um grande fascínio sobre os intelectuais nascidos à sombra do mundo dos engenhos. Escrever as memórias da infância vivida em engenhos ou em cidades de tradição açucareira era reviver todo esse passado que o tempo soterrara.

Como foi afirmado anteriormente, “Manhã da criação” é um texto que originalmente foi escrito e publicado em 1949 e que também se diluiu nas páginas de *Imagens do Ceará-Mirim*, figurando também na *Rosa verde*, de 1982, que podemos descrever como memórias em formato de romance. Aquilo que começou como crônica pitoresca e depois se transmutou em memórias, volta então a ser literatura ficcional. Como diria Luciano Trigo, realidade disfarçada de ficção. O texto de 1949 tem como temas centrais o Vale do Ceará-Mirim e a casa grande do engenho Guaporé que Nilo preferia ver “de longe, porque [...] de perto, a casa senhorial não tem mais do que a fachada” e esta ele preferia avistar à distância, “do alto das torres da igreja sem ter nenhuma decepção”¹²⁸.

¹²⁷ Idem.

¹²⁸ PEREIRA, Nilo. *Manhã da criação. A Republica*, set. 1949.

No texto publicado em 25 de setembro de 1949, a cidade do Ceará-Mirim, o vale, a casa grande do engenho Guaporé aparecem todos mergulhados no lirismo da prosa poética de Nilo Pereira. O vale é descrito através de imagens fugidias, envoltas num mistério que ele traduz como o mistério da criação, emergindo do texto como verdadeiras pinturas, imagens melancólicas de um domingo chuvoso no vale, onde

O verde intenso e opulento está, naquela manhã da criação, tocado de um cinzento misterioso através do qual como que se esconde um mundo de recordações. Um vasto silêncio se espalha sobre a cidade [...]. O vale parece dormir; mas, é tão forte o seu colorido que a vida, mesmo adormecida, é cada vez mais bela e mais exuberante¹²⁹.

Para Nilo Pereira, beleza e melancolia são duas dimensões do ser e da poesia inteiramente compatíveis e é essa imagem do Ceará-Mirim que ele recria em 1949. O vale que avistamos por entre as linhas de uma manhã nublada, mais do que o vale da memória, é o vale da imaginação, recriado através da poesia, da fábula – um lugar tão sublime que faz o autor se sentir diante da imagem da criação, da origem do mundo, do eterno recomeçar. As frases e períodos têm nuances de poesia: “Tudo aquilo é de uma beleza poética. Deus há de ter demorado Sua Mão universal sobre o vale onde é possível que reconheça, ainda hoje, vestígios do paraíso perdido”¹³⁰. Na prosa de Nilo Pereira, o lugar onde paira a tradição também é produto dos desígnios divinos, inspirado nas passagens bíblicas, assemelhando-se às próprias imagens bíblicas, como a criação do mundo cristão.

Em 1969, esse texto ganha o espaço de um capítulo em *Imagens do Ceará-Mirim*. Também aparece em *Evocação do Ceará-Mirim*, publicado em 1959, por iniciativa do diretor do Arquivo Público Estadual de Pernambuco, Jordão Emerenciano. Em *Evocação do Ceará-Mirim* a imagem que o autor descreve de uma manhã chuvosa de domingo no Vale, vista em 14 de agosto de 1949, aparece sob as seguintes impressões: “extasiado diante da paisagem do Gênesis que, por entre a neblina, vi estendendo-se mansamente sobre o canavial imobilizado pelo gênio invisível da poesia”¹³¹. Assim se mostrava o Vale ao estrangeiro. O vale aparece aí como há vinte anos atrás, de “verde lícido e tranquilo”¹³².

¹²⁹ Idem.

¹³⁰ Idem.

¹³¹ PEREIRA, Nilo. *Evocação do Ceará-Mirim*, p. 15.

¹³² Idem.

Morte sobre o Vale: viagem de 1954

Em 1954, tornamos a encontrar Nilo Pereira no vale do Ceará-Mirim. Temos notícias de três viagens do intelectual ao Rio Grande do Norte, naquele ano. Supomos que todas tenham se alongado até o Ceará-Mirim. Temos essa confirmação em relação a duas delas. Na tarde do dia dezoito de fevereiro de 1954, Nilo Pereira passeia pelo Vale na companhia de Câmara Cascudo e Roberto Varela (então prefeito da cidade), episódio também narrado em *Evocação do Ceará-Mirim*. Ali, eles assistiram à passagem de um cortejo fúnebre pela cidade, avistado pelo grupo que se encontrava no terraço da casa grande do engenho Guaporé, situado num ponto do Vale de onde se pode ver toda a zona urbana e, principalmente, a igreja, de onde vinha o dobre melancólico dos sinos que ressoavam, durante a passagem do cortejo. Os sinos que ressoavam no Vale, anunciando a passagem da morte, tocavam Nilo Pereira também por serem um dos signos da cristandade. Os sinos foram oficialmente incorporados aos rituais católicos a partir do século VIII, com a instituição da bênção dos sinos. Para os cristãos, o badalar desses artefatos de bronze significa tanto o comunicado da morte como a anunciação da ressurreição. O que anunciavam os sinos ouvidos naquela tarde?

Por quem dobraria o sino? Seria o sino submerso da lenda? Que toque renaniano era aquele? O sino dobrava por “Sinhá” Rosa, foi o que disseram, com evangélica simplicidade, a Luiz da Câmara Cascudo, ao prefeito Roberto Varela e a mim. Senti, então, que o dobre tinha uma significação mais profunda: algo estava morrendo na cidade parada e quieta. Era a sua tradição. O seu passado aristocrático. O seu fausto¹³³.

Nilo se perguntava não somente sobre a morte da “Sinhá Rosa”. Ele se perguntava sobre a morte da cidade e a morte de uma parte de si mesmo, a que ele deixou no Vale, quando de lá partiu. Parece-nos então que a morte de “Sinhá Rosa” surge como um pequeno indício da atmosfera fúnebre que recaía sobre Ceará-Mirim, e deveria ser chorada por aqueles que seguiam junto com o cortejo e também pelo estrangeiro que voltava ao lar e se deparava com os vestígios da destruição deixada pelo tempo que passou. Pensamos então que os sinos que tocavam sobre o Vale são como aqueles dos versos do poeta inglês do século XVI, John Donne, eternizados por Ernest Hemingway no romance de 1940: “A morte de qualquer homem me diminui, porque eu

¹³³ PEREIRA, Nilo. *Evocação do Ceará-Mirim*. Recife, p. 30

sou parte da humanidade; e por isso, nunca procure saber por quem os sinos dobram, eles dobram por ti”¹³⁴. Os sinos sobre o vale ressoavam também por Nilo Pereira, pelo dilaceramento do indivíduo, pelo esfacelamento dos rastros do passado que ele buscava reconstituir em suas andanças pelo Vale, na escrita surgida desse reencontro.

Em 1969, quando preparava seus textos para serem republicados em *Imagens do Ceará-Mirim*, parece ter-se dado conta de que “Sinhá Rosa” e os outros personagens da cidade, retratados por ele, se assemelhavam àqueles que adormeceram em sono profundo num dos poemas regionalistas do poeta Manuel Bandeira: “vi que o sino renaniano não dobrava apenas pela morte de ‘sinhá’ Rosa, cujo enterro humilde já se não via no seu caminho fatal”¹³⁵. Nesse trecho, deparamo-nos com o entrelaçamento de algumas das influências intelectuais que marcaram os escritos do cearamirinense, formando um tecido de leituras que une em seu texto diversos autores. As imagens dos sinos que ressoam no Vale, anunciando a morte dos homens e da cidade, foram ganhando significados nas leituras que o cearamirinense cristão e regionalista fez das memórias de Ernest Renan, das memórias de Joaquim Nabuco, do regionalismo de Freyre e da poesia modernista e regionalista de Manuel Bandeira, poeta recifense com quem manteve laços de admiração e de amizade.

Ainda sobre os mortos, como se olhasse na direção do cemitério, a buscar por eles, Nilo afirmou: “O sino parecia acordar os mortos da cidade e do Vale. Onde estão êles? Por onde andam? Estão todos, como no poema, ‘dormindo profundamente’”¹³⁶. Para ele, o Ceará-Mirim tinha se transformado em sonho malogrado, onde se viam apenas

umas sombras vagas, uma cores diluídas, um mundo silencioso de onde emergem figuras que se foram, que parecem falar a nós outros, os que fomos perturbar a quietude solarenga. Até parece que há fantasmas dançando valsas lentas e antigas, como as que foram tocadas por mãos que já esfriaram e, todavia, ainda continuam sobre o teclado, no milagre da evocação¹³⁷.

Em 1969, o reencontro com o Vale na companhia de Câmara Cascudo e de Roberto Varela apresenta-se sob o título de *Sinos sôbre o Vale*, no qual a cidade aparece adormecida como a “sinhá Rosa” que era levada para a sua morada final em cortejo

¹³⁴ HEMINGWAY, Ernest. *Por quem os sinos dobram*. São Paulo: Ed. Companhia Nacional, 1978.

¹³⁵ PEREIRA, Nilo. *Imagens do Ceará-Mirim*, p. 29.

¹³⁶ Idem.

fúnebre que seguia ao som dos sinos, anunciando não apenas a morte da “sinhá”, mas junto com ela também definhava toda uma cidade e a sociedade que ali se desenvolvera.

Nilo fala dos sinos que tocavam e acordavam coisas muito antigas, anteriores mesmo ao tempo histórico, os sinos ouvidos por Ernest Renan. O historiador francês ouvia os sinos que tocavam na igreja da cidade de Tréguie, onde havia nascido. Contavam na região da Bretanha que uma cidade havia mergulhado nas águas do mar, “Une des legendes les plus répandues en Bretagne [...] qui, a une époque inconnue, aurait été engloutie par lemer”, de onde ressoavam os sinos da igreja da cidade, e, “les jours de calme, on entend monter de l’abîme le son de ses cloches, modulant l’hymne du jour”¹³⁸. Renan afirmou que na velhice inclinava o ouvido para ouvir as vibrações dos sinos daquela igreja que assomava no mar nos dias de tempestade. Os sinos da Atlântida da Bretanha fazem Renan se lembrar dos sinos de Tréguie, “qui sont encore des cloches obstinées à convoquer aux offices sacrés des fidèles qui n'entendent plus”¹³⁹.

Os sinos da Atlântida da Bretanha foram ouvidos também por Nilo Pereira e reconhecemos neles as notas daqueles que tocavam sobre o vale do cearamirinense, quando descreve mais um dos seus reencontros: “Há longos anos não ouvia a voz do sino sôbre a cidade adormecida, batendo com uma cadência antiga, tão familiar ao menino que, ali, se restitui sempre a si mesmo: o sino da infância, como aquêle outro que Renan ouvia de cidades que houvessem mergulhado em águas misteriosas”¹⁴⁰. Para ele, esses sinos são uma “Sugestão de Lenda e de encantamento que se faz irresistível diante da lagoa de Extremoz”¹⁴¹, que também guarda os mistérios do “bronze anunciador das alegrias e tristezas do mundo católico”.

A morte da cidade e da aristocracia cearamirinense é sentida também na imagem da destruição silenciosa do Guaporé. A visão da velha casa senhorial que aos poucos ia se transformando em ruínas se misturava à imagem da vida que chegava ao final de seu curso, no caixão que levava “Sinhá Rosa”. Sua impressão era a de que os sinos se alongavam ainda mais na sua queixa, “quando diante deles, há o que chorar e o

¹³⁷ Idem, p. 29.

¹³⁸ RENAN, Ernest. *Souvenirs d'enfance et de jeunesse*. Paris, 1932, p. 9. “Uma das lendas mais divulgadas na Bretanha... que, numa época desconhecida, teria sido tragada pelo mar”... “nos dias de calma, se ouve subir do abismo o som dos sinos, modulando o hino do dia”.

¹³⁹ Idem. “que são ainda os sinos obstinados convocando para os officios sagrados os fiéis que não os escutam mais”.

¹⁴⁰ PEREIRA, Nilo. *Imagens do Ceará-Mirim*, p. 27.

que lamentar. Com efeito, o Guaporé morre aos poucos da pior morte: – aquela que aniquila pela incompreensão”¹⁴². A incompreensão também recaía sobre a cidade do Ceará-Mirim, que, para o autor, assistia imóvel, impotente, às casas grandes e aos engenhos que fizeram sua tradição se transformarem em ruínas.



Ruínas da casa grande do engenho Guaporé, construída na segunda metade do século XIX. Imagem atual, 2009. Acervo da autora.

No ano de 1954, também circulou pelos jornais e revistas da capital do Rio Grande do Norte a notícia da vinda de Gilberto Freyre a Natal. Na revista *Bando*, dos meses de maio e junho daquele ano, podemos ler artigo escrito pelo próprio Nilo Pereira sobre a visita de Freyre, no qual ele afirma que os intelectuais norte-rio-grandenses se preparam para recebê-lo “num testemunho de admiração pela obra tão intensamente regionalista do mestre de Apipucos”¹⁴³.

O número 6 da revista, dos meses de julho e agosto, traz novo artigo de Nilo Pereira enaltecendo Freyre e também a iniciativa dos norte-rio-grandenses de trazê-lo a Natal. Em artigo intitulado “Natal e o sociólogo”, ele se refere mais uma vez à vinda do intelectual, que já se avizinhava: “O governo e as instituições culturais se movimentam,

¹⁴¹ Idem.

¹⁴² Idem, p. 28.

¹⁴³ PEREIRA, Nilo. *Gilberto Freyre em Natal*. *Bando*, ano V, vol. III, nº 5, mai./jun. 1954.

em Natal, para receber em agosto próximo ao sociólogo Gilberto Freyre”¹⁴⁴. Nilo faz uma análise também do alcance da obra sociológica do autor, afirmando que ela não se restringe à sociedade que se formou no estado pernambucano, mas era todo o Nordeste. Para ele:

Gilberto Freyre tornou-se no Nordeste – para falar apenas do Nordeste, porque todo o Brasil se encarna na sua síntese cultural – um escritor comum a esta região. Seu livro “Casa Grande & Senzala” não é apenas o estudo da formação patriarcal em Pernambuco. A amplitude dessa obra realmente monumental envolve o “complexo” nordestino, a vida toda em área tão igual na sua diversidade ecológica: igual pelo destino e pelos processos sociais e humanos de sobrevivência¹⁴⁵.

É muito provável que Nilo Pereira tenha acompanhado Gilberto Freyre em sua passagem pelo Rio Grande do Norte. E ainda que o tenha levado ao Ceará-Mirim – ritual que se repetiu com tantos outros intelectuais pernambucanos para mostrar-lhes, supomos, que a pequena cidade encravada na zona da Mata do Rio Grande do Norte também tinha a sua tradição, ornada que era por um vale povoado de ruínas, lembrando o tempo em que senhores, escravos e barões eram os habitantes do lugar. Em 1955, no texto “Palmeiras imperiais”, publicado no Caderno Literário do *Jornal do Commercio*, a 27 de fevereiro daquele ano, Nilo Pereira nos dá notícias sobre a ida de Freyre ao Vale. O pernambucano o acompanhou em sua visita ao sobrado onde funcionava o Colégio Santa Águeda, que “Gilberto Freyre visitou demoradamente, enquanto eu me deixei ficar, restituído à infância”¹⁴⁶.

A presença de Freyre no Ceará-Mirim traz um significado: o vale do Ceará-Mirim entrando no conceito do autor de *Casa Grande & Senzala*, consagrava-se como parte do universo do Nordeste açucareiro. A viagem de retorno de Nilo Pereira estabelece uma ponte entre o vale do Ceará-Mirim e o Nordeste do açúcar. É a busca de um lugar dentro do mundo desenhado por Freyre. O Ceará-Mirim que estava morto começa a encontrar um lugar, sob o respaldo da tradição, incorporando-se à forte realidade desenhada por Gilberto Freyre.

Recorde-se no prefácio à 1ª edição de *Casa Grande & Senzala*, o significado que Freyre atribui às viagens que realizou na região do açúcar, aquele território que

¹⁴⁴ Idem.

¹⁴⁵ Idem.

seria o objeto do livro, e também o *Nordeste*; à força inspiradora de suas viagens de reconhecimento e recuperação do passado. Nesse mesmo sentido, as viagens são reunidas por Nilo para dar-lhes um significado. Elas são parte do ritual de retorno do intelectual. Esse ritual consiste em ir a certos lugares, olhar, escrever, aproximar a realidade vivida aqui de uma outra maior, a do Nordeste do açúcar. Esse retorno significava fazer reviver aquele lugar. E Freyre é o que coroa, confere a unidade, incorpora o lugar ao mundo delimitado em *Casa grande & senzala*.

Nos anos 1920, o próprio Freyre adota esse “procedimento” para reintegrar o poeta Manuel Bandeira a suas raízes pernambucanas. Raimundo Arrais, em *A capital da saudade*, livro que discute a construção da cidade do Recife a partir da escrita de alguns de seus maiores intelectuais, examina o papel desempenhado pela viagem de reconhecimento para a qual Bandeira é convocado por Freyre na composição da poesia regional do poeta. Segundo o historiador, em 1929, o poeta volta ao Recife, onde é recebido por Gilberto Freyre, que o leva para passear pela cidade e pelos arredores, buscando a paisagem dos engenhos. Sobre o retorno de Bandeira, Freyre escreverá que

a vinda do poeta representou o início de uma espécie de aprendizagem regionalista, recordando a importância que desempenharam nessa conversão às raízes pernambucanas, as aventuras e passeios de bicicleta pela Zona da Mata, nas cidades vizinhas, a visita às igrejas, o interesse pelas árvores, os banhos de rio¹⁴⁷.

No caso de Nilo Pereira, levar Gilberto Freyre ao Ceará-Mirim significava retirar o lugar de uma posição marginal, mesmo dentro desse mundo já marginal, decadente, que era o Nordeste do açúcar. É como se a partir do encontro com Freyre, todo o esforço empreendido para dar visibilidade à tradição do lugar fosse legitimado e Ceará-Mirim começasse a conquistar seu espaço nessa realidade social, a partir da literatura memorialística e das relações que o cearamirinese mantinha com os regionalistas.

Com Gilberto Freyre, voltar à casa da infância, observar a paisagem bucólica do vale, onde já fumegaram dezenas de engenhos, andar por entre as ruínas dessa sociedade ganhava significado ainda maior. Nilo colocava diante do Vale, para ele berço da tradição, o homem que instituiu a tradição do Nordeste açucareiro, como se

¹⁴⁶ PEREIRA, Nilo. Palmeiras imperiais. *Jornal do Commercio*. Recife, fev. 1955.

¹⁴⁷ ARRAIS, Raimundo. *A capital da saudade: destruição e reconstrução do Recife em Freyre, Bandeira, Cardozo e Austragésilo*. Recife: Bagaço, 2005, p. 66.

mostrasse ao criador uma de suas criaturas. Sabemos que, em viagem posterior, Freyre realmente esteve no vale do Ceará-Mirim. Temos um único registro desse encontro: uma fotografia na qual aparecem Gilberto Freyre e o historiador pernambucano Flávio Guerra, no terraço de umas das casas grandes do Ceará-Mirim, que julgamos ser a do engenho Umburanas, localizado na parte baixa do Vale, pertencente outrora ao padre Antunes:



Da direita para a esquerda: Gilberto Freyre e Flávio Guerra (os outros dois personagens não foram identificados). Foto Acervo da família de Nilo Pereira.

Essa imagem não pode ser de 1954. Por isso consideramos a possibilidade de Freyre ter realizado uma segunda viagem ao Rio Grande do Norte e possivelmente ao Ceará-Mirim. Esse novo encontro com a cidade, provavelmente, ocorreu no ano de 1979, quando Nilo e Freyre estiveram juntos no estado para serem homenageados pela Universidade Federal. Em matéria intitulada “Gilberto Freyre, o patrono”, a passagem dos dois por Natal é referendada:

Gilberto Freyre está em Natal, hoje. Ele é o patrono de todas as turmas que se formam este ano pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte [...] Quem também está em Natal, hoje, é o professor e acadêmico Nilo Pereira. Vai receber o título de doutor ‘Honoris Causa’ da Universidade Federal do Rio Grande do Norte¹⁴⁸.

¹⁴⁸ GILBERTO Freyre, o patrono. Natal, dez. 1979. (jornal desconhecido)

No ano de 1954, há ainda a possibilidade de um terceiro encontro de Nilo com o Vale. No mês de setembro, o então deputado do Estado de Pernambuco veio ao Rio Grande do Norte, acompanhando a comissão que trazia o corpo da escritora Nísia Floresta, morta em 1885, na França. O governo norte-rio-grandense desejava que os restos mortais de Nísia Floresta viessem para Papary, cidade do interior do Rio Grande do Norte, onde ela nasceu, rebatizada em 1948 para homenagear a filha ilustre. Em 1910, quando a autora norte-rio-grandense, se estivesse viva, completaria cem anos, o governo do estado começou a manifestar esse desejo. Isso ocorreu em 11 de setembro de 1954, quando a corveta que trazia de Pernambuco o corpo da escritora atracou no porto de Natal. Academia Pernambucana de Letras havia recebido o corpo da norte-rio-grandense de volta ao Brasil e nomeou Nilo Pereira para acompanhá-lo até o seu destino final, onde tomaria parte, como representante da Casa Carneiro Vilela, das homenagens que se organizavam em Natal, em memória da escritora.

O episódio é relatado no livro *A dimensão humana*, publicado em 1975, uma espécie de livro de memórias do professor Nilo Pereira, pois se constitui na reunião de ensaios e conferências produzidos a partir das aulas que foram ministradas por ele nas turmas de História da Faculdade de Filosofia do Recife, e das reflexões sobre a ciência histórica suscitadas nesses encontros entre alunos e professor. Relata-se ainda no livro acontecimento um tanto pitoresco, provocado pela curiosidade do intelectual, podendo ser mesmo qualificado como uma traquinagem de menino. Ele narra então que

Numa noite – da meia noite ‘que apavora’, [...] – resolvemos Paulo Pinheiro de Viveiros e eu abrir o caixão. A sala estava fechada. Com a ajuda de Nestor Lima, funcionário do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano, levantamos a tampa, fechada a cadeado, do primeiro caixão; havia outro, de chumbo, que também abrimos. Lá estava ela, a escritora, que, decerto, foi embalsamada, um tanto reclinada, os cabelos longos, a cor macerada. Um cheiro de mofo – o cheiro das múmias – se voltava daquele segredo quase centenário. Estava ali a mulher que tanto brilho havia dado ao seu século¹⁴⁹.

O fato de, depois de quase 70 anos da morte da escritora, ter desembarcado em Recife um ataúde, deixou a todos muito intrigados e Nilo, junto com os seus companheiros, movido pela curiosidade, acaba por desvendar o mistério, encontrando no ataúde o corpo embalsamado de Nísia Floresta, de onde exalava um cheiro acre de mofo. Para ele, o cheiro de um século de história, um século adormecido. A metáfora da

morte volta a figurar nas páginas do cearamirinense. Nessa passagem, vamos encontrar novamente no poeta recifense Manuel Bandeira uma das inspirações do cearamirinense para refletir sobre a morte. A imagem lírica do sono eterno e profundo que o poeta usa para a morte lhe é muito cara. Mais uma vez a encontramos em seus escritos. Para ele, dentro daquele caixão, primeiro exposto no salão da Academia Pernambucana de Letras e depois levado a Natal, “a glória, que ali estava deitada, ‘dormindo profundamente’, como no poema de Bandeira, é u’ a mulher adormecida”¹⁵⁰.

O sono, para os historiadores, é realmente a imagem mais apropriada para a morte. Os homens e os acontecimentos passados permanecem mortos até que alguém se debruce sobre eles e faça reviver sua história, os lugares e as razões de suas vidas. É justo que se diga então que até esse momento permaneciam mergulhados em sono profundo à espera de quem lhes soprasse de novo a vida. A poesia de Bandeira mostra sutilmente essas relações possíveis dentro da história: a morte física, dentro da história, é mais um estado de inércia do que propriamente o fim. Quando o historiador se debruça sobre o que já não respira, sopra-lhe novamente a vida, faz reviver, priva-o da morte real, que é o esquecimento.

No livro de 1975, encontramos o velho Nilo evocando o passado, dessa vez o passado do professor de história, narrando suas memórias de professor. O memorialismo esteve sempre presente na vida e na obra do cearamirinense, que parece sempre ter sido motivado pela ausência, pelo sentimento de saudade. Sua busca foi sempre alimentada pelos reencontros com o Rio Grande do Norte e com o vale do Ceará-Mirim. Viajar para o vale foi sempre uma forma de reforçar a memória.

O percurso nas letras: Viagem de 1955

Em 1955, podemos reencontrar “o menino que volta”, deslumbrado em seus passeios auscultadores pelas ruas e vale do Ceará-Mirim, percorrendo caminhos que o faziam sempre sentir o coração da terra, onde, para ele, em cada canto podia-se suspirar de saudade. Naquele ano, o intelectual voltou à terra para ser sagrado membro da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, um reconhecimento para o menino que um

¹⁴⁹ PEREIRA, Nilo. *A dimensão humana*. Recife: Editora da Universidade Federal de Pernambuco, 1975, p. 33.

¹⁵⁰ Idem, p. 37.

dia desejou ser bacharel e rumou para outras terras. O homem, que volta consagrado, busca então suas origens e se dirige à Escola da poetiza Adele de Oliveira, onde aprendeu as primeiras letras e ouviu a profecia da professora sobre Nilo e seu amigo Edgar Barbosa, assegurando que “seriam barachéis”.

Sendo assim, “No dia seguinte ao de minha posse na cadeira que me foi destinada na Academia Norte-rio-grandense de Letras”, descreve Nilo Pereira, “fui completar o ciclo telúrico de minhas emoções mais vivas, visitando o Ceará-Mirim”¹⁵¹. Mas o ciclo ainda não estava fechado, pois “seria imperdoável, dessa vez, não remontar às origens; e remontar às origens, era, no caso, beijar as mãos daquela que pôs diante dos olhos do menino tímido a carta do ABC”¹⁵². Ele reviu a sua primeira professora, na companhia de Gilberto Osório de Andrade, figura constante nas viagens ao Vale, e também de Edgar Barbosa.

Em 1966, Edgar Barbosa publicou o livro *Imagens do tempo*, que traz um capítulo intitulado “Velho engenho”, um texto que é uma evocação do engenho morto do vale do Ceará-Mirim: “dentro do nevoeiro do vale mal se entrevêm os despojos do velho engenho morto. A casa está em ruínas e uma velha erva hostil cresceu, silenciosa, por toda a bagaceira, invadiu os alpendres e assenhoreou-se do chão onde nunca mais pisou o pé humano”¹⁵³. Edgar escreve sobre o abandono, o silêncio, a morte sobre o vale, antes recoberto de engenhos barulhentos e fumegantes. Ele ainda se pergunta: “Que fim levou os moradores? Onde os meninos trêfegos, os mestres, os cambiteiros, os animais e as aves que alertavam as madrugadas? Tudo parece morto, não há sinal de vida dentro do grande vale onde outrora ecoavam os rumores do trabalho e as alegrias das safras exuberantes”¹⁵⁴. Encontramos no texto de Edgar Barbosa o chamado para que Nilo Pereira se voltasse para o Ceará-Mirim. *Imagens do Ceará-Mirim* parece ter saído desse capítulo de *Imagens do tempo*. O velho engenho de Nilo, o Guaporé, é um dos fragmentos do engenho evocado por Edgar.

O texto de Edgar Barbosa é também uma confissão de culpa por ter sido um daqueles que abandonaram a terra, que permitiram que os engenhos fossem desativados. Para ele, os responsáveis pela decadência no Ceará-Mirim são os desertores que

¹⁵¹ PEREIRA, Nilo. *Imagens do Ceará-Mirim*, p. 23.

¹⁵² Idem.

¹⁵³ BARBOSA, Edgar. *Imagens do tempo*. Natal: Imprensa Universitária - UFRN, 1966, p. 79.

¹⁵⁴ Idem.

rumaram para longe. Ele não isenta a si e ao amigo, a quem se aliou na batalha pelo renascimento do Vale. O abandono das raízes, para o escritor, não tinha perdão:

Eis um crime para o qual não há pena. Esse êxodo de ingratos e de emasculados, que arrancaram suas próprias raízes para ir vegetar, adiante, como parasitas, merecia um castigo. Eles, os senhores, os meninos que se tornaram velhos, perderam-se nas ruas, passeiam displicentemente pelo asfalto das cidades, entretêm-se com as músicas e os cinemas, dançam e cantam nos clubes. A sua vida parece a dos presidiários que se consolam com o simples passar dos dias e das noites. A diferença é que êsses fugitivos sem alma nunca têm remorsos. O velho engenho lá ficou, desmanchando-se pedra por pedra. Os maquinismos foram vendidos ou enferrujam, na sepultura das moitas, enquanto a erva cresce, silenciosa, afogando os alpendres, cobrindo, como um sudário implacável, a bagaceira morta ¹⁵⁵.

A morte, a erva daninha, ia tomando conta das casas, dos engenhos, do canal, da cidade abandonada. A erva daninha, a morte, era também a modernidade, a maquinização que ia se alastrando malfadadamente, apagando as chamas dos engenhos. A publicação de *Imagens do Ceará-Mirim* três anos depois de *Imagens do tempo* não se explica no plano da coincidência. Nilo Pereira atende o chamado do amigo na ânsia de redimir também a sua culpa de desertor. O castigo para eles é carregar a eterna ferida do exilado e viver nessa busca incessante por reconstruir algo que se perdeu, ou que se deixou perecer, como sugere Edgar.

Imagens do Ceará-Mirim seria o lugar por excelência da busca pela cura de tal ferida, o lugar onde se materializa o retorno às raízes abandonadas. O reencontro com a primeira professora é uma das maneiras de redimir-se da culpa. A nomeação para a Academia Norte-Rio-Grandense de Letras e a visita à professora da infância são narradas em capítulo intitulado “A primeira professora”. Em 1959, em *Evocação do Ceará-Mirim*, encontramos referência a um artigo publicado no ano de 1955, no dia 06 de setembro, no jornal *Folha da Manhã*, do Recife, quando de sua visita à Adele de Oliveira, narrada por ele como um gesto de reconhecimento, “significando-lhe que essa ascensão teve o seu início na sua aula” ¹⁵⁶.

Deparamo-nos outra vez com o diálogo estabelecido pelo autor entre as suas obras. Deparamo-nos outra vez com os pedaços de memória do autor espalhados pelos seus escritos, por décadas de vida e de exercício intelectual. Os temas se repetem e são sempre ligados ao Ceará-Mirim. Encontramos no homem a obsessão do historiador:

¹⁵⁵ Idem, p. 80.

voltar ao passado, trazê-lo de volta da poeira do esquecimento. O historiador está preso ao menino que cresceu no Vale. Na verdade, o historiador foi buscar no menino do Vale, nas histórias de tradição que ouviu em família, sua razão de ser.

De 1955 também é o artigo intitulado “Palmeiras imperiais”, publicado no *Jornal do Commercio*, também do Recife, em 27 de fevereiro daquele ano. Em *Evocação do Ceará-Mirim* a perda das palmeiras que guardavam o sobrado de estilo toscano de José Inácio Fernandes Barros (tio de Nilo Pereira), onde primeiro funcionou o Colégio Santa Águeda e hoje funciona a Secretaria Municipal de Educação, é narrada da seguinte forma:

Lembro o antigo colégio do poeta e jornalista Abner de Brito, funcionando por alguns meses na casa de meu tio José Inácio Fernandes Barros, onde está hoje o Colégio Santa Águeda, na qual Luiz Carlos Lins Wanderley [...] gabou o ‘estilo toscano’ e as palmeiras imperiais, cuja beleza senhorial enalteci, protestando ao mesmo tempo contra o seu corte impiedoso¹⁵⁷.

No livro de 1969, está lá um capítulo reservado às *Palmeiras imperiais*, que inicia com o autor relatando a história do texto: “No Suplemento Literário do ‘Jornal do Commercio’, do Recife, de 27 de fevereiro de 1955, escrevi que, se tivesse de fazer um livro de Memórias, dedicaria um capítulo às palmeiras imperiais do Ceará-Mirim”¹⁵⁸. O próprio Nilo Pereira, em 1955, já assinalava o caráter peculiar do seu livro de memórias. O Nilo de 1955 já antevia aquele que em 1969 publicaria *Imagens do Ceará-Mirim*. Podemos dizer que o livro de memórias do autor, assim como as próprias memórias que vão dentro dele, foi produzido ao longo da vida, seguindo a dinâmica do processo de construção da memória, ou seja, do processo de transformar a vida que passou em memória, o que foi uma constante na vida intelectual do cearamirinense.

A leitura de *Evocação do Ceará-Mirim* nos apresenta de antemão o que viria a ser o livro de memórias publicado em 1969, oferece-nos a percepção de que toda a obra de Nilo Pereira carrega fortes traços autobiográficos, sejam eles explicitados ou não. Praticamente todos os textos que escreveu sobre o vale do Ceará-Mirim, ao longo das décadas que antecederam a publicação do seu principal livro de memórias, carregam partes dele. São pedaços da memória do autor, pedaços da vida que ele elegeu como

¹⁵⁶ PEREIRA, Nilo. *Evocação do Ceará-Mirim*, p. 27.

¹⁵⁷ Idem, p. 29.

¹⁵⁸ PEREIRA, Nilo. *Imagens do Ceará-Mirim*, p. 49.

suas memórias, dadas a ler desde a juventude. O exercício do homem e do intelectual foi sempre relembrar o passado.

Nilo Pereira não escreve de uma tomada só o livro que publica em 1969. O processo de elaboração de *Imagens do Ceará-Mirim* ocupou décadas de sua vida. Enquanto escrevia seus artigos sobre o Ceará-Mirim, ia contando também a vida que passou lá. Em 1969, é chegado o momento de parar e refletir sobre a vida que passou. No entanto, o que diferencia enormemente a produção desse livro de memórias é que ele, na verdade, já estava pronto. As memórias já tinham sido escritas, como a vida lá relatada já tinha sido vivida. É essa a dinâmica do livro. Percebe-se então que falar do Ceará-Mirim para Nilo Pereira é falar de si mesmo, ele está escrito nas páginas de seus livros, nas descrições do Vale e dos personagens que lá habitavam e que povoaram sempre a sua escrita. Ele buscava a própria história, a própria identidade, o que ele vai construindo ao longo da literatura que produz, no decorrer de cada reencontro com o Vale. De acordo com Alba Olmi,

com muita frequência, ao longo da vida, surge o momento em que o ser humano sente a necessidade de narrar-se. Essa sensação pode chegar de repente, quase como uma urgência ou uma emergência, um dever ou um direito, uma necessidade que pode permanecer tal pelo resto da existência como uma presença inacabada e inexistente que assume o nome de ‘pensamento autobiográfico’¹⁵⁹.

Em Nilo Pereira, o desejo de narrar-se, de falar de si, da vida que viveu, parece tê-lo acompanhado desde muito cedo. Os reencontros com o Vale parecem ter despertado o desejo de narrar-se, de reviver através das lembranças. Essa presença inacabada que leva o homem a refletir sobre si mesmo segue junto com ele, move a sua escrita. Não devemos esquecer, como adverte Alba Olmi, que “O momento em que sentimos o desejo de narrar a nosso respeito é sinal inequívoco de uma nova etapa na nossa maturidade. Não importa a idade em que esse momento surge”¹⁶⁰. O que marca a chegada desse momento é um evento que estabelece uma transição e não, essencialmente, a idade. A viagem, o retorno ao Vale, faz Nilo Pereira voltar-se para dentro de si, buscando no mundo interior a compreensão do homem e da realidade estabelecida. Esse processo de busca de si mesmo materializa-se por meio da escrita, que permite a capacidade de “organizar mentalmente nosso passado e de refletir sobre o

¹⁵⁹ OLMÍ, Alba. *Memória e memórias: dimensões e perspectivas da literatura memorialista*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006, p. 23.

¹⁶⁰ Idem, p. 34.

presente, utilizando alguns critérios de comparação que permitem o reencontro com o nosso ser”¹⁶¹.

A própria história da produção por trás dos livros de memórias demonstra esse processo de apreensão do mundo e de construção da escrita, que ganha forma a partir das viagens que Nilo fez ao Ceará-Mirim, e que, na maioria das vezes, resultaram em artigos sobre as impressões que aqueles reencontros lhe causaram e que depois foram eleitas suas memórias, nas quais “o autor precisava atribuir-se um significado, ou melhor, muitos significados, e apresentar-se, mostrar-se/ocultar-se. Mostrar-se e ocultar-se, morrer no tempo e nele reviver”¹⁶².

O reencontro com as origens

Para Nilo Pereira, “A terra se desenha à distância como uma paisagem encantada. O Ceará-Mirim [...] tem esse feitiço: de longe é o exílio, de perto, é a reconquista. Daí o desejo de voltar, que é uma luta contra o desterro, o reencontro no tempo e no espaço sentimentais, na dimensão maior que é o amor”¹⁶³. A literatura memorialística produzida por ele, sintetizada em *Imagens do Cearim-Mirim*, é uma volta a esse mundo encantado, ao mundo interior que guarda os anos da infância, da formação do indivíduo. O autor parece narrar, através das impressões que esboça sobre a cidade, o resumo de todos os reencontros que teve com o vale do Ceará-Mirim, desde que de lá saiu para morar na capital, em 1922, e posteriormente em Recife, de onde escreve o livro. O processo de construção do livro reforça a tese de que o Ceará-Mirim que aparece em suas páginas é uma imagem que se formou, cada traço, em cada um dos reencontros com o Vale ao longo das décadas que antecedem sua publicação. O livro de 1969 pode ser mesmo considerado o grande reencontro do cearamirinense com o lugar de origem, já que reúne cada um desses momentos da vida do escritor, configurando-se no ponto de chegada da busca por aquilo que passou, da busca pelo menino deixado pelas ruas do Ceará-Mirim.

As viagens ao Ceará-Mirim – o reencontro com a terra da infância – são descritas como uma volta interior, como uma fuga à pressa do tempo, que deixa sem

¹⁶¹ Idem.

¹⁶² Idem, p. 23.

¹⁶³ PEREIRA, Nilo. *Imagens do Ceará-Mirim*, p. 118.

razão e sem lugar circunstâncias e cenários importantes da vida do indivíduo. Essa grande volta ao passado é acompanhada de perto pelas impressões que a paisagem natural deixou no “viandante do passado”. São as imagens do Vale, dos rios e do canavial que animam, com maior vigor, as lembranças do memorialista que caracteriza as suas viagens de volta ao vale “como um deslumbramento interior”¹⁶⁴. E nos convida a seguir viagem junto com ele, pois não custará descer pelos cenários da infância, “ouvir a voz do canavial tangido por um sôpro de poesia; [...] contemplar um doce crepúsculo; ouvir no silêncio da noite uma flauta encantada”¹⁶⁵. Voltar ao Ceará-Mirim, terra que guarda ainda o mistério da tradição, o romantismo dos tempos passados, é sempre uma volta no tempo, um momento de encantamento, uma busca por aquilo que se perdeu: “reviver, que não é apenas recordar, mas viver de novo. Como se de novo fôssemos meninos. E tudo voltasse por um feitiço de algum deus oculto e adormecido, que de repente acorda para fazer do homem adulto quase uma criança em busca do seu destino”¹⁶⁶.

Imagens do Ceará-Mirim é itinerário sentimental, livro do coração, levando Nilo Pereira pelos caminhos da infância, é o caminho de volta do exilado. Ele afirma que voltar é ter uma visão, um alumbramento, algo que nos leva de volta para o mundo interior, o mundo das origens, onde estamos protegidos: “Um devaneio, uma volta sensorial ao passado só possível de descrever através da liberdade e profundidade da literatura, da poesia”¹⁶⁷. Voltar é reencontrar-se: “Toda vez que volto ao Ceará-Mirim, sinto a alma de novo restituída à terra. Cada pedaço de chão é sagrado. [...] paisagem que o menino procura de volta”¹⁶⁸.

O exílio, segundo Maria José de Queiroz, produz uma literatura específica, marcada por aquilo que ela vai chamar de males da ausência, “Vinculados à idéia de perda e desarraigamento”¹⁶⁹, traduzindo-se quase sempre no sentimento de saudade. A sensação de exílio, na verdade, “baseia-se na existência do amor pela terra natal e nos laços que nos ligam a ela”, portanto, “o que é verdade para todo exílio não é a perda da pátria e do amor à pátria, mas que a perda é inerente à própria existência de ambos”¹⁷⁰.

¹⁶⁴ PEREIRA, Nilo. *Imagens do Ceará-Mirim*, p. 12.

¹⁶⁵ Idem, p. 12-13.

¹⁶⁶ Idem, p. 13.

¹⁶⁷ Idem, p. 17.

¹⁶⁸ Idem, p. 19.

¹⁶⁹ QUEIROZ, Maria José de. *Os males da ausência ou a literatura de exílio*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1998, p. 20.

¹⁷⁰ SAID, Eduard. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*, p.39.

O ato de deixar o lugar onde estão enterradas suas raízes desperta no indivíduo o reconhecimento de suas ligações com o torrão natal.

Nilo Pereira traduz o seu percurso pelas memórias da infância e da cidade do Ceará-Mirim como “um voltar sem nunca ter ido”¹⁷¹. Assim, ele vai construindo sobre a cidade uma visão do exilado: “Ninguém se desprende jamais do seu chão sagrado, dum canto de paisagem, que a distância transforma num poema secreto”¹⁷², quem deixou o Ceará-Mirim sentir-se-á sempre como se tivesse “perdido o paraíso”. Para curar-se, o remédio, o antídoto, é voltar à terra, “ao paraíso que está sempre de portas abertas, pois trata-se de um exílio voluntário” e não de uma expulsão: “podemos perder o paraíso sem cometer o pecado original”¹⁷³. A coluna *Notas Avulsas*, do *Jornal do Commercio*, do dia 06 de março de 1986, traz como tema o exílio voluntário de Nilo Pereira. Ele se autodenominava um exilado mesmo não tendo sofrido nenhuma sanção em relação à sua permanência no paraíso que se perdeu junto com os anos de inocência da infância: “Sou um alto-exilado. Exilei-me por mim mesmo. Não preciso de anistia. Sou anistiado ‘ex-offício’. Tanto assim que entro e saio quando quero e entendo”¹⁷⁴.

Com isso, tenta mostrar que, na verdade, nunca esteve distante do Ceará-Mirim, pois jamais cortou os laços emocionais que ligavam o indivíduo ao lugar de origem, por isso ele traduz o retorno às terras da infância como “um voltar sem nunca ter ido”¹⁷⁵. Ao mesmo tempo, identificamos na escrita do cearamirinense a saudade, a ausência, sentimentos predominantes na literatura de exílio. Sentimos pulsar em sua escrita uma tristeza que “jamais pode ser superada”, como se descrevesse a “perda de algo deixado para trás para sempre”¹⁷⁶, a infância, o convívio familiar nas terras margeadas pelo vale. Na tentativa de convencer o leitor da sua condição de exilado, ele insiste: “tu bem sabes: nasci no vale do Ceará-Mirim. [...] Fiz os meus preparatórios em Natal e vim para o Recife [...] Aqui fiquei”¹⁷⁷.

Para Nilo, o Ceará-Mirim é o “chão sagrado, dum canto de paisagem, que a distância transforma num poema secreto”¹⁷⁸. Ao confessar que a distância do objeto de

¹⁷¹ PEREIRA, Nilo. *Imagens do Ceará-Mirim*, p. 20.

¹⁷² Idem, p. 119.

¹⁷³ Idem.

¹⁷⁴ PEREIRA, Nilo. Exilado. *Avulsas. Jornal do Commercio*, mar 1985.

¹⁷⁵ PEREIRA, Nilo. *Imagens do Ceará-Mirim*, p. 20.

¹⁷⁶ SAID, Eduard. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*, p.46.

¹⁷⁷ PEREIRA, Nilo. Exilado. *Avulsas. Jornal do Commercio*, mar 1985.

¹⁷⁸ PEREIRA, Nilo. *Imagens do Ceará-Mirim*, p. 119.

desejo torna-o ainda mais desejado e singular, o autor demonstra ter consciência de que as lembranças da sua infância no Ceará-Mirim, relatadas no livro, são sensivelmente afetadas pelo fato de ter deixado o Vale ainda adolescente. Ele adverte: somente “O sentimento poético é que, verdadeiramente, pode traduzir o exílio de que venho falando. Um exílio que não deve ser tomado como figura literária, mas como um estado d’alma, uma sensação, uma atmosfera interior”¹⁷⁹.

Voltar era buscar a si mesmo, pois: “Um homem é sempre a vida que passou”¹⁸⁰. O mundo que o exilado tanto buscava foi o que ele havia construído dentro de si, durante a sua vida. O verde mais intenso e exuberante do Vale era aquele formulado pela sensibilidade do pintor dessas imagens, pois “Existe uma profunda abstração pessoal de espírito e conceito que transforma [...] fatos terrenos numa experiência emocional e espiritual transcendente”¹⁸¹. E ainda: “É nossa percepção transformadora que estabelece a diferença entre matéria bruta e paisagem”¹⁸².

Sendo assim, o Vale procurado por Nilo Pereira foi se construindo dentro dele, no seu modo de perceber o mundo, sendo impossível encontrá-lo em outro lugar que não fosse dentro de si mesmo. Em *Imagens do Ceará-Mirim*, ele conclui o seu périplo, sua viagem de volta ao mundo, voltando sempre às origens, mesmo tendo passado por tantos mundos diferentes, pois “Viajar sem voltar seria um drama”. Para ele, “A maior dimensão humana é a saudade”¹⁸³, e “a primeira cidade do mundo é o Ceará-Mirim”. Dizemos então que *Imagens do Ceará-Mirim* é livro composto por impressões dessa viagem interior que ele julga fazer quando volta à sua cidade, compondo então um grande painel das imagens que foram sendo construídas a cada retorno do memorialista à sua terra natal. O livro nada mais é do que os vestígios dessas viagens. Na verdade, a grande viagem que o autor realizou em busca das verdades que talvez já não estivessem nas terras do Vale, mas dentro dele. Voltar era uma maneira de reencontrar as origens, as primeiras impressões, que se perderam com o primeiro distanciamento da terra.

Desde que saiu do Ceará-Mirim, em princípios dos anos 1920, Nilo Pereira assumiu o papel de poeta e pintor do Vale, tendo repetido durante décadas a “travessia”

¹⁷⁹ Idem, p. 120.

¹⁸⁰ Idem.

¹⁸¹ SCHAMA, Simon. *Paisagem e memória*, p. 18.

¹⁸² Idem, p. 17.

¹⁸³ PEREIRA, Nilo. *Imagens do Ceará-Mirim*, p. 98.

entre o Capibaribe e o Água Azul. Essa viagem pela escrita vai muito além de *Imagens do Ceará-Mirim* e permite que o homem que escreveu essas memórias apareça em meio a tantas páginas de viagem.



Do alto das torres da Igreja o vale aparece numa visão de encantamento. A
que cai não impede aos olhos do menino e mesmo ver ao longe os
os engenhos, que ali estão como um teste dos privilégios da
terra. Tudo aquilo é uma beleza poética. Seu Mão
universo é possível que os vestígios do
paraíso se espalhe como é um
as sobre o vale essa f
para seu colorido como ad
caia. O cinzento da mado de
líticas. O significado do carnaval que, apesar da chuva
onda como se fosse tangido por um gênio da Poesia

O homem na escrita

Cap. 2 - O homem na escrita

Natal, primeiro porto da viagem: o despertar para as letras

Ao sair do Ceará-Mirim, em 1922, aos treze anos de idade, Nilo de Oliveira Pereira inicia também sua viagem de formação. A primeira parada do itinerário dessa viagem foi a capital do estado. A Natal das primeiras décadas do século XX apresentava características ainda de cidade pequena. Em 1900 tinha uma população de aproximadamente 16.000 habitantes. Na década de 1920, sobe para pouco mais de 30.000, um número ainda muito pequeno se compararmos a outras capitais¹. Não tinha o ritmo acelerado de grandes centros como Rio de Janeiro, São Paulo e Recife. Esse foi o momento em que a cidade buscava assumir de vez o posto de capital, implementando uma política de melhoramentos nas vias de acesso e no porto para se tornar o eixo econômico e comercial do estado, desbancando a cidade de Macaíba, que escoava o açúcar produzido na região². Aliada à preocupação de fortalecer a posição da capital, esse período também foi marcado por um forte desejo de progresso e modernização³.

Os memorialistas se referem a essa Natal antiga como um lugar, “onde se conversava descuidadamente em cadeiras na calçada”⁴. A essa mesma cidade chegavam a luz elétrica, o bonde, o primeiro plano urbanístico⁵ que conferiria às ruas um traçado geométrico, tornando-as largas avenidas arborizadas e contempladas com jardins públicos; chegava também o implemento do teatro e dos cafés. Mais tarde, Nilo Pereira recordaria esse tempo da cidade referindo-se, particularmente, à chegada dos primeiros aviões como uma novidade que chegava com a década de 1920, o que não deixava de ser “uma violência à cidade romântica”⁶. Essa Natal recebeu o adolescente do Ceará-Mirim que vinha com o propósito de fazer os preparatórios, após o primeiro período de instrução na escola de Adele de Oliveira.

¹ ARRAIS, Raimundo et al. *O corpo e alma da cidade: Natal entre 1900 e 1930*. Natal: EDUFRN, 2008, p. 25.

² Para compreender o processo que pretendia dar a Natal o status de capital do estado ver: ARRAIS, Raimundo. A cidade e a técnica. In: FERREIRA, Angela Lúcia et al. *Surge et ambula: a construção de uma cidade moderna, Natal, 1890-1930*. Natal: EDUFRN, 2005.

³ O processo de modernização da cidade de Natal nas primeiras décadas do século XX é estudado por ARRAIS, Raimundo et al. *O corpo e alma da cidade: Natal entre 1900 e 1930*.

⁴ PEREIRA, Nilo. Página de saudade. *Jornal do Comércio*. Recife, ago. 1983.

⁵ Ver: ARRAIS, Raimundo et al. *O corpo e alma da cidade: Natal entre 1900 e 1930*.

⁶ PEREIRA, Nilo. CONHECI Saint-Exupéry em Natal. *Jornal do Comércio*. Recife, abr. 1985.

Nilo deixou a casa dos pais e seguiu sozinho para Natal, onde se estabeleceu em casa de sua irmã mais velha, Dalila, e do cunhado Francisco Sobral. Coursou os preparatórios e depois foi admitido na Escola Técnica de Comércio, dirigida, à época, pelos intelectuais católicos Alberto Roselli e Ulisses de Góis, que foram seus professores nesse estabelecimento de ensino, e foram, também, responsáveis por sua iniciação na carreira jornalística, pois faziam parte do corpo de editores do jornal católico *Diário de Natal*, no qual logo tomaria lugar.

Já em 1923, aos 14 anos de idade, ingressou na Congregação Mariana de São Luiz de Gonzaga, presidida por Ulisses de Góis. Em 1926, aos 17 anos, passou a colaborador do *Diário de Natal*, jornal de propriedade do Centro de Imprensa Católica, dirigido por Antônio Soares e presidido pelo bispo D. José Pereira Alves, por quem o jovem nutria um grande respeito, inclusive, pelo dom da oratória do prelado, como podemos evidenciar em depoimento da década de 1980 sobre as origens dessa admiração: “Conheci Dom José em Natal. Dele recebi as insignias de congregado mariano na catedral. Era o bispo da palavra e também da ação. Orador aplaudido nas igrejas. Vi-o falar muitas vezes. Na tribuna sagrada ou profana não lhe faltavam aplausos”⁷.

Vemos no enunciado do já velho escritor e cronista conceituado da cidade do Recife, um pouco de sua avaliação sobre o papel da Igreja, especificamente, da igreja católica na ordem social, quando ele atribui sua devoção por D. Pereira Alves ao fato do homem da igreja (que ocupou, inclusive, uma cadeira na Academia Pernambucana de Letras) saber conjugar “palavra e ação”. Esse é um dos sentimentos que traduz a trajetória de Nilo em sua relação com a igreja. Para esses homens cristãos, ouvir a palavra de Deus nas missas de domingo não era suficiente. Os periódicos católicos disseminados no início do século XX eram modelos desse modo de pensar. Levar a palavra de ordem cristã aos fiéis era a missão deles, e o jornal e a revista eram o lugar nos quais se travavam os combates contra as iniquidades profanas que tentavam abalar as estruturas da sociedade daquela época.

É muito provável que o adolescente que demonstrava certa inclinação para as letras e para a militância católica tenha sido levado à redação do jornal pelas mãos de Ulysses de Góis. Havia uma relação de admiração mútua entre o presidente da *Congregação Mariana dos Moços* e o seu discípulo intelectual e também espiritual. A doutrinação católica mariana de Ulysses, a influência do bispo D. Pereira Alves, a convivência com o laicato católico nos

⁷ PEREIRA, Nilo. Notas Avulsas. *Jornal do Commercio*. Recife, jan. 1985.

primeiros anos da juventude e do jornalismo, ofereceram a Nilo Pereira o direcionamento e o apoio necessários na primeira fase de sua formação. Inclusive apoio financeiro, pois Ulysses de Góis fundou também a Caixa Rural e Operária de Natal, um fundo monetário que oferecia auxílio financeiro a jovens estudantes, operários e aos flagelados da seca. No livro *Os outros*, publicado, postumamente, em 1996, Nilo declara-se um devedor daquele homem: “Quantos jovens [...] ele amparou e beneficiou, permitindo que estudassem e se integrassem no meio social pela realização dos seus estudos e dos seus ideais”⁸. Logo em seguida, ele afirma:

Eu fui um desses jovens. A ele devo não somente a influência pessoal que teve na minha formação religiosa, mas também a ajuda financeira que a Caixa [Rural] me propiciou quando, no Rio de Janeiro, cursando o primeiro ano da Faculdade de Direito, me vi em dificuldades para enfrentar essa nova situação⁹.

A gratidão para com o antigo professor e doutrinador é perfeitamente traduzida no artigo escrito no ano de 1985, no qual ele aparece como um guia, um apoio espiritual e emocional para o jovem Nilo e exemplo para a juventude católica. Vejamos: “Ulysses Celestino de Goes. Um nome altamente representativo de sua geração. Um bem feitor de quantos precisaram dele e nele encontraram o guia, o timoneiro, o mestre, o mariano que nunca desmentiu a sua vocação e o seu apostolado”¹⁰. No programa *Memória Viva*, gravado em 1983, produzido pela TV Universitária do Rio Grande do Norte, no qual fez uma retrospectiva da vida passada em Natal entre os anos de 1922 e 1930, na companhia de Américo de Oliveira Costa, Otto de Brito Guerra e Veríssimo de Melo, Nilo relatou que, aos quinze anos de idade, um ano depois de entrar para a Congregação Mariana, recebeu de Ulysses de Góis um exemplar da *Imitação de Cristo*, livro do século XV atribuído ao padre alemão Tomás de Kempis, uma espécie de tratado da moral cristã que prega a busca por uma vida pautada no exemplo de Cristo. Para ele, nascido e criado sob os preceitos do catolicismo, esse deve ter sido um manual de ensinamentos voltados não somente para a vida espiritual, mas que o incitou a levar os ensinamentos da doutrina para a vida prática. O exemplar que lhe foi ofertado trazia a seguinte inscrição: “A Nilo Pereira, o modelo dos moços”¹¹.

Ulysses de Góis via em Nilo Pereira o modelo do jovem cristão que ele procurava arregimentar na Congregação Mariana em defesa da moral cristã. Em 1928, a pequena

⁸ PEREIRA, Nilo. *Os outros*. Pernambuco, 1996.

⁹ Idem.

¹⁰ PEREIRA, Nilo. Notas Avulsas. *Jornal do Comércio*. Recife, abr. 1985.

¹¹ Trecho extraído do programa *Memória Viva*, produzido pela TV Universitária da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em 1983.

instituição religiosa foi ampliada com a fundação da Congregação Mariana de Moços de Natal, referenciada no *Diário de Natal*. Nilo, que fazia parte da Congregação Vicentina em Ceará-Mirim, logo entrou para a Congregação Mariana, onde foi treinado e burilado na doutrina inspirada em Jackson de Figueiredo, intelectual católico que fundou a revista *A Ordem*, em 1921, e o Centro Dom Vital, em 1922; órgãos que seriam “a primeira expressão laica da reação católica contra os ideais socialistas e liberais que iriam se acentuar no período pós-Primeira Guerra Mundial”¹².

As relações com a intelectualidade católica em Natal foram abrindo portas a Nilo Pereira. Aos dezessete anos, ele já era um dos redatores do *Diário de Natal*, fato relatado por ele na década de 1980, referindo-se ao momento em que conheceu o amigo Paulo de Viveiros, que também exercia o ofício de jornalista nas primeiras décadas do século XX, em Natal:

Foi por ocasião da chegada dos primeiros aviões, em Natal, que conheci Paulo Viveiros. Ele era, então, reporter do ‘Jornal do Commercio’, do Recife, e nessa condição estava fazendo a cobertura do raide de Ribeiro de Barros. Como redator (parece-me que era essa a minha categoria, apesar dos meus dezessete anos de idade) do antigo ‘Diário de Natal’, cumpria-me igual missão¹³.

Foi no *Diário de Natal*, órgão da diocese, que, em 1926, ele iniciou sua carreira jornalística, tendo permanecido como repórter e posteriormente como um dos redatores daquela folha, até 1930. As suas primeiras coberturas jornalísticas foram sobre a chegada dos aviões a Natal, no ano de 1928. A cidade se agitava com a passagem dos aviões que cruzavam os céus e aportavam no leito do Potengi. Nos relatos posteriores de Nilo Pereira sobre o fato, o início de sua carreira jornalística aparece sempre associado a esse evento: “Tenho falado sempre de minha iniciação ao jornalismo em Natal, foi à época dos primeiros aviões. Grande movimentação na cidade. O melhor ponto de observação era a igreja do Rosário. Para os lados da fortaleza dos Reis Magos surgiam os hidro-aviões”¹⁴.

A chegada de um dos primeiros aviadores foi noticiada por ele, evento do qual também fez parte D. José Pereira Alves, que recebeu o português Sarmiento de Beires com discurso eloqüente, o qual seria lembrado, mais tarde, com entusiasmo pelo cronista: “Lembro-me da magnífica oração por ele proferida em Natal, quando da chegada do aviador português Sarmiento de Beires. Grande multidão ali estava para festejar os argonautas do

¹² RODRIGUES, Cândido Moreira. *A ordem: uma revista de intelectuais católicos (1934-1945)*. Belo Horizonte: Autêntica/Fapesp, 2005, p. 15.

¹³ PEREIRA, Nilo. PAULO de Viveiros. *A Republica*. Natal, fev. 1980.

¹⁴ PEREIRA, Nilo. CONHECI Saint-Exupéry em Natal. *Jornal do Commercio*. Recife, abr. 1985.

espaço e ouvir D. José Pereira Alves”¹⁵. O escritor reúne e destaca dois elementos marcantes de sua juventude em Natal e do início de sua carreira jornalística: o grande fascínio que foi a aviação nos anos vinte em Natal e a palavra de D. José, fenômenos de grande impacto na sua vida e também na realidade da pequena capital provinciana, naqueles idos de 1928.

Outros aviadores como Ítalo Balbo, Jean Mermoz e Saint-Exupéry foram entrevistados pelo jovem repórter, sobre o que encontramos depoimento, em sua coluna *Notas Avulsas*, no *Jornal do Commercio*, nos anos de 1974 e 1985. Sobre Ítalo Balbo, o aviador representante do fascismo, temos o seguinte relato: “Duma feita, iniciado no jornalismo, entrevistei Ítalo Balbo e ainda hoje possui o cartão com o seu autógrafo. [...] Natal vivia, então, sob o domínio da grande aventura, que o poeta Jorge Fernandes transformou em poemas modernistas”¹⁶. No mesmo jornal, no ano de 1985, encontramos relato sobre um outro aviador entrevistado em Natal. Do mesmo modo, Nilo inicia sua narrativa: “Duma feita, fui ouvir Jean Mermoz. Homem alegre, expansivo, simpático. Se a memória – que sempre me ajuda – não me trói dessa vez, ele estava em uma casinhola em Parnamirim, que começava a surgir para a História do mundo”¹⁷.

Segundo o depoimento do jornalista, o autor de *Terra dos homens* e de *O pequeno príncipe* também esteve em Natal, na companhia de Jean Mermoz. Ao entrevistar Mermoz, Nilo Pereira acreditou ter tido um encontro inesperado com um aviador que, mais tarde, julgou ser Antoine Saint-Exupéry, piloto da *Compagnie Générale Aéropostale*, depois transformada em Air France. Um homem de caráter tão taciturno que quase lhe passara despercebido: “Junto dele, um outro aviador, meio macambúzio, ensimesmado, quem seria?”. Mermoz lhe teria fornecido o nome desse aviador, Saint-Exupéry, que soou indiferente aos ouvidos do jovem repórter tão fascinado pelas proezas do falante Mermoz. Segundo Nilo, o contato foi marcado pela indiferença: “Nem ele me ligou nem eu a ele. Eu não sabia com quem estava falando. Não era famoso ainda o grande escritor”¹⁸. À sombra da passagem dos anos, o aperto de mão e as poucas palavras de cortesia trocadas com Saint-Exupéry ganharam a seguinte conotação: “Foi uma das glórias da minha vida”¹⁹.

Em relação ao encontro com Saint-Exupéry ou com quem quer que tenha sido aquele piloto que o impressionou, considerando-se a polêmica atual em torno da passagem ou não de

¹⁵ PEREIRA, Nilo. *Notas Avulsas. Jornal do Commercio*. Recife, jan. 1985.

¹⁶ PEREIRA, Nilo. *HISTÓRIA da aviação. Diário de Pernambuco*. Recife, out. 1974.

¹⁷ PEREIRA, Nilo. *CONHECI Saint-Exupéry em Natal. Jornal do Commercio*. Recife, abr. 1985.

¹⁸ Idem.

¹⁹ Idem.

Saint-Exupéry por Natal, Nilo faz ainda uma observação que parece ter o objetivo de anunciar que naquele único encontro ele pôde visualizar no escritor aquilo que não se conhecia ainda, atribuindo, de certa maneira, a obra filosófica e poética que ele compôs, posteriormente, ao espírito absorto que ele apanhara no perfil que construiu do aviador/escritor nos anos 1980, mas que ele julga ter apreendido lá, no referido encontro. Vejamos: “A impressão que ele me deixou foi a de um homem [...] perdido num sonho que eu não sabia ainda que era de pequeno príncipe”²⁰.

Não sabemos se foi realmente essa a impressão que o encontro com Saint-Exupéry lhe inspirou nos anos 1920. É bem mais provável que o tenha avaliado naquele momento como um homem de poucas palavras e gestos pouco corteses e até desinteressantes. A leitura posterior da obra do francês fez com que ele justificasse aquilo que observou com pouca simpatia como um indício do espírito filosófico do poeta. Ou seja, as suas lembranças vêm carregadas de fortes pinceladas do conhecimento do homem culto e já muito maduro, o que nos faz pensar nas estratégias sutis que caracterizam a maneira de lembrar, ou o processo de formulação da memória. As memórias que chegam até nossas mãos passaram por vários níveis de interferência até chegarem à forma escrita ou narrada. Ao discutir os mecanismos de construção da memória, Ecléa Bosi, apoiada na teoria da memória trabalho de Halbwachs, nos diz que “lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado”²¹. Dessa forma, devemos entender a memória não como o passado conservado em sua inteireza e autonomia, como Bergson acreditava, pois “memória não é sonho, é trabalho”. Ou seja:

A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos [...] porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas idéias, nossos juízos de realidade e de valor. O simples fato de lembrar o passado, *no presente*, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista²².

No caso do intelectual, o exercício de ordenar e dar sentido às lembranças é um pouco mais refinado. Quantos habitam o Nilo que escreveu sobre Mermoz e Saint-Exupéry na década de 1980? Toda a narrativa do ocorrido está no passado, é fato, já que estamos tratando de memórias, do relato de recordações de uma época e de acontecimentos vividos. Mas quem

²⁰ PEREIRA, Nilo. Paulo de Viveiros. A República. Natal, fev. 1980.

²¹ BOSI, Ecléa. Memória e sociedade: lembranças de velhos. 9 ed. São Paulo: Ed. Schwarcz, 2001, p. 55.

²² Idem.

recorda é o homem do tempo no qual se escreve. O tempo dessa narrativa, então, é o diálogo entre o passado e o presente desse homem, do qual fazem parte o rapaz de dezesseis que iniciava a vida jornalística em Natal, o leitor que conheceu a obra de Saint-Exupéry, nas décadas de 1940 ou 1950; o septuagenário que escreveu o artigo-memória. Alba Olmi nos lembra que a utilização de memórias como matéria de escritura possibilita ao sujeito que lembra reinventar o sentido de suas lembranças, ou seja, “entre memória e texto escrito há uma enorme ruptura”²³.

Em seus estudos sobre escritos autobiográficos, Olmi nos apresenta a autobiografia de Doris Lessing – *Two of my autobiography*, de 1957 – como exemplo do poder recriador da escrita sobre a memória. Isso porque o processo de escritura é sempre posterior aos fatos narrados. Para Lessing, a construção de um texto autobiográfico tem a seguinte dinâmica: “é como enxergar a vida de modo diferente em diferentes fases; é como escalar uma montanha enquanto a paisagem vai mudando a cada curva da trilha”²⁴. Para ela, no ato de escrever sobre a própria vida, “Dizer a verdade, ou não, e como dosá-la, é problema menor do que a mudança de perspectiva, porque enxergamos a vida de modo diferente em diferentes fases”²⁵.

Sendo assim, há vários fatores que interferem na composição da lembrança de Nilo Pereira, ou na recomposição do fato – o encontro no ano de 1928. Quem fala mais alto nesse diálogo de tempos, homens e lugares? Não é possível medir a força de cada um desses fatores, mas é possível perceber o seu entrelaçamento na narrativa formulada. O homem já velho recorda as venturas do jovem jornalista que foi e junto com o intelectual talhado em muitos conceitos e visões de mundo ordena e dá sentido ao acontecimento lembrado, um processo muito dependente do presente do escritor-memorialista. O encontro com o jovem aviador, futuro escritor, só se refaz na memória do autor porque algo que fazia parte do seu presente levou sua atenção para essa passagem de sua vida. O que nos faz lembrar ainda que no processo de composição da memória “O que está em jogo [...] não é somente a compreensão do passado, mas, sobretudo, a interpretação do presente”²⁶.

A imprensa católica foi o berço intelectual do cearamirinese. É certo que a espiritualidade cristã o levou para junto de nomes como Ulysses de Góis, Alberto Roselli e Dom Pereira Alves, que o iniciaram no jornalismo no momento em que empreendiam uma

²³ OLMÍ, Alba. *Memória e memórias: dimensões e perspectivas da literatura memorialista*, p. 37.

²⁴ Idem.

²⁵ Idem, p. 38.

²⁶ Idem, p.36.

verdadeira cruzada em terras potiguares, defendendo os bons costumes, a moral e os preceitos pregados na doutrina cristã – *a boa imprensa*. Mas suas relações em Natal não se restringiram ao círculo da intelectualidade católica. Na capital norte-rio-grandense, também aconteceu a primeira aproximação com Luiz da Câmara Cascudo.

Na década de 1980, rendendo homenagens ao velho amigo morto, ele faria o seguinte relato: “Vi muitas vezes a sua lâmpada acesa no seu gabinete de estudo, à avenida Junqueira Aires. Era a luz do saber na tranqüilidade de uma cidade romântica”²⁷, e ainda: “Foi nessa época, quando eu tinha dezesseis anos de idade, que o conheci e fui seu aluno: era o mestre incomparável, amigo e companheiro dos estudantes”²⁸. Começa a se revelar aqui mais um indício das suas primeiras influências. Em 1984, ele descreve a primeira vez em que viu Cascudo: “eu notei que aquele rapaz [...] era realmente o alvo de todas as atenções, todos olhavam para ele”²⁹.

Percebemos que, mesmo na maturidade, quando já ocupava um lugar de destaque na intelectualidade norte-rio-grandense e também pernambucana, Nilo se referia a Cascudo sempre com a admiração do aluno que reverencia o mestre, uma entidade intelectual que já na sua juventude despertava os olhares e as atenções de todos, o que podemos explicar não somente como uma deferência ao outro. O fato de ter sido aluno de um intelectual consagrado nacionalmente também lhe trazia certa deferência. Nilo havia se relacionado não apenas com a entidade intelectual na qual Cascudo se tornou. Era importante também conhecer o homem, privar da intimidade de sua casa, ser agraciado com os seus afetos e preferências, dar testemunho dos momentos de abstração do grande homem, como ele o faz quando escreve sobre ter sido seu aluno: “Numa certa aula de História do Brasil ele estirou a língua para nós outros, alunos; e nós não nos fizemos de rogados: respondemos à altura. Grande professor! Inesquecíveis momentos!”³⁰.

No artigo que escreveu em 1986, por ocasião do falecimento de Cascudo, esse foi um aspecto enfatizado. Ele, na condição de amigo do morto ilustre, lembra-se de apresentar ao leitor as dimensões do homem comum que habitavam a grande personalidade. Antes de se tornar referência intelectual da cidade, Cascudo era também humano, um homem com sentimentos e gestos comuns ao gênero. Por um momento, o eterno aluno parece ter se

²⁷ PEREIRA, Nilo. UM Cascudo desconhecido. *Jornal do Commercio*. Recife, ago. 1986.

²⁸ Idem.

²⁹ PEREIRA, Nilo. NILO Pereira fala sobre Câmara Cascudo. *O Poty*. Natal, Nov. 1984.

³⁰ PEREIRA, Nilo. Notas Avulsas. *Jornal do Commercio*. Recife, ago. 1985.

lembrado disso em seu relato sobre sua primeira visão do velho mestre: “E como ia passando uma moça bonita, Cascudo, dirigindo um carro e olhando para trás, quase vai de encontro a um poste. Esse foi o meu primeiro encontro, [...] a minha primeira visão de Cascudo”³¹. Para descrever a primeira vez em que observou a figura do grande intelectual, Nilo emprega um termo que vamos encontrar com muita freqüência em suas descrições sobre o vale do Ceará-Mirim: o vocábulo *visão*.

Na escrita do autor, o termo se associa a um lugar ou pessoa, carregando bem mais do que a função de evidenciar a capacidade biológica de percepção ocular. Ele ganha um sentido psicológico, literário, emocional. Trata-se de um elemento retórico utilizado para introduzir um grande acontecimento, algo fantástico, até meio sobrenatural, algo que provoca um certo êxtase. Esse primeiro encontro com Cascudo, na juventude, que nem mesmo o viu naquele momento, na velhice Nilo divisa como um marco intelectual de sua vida, como se um novo mundo se abrisse a partir daquele instante. Em outro relato do cronista/memorialista podemos apreciar mais claramente tal procedimento: “Cascudo foi para mim uma *aparição*. Continua sendo. Quando vou à sua casa – o ‘chalet’ da Junqueira Ayres – onde mora uma estrela, que é ele”³².

Entendemos esses grandes acontecimentos na escrita de Nilo Pereira como uma espécie de divisor de águas, o ponto de partida para se vislumbrar outras realidades, às vezes, de um outro tempo – como se aquele instante narrado permitisse uma espécie de *insigth* em nosso autor, apontando para o surgimento de idéias, pessoas, referências novas ou para o deslocamento em direção a um outro tempo. Acompanhando a conclusão do enunciado anterior sobre Cascudo, podemos vislumbrar essa característica da escrita e da personalidade do autor que permite tal dualidade: “sinto-me o mesmo adolescente que o visitou pela primeira vez”³³. Nesse momento, vemos o velho Nilo se transportar, de vez, para o passado, confessando que o Cascudo da década de 1980 e o exercício de relembrar o início de sua amizade, levam-no de volta ao tempo do quase adolescente que foi seu aluno e admirava-o, ainda, a certa distância. O escritor, usando desses artifícios literários, sugere que a voz que ouvimos discorrer sobre os tempos da adolescência é a do Nilo de dezesseis anos que dialoga com aquele de quase oitenta anos. E não o contrário, como o sabemos, o homem já velho que, em grande medida, reinventa, (re)significa, o seu já distante passado adolescente. Como se ele

³¹ PEREIRA, Nilo. NILO Pereira fala sobre Câmara Cascudo. *O Poty*. Natal, Nov. 1984.

³² PEREIRA, Nilo. Como conheci Cascudo. *Jornal do Commercio*. Dez. 1984

³³ Idem.

nos dissesse que o tempo do passado existe na sua pureza, e está ali para ser captado pelo memorialista. Esse é um enunciado que pode ser toda a sua visão do passado.

Quando Nilo Pereira, ainda adolescente, chegou a Natal, o jovem Cascudo já ocupava posição de destaque na intelectualidade norte-rio-grandense. Ele dirigia o Jornal *A Imprensa*, adquirido pelo pai, o Coronel Francisco Cascudo, para o filho exercitar os dons literários. Talvez, naquele primeiro encontro com o grande intelectual, ele fosse confrontado, pela primeira vez, pela sedução do mundo profano, dos limites que iam além dos domínios da “boa imprensa”, do *Diário de Natal*, da Congregação Mariana. Essa avaliação é elaborada pelo homem já maduro, experiente. Por outro lado, é muito provável que para um jovem jornalista iniciando nas letras e também no mundo, ver de perto um dos homens que movimentavam a imprensa e a vida cultural da cidade, que dialogava com intelectuais já eminentes de outros estados, como Gilberto Freyre e Mário de Andrade³⁴, provocasse mesmo algum impacto. Referendamos com isso que no exercício de lembrar e reescrever o passado um não suplanta o outro, apesar do homem que narra ter o poder de elaborar e reelaborar os acontecimentos e imagens de sua vida. Assim, nesse jogo em que memória, sentimentos, história e literatura se enfrentam há um diálogo entre eles, o velho e o novo, o adolescente que vivenciou e o outro que lembrou e em muitas nuances (re)significou.

No ano de 1928, é chegada a hora de mais uma vez expandir os horizontes do então estudante secundarista e jovem jornalista da Província que parte para o Rio de Janeiro com o objetivo de prestar vestibular na Faculdade de Direito. No Rio, preparando-se para o concurso, pôde ver, pela primeira e única vez, o grande ídolo da juventude e mentor intelectual e religioso, Jackson de Figueiredo, grande animador intelectual e espiritual daqueles que mourejavam no jornal católico do qual Nilo fazia parte. Em uma de suas crônicas do *Jornal do Commercio*, publicada no dia 04 de novembro de 1980, na coluna *Notas Avulsas*, ele narrou esse acontecimento:

Foi num 4 de novembro de 1928 [...] Eu estava me preparando para fazer o Vestibular da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, a Faculdade da Rua do Catete, como era chamada. Alguns dias antes, na livraria Católica, tinha conhecido o mito da minha juventude, e de minha geração: Jackson de Figueiredo³⁵.

³⁴ Para uma melhor visualização das relações de Cascudo, Mário de Andrade e Gilberto Freyre nos anos vinte ver, respectivamente: ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. *Modernismo nos anos 20 no Rio Grande do Norte*, Francisco Firmino. Palavras que silenciam: Câmara Cascudo e o regionalismo-tradicionalista nordestino.

³⁵ PEREIRA, Nilo. *Notas Avulsas*. *Jornal do Commercio*. Recife, Nov. 1980.

Em entrevista concedida na década de 1980, Nilo afirmou que decidiu prestar vestibular para a Faculdade de Direito do Rio de Janeiro “atraído por D. José Pereira Alves”. O religioso foi transferido para Niterói em 1928. Ele costumava dizer ao jovem que o seu lugar era os centros maiores. Na década de 1980, ao se referir ao desejo do bispo de que ele seguisse para a o Rio, já bem distante desse momento de escolhas decisivas em sua vida, tenta convencer seus interlocutores de que não ter ficado na capital federal tinha sido a escolha mais acertada, como se forças ocultas trabalhassem para levá-lo para outro lugar. Ter ficado, não em Natal, mas no Nordeste, foi então uma maneira de não sucumbir à sedução cosmopolita: “eu nunca me deixei seduzir por esse colosso, por essa visão, digamos assim, pan-brasileira, por esse gigantismo”. Ao contrário, disse ele: “Eu preferi a província”. O jovem parece ter sempre se debatido contra as seduções do profano. Antes, a sedução que o levaria para o *mundo*, depois aquela que o queria levar de sua província, ou daquele que seria o seu destino. E que destino seria esse?

Aprovado em 1928 no primeiro lugar da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, ficou apenas um ano por lá. Ao relatar sua viagem para a capital federal, na referida entrevista, explica o que significou, naquele momento, preferir a província:

o navio demorou um dia no porto do Recife e eu fiquei quase que em êxtase defronte da faculdade de Direito, sentindo que aquela faculdade me chamava. Era quase como se fosse uma namorada que eu revia sem ter visto ainda, mas que me chamava, que me atraía. Passei todo o ano no Rio de Janeiro³⁶.

Para o cearamirinense, a experiência na capital federal foi decepcionante e no ano seguinte transferiu-se para a faculdade do Recife, a namorada provinciana mais sedutora do que a grande dama da corte. Na narrativa que ele faz do evento na década de 1980, a passagem frustrante pelo Rio de Janeiro, a parada no porto de Recife aparecem como acontecimentos que se encadearam numa trajetória linear que o levaria depois a fixar-se na capital pernambucana, como algo previsto em seu destino.

Dizemos, então, que a passagem pelo Rio de Janeiro é apenas o início da partida que seria então definitiva. O que se esconde na fala de Nilo Pereira são as razões práticas que podem tê-lo trazido de volta ao seu estado no final de 1929, como as dificuldades financeiras que um jovem estudante de família não abastada deveria enfrentar para se manter na capital

³⁶Trecho extraído do programa Memória Viva, produzido pela TV Universitária da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em 1983.

federal. É possível que a causa maior não tenha sido o desencanto com a faculdade de Direito do Rio de Janeiro, como ele busca demonstrar em seus relatos sobre uma experiência negativa do vestibular e com os colegas de turma; também não seria o encanto que as vinte e quatro horas passadas no Recife suscitaram no espírito do postulante ao bacharelado. Esses, provavelmente, foram os argumentos encontrados pelo homem maduro, depois de muitos anos de reflexão sobre sua própria vida, sobre o que ela foi e o que poderia ter sido em face das escolhas realizadas e daquilo que foi preterido. Fica claro que depois do exercício de refletir sobre o vivido, as possibilidades abraçadas e as que foram deixadas para trás, a conclusão foi a de que ficar na Província tinha sido a melhor escolha. Tais reflexões faziam parte do exercício intelectual e emocional empreendido pelo homem maduro com o intuito de ordenar e dar um sentido aos acontecimentos de sua vida.

Sendo assim, depois de cumprido o primeiro ano do curso de Direito no Rio de Janeiro, ele transferiu-se para a Faculdade de Direito do Recife e voltou para Natal. É importante observar que a partida para a capital pernambucana não foi imediata. O ano de 1930 seria marcado por algumas mudanças. Morando ainda em Natal, indo a Recife apenas para cumprir frequência na faculdade, e ligado à imprensa católica, acabou sendo convidado para ser colaborador do jornal *A Republica*, a folha criada pelo médico Pedro Velho de Albuquerque Maranhão, fundador da República no Rio Grande do Norte, no final do século XIX. O jornal serviria, por décadas, como órgão oficial do Partido Republicano Federal. Ali estava reunida, segundo Nilo, a nata da intelectualidade natalense. Ele cultivava uma certa amizade com Aduino da Câmara, chefe de polícia de Natal e redator chefe do jornal republicano, e ainda com outros nomes ligados ao jornal, como Edgar Barbosa, Cristovam Dantas e Edgar Dantas. Então, no mês de junho de 1930, começou a escrever para aquele jornal. A ida para o jornal republicano não agradou, à primeira vista, aos companheiros de redação e militância católica, pois havia uma rivalidade entre os dois grupos:

Nós [...] do *Diário de Natal*, nós da Congregação Mariana, nós de outra época, nós, de outro contexto, não víamos com bons olhos *A Republica* [...] porque era um jornal leigo, era um jornal profano, era um jornal onde Aderbal de França, com o pseudônimo de *Danilo*, escrevia suas crônicas chamadas mundanas³⁷.

O clima de rivalidade que circundava a imprensa natalense da época trazia muito bem marcada a divisão entre leigos e católicos. Usando a terceira pessoa do plural para

³⁷ Trecho extraído do programa Memória Viva, produzido pela TV Universitária da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em 1983.

enunciar o seu discurso, Nilo Pereira se coloca também como um daqueles que olhavam com desconfiança para aquilo que extrapolava os limites do poder e do saber espiritual, representados em sua fala pela instituição jornalística em questão. No entanto, estar inserido no jornal leigo de maior alcance na cidade significava também pertencer ao mais prestigioso círculo intelectual do lugar e não seria sensato dispensar tal oportunidade. Ao mesmo tempo que o jornalismo que se fazia n'A *Republica* inspirava alguma reprovação ou desconfiança no grupo católico, também devia suscitar uma certa cobiça por pertencer àquela instituição, onde estavam os grandes nomes da intelectualidade, segundo afirmou o Nilo Pereira dos anos 1980.

Ao que parece, sua permanência no quadro de jornalistas d'A *Republica* o colocou mais uma vez diante da necessidade de equilibrar-se entre dois extremos, de atuar e dialogar em duas frentes. Assim ele define e apresenta alguns personagens que faziam parte desse mundo dividido:

Havia para mim, aqui, duas fortalezas em que eu me acastelava: uma, o sagrado, era O *Diário de Natal*, era Ulysses de Goes, era Dom José Pereira Alves, era Alberto Roselli (grande advogado e grande militante católico), era Heráclio Villar, outra personalidade [...] que não deve ser esquecida, cooperativista, grande advogado, homem de larga visão dos problemas da época, um dos homens que tinha por si, sem dúvida nenhuma, um conhecimento humanístico [...] admirava muito nele a humildade do sábio³⁸.

Nos primeiros anos de sua formação católica, esses foram os homens que tiveram grande ascendência sobre o seu espírito, sobre a sua escrita, sobre a sua maneira de entender o mundo. Essa passagem apresenta uma associação esclarecedora que nos ajuda a compreender o pensamento de Nilo Pereira: uma íntima relação entre humildade e sabedoria. É muito comum em sua fala sobre os seus trabalhos e sobre si mesmo o uso de termos que dão a idéia de coisa inacabada, de algo menor. Os livros, por exemplo, são sempre *livrinhos*, quando despertam alguma relação emocional, como é o caso de *Imagens do Ceará-Mirim*. Se não for o caso, o *livrinho* se transforma em *livreco*. Ao falar de si mesmo, principalmente, ao se comparar a outras personalidades, coloca-se como alguém que nada ou muito pouco conhece do mundo, da literatura, da história, enfim, um homem de curto conhecimento.

Quando questionado, na década de 1980, sobre a modéstia que lhe parecia tão peculiar, em sua resposta podemos apreciar um exemplo expressivo dessa prática: “Eu não sou propriamente modesto. Eu sou um amigo do real, daquilo que é verdadeiro, não é? Se eu digo que os meus livros não prestam, que eu não sei escrever é porque eu acho, sinceramente,

³⁸ Trecho extraído do programa Memória Viva, produzido pela TV Universitária da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em 1983.

eu acho tudo isso. Não é por modéstia não”³⁹. Ele procura afastar ainda o seu gesto de qualquer associação com uma postura um tanto hipócrita e até arrogante com a seguinte declaração: “há uma certa modéstia que termina até sendo orgulho [...], sendo vaidade, não é? Eu não sou nada disso”⁴⁰. Acentuando a força de sua declaração, com o intuito de demonstrar a clareza de sua visão, ele conclui: “sou apenas um homem que realmente consegue [...] colocar as coisas nos seus lugares e consigo me encontrar comigo mesmo a cada vez que escrevo e a cada vez que falo”⁴¹.

Essa parece ser uma via estratégica de afirmação do valor do seu trabalho, da sua escrita, do intelectual que se tornou, de afirmação de uma visão sóbria, longe do deslumbramento que embaça o discernimento. A maneira que ele encontra para exaltar as qualidades de Heráclio Villar é reveladora desse traço de sua personalidade: “admirava muito nele a humildade do sábio”. Então sábio é aquele que reconhece os seus limites, que tem discernimento para julgar erros e acertos e que jamais exalta a si mesmo. Então, Nilo Pereira é tão sábio quanto aquele a quem ele aponta como tal. Aponta-se para o outro, mas fala-se, na verdade, de si mesmo. Essa é uma estratégia discursiva-literária que nos permite encontrar o homem sob a espessa proteção do escritor/autor.

Voltemos à relação de Nilo Pereira com a imprensa católica e o jornalismo leigo em Natal. Se por um lado é fácil reconhecer a influência que o grupo católico exerceu na formação do jovem jornalista, por outro, podemos ver também a influência do poder temporal em suas aspirações. O jornalista da *boa imprensa* também desejava alçar vãos mais altos. Em depoimento concedido ao programa *Memória Viva* em 1983, lembrando o tempo em que observava de longe aqueles a quem chamava de grandes homens da época, referindo-se a 1925 e 1926, ele identifica o elo entre o sagrado e o profano naqueles anos, em Natal: o café Cova da Onça, onde “se concentrava a nata da política, da intelectualidade do jornalismo natalense”⁴². Os frequentadores do café eram os mesmos que movimentavam os corredores d’ *A Republica*, observados à distância pelo jornalista católico, iniciante, desejoso de ouvir-lhes a palavra: “Quantas vezes eu, menino de dezesseis anos, rapazinho de dezessete anos, ficava somente a olhar. Eu não podia tomar parte, eu não tinha status pra estar conversando

³⁹ Idem.

⁴⁰ Idem.

⁴¹ Idem.

⁴² Trecho extraído do filme *Nilo: o homem rio*, produzido pela Fundação Joaquim Nabuco (Massangana Multimídia Produções), em 1999, quando Nilo Pereira completaria 90 anos.

com os grandes homens da época”⁴³. Em 1930, como já se sabe, a redação do jornal *A Republica* abriu as portas ao repórter saído da escola do jornalismo católico...

Tendo se curvado, então, à sedução do jornalismo secular, da crônica social, Nilo procura se justificar afirmando não ter abandonado seus antigos valores e doutrina, seguindo, “tanto no *Diário de Natal*, quanto n’*A Republica*, as lições de ordem, de autoridade de Jackson Figueiredo”⁴⁴. Ele se dizia um homem coerente. Mesmo quando parecia servir a dois senhores, e nos artigos que escrevia para *A Republica*, disse ele, “guardei a mesma coerência. Eu não me afastava disso”, completou, referindo-se à influência de Jackson de Figueiredo. Seguindo tal modelo, Nilo dizia-se um anti-revolucionário. Em pleno bulício provocado pelos acontecimentos do movimento de 1930⁴⁵, escreveu um artigo contra a revolução. Não contra a revolução liberal, logo se adiantou em esclarecer, “mas contra a revolução geral”, que, segundo ele, poderia interferir na ordem e na autoridade estabelecida, o que ia de encontro aos ensinamentos do laicato católico, comandado, à época, por Alceu de Amoroso Lima. O que o incomodava seria então a interferência na ordem das coisas. Mas que ordem seria essa?

Prestes a explodir o movimento que tiraria do poder os chefes políticos do Estado, um movimento dito revolucionário por alguns de seus cronistas e historiadores, Nilo Pereira escreveu um artigo contra a revolução, contra a revolução em sua essência, não contra a revolução liberal, como ele adiantou, mas, ainda assim, contra a revolução. E nisso vemos uma espécie de insurgência contra uma ordem de coisas que se estabelecia. Sendo assim, vemo-lo reivindicar para si, ao refletir sobre a questão, décadas mais tarde, um pouco do espírito indômito e rebelde e até mesmo um pouco da coragem presentes na postura revolucionária, dizendo-se conservador, mas não sem espírito de luta. Por outro lado, os redatores e colaboradores d’ *A Republica* não estavam muito envolvidos no clima que rondava a capital. Em pleno outubro de 1930, às vésperas da instauração de um novo sistema político no Rio Grande do Norte, do qual seriam excluídos, estavam reunidos em um evento literário que comemorava os cem anos do romantismo, a Temporada Literária, organizada por Adherbal de França. Lá estavam Eloy de Souza, Jayme dos Guimarães Wanderley, Edgar Barbosa, Virgílio Trindade, Otacílio Alecrim e Nilo Pereira, “escondido de Ulysses de Goes”,

⁴³Idem.

⁴⁴ Idem.

⁴⁵ Para compreender os acontecimentos que envolveram a política do Rio Grande do Norte nos anos 1930 ver: SOUZA, Itamar de. *A República Velha no Rio Grande do Norte*. 2. Ed. Natal: EDUFERN, 2008; SPINELLI, José Antonio. *Da oligarquia Maranhão à política do Seridó: O Rio Grande do Norte na Velha República*. Natal: CCHLA, 1992; COSTA, Homero. *A insurreição comunista de 1935*. Natal, o primeiro Ato da tragédia. São Paulo: Ensaio; Rio Grande do Norte: Cooperativa Cultural Universitária, 1995.

como ele mesmo confessou, e dissertando sobre “O espírito das lendas”⁴⁶. As conferências tiveram lugar no salão nobre da prefeitura, cedido pelo prefeito Omar O’Grady, tendo na assistência o presidente Juvenal Lamartine. O que nos leva a crer que todos estavam empenhados no sucesso da semana literária que celebrava a tradição do romantismo.

O curto período que foi a passagem de Nilo Pereira pela *Republica*, pois ao final de 1930, deixou Natal, é também muito representativo de suas relações com o universo da política. Seu primeiro emprego público foi de arquivista na Assembléia Legislativa do Rio Grande do Norte, concedido pelo então presidente José Augusto Bezerra de Medeiros, que o nomeou ainda sem a idade mínima exigida para assumir cargo público, aos dezesseis anos, um auxílio ao estudante de família pobre: “O Dr. José Augusto me chamou a[o] Palácio. Defrontava-me pela primeira vez com o governador simpático, acolhedor, popular, que foi logo me dizendo: - Tu és um estudante pobre, vou te dar um emprego”⁴⁷.

É certo que Nilo pertencia a uma geração dos Pereira e dos Varela, do Ceará-Mirim, que da riqueza do açúcar só herdara certo prestígio e os casarões antigos, mas talvez não fosse exatamente essa – estudante pobre – a forma de qualificá-lo. Não havia fortuna, mas havia as ligações com o poder que lhe permitiam um certo trânsito nessas esferas. O próprio cunhado que o abrigara em Natal, Francisco Sobral, era juiz de direito na capital, o que devia lhe render algum capital de relações. Pobre, pertencente a uma família tradicional da zona açucareira do estado, e precisando de recursos para custear seus estudos, essa talvez fosse uma justificativa mais completa para a sua admissão no serviço público, ainda tão moço. No período em que esteve no Rio de Janeiro para prestar vestibular – aqui vivíamos o início do governo de Juvenal Lamartine – é provável que tenha se hospedado em casa do então deputado José Augusto, que o acompanhou em alguns de seus percursos pela cidade.

As presenças de José Augusto e Juvenal Lamartine eram freqüentes na redação d’*ARepublica*. Em declarações sobre sua passagem pelo jornal, Nilo Pereira fez questão de salientar o caráter democrático do presidente: “Nós, que colaborávamos n’*A Republica*, ou nós, que éramos redatores, à semelhança de Luiz Torres, Edgar Barbosa, Damasceno Bezerra e outros, jamais fomos convidados e muito menos intimados a só escrever a favor do governo, a só dizer as cousas que agradassem ao governo”⁴⁸. Em tom solene, ainda sentenciou: “Honra

⁴⁶ PEREIRA, Nilo. A temporada literária de 1930. *Tribuna do Norte*. Natal, ago. 1985.

⁴⁷ PEREIRA, Nilo. Página de saudade. *Jornal do Commercio*. Recife, ago. 1983.

⁴⁸ Trecho extraído do programa Memória Viva, produzido pela TV Universitária da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em 1983.

seja feita à memória do dr. Lamartine”⁴⁹. Vemos, então, atravessar o seu discurso, notas agudas de admiração, mas não apenas isso. Havia também o interesse em afirmar que os jornalistas/escritores, como ele os definiu, daquele jornal, inclusive ele, não eram coagidos para que assumissem o papel de escribas do governo. Ele procura mostrar, com essa afirmação, que havia um certo grau de liberdade no qual eles podiam se mover com alguma autonomia. Colocar-se como instrumento orquestrado pelos interesses da administração vigente diminuiria o brilho daqueles que ele julgava ser a elite intelectual do Rio Grande do Norte e diminuiria também a grandeza e honestidade do homem que estava à frente da administração do estado naquele momento. Todavia, o governo de Juvenal Lamartine, se por um lado destacou-se pela adoção de medidas progressistas, por outro não poupou a oposição da violência policial. O historiador Itamar de Souza assim arremata sua análise do governo Lamartine: “uma obra de inteligência criadora, ofuscada pela bruma de uma violência incontrolada”⁵⁰.

O governador Juvenal Lamartine, sem condições de resistir aos revolucionários, fugiu da cidade no dia 5 de outubro de 1930. Para Nilo, uma nova viagem começou a ser traçada. Sua temporada em Natal foi chegando ao fim. Sobre os acontecimentos de 1930, ele deixou o seguinte depoimento, em sua coluna *Notas Avulsas*, na década de 1980:

Em 1930 eu ainda morava em Natal; estava no segundo ano de Direito. Logo que se soube do movimento (as notícias de Pernambuco eram a nossa bússola no início da tempestade), meu pai me chamou para fazer uma visita ao presidente Juvenal Lamartine, a quem, como estudante pobre que sempre fui [...] devia grandes favores, bem como ao Dr. José Augusto Bezerra de Medeiros⁵¹.

Num primeiro momento, o texto de Nilo Pereira se constrói sob o discurso da gratidão, trazendo novamente a figura do estudante pobre que muito devia aos seus benfeitores em terras potiguares, e trazia como pano de fundo a reviravolta política de 1930. Seguindo na nossa leitura, encontramos a descrição do momento da chegada de Nilo e de seu pai à casa do presidente em vias de ser deposto e de se exilar de seu país: “Fomos recebidos à porta da residência do presidente Lamartine”⁵². Mais adiante, narrando o episódio que aparece em sua escrita como o mais representativo das rupturas políticas ocorridas naquele ano, ele traça o perfil dos dois administradores que lhe foram tão caros, dois homens de caráter honesto e democrático, mas opostos no humor e na maneira de reagir à situação: “O

⁴⁹ Idem.

⁵⁰ SOUZA, Itamar de. *A República Velha no Rio Grande do Norte, 1889-1930*. 2. Ed. Natal. EDUFRN, 2008, p. 355.

⁵¹ PEREIRA, Nilo. *Avulsas. Jornal do Comércio*. Recife, fev. 1980.

⁵² Idem.

então senador José Augusto fazia ‘blagues’. O Dr Lamartine não era de caçoadas, mantinha-se sério, preocupado”⁵³. Nesse momento de dissolução do seu governo, Lamartine trazia junto de si todo o secretariado e muitos amigos, como Nilo, que junto com seu pai foi lhe apresentar apoio e condolências.

Na narrativa que ele constrói sobre aqueles acontecimentos toda a tensão do momento se exprime no gesto que dirigiu ao presidente deposto e no modo como ele o recebeu. O gesto do jovem estudante revela o respeito e a tensão suscitados pela figura do grande homem destituído do poder: “Apertei fortemente a sua mão. Ele nada me disse. Mas senti que sabia muito bem o que significava aquele aperto de mão”. Aquele aperto de mão firme e silencioso parecia selar os destinos dos dois homens. Os dois partiriam, seriam obrigados a deixar o estado e os postos que ocupavam. Analisando a reação de Juvenal Lamartine à sua solidariedade, mais uma vez demonstra a gratidão que lhe devia: “era a gratidão de um estudante. Nada mais do que isso”. E segue na narrativa do que teria sido a Revolução de 1930, no Rio Grande do Norte, para ele: “Algumas horas depois o presidente deixava Natal e viajava para a Europa, depois de ter feito um governo muito mais revolucionário do que o faria a Revolução”⁵⁴. Se tivesse continuado sua narrativa, teria dito: e logo depois eu também partiria.

A revolução liberal que modificou a conjuntura política do país significou, para ele, não só a saída de Juvenal Lamartine do Rio Grande do Norte, mas a sua também. É o marco de um momento de ruptura, não apenas política, mas ruptura de uma época e em sua própria vida. A revolução significou a saída do jornal *A Republica*, o que é recordado com certo ressentimento: “Veio a Revolução de 1930, nós fomos despachados, nós redatores [...] nós colaboradores [...] fomos despachados por uma nota oficial d’*A Republica* como quem despacha uns aventureiros, uns homens que estavam desfrutando do poder”⁵⁵. Como quem responde a uma grande ofensa, triunfantemente, ele sentenciou: “Como as coisas se escrevem [...], como as coisas são ditas, como o tempo se encarrega de reajustar os conceitos”. E na justificativa de tão viva assertiva, inocenta os homens que foram destituídos de seus postos como corruptos que jamais foram: “Nós estávamos ali como uns líricos, uns idealistas, uns estudiosos, uns homens que estavam se preparando para a vida pública, geralmente estudantes

⁵³Idem.

⁵⁴ Idem.

⁵⁵ Trecho extraído do programa Memória Viva, produzido pela TV Universitária da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em 1983.

de Direito”⁵⁶. Com essa última afirmação, ele nos apresentou mais uma prerrogativa do grupo no qual estava inserido nos anos 1920, o bacharelado. *A Republica*, o jornal, é qualificada como uma escola de homens públicos. Compreende-se também, que, em seu conceito, o bacharelado, de uma maneira mais ampla, também fora essa escola preparatória de homens públicos.

A saída do Rio Grande do Norte o levou da redação do *Diário de Natal*, da Congregação Mariana dos Moços, do convívio mais próximo com Ulysses de Góis, com Alberto Roselli, com a Natal “ainda romântica” de cadeiras postas à calçada, “onde o trânsito era sossegado, onde a vida política e a vida alheia também se concentravam nos dois grandes cafés da época – o Cova da Onça [...] e o Grande Ponto”⁵⁷.

Junto com os relatos sobre sua vida em Natal, entre os anos de 1920 e início da década de 1930, Nilo vai construindo também um mapa da cidade em que ele viveu, cujos referenciais são a Escola de Comércio, o *Diário de Natal*, a Congregação Mariana dos Moços, o jornal *A Republica*, o café Cova da Onça. Uma análise rápida desse mapa nos permite perceber que mesmo a configuração espacial da cidade vivida por ele se fez sobre a dualidade que marcou a sua formação em Natal, a saber, a disputa/diálogo entre o sagrado e o profano.

Mudança de ares: Nilo vai para o Recife...

Em 1931, a porta de entrada de Nilo Pereira em Recife foi a Faculdade de Direito, que primeiro o seduziu e o acolheu na capital pernambucana. A faculdade, que respirava ainda os ares do movimento filosófico liderado por Tobias Barreto⁵⁸, estava sob o forte impacto do movimento político de 1930. Segundo Nilo Pereira, “Algo se fazia para sustentar os novos tempos”⁵⁹. Ele viveu aquele período como um momento de transição, de uma euforia que ele traduziu com as seguintes palavras: “Há momentos em que sentimos a pulsação da História.

⁵⁶ Idem; Produziu-se no Rio Grande do Norte, entre as décadas de 1930 e 1980, uma bibliografia de defesa e justificativa dos políticos e intelectuais que foram destituídos de seus cargos em 1930, da qual podemos citar: BARBOSA, Edgar. *História de uma campanha*: notas, fotografias e documentos do último pleito político norte-rio-grandense, 1934-1935. 2. ed. Natal: EDUFERN, 2008; DUARTE, Dioclécio. *Como exerci o meu mandato*. Rio de Janeiro: Editora Duco, 1934; CÂMARA, Adauto. *História de Nísia Floresta*, 1941; FÁRIA, Juvenal Lamartine de. *O meu governo*. Rio de Janeiro, 1933.

⁵⁷ Trecho extraído do programa Memória Viva, produzido pela TV Universitária da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em 1983.

⁵⁸ Para uma melhor compreensão desse movimento ver: VENÂNCIO FILHO, Alberto. *Das arcadas ao bacharelismo: 150 anos de ensino jurídico no Brasil*. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

⁵⁹ PEREIRA, Nilo. *Pernambucanidade*. Recife: Secretaria Estadual de Governo, 1983. p. 206.

Depois de 1930, algo se passava de novo nas nossas almas”⁶⁰. A “Casa de Tobias Barreto”, como ele se referia à Faculdade de Direito, parecia ser o centro de toda essa euforia, onde circulavam as idéias, os rumores, os debates, onde ele entrou em contato com os professores, que tinham uma maneira própria de ensinar, com “os movimentos estudantis, com as idéias que brotavam a um só tempo dos fins da Primeira Guerra Mundial e da Revolução de 1930”⁶¹.



Cartão de formatura que Nilo Pereira enviou a seus pais em 1932. Foto Acervo da FUNDAJ.

A Faculdade de Direito, num primeiro momento, parece ter sido toda a vida de Nilo Pereira no Recife. Sentimos nas palavras do autor a transição que significou para ele a saída da capital provinciana e o enfrentamento da nova realidade que a capital pernambucana lhe oferecia. A narrativa que se constrói em torno do momento em que chegou ao Recife parece acelerada, traz elementos novos, fascínio por homens e idéias novas, “novos tempos”. Como se o homem deambulasse pelas ruas da cidade, extasiado com tudo aquilo que via. Ao ler o relato de sua primeira visão do prédio da Faculdade de Direito, tem-se a impressão de que ele observou a construção como se tivesse sido hipnotizado pela força e imponência que representava, para ele, aquela instituição: “détive-me na contemplação do belo edifício [...].

⁶⁰ Idem, p. 205.

⁶¹ Idem.

Cheguei a pensar, nos meus devaneios de jovem já lido em alguma coisa, que Renan devia ter ficado assim [...] diante da Acrópole”⁶².

A idéia do novo é uma constante nos relatos que se referem a esse momento da vida de Nilo Pereira. Percebe-se, em sua escrita, que é esse, marcadamente, um momento de mudança, de expansão dos horizontes do estudante de Direito recém chegado de um pequeno estado sem muita expressão econômica ou cultural. Mas mesmo quando percebemos esse entusiasmo com o novo em sua escrita/memória é possível associá-lo ao gosto pela tradição, por aquilo que resiste ao tempo e que traz do passado certa imponência que o cerca de mistério, de personagens e forças ocultas, como a inspiração de Renan, que o acompanha em seu primeiro encontro com a Faculdade do Recife.

A escolha da capital pernambucana para dar continuidade ao curso de Direito é justificada como uma reparação por tê-la preterido no início do pleito à magistratura em favor do Rio de Janeiro:

Senti-me um ‘déraciné’, indo para o Rio, quando devia tirar minha bagagem do navio e ficar aqui; pois aqui era o meu lugar, a Faculdade de minha eleição, do meu gosto intelectual, no qual predominava em boa dose sentimental a tradição de uma casa secular, que me atraía como uma sereia ou como um gênio invisível da cidade⁶³.

É importante observar que ele escreve muito tempo depois, incorporando um sentimento de desenraizado, o que percebemos no uso da imagem do romance de Maurice Barrès, *Les déracinés*, imagem que se harmonizava com o Recife que ele encontrara, uma cidade que já era a imagem de uma tradição, um ambiente, provavelmente, cheio de ações de natureza conservadora.

Nilo Pereira logo se associou às vertentes do pensamento católico em Pernambuco. Fazia parte da Associação dos Universitários Católicos - AUC - e logo se filiará também à Congregação Mariana dos Moços, instituição da qual tão logo se tornaria presidente, a exemplo de Ulysses de Góis, o mentor espiritual dos primeiros anos da vida adulta. No Recife, o padre Antonio Ciryaco Fernandes, um dos jesuítas do Colégio Nóbrega, onde lecionou, tornou-se uma espécie de segundo mentor espiritual. O padre, que não era tido como uma figura agradável ao primeiro contato, era um dos que mais empolgava as novas gerações da Congregação Mariana da Mocidade Acadêmica e logo tornou-se amigo do jovem

⁶² Idem, p. 201.

⁶³ PEREIRA, Nilo. *Pernambucidade*, p. 201-202.

professor. O depoimento comovido de Nilo Pereira expressa a relevância que teve a amizade do padre jesuíta na vida do homem de igreja que sempre foi: “Devo ao padre Fernandes um estímulo jamais esmorecido, uma palavra de ânimo e de confiança na vida. Nos dez anos que residi no prédio principal da ADA, como professor do Colégio Nóbrega, sua presença na minha vida foi duma constância quase doméstica”⁶⁴.

Com o passar do tempo, o velho padre foi perdendo o ar carrancudo e déspota, tornando-se um amigo do convívio diário: “Já não era o jesuíta que conheci entre palavras raras e um tanto enigmáticas; era o amigo que não precisava de afetos para ser amigo”⁶⁵. As relações de amizade e admiração se estreitaram ao ponto de Nilo declará-lo principal responsável por sua ascensão a presidente da Mocidade Acadêmica: “e por mim tanta amizade manifestou que, por influência sua, fui presidente da Congregação Mariana da Mocidade Acadêmica”⁶⁶.

As relações com a intelectualidade católica no Recife tiveram início na Faculdade de Direito, com professores como Andrade Bezerra e Barreto Campelo, líderes da Mocidade Acadêmica. E ainda outros como Genaro Guimarães, Mário Castro, Luiz Guedes Alconforado, Hersílio de Sousa, Virgílio Marques Carneiro Leão, Edgar Altino, Joaquim Amazonas, Caldas Lins, José dos Anjos.

As primeiras décadas do século XX fizeram o auge da filosofia neotomista de Jacques Maritain, pensador de orientação católica que exerceu grande influência sobre os intelectuais laicos da Igreja Católica. Segundo Nilo Pereira, “O filósofo neotomista repontava como uma solução para a angústia de uma geração que via a mudança dos tempos, sem saber para onde ir”⁶⁷. Outro autor bastante lido foi Oswald Spengler com o seu polêmico *A decadência do ocidente*, confrontado por Nilo Pereira e por aqueles que comungavam da mesma crença por *La défense de l'occident*, de Henri Massis.

Esses temas devem ter transformado os corredores e as salas de aula da Faculdade de Direito em palco de disputas ideológicas acirradas, marcadas, em grande medida, pelos conflitos entre cétricos neo-positivistas e católicos neo-tomistas. Uma observação sempre recorrente em relação aos grandes nomes saídos dos bancos e púlpitos de tal faculdade é sobre o gosto pela polêmica, pelos embates vencidos pela palavra. Dentre os professores que

⁶⁴ PEREIRA, Nilo. *Espírito de província*. Recife: Editora da UFPE, 1970. p. 51-52.

⁶⁵ Idem, p. 52.

⁶⁶ Idem, p.51.

⁶⁷ PEREIRA, Nilo. *Pernambucanidade*, p. 207.

marcaram mais profundamente as lembranças e os caminhos de Nilo Pereira estão Barreto Campelo e, principalmente, Andrade Bezerra, “líderes católicos com atuação em todo o Nordeste”⁶⁸. Os dois professores da Faculdade de Direito, como membros da Mocidade Acadêmica, estavam à frente das discussões das idéias que movimentavam a congregação e se tornaram bandeiras do laicato católico no Recife, como a luta pela introdução do ensino religioso nas escolas e o movimento pelo estado orgânico cristão. Os dois homens, sendo iguais na fé, divergiam, segundo Nilo Pereira, na rigidez da interpretação e aplicação da doutrina. Barreto Campelo, que esteve à frente do movimento intitulado “Para o Cristianismo Social”, que “Visava à melhoria dos nossos costumes políticos”, buscando a “renovação dos homens e das instituições”⁶⁹, “não cedia uma linha”⁷⁰.

A rigidez defendida por Campelo na manutenção dos princípios da fé cristã e na eficácia do estado orgânico cristão, podemos perceber no manifesto redigido por ele em 1934, no qual ele se dirige ao povo pernambucano, declarando que “De todos os sistemas político-sociais que aspiram neste momento restabelecer a ordem na sociedade, dominando o caos e as lutas generalizadas do presente, só o cristianismo social possui os elementos imprescindíveis de sucesso e praticabilidade”⁷¹. O manifesto traz uma crítica ferrenha ao estado liberal, descrito como o caos que impera na sociedade. Campelo faz questão de esclarecer ainda que o grupo idealizador do manifesto, o qual ele representa, não é uma instituição política: “Não somos um partido religioso”⁷², no entanto, “pretendemos uma extensão social dos mandamentos”⁷³. Essas duas frases que se complementam dão o tom do discurso da ação católica no Recife, que se pretendia um instrumento da doutrina cristã, na missão de cristianizar o estado e a sociedade.

A estratégia de tentar camuflar a dimensão política do movimento acaba sendo baldada nesse discurso. A frase posterior denuncia: “Contamos ainda antes das eleições dirigir-nos ao eleitorado, expondo-lhe, dentro desses princípios aqui esboçados, um programa mais detalhado de nossa atuação como constituintes de Pernambuco, se formos eleitos”⁷⁴. E deixa muito clara a força política da qual os católicos dispunham e de como eles sabiam usufruir dela. O referido manifesto foi assinado por: Barreto Campello, Ruy de Ayres Bello,

⁶⁸ PEREIRA, Nilo. *Espírito de província*, p 175.

⁶⁹ Idem, p. 64-65.

⁷⁰ Idem, p. 176.

⁷¹ Idem, p. 65.

⁷² Idem, p. 67.

⁷³ Idem.

⁷⁴ Idem.

Mário de Farias Castro, José da Costa Rego Júnior, José Cavalcanti Petribu, José da Costa Porto, Telmo Pontual e Nilo Pereira. Desses nomes, foram eleitos Barreto Campello, para a Câmara Federal, e Ruy de Ayres Bello, deputado estadual. Não é possível negar o teor e a pretensão política da instituição. Os assuntos da fé e os assuntos de estado estavam interligados. Nesse estado de coisas, esses homens, inclusive Nilo Pereira, sentiam-se os novos cruzados, nobres guerreiros que se lançavam numa espécie de guerra santa.

O outro mestre do qual guardou profundo sentimento de admiração e respeito, Andrade Bezerra, não era menos aguerrido na sua fé, mas não era intransigente em seus ideais. Segundo Nilo, ele acreditava que se podia “transigir com os homens, não com as idéias”, e “Ria, às vezes, de certos ímpetos; e [...] lembrava com piedosa ironia [...] os gestos inquisidores, que salvavam almas, mas faziam vítimas”⁷⁵. Católicos assim eram chamados, à época, de liberais e “Andrade Bezerra era um deles”⁷⁶. Havia ainda um outro fator que depunha contra o mestre da Faculdade de Direito e líder católico: ele não havia participado da Revolução de 1930. Essa também foi uma questão enfrentada por Nilo Pereira, o que os aproximava ainda mais. No entanto, ele confessa que essa era uma admiração silenciosa, “uma secreta simpatia”. A estima pelo mestre católico a quem acusavam de católico liberal aparece publicamente nos escritos dos anos 1960, assumida como já antiga, mas sempre discreta.

É possível que um amigo e protegido do ortodoxo padre Antônio Fernandes não pudesse admitir nenhuma simpatia por um transigente liberal. A defesa de Nilo Pereira também só é formulada em tempos distantes das disputas internas da congregação, que, a julgar pelo perfil apresentado dos personagens em questão, devem ter sido muito acirradas. Mas não impediram que a intelectualidade católica se unisse na direção do estado varguista, mesmo que houvesse possíveis divergências. É o que Nilo nos diz logo a seguir, quando se esforça para justificar a alcunha de liberal da qual foi investido Andrade Bezerra e, por outro lado, a atuação do magistrado no sistema que, em termos idealistas, reprovava: “Ninguém ignora que um homem da formação jurídica de Andrade Bezerra não podia aplaudir sem reservas um regime de exceção”⁷⁷. Mas, mesmo assim, não se negou ao exercício do dever:

⁷⁵ PEREIRA, Nilo. *Espírito de província*, p. 176.

⁷⁶ Idem.

⁷⁷ Idem, p. 177.

“chamado ao cargo de Secretário de Interior, numa fase difícil e tumultuada, aceitou o convite”⁷⁸.

Mais significativa ainda é a nobre justificativa que Nilo Pereira elabora para legitimar de vez o gesto de Andrade Bezerra ao atender o chamado do estado ditatorial, o que o fez, segundo ele, “menos pelo que havia nisso de prestígio político do que para prestar o melhor serviço que pudesse a Pernambuco, num momento de transição”⁷⁹, atitude que o próprio Nilo tomaria ao ser convidado para assumir a Diretoria de Educação do Estado. Um outro exemplo do desprendimento e da idoneidade política de Andrade Bezerra teria sido a sua participação na redação do texto de uma constituição encomendada por Getúlio Vargas, em 1945, quando “mais uma vez é chamado a prestar o seu serviço”. Andrade Bezerra “Preferiria que a Constituição, como a de 1935, [...] também emanasse do povo. Mas se isso não era possível, ele não recusaria, como não recusou, dar a essa Carta improvisada pelas circunstâncias, o melhor de si mesmo”⁸⁰. O despotismo ao qual poderia ser associada uma constituição elaborada por uma única pessoa, uma constituição encomendada, é amenizado pelo ideal de, mesmo sob tal circunstância, bem servir ao povo, tendo sido formulada “no sentido de fazê-la mais representativa dos anseios dos humildes e das normas de justiça – uma justiça que para êle o Estado não esgotava”⁸¹.

A outra ponta da linha que mantinha a ordem ligava-se à Igreja, que, no discurso de Nilo Pereira, é o lugar no qual se deve buscar a explicação para as relações humanas. Para ele, não havia outro modo de entendimento e ordenamento de tais relações que não fosse o oferecido pela óptica cristã. Ou seja, a liberalidade e o possível autoritarismo de Andrade Bezerra, e daqueles que pensavam e agiam como ele, eram legitimados e justificados por meio da centelha cristã que os movia na missão de “tornar práticos os ensinamentos da Igreja”⁸². Diferente da maneira como descreve a ortodoxia de Barreto Campello e até do Padre Fernandes, ao formar o perfil de Andrade Bezerra, Nilo Pereira reclama para si um pouco da “liberalidade” atribuída a ele, em quem “No íntimo estava a consciência do cristão e do cidadão que ele jamais sacrificou a interesses ocasionais e muito menos a ambições interiores. Sentia-se nele a pureza”⁸³. Com essa última frase, ele sintetiza o caráter do homem de quem se confessa, pelas missões que levou adiante mesmo quando feriam suas crenças particulares,

⁷⁸ Idem, p. 177.

⁷⁹ Idem, p. 177.

⁸⁰ Idem, p. 178.

⁸¹ Idem.

⁸² Idem, p. 177.

⁸³ Idem.

grande admirador: “um dos homens mais admiráveis que eu conheci”⁸⁴. Nem mesmo o padre Fernandes foi lembrado com tamanho entusiasmo. Mais uma vez podemos perceber como a personalidade de Nilo Pereira, pouco disposta a grandes conflitos, permitiu que ele obtivesse o respeito, o convívio e a admiração daqueles que interessavam, mesmo quando as relações entre essas pessoas estavam sutilmente abaladas por divisões internas, como foi o caso de Andrade Bezerra e Barreto Campello, entre os quais “havia as cruzadas medievais”, em que um tinha o espírito aguerrido de Paulo e o outro a serenidade e humildade de Pedro.

De braços dados com o poder

Bem se vê que os laços com a intelectualidade católica não se desfizeram com a mudança para o Recife. Tornaram-se ainda mais fortes e até mesmo prestigiosos, aproximando Nilo Pereira de figuras como Agamenon Magalhães, proprietário d’*A Folha da Manhã*, jornal de orientação católica e conservadora, que seria, em Pernambuco, um das vozes mais combativas a favor da doutrina estadonovista. Agamenon Magalhães, que, de 1937 a 1945, governou aquele estado, tinha uma relação com a Igreja Católica semelhante à do cearamirinense. Foi criado desde muito cedo para se tornar um homem da Igreja, tendo mesmo entrado para o seminário, onde permaneceu por dois anos, mas a sedução do mundo profano não permitiu que seguisse o sacerdócio e logo abandonou a batina. Mas continuou a serviço da igreja em seu trabalho doutrinador, principalmente, através da imprensa.

Em 1937, com o golpe que estabelece a ditadura do Estado Novo e retira o governador Lima Cavalcanti do poder, esses laços se estreitam ainda mais. O novo interventor, que ocupava até então o cargo de Ministro da Justiça e do Trabalho Agamenon Magalhães, que se revelou um exímio articulador político, foi buscar da Congregação Mariana dos Moços praticamente todo o seu secretariado, inclusive, Nilo Pereira, convidado para assumir o posto de Diretor do Departamento de Educação do Estado. Num primeiro momento, o ainda jovem bacharel em Direito e professor do Colégio Nóbrega teve o ímpeto de declinar de tal oferta: “Ponderei que, sendo muito moço, não tinha experiência”⁸⁵.

O convite havia sido feito pessoalmente pelo Interventor, o que confere uma certa dramaticidade à cena descrita. Recusar um pedido assim não seria nada fácil. Tal recusa não seguiu adiante nem seria aceita, tal a resposta dada pelo chefe do governo pernambucano à

⁸⁴ Idem.

⁸⁵ PEREIRA, Nilo. *Pernambucanidade*, p. 31.

ponderação do jovem incréu sobre sua inadequabilidade para assumir o cargo, devido à sua falta de experiência. A resposta foi curta e peremptória: “Mas adquiere”⁸⁶. A resposta de Agamenon Magalhães à pequena hesitação de Nilo Pereira tornou a proposta irrecusável, não pelo fascínio que obviamente deve ter provocado em quem a recebeu, mas pelo seu tom de quase imposição. Um fato pitoresco acerca do caso foi o encontro entre Nilo Pereira e a figura responsável, naquele momento, pela pasta que lhe era oferecida. Logo após a deposição de Lima Cavalcanti, houve um breve período de transição em que o estado foi governado pelo cel. Azambuja Vila Nova. Nesse interregno, o cônego Jonas Taurino foi nomeado Diretor do Departamento de Educação.

O que ocorreu foi que, ignorando as pretensões do interventor, o cônego se dirigia ao Palácio do Governo portando um telegrama do Gal.Goes Monteiro, intercedendo por sua permanência no cargo. À saída de sua audiência com o interventor, Nilo Pereira esbarra no cônego com seu telegrama de recomendação em punho, e ele lhe confidencia o propósito de sua estada ali – iria levar tal documento à apreciação de Agamenon:

Aconteceu que, deixando o gabinete do Interventor, encontrei o Cônego Jonas Taurino, que ocupava, na interventoria do coronel Azambuja Vilanova, o cargo para o qual eu acabava de ser convidado. O cônego, que era um velho mestre do Ginásio Pernambucano, onde fora colega de Agamenon Magalhães, me mostrou então, um telegrama do general Goes Monteiro [...] no qual solicitava ao Interventor a sua continuação no Departamento⁸⁷.

A par de toda a situação que se passara minutos antes, sendo personagem principal e interessadíssimo no caso, o novo diretor se viu em uma situação constrangedora, à qual podemos chamar, vulgarmente, de “saia justa”. Para um conservador no espírito e na política, era sobremaneira desconfortável. Como já sabemos, um dos traços da personalidade de Nilo Pereira é a contemporização, nesse caso específico, podemos dizer diplomacia que ele usa para despojar-se de tal saia justa, como podemos constatar a seguir em seu relato: “Convidei o ilustre sacerdote e educador para uma conversa reservada, que não foi fácil”⁸⁸. Não apenas pela multidão em polvorosa que invadia o Palácio naqueles dias de mudança de governo e de regime, mas pelo teor tão delicado da conversa. Era preciso resolver a questão de um modo diplomático: “Usei da maior franqueza com o Cônego Jonas. Disse-lhe categórico: - Pode

⁸⁶ Idem.

⁸⁷Idem.

⁸⁸ Idem.

levar ao Dr. Agamenon a segurança de minha gratidão e o meu apelo no sentido de v. Revma. ser mantido no cargo”⁸⁹.

A assertiva com a qual ele conclui o pensamento traz um toque de fina ironia ao gesto que parecia humilde e reverente: “Compreendo perfeitamente o que é um telegrama do general Goes Monteiro numa hora dessas”⁹⁰. Se analisarmos unicamente o teor da última frase da conversa relatada, chegaremos à conclusão de que o gesto inicial não se deve ao respeito pelo velho mestre, cuja experiência deveria ser maior do que a sua. É a carta do general forte do Estado Novo que carrega a deferência, banhada no prestígio de quem a havia remetido. Não se sabe se o cônego aceitou tal oferta. O silêncio do narrador não exclui nenhuma das hipóteses. Mas se o fez, o intento foi malfadado, de nada lhe valendo: “No dia seguinte minha nomeação era publicada no ‘Diário Oficial’”⁹¹. O cônego Jonas não compareceu à posse: “mas, alguns dias depois, risonho e amável, veio cumprimentar-me. Era uma velha amizade que o tempo não desfez”⁹². Nada havia se perdido. Mantinha-se o cargo e a amizade.

A partir daí se estabelece uma colaboração que não iria se romper até a morte de Agamenon, em 1952. O primeiro encontro entre Nilo Pereira e Agamenon aconteceu na formatura da turma de Direito de 1932, quando muito impressionou o então professor o discurso do recém formado escolhido orador da turma. O jovem norte-rio-grandense parecia ter um perfil perfeitamente adequado para se tornar um dos homens da confiança do interventor, aquele que seria posto à frente da missão doutrinadora que caracterizou o Estado, naqueles anos.

Em Pernambuco, setores fundamentais da sociedade foram utilizados como instrumentos de disseminação e legitimação da ideologia do Estado: a educação, dirigida por Nilo Pereira; a imprensa, mais especificamente jornais como *A Folha da Manhã*, de propriedade do chefe de estado, do qual foi redator chefe por um longo período e a Igreja Católica. Em Recife, a militância católica de Nilo Pereira se coloca a favor do Estado Novo, mais, especificamente, da administração de Agamenon Magalhães, e passa a atuar em duas frentes: na política educacional e nos veículos de informação. O grande trunfo do estado era a sua política de convencimento, a doutrinação que se fazia diariamente por meio de artigos de

⁸⁹ Idem, p. 31-32.

⁹⁰ Idem, p. 32.

⁹¹ Idem.

⁹² Idem.

jornais, leis e decretos. Segundo Maria das Graças de Almeida, “O ensino foi reificado em Pernambuco, como mola propulsora para consolidação da nova ordem política. Encontrava-se à frente do Departamento de Educação Nilo Pereira, um dos líderes do laicato católico [...] Consagrado Mariano, porta-voz de uma ideologia autoritária e nacionalista”⁹³.

Nessa citação da historiadora que se debruçou sobre o período da administração de Agamenon Magalhães em Pernambuco buscando entender as relações de poder que se configuraram durante os oito anos de sua interventoria, é possível perceber os três principais elos da política empreendida pelo estado: a Igreja, o ensino e a imprensa. É possível observarmos também a relevância do papel de Nilo Pereira nesse sistema, sendo ele um homem da igreja versado nas teorias de democracia cristã e de ordem de Jacques Maritain e Jackson de Figueiredo; homem das letras, de imprensa, capaz de levar as palavras de ordem àqueles que precisavam ouvi-las – praticando a “boa imprensa”, sua velha conhecida. Podemos perceber, a um só tempo, os elementos que o colocaram nas graças do representante do Estado Novo em Pernambuco e fizeram-no uma peça central da política empreendida.

A historiadora afirma ainda que “os congregados marianos eram considerados ‘a nata da sociedade, representando a elite da mocidade local’⁹⁴. Seguiu-se assim a orientação de Alceu Amoroso Lima, para quem a educação no Brasil deveria repousar sobre a elite laica. Nilo Pereira seguia à risca tal orientação. Para ele, “‘O sucesso do [...] regime depende do systema de educação imposto e controlado pelo Estado. Fora dahi seria perder tempo, palavras e dinheiro’”⁹⁵. Em suas relações com o Estado Novo podemos identificar sua faceta que conjugava o religioso fervoroso e o administrador conservador.

Nesses anos da Interventoria de Agamenon Magalhães em Pernambuco e da Ditadura do Estado Novo no Brasil, ele esteve mergulhado na defesa dos ideais católicos e estadonovistas. O seu discurso de diretor do Departamento de Educação de Pernambuco e de presidente da Congregação Mariana da Mocidade Acadêmica estava em plena harmonia com as ideologias anticomunistas e nazi-fascistas do Estado e da Igreja. O livro *A construção da verdade autoritária* mostra como o Estado tomou a educação como instrumento de disseminação das ideologias do governo e também de legitimação no estado de Pernambuco. Segundo a autora, o novo paradigma pedagógico adotado pelo governo deveria se pautar nos

⁹³ ALMEIDA, Maria das Graças A. A. de. *A construção da verdade autoritária*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP. p. 38.

⁹⁴ Idem, p. 39.

⁹⁵ MENORES moralmente abandonados. *Folha Manhã*, Recife, Marc. 1938. In.: ALMEIDA, Maria das Graças A. A. de. *A construção da verdade autoritária*.

três cânones do fascismo: religião, pátria e família. O objetivo principal a ser alcançado era a instauração e manutenção da *Ordem*, o que significava sufocar qualquer esboço de pensamento que fosse de encontro à doutrina do regime. O nacionalismo e o catolicismo eram os pilares da ideologia dos regimes nazi-fascistas nos quais se inspirava a ditadura de Getúlio Vargas.

O jornal *Folha da Manhã*, o principal veículo da ideologia nazi-fascista do regime de Vargas na imprensa pernambucana, trazia em suas páginas, no dia 03 de março de 1938, o artigo "Educa-se a criança alemã sob o controle da autoridade", no qual o Governo faz uma apologia ao sistema pedagógico adotado pelo III Reich ⁹⁶. Em artigo publicado no mesmo jornal, vemos Nilo Pereira afirmar que o sucesso do regime dependia da eficácia do sistema de educação, não deixando nenhuma dúvida sobre o seu posicionamento em relação às políticas pedagógicas que deveriam ser adotadas em sua gestão.

Na década de 1930, na igreja católica, insurge a idéia de que para se construir uma nação moderna era preciso restabelecer a integração entre Estado e Igreja. A imprensa religiosa da época, representada em nível nacional pela revista *A ordem*, que pertencia ao centro Dom Vital, fundado no Rio de Janeiro, em 1921 por Jackson de Figueiredo, foi a grande divulgadora dessas idéias. Em defesa dos ideais da Igreja Católica, em pronunciamento para o jornal *A Tribuna*, referindo-se ao movimento de 30, Nilo Pereira afirmava que o moderno que assombrava a sociedade tradicional era “consequência das utopias, devaneios e miragens das ideologias da época contemporânea”, e ressaltava ainda que esses devaneios e miragens eram “inadmissíveis numa nação ‘predestinada’ ao catolicismo” ⁹⁷. Um exemplo de grande expressão dessa cruzada católica é o III Congresso Eucarístico Nacional, realizado no Recife, no ano de 1939. O evento teve tamanha repercussão que um ano antes já estava sendo noticiado nos jornais com grande destaque como “demonstração da fé cristã da colectividade” ⁹⁸.

O secretário geral do evento, o cônego Xavier Pedroza, sintetiza a importância do Congresso como um acontecimento “que deve interessar, e interessa de facto, a todos os catholicos” ⁹⁹. Ele completa o seu discurso com uma exortação à comunidade cristã: “Não se comprehende que um homem de fé seja indiferente a uma grande e publica manifestação de

⁹⁶ EDUCA-SE a criança alemã sob o controle da autoridade. *Folha da Manhã*. Recife, matutino, 08 mar. 1938, p. 03.

⁹⁷ ALMEIDA, Maria das Graças. *A construção da verdade autoritária*, p. 79.

⁹⁸ UMA imponente demonstração de fé. *Folha da Manhã*. Recife, jul. 1938.

⁹⁹ Idem.

amor a Jesus Christo, sobretudo, hoje, quando a nossa sociedade tem que voltar às praticas fervorosas de sua fé tradicional, para que a Nação não perigue, nem se abale nos seus fundamentos”¹⁰⁰. Fica claro que reforçar o amor cristão, a fé nos valores da igreja, é também uma maneira de fortalecer as bases da nação. O Terceiro Congresso Eucarístico termina por ser uma grande manifestação do poder da igreja católica, reunindo milhares de fiéis no Recife. Foi também uma perfeita associação entre o poder público e a Igreja: “O interventor Agamenon Magalhães deu todo o apoio ao Congresso. E quanto à Prefeitura, Novais Filho empregou todo o seu entusiasmo e todo o seu dinamismo na reconstrução do Parque [13 de Maio], capaz de reunir, como reuniu, cinqüenta mil pessoas”¹⁰¹. Em sua coluna *Notas Avulsas*, ao sugerir às autoridades públicas erigir um busto do ex-prefeito Novais Filho, Nilo Pereira usa o III Congresso Eucarístico, o apoio dado pelo estado ao evento, inclusive estrutural, para qualificar a gestão do antigo administrador. A atitude do ex-prefeito o qualificava pelo ímpeto empreendedor, além de cristão, que o levou a reconstruir o parque 13 de Maio para receber os fiéis que participariam do Congresso. Essa é a fala do homem do governo. Para o homem da igreja: “Ninguém esqueceu jamais essa manifestação de crença católica: o povo exaltado pela convicção de que o Brasil precisava realmente de voltar às suas origens e à sua formação religiosa. O Recife era então a ‘Catedral onde reza o Brasil’”¹⁰².

Um exemplo contundente do engajamento do líder do laicato católico de Pernambuco na missão de legitimação dos ideais que uniam Igreja e Estado é o discurso proferido por ele em 1935, na *Radio Club* de Pernambuco, por ocasião da Semana de Estudos sobre o culto mariano, promovida pelos congregados do Recife. Nilo Pereira faz um alerta sobre os malefícios do materialismo da sociedade moderna, que dava as costas aos princípios da religião que havia formado a nacionalidade:

No momento em que as idéias subversivas procuram solapar as bases institucionais da sociedade brasileira, negando o primado de Deus e das coisas divinas, é interessante notar que um grupo de moços animados de um idealismo forte, possuídos de visão exacta das nossas mais preementes necessidades moraes e espirituaes, se reúnem para proclamar os direitos de Nossa Senhora e aponta-la como caminho de ordem e de paz no meio a confusão e a desordem do mundo moderno¹⁰³.

O discurso apologético ao culto mariano dos moços, associação da qual Nilo Pereira se fez presidente, constrói-se sobre o eixo da dicotomia ordem/desordem, a partir do qual a

¹⁰⁰ Idem.

¹⁰¹ PEREIRA, Nilo. *Notas Avulsas. Jornal do Commercio*. Recife, mar. 1980.

¹⁰² Idem.

¹⁰³ CARTAS DE RECIFE. *Ecos da semana mariana no collegio Nobrega*. A Ordem. Natal, out. 1935.

ordem deveria ser instaurada e mantida pelo Estado, o que seria possível apenas por meio dos princípios da religião católica. O presidente da Mocidade Acadêmica traz em suas palavras a rispidez do autoritarismo, do cerceamento comum a qualquer doutrina ou ideologia que se julga universal. A postura inflexível, empertigada, a voz firme e impostada que o representante do laicato católico pernambucano deve ter adotado em seu discurso se deixa vislumbrar na força das palavras empregadas: solapar, premente, ordem. A imponência do discurso se coloca ainda com mais inflexão quando percebemos o conjunto de termos utilizados para caracterizar aquilo que se opunha ao sistema político e religioso defendido por ele, sejam eles: confusão e desordem. À força que ordenaria o sistema vêm se juntar a paz, o idealismo, as coisas divinas que só são possíveis junto àqueles que não negam o primado de Deus e que possuem a visão exata das coisas. Aposição de militante católico lhe investe do poder de apontar o caminho. Nilo põe termo ao discurso, também publicado no jornal católico natalense *A Ordem*, no dia 02 de outubro de 1935, com as seguintes palavras:

Unidos á sombra benéfica desses ideais, com os quaes caminhamos para a renovação da Patria, cumpriremos com um dever indeclinavel, mostrando a todos os homens de boa vontade a nossa serenidade e a nossa confiança, no momento em que o mundo se debate nas sombras do desespero. E' o que o Brasil espera de todos nós, para ser forte, para ser grande, para vencer¹⁰⁴.

Fica evidente que a mensagem implícita é a repulsa aos ideais liberais, ao mundo sem Deus, ao fantasma do comunismo, a mesma que alimentou o general Franco, chefe de estado espanhol, em seu discurso pelo “Dia da Unificação”, em 1938. O que mais chama a atenção no discurso do jovem ditador é a passagem que ordena: “fechem essas democracias os seus ouvidos, de uma vez por todas, á estupidez, e á infamia dos communistas”¹⁰⁵. Franco se referia às chamadas democracias liberais, “envenenadas por um liberalismo destruidor”¹⁰⁶. O general acabava de se declarar chefe de estado e de estabelecer na Espanha um estado católico, autoritário e corporativo e lançava todo o ódio do seu discurso sobre as nações democráticas, que estavam, segundo ele, à mercê da pecha comunista e do veneno mortal da política liberal. Defendendo a guerra civil que o colocou no poder, a qual caracteriza como “Uma [...] revolução, especificamente hespanhola, [que] recolhe de nossas gloriosas tradições tudo que se pode aproveitar, conservando os principios das doutrinas dos nossos pensadores, e o tradicionalismo de nossos jovens”¹⁰⁷, Franco afirma que “É com fé profunda e segura, e não com optimismo apaixonado, que emprehendemos essa tarefa de paz. Temos o auxilio de

¹⁰⁴ Idem.

¹⁰⁵ O DISCURSO do general Franco no dia da unificação. *Folha da Manhã*. Recife, jul. 1938.

¹⁰⁶ Idem.

¹⁰⁷ Idem.

Deus”¹⁰⁸. A repressão e o cerceamento dos regimes totalitários eram justificados pelo amor cristão. Deus aparecia sempre como o juiz supremo que perdoaria todos os atos cometidos em seu nome. O nacionalismo exacerbado era o mais novo filho do cristianismo.

Em conformidade com o anti-liberalismo de Franco, encontramos em Agamenon Magalhães um crítico ferrenho da democracia liberal. Toda a crença do interventor pernambucano nos regimes totalitários católicos está presente na declaração de apoio que se tornou célebre, proferida por ele no período de implantação do Estado Novo, na qual ele afirma: “Assegurar ao indivíduo liberdade de pensamento, liberdade de locomoção, todas as liberdades consubstanciadas nas declarações dos Direitos da revolução Francesa e Filadélfia; assegurar todas essas liberdades e dizer: morra de fome!”¹⁰⁹. Nessa declaração, Agamenon afirma que o bem estar da nação só poderia ser alcançado através de uma política de pulso firme, que não recuava diante da necessidade do uso da força e da coerção psicológica para estabelecer a desejada harmonia, qualificando a democracia liberal de hipócrita por oferecer a liberdade, mas não o alimento que a fortalece, inclusive, o espiritual. Sua conclusão é ainda mais taxativa e reveladora de suas ideologias e intentos políticos: “A essa democracia não darei o meu voto, a minha colaboração, porque contra ela clama a minha consciência de cristão, minha cultura, clama o mundo atual”¹¹⁰.

O discurso do general Franco do qual retiramos os pequenos trechos que intercalamos com as palavras do interventor de Pernambuco está transcrito em sua totalidade no jornal *Folha da Manhã*, no espaço de uma página inteira. O texto não vem acompanhado de nenhuma observação do editorialista, fala por si só. É enfático o suficiente para mostrar ao leitor, mesmo o menos atento, o direcionamento ideológico do jornal e cumprir a missão diária da qual era investido: incutir na população a legitimidade dos governos autoritários guiados pela fé católica. É fato que a direção do referido jornal, nesse período, estava nas mãos de Nilo Pereira, o que o torna um agente fundamental no processo de legitimação do regime, em Pernambuco. O seu nome aparece, inclusive, como censor do DEIP (Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda de Pernambuco), como afirma a pesquisadora Dulce Pandolfe em *Pernambuco de Agamenon Magalhães*. Nilo Pereira refuta com ênfase a versão da historiadora, afirmando que na condição de jornalista que foi acima de

¹⁰⁸ Idem.

¹⁰⁹ PADOLFE, Dulce Chaves. *Pernambuco de Agamenon Magalhães*. Recife: Fundação Nabuco/Massangana, 1984. p. 33.

¹¹⁰ Idem.

tudo, jamais se ocuparia de tão desonrosa função. Ele declara, em sua resposta, que ocupou o cargo de diretor do DEIP, mas que jamais exerceu censura sobre a imprensa:

ao dirigir, em Pernambuco, por algum tempo, o Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda (DEIP), na vigência do Estado Novo, só aceitei o cargo mediante uma condição que logo estipulei: não fazer censura de imprensa. Se bem que haja quem afirme que o DEIP comprimia a Imprensa e faço dessa falsidade um tema sugestivo de combate ou de valimento pessoal, a verdade é bem outra¹¹¹.

Ele ainda frisa, para encerrar a questão, que o ato de registrar tal episódio “é menos pelos que acusam [...] do que em honra da missão que nos é imposta pela vocação; e também para mostrar que a aceitação de minha recusa à censura então dominante enaltece a memória do interventor Agamenon Magalhães, que era jornalista e foi sócio benemérito da AIP”¹¹². A missão a que Nilo Pereira faz menção é a do jornalista para o qual “os fatos são sagrados, o comentário é que é livre”, o que para ele, “fixa bem a posição do homem de imprensa, que pode ter a sua opinião e até sua paixão, mas não pode deturpar os fatos”¹¹³.

Quando, mais tarde, Nilo Pereira se refere ao período em que foi redator chefe da *Folha da Manhã*, sentimos em suas declarações o desejo de atenuar um pouco o peso de sua mão no reacionarismo do jornal, apontando, inclusive, para a divisão do poder da diretoria do órgão: “Exerci o mais longo período de chefia da redação, que dividia com Cleophas de Oliveira, Edmundo Moraes e Silvino Lopes”. Essa foi uma página de minha vida”¹¹⁴. Logo em seguida, ele chama a atenção para o fato de nunca ter sido político, o que nos leva a pensar, e provavelmente é o propósito intentado, que a sua participação ali não tinha um cunho político, não era a favor do estado, que já havia ganhado, naqueles anos de 1980, quando ele escreve, a designação pouco simpática de *autoritário*: “Não sendo político, como a rigor nunca fui, enfrentei duras batalhas que, não raro, me levaram a incompatibilidades que o tempo apagou”¹¹⁵. As batalhas podem ser entendidas como os conflitos internos do regime que tinham como arena a redação da *Folha da Manhã*. Ou seja, ele está sugerindo que havia uma ala mais intransigente da qual não fazia parte. E ainda mais, que a sua função era desempenhada com a neutralidade exigida de um jornalista e a paixão de um católico que acreditava na necessidade de espiritualização da sociedade, e não como um reproduzidor do discurso autoritário e mandatário de atos ignóbeis contra aqueles que estavam sob o regime.

¹¹¹ PEREIRA, Nilo. *Pernambucanidade*, p. 35.

¹¹² Idem, p. 35-36.

¹¹³ Idem, p. 35.

¹¹⁴ PEREIRA, Nilo. Agamenon. Notas Avulsas. *Jornal do Commercio*. Recife. Jun. 1985.

¹¹⁵ Idem.

A figura de Agamenon Magalhães também ganha conotações mais amenas do que a de doutrinador, cooptador de mentes. Para Nilo Pereira, ele foi simplesmente “jornalista durante todo o seu período de Interventor Federal e de Governador eleito pelo povo. Nunca deixou de escrever”¹¹⁶. O gesto diário de ir à redação levar o artigo escrito à mão, geralmente discutindo assuntos que davam margem à associação entre política e religião, se transforma no gesto nobre de quem nunca abandonou o ofício de jornalista, mesmo ocupando cargo tão alto como a direção de todo um estado, dando visibilidade a um “homem arrebatado, autoritário, temperamental [que] vibrava todo inteiro na sua caligrafia”¹¹⁷. Enquanto a historiografia local já apontava para o autoritarismo doutrinador de homem tão talhado nas artimanhas políticas, como mostra a trama idealizada por ele para a deposição de Lima Cavalcanti, o que o tornou Interventor Federal¹¹⁸, percebemos nos relatos de Nilo Pereira sobre a questão o desejo de tornar o homem implacável numa figura humana, um articulador, mas não um traidor inescrupuloso – ressalte-se que Carlos Lima Cavalcanti e ele eram “amigos fraternos” antes do golpe de 1937.

Essa retratação aparece em *Pernambucanidade*, livro de 1983, no qual Nilo Pereira narra, em um dos textos, os sucessos que antecederam a deposição do governador: “O ministro Agamenon Magalhães enviou um emissário seu, de sua inteira confiança pessoal, ao governador Lima Cavalcanti, solicitando o apoio do dirigente para o Estado Novo”¹¹⁹. Ele busca com isso isentar o então Ministro do Trabalho da acusação de conspiração contra a administração de Lima Cavalcanti. E é ainda mais enfático em sua defesa quando afirma que

Sem querer de modo algum, reviver velhos debates ou reacender antigas suspeitas ou acusações manifestas, parece que quem insistiu em assegurar o apoio do Sr. Lima Cavalcanti à implantação do Estado Novo, enviando, repita-se, um emissário pessoal, não estaria apaixonado pelo poder, visando a ser amanhã, Interventor Federal em Pernambuco, de qualquer maneira¹²⁰.

Não temos dúvida em relação ao projeto de humanização da figura do interventor por parte de Nilo Pereira. Disso, cumpre ressaltar, dependia a sua própria imagem de homem que apoiou publicamente Agamenon Magalhães.

O fato é que a parceria com Agamenon Magalhães perduraria por longo tempo, resistindo até mesmo à mudança de regime. Em 1951, Nilo Pereira lança sua candidatura a

¹¹⁶ Idem.

¹¹⁷ Idem.

¹¹⁸ Para uma melhor compreensão das relações políticas que configuraram o estado novo em Pernambuco ver: PANDOLFE, Dulce Chaves. Pernambuco de Agamenon Magalhães. Recife: Fundação Joaquim /Massangana, 1984.

¹¹⁹ PEREIRA, Nilo. *Pernambucanidade*, p. 25.

¹²⁰ Idem.

deputado estadual de Pernambuco pelo PSD, partido fundado pelo ex-interventor, que se submeteria também às eleições constitucionais para governador do estado, pleito para o qual ambos foram eleitos. Nilo Pereira se disse sempre um inapto para essa participação mais direta na política, de modo que sua candidatura foi mais um dos chamados de Agamenon ao qual não podia fazer ouvidos moucos, pois um pedido dele soava como uma quase imposição. Foi “Na sua casa da rua da Amizade que ele me disse: - Sou candidato a governador. Quero que você seja o líder do meu governo na Câmara Estadual”¹²¹.

A análise que Nilo Pereira repete em seus escritos sobre sua passagem pela política se pauta sempre no inusitado da situação, algo imprevisto em sua trajetória: “Se houve coisa em que jamais pensei foi em ser deputado. O povo nunca me elegeria. Eu não tinha qualquer penetração nas massas”¹²². Ou seja, a candidatura aparece nos seus relatos quase como uma imposição do velho amigo. Mesmo fazendo sempre questão de chamar a atenção para a sua insatisfação inicial em relação à missão que lhe foi imposta, também trata sempre do assunto dando grande ênfase à importância de sua candidatura e ao sucesso do pleito, nas circunstâncias que se impunham naquele momento: “O momento político era sério, quase dramático. [...] Vi que tinha que correr o risco com o chefe do PSD”¹²³. Para enfatizar ainda mais a lealdade ao chefe político, vem o relato de uma das imposições do futuro candidato para aceitar a incumbência: “ponderei que não aceitaria minha eleição caso ele não fosse eleito Governador do Estado”¹²⁴. A imposição foi aceita. A outra era a de não falar em público. Nilo Pereira não se considerava um temperamento apto a comícios. Essa foi respeitada por algum tempo até o comício de Serra Talhada, quando a promessa foi quebrada pela seguinte frase: “Hoje, você fala”¹²⁵. E “Não houve outro jeito”. Aquele foi o primeiro comício e depois vieram os longos discursos em plenário, defendendo os projetos do governador, onde foi líder da bancada no período de 1951 a 1954.

Em suas reminiscências sobre o período em que legislou na câmara dos deputados, a importância do mandato é sempre exaltada: “Fui deputado de 1951-1954. Um período curto, mas intenso nas suas lutas partidárias. A UDN mostrava-se inconformada com a derrota eleitoral de João Cleophas de Oliveira, ilustre pernambucano cheio dos melhores serviços ao

¹²¹ PEREIRA, Nilo. Agamenon. Notas Avulsas. *Jornal do Commercio*. Recife. maio. 1980.

¹²² PEREIRA, Nilo. Notas Avulsas. *Jornal do Commercio*. Recife. maio. 1980.

¹²³ Idem.

¹²⁴ Idem.

¹²⁵ Idem.

Estado e o País”¹²⁶. João Cleophas tinha sido colega de redação na *Folha da Manhã* e figurou nas eleições de 1950 como opositor de Agamenon Magalhães, depois da cisão partidária ocorrida no estado, o que os colocou em fronteiras opostas. O espírito contemporizador de Nilo está todo na referência elogiosa que faz a João Cleophas, reconhecendo os serviços que este havia prestado ao estado e ao país. Podemos enxergar nesse gesto também a intenção da nobreza e humildade do vencedor para com o vencido, colocando-se em patamar ainda mais elevado, quando admite o valor daquele a quem derrotou. Acaba sendo também uma maneira sutil de demonstrar suas próprias qualidades, dando a entender, inclusive, que pleiteou e venceu de forma correta e valorosa.

No relato sobre sua passagem pela Assembléia é possível acompanhar o caráter dual da personalidade de Nilo Pereira, que guardava um silencioso observador e um homem de ironia fina e tenaz em suas respostas, quando provocado: “Cá no meu canto, ouvindo mais do que respondendo, [...] aguardava as surpresas que iam surgindo”¹²⁷. As surpresas eram as interpelações dos confrades, a quem sempre qualificava de mais experientes, às quais costumava responder não sem algo de ferino. Com isso concordava Agamenon Magalhães, que costumava dizer que ele era “melhor nas respostas do que nas perguntas”¹²⁸. A modéstia elegante do homem que rememora o parlamentar não permitia que se aliasse ao velho amigo nessa defesa em causa própria, a qual responde com uma afirmativa um tanto capciosa: “Acho que eu não era bom em coisa alguma”¹²⁹. Observemos que Nilo Pereira não afirma em voz própria, mas não resiste em trazer a público as considerações de terceiros sobre suas qualidades. Temos aqui um homem vaidoso de sua própria modéstia, ou, melhor seria dizê-lo, da sua humildade de sábio que não luta abertamente em causa própria.

Com esse temperamento próprio do homem de inteligência refinada nas estratégias políticas, literárias e ideológicas defendeu o Governo até o último dia de seu mandato em seus discursos, requerimentos e projetos. Num dos embates relatados por ele em suas crônicas diárias, na década de 1980, podemos sentir a mordacidade dos seus veredictos. Os inquisidores rechaçados dessa vez tinham sido os deputados Oswaldo Lima Filho e Luiz de França, que no mesmo artigo foi qualificado como girondino, opositor tenaz: “Defrontei-me com ele e outros mais, medindo minhas fracas forças com parlamentares experimentados”

¹²⁶ PEREIRA, Nilo. Relembrações. Notas Avulsas. *Jornal do Commercio*. Recife. jun. 1985.

¹²⁷ Idem.

¹²⁸ Idem.

¹²⁹ Idem.

¹³⁰. Mas a estratégia era sempre se resguardar para o momento exato. Um dos projetos discutidos naquele quadriênio foi a pavimentação de estradas que cortavam o estado, que “Era o grande motivo do governo”. O *girondino* Luiz de França se pôs a atacar a viabilidade e respeitabilidade da execução de tal projeto, afirmando veementemente: “Os caminhões afundarão nas estradas pavimentadas pelo governador Agamenon Magalhães” ¹³¹. Essa seria a hora exata para o líder do governo: “Saí, então, do meu aparente mutismo nesse aparte”. Transcrevo, então, o aparte do deputado dirigido ao arrebatado colega da oposição: “– Sabemos que V. Excia. é bacharel em Direito e engenheiro civil. Fala como bacharel ou engenheiro?” ¹³², ao que o deputado logo respondeu firmemente, com a autoridade que a investidura lhe concedia: “Falo como engenheiro”. Como quem soubesse de alguma ponte que houvesse caído em que no projeto constasse a assinatura do engenheiro Luiz de França, Nilo Pereira respondeu: “Então, estamos inteiramente descansados...” ¹³³. A julgar pela reação da platéia, onde soavam risos estridentes, e do opositor, que o olhou enfurecido, como olhasse para alguém “que ia pagar o pato” ¹³⁴, saiu-se vencedor do embate.

Um outro projeto que ganhou proporções gigantescas no estado foi o que pretendia homenagear o poeta recifense Manuel Bandeira com a colocação de um busto em praça pública. A proposição extrapolou os espaços do plenário e transformou-se em contenda, estendendo-se aos jornais, nos quais se debateram Nilo Pereira e Mário Melo, que julgava desnecessário e inconstitucional o gesto, já que o poeta estava fora do Recife há décadas e bem vivo, mesmo padecendo desde a infância de uma tuberculose que o assombrou durante toda a vida. O projeto foi sancionado em 17 de fevereiro de 1955. Ato pelo qual Nilo Pereira se regozija afirmando jamais ter duvidado de tal sanção por acreditar que “Não seria possível que o governo, arrastado por sutilezas, negasse ao poeta e à cultura uma homenagem tão justa do ponto de vista estritamente literário [...] ‘Lembraram-se do poeta’, eis tudo” ¹³⁵. Para o jornalista Mário Melo, colega de redação de Nilo Pereira, a justeza do ato não parecia tão óbvia. Durante muito tempo, essa discussão se arrastou pelos jornais, ocupando, inclusive, a mesma página, já que os debatedores tinham suas colunas uma ao lado da outra.

O canto de vitória de Nilo Pereira é, na verdade, uma resposta a um artigo de Mário Melo, publicado dois dias antes, no qual o jornalista relata que o projeto resultou da

¹³⁰ Idem.

¹³¹ Idem.

¹³² Idem.

¹³³ Idem.

¹³⁴ Idem.

¹³⁵ PEREIRA, Nilo. Sanção governamental. *Folha da Manhã*. Recife, fev. 1955.

necessidade de indenizar o escultor Celso Antônio, que havia produzido um busto do poeta a pedido de um grupo de estudantes que, desistindo da aquisição da peça, não honrou o compromisso assumido. Até então, o opositor do projeto vinha protestando em relação à constitucionalidade do ato. A descoberta das reais origens do busto deu-lhe fôlego para um último ato sarcástico na peça que vinha se desenrolando pelos jornais, o que ele justifica com as seguintes declarações:

Tenho combatido a colocação em logradouro público, do busto de Manuel Bandeira, não porque não o julgue poeta, apesar de sua fraqueza em se ombreando com os incompetentes, sim pelo fato de estar vivo e ser isto contra o espírito da Magna carta Estadual, que se proíbe a bujulação do nome numa placa de logradouro, quanto mais em busto de bronze¹³⁶.

É certo que constitucionalmente a batalha havia sido vencida, muito já se tinha discutido e comprovado, não existia impedimento. Mas aí, eis que surge a evidência de um novo fato que, de certa forma, ridicularizava o ato, pelo menos da forma como foi explorado pelo inteligente e polêmico cronista, como o descreveu Nilo Pereira. Sobre a estratégia de combate que vinha adotando, afirmou Mário Melo: “Apesar, porém, de assestar minhas baterias para êsse flanco, nunca deixei de enjicar com aquela cláusula do projeto que torna obrigatória, para a homenagem, a aquisição do busto já executado pelo escultor Celso Antônio”¹³⁷. Ele chama a atenção para o fato de já estar assinalada no projeto a quantia que se devia pagar pelo busto e a predileção pelo que havia sido executado por Celso Antônio, “o que dava a entender ajustamento prévio com preço certo”¹³⁸, o que o leva a concluir, ironicamente: “Até então, andava eu no terreno das conjecturas”...¹³⁹

Entra em cena para esclarecer definitivamente as dúvidas do jornalista o depoimento de Sylvio Rabello, explicando que “Esse busto fôra encomendado, por um grupo de acadêmicos, ao escultor Celso Antônio, que o executou, não sendo mais procurado”¹⁴⁰. O que levou o então Secretário de Educação a se dirigir à Câmara dos Vereadores para propor-lhes a compra do busto, o que não foi aceito devido a queixas que guardavam contra o poeta. O autor de *Cana de açúcar e região* ganha papel crucial na contenda, pois é acusado de induzir Nilo Pereira a sugerir o projeto com o real propósito de finalmente honrar a dívida da qual tinha sido uma espécie de fiador, por ter dado seu endosso ao grupo desistente. Nesse caso, o que deveria ser uma homenagem, seria, na verdade, um ajuste de contas: “Trata-se, antes, de

¹³⁶ MELO, Mário. Aqui e ali. *Folha da Manhã*. Recife, fev. 1955.

¹³⁷ Idem.

¹³⁸ Idem.

¹³⁹ Idem.

¹⁴⁰ Idem.

indenização a um escultor, por um negócio feito com estudantes, que propriamente de homenagem ao poeta vivo”¹⁴¹. E estava desqualificado o projeto, sendo assim, configurava-se “Mais uma razão, agora de indiscutível fundamento, para o general Cordeiro de Farias devolver à Assembléia Legislativa o projeto que lhe mandaram à sanção”¹⁴². Assim, Mário Melo finalizou seu artigo do dia 16 de fevereiro de 1955.

No dia seguinte, seria a vez da réplica de Nilo Pereira, que respondeu com um artigo intitulado de “A grande perfídia”, acusando o colega, nas entrelinhas, de reducionista, tendencioso e oportunista. O artigo inicia com as seguintes palavras: “Bom achado para o confrade Mario Melo o artigo do escritor Silvio Rabelo, historiando o caso do busto do poeta Manuel Bandeira”¹⁴³. Logo ele trata de esclarecer a questão: “Foi um simples histórico, que, a rigor, nada tem a ver com o sentido atual da homenagem ao poeta, como se depreende claramente da justificação do meu projeto de lei”¹⁴⁴. E reafirma, mais uma vez, o seu verdadeiro intento, justificando também as particularidades do projeto em relação à escolha do busto pré-produzido: “O que pretendi foi um tributo de admiração a Bandeira, quando se anunciou sua vinda ao Recife; e como soubesse por Silvio Rabelo que o busto feito por Celso Antônio do agrado era do poeta, não hesitei em acolher a sugestão”¹⁴⁵. A diplomacia do primeiro parágrafo se desfaz na fúria indignada com a qual se defende abertamente da injúria que lhe foi lançada:

Aí está como a melhor das intenções merece a deturpação consciente e pérfida de um encatarrado comentarista, que a outra coisa não visa senão à defesa de um ponto de vista pessoal, com o qual pretende incompatibilizar o Governo com a cultura. Se a lei for vetada, não é outra coisa que acontecerá, até porque, a estas horas, enorme repercussão alcançou na imprensa do Rio de Janeiro a homenagem a Manuel Bandeira. Que diria a Academia Brasileira de Letras se por um veto governamental se deixasse de prestar tão justo tributo a um homem da categoria dêsse poeta?

Nilo Pereira não poupou palavras ríspidas em sua resposta: deturpação, pérfido, encatarrado – todos esses termos foram utilizados para desqualificar o posicionamento e os argumentos de Mário Melo, tanto pela falta de fundamento como pela distorção que ele aplica na interpretação que dá à história narrada por Sílvio Rabelo. Vê-se na defesa engendrada por Nilo o firme propósito de afirmar também o empenho daquele governo, do qual até bem pouco tempo era um dos representantes, em relação à cultura do estado. Manuel Bandeira era

¹⁴¹ Idem.

¹⁴² Idem.

¹⁴³ PEREIRA, Nilo. A grande perfídia. *Folha da Manhã*. Recife, fev. 1955.

¹⁴⁴ Idem.

¹⁴⁵ Idem.

um poeta recifense que cantava a sua terra natal, que levou para outros lugares o nome do estado, de modo que a colocação do busto do poeta em praça pública era uma forma de enaltecer também a cultura recifense e isso era suficiente para justificar o ato.

Criou-se em torno dessa questão um clima de tensão e disputa acirradíssimo, dividindo a cidade entre partidários de Nilo Pereira e de Mário Melo, ou seja, a favor ou contra o busto de Bandeira. É fato que os dois homens tinham opiniões distintas em relação ao caso, mas a discussão em torno da polêmica que se criou em torno disso foi ganhando um efeito mais cênico do que ideológico, e talvez até alguma conotação comercial, já que os leitores eram levados a adquirir o jornal para acompanhar a novela em torno do poeta, de sua relação com a cidade do Recife, do busto, e dos dois propositores e continuadores da trama. Quem lia o bate e rebate dos dois pelos jornais acreditava que se tratava de ferrenhos inimigos, o que jamais aconteceu.

Além de dividir a redação do jornal partilhavam também de uma amizade de alguns anos. Um fato muito curioso em relação a essa questão que se arrastou por cinco anos nos jornais é revelado pelo depoimento do Sr. Geraldo Pereira, filho de Nilo Pereira, que, ao lembrar o caso, afirma ter ouvido do próprio pai que, muitas vezes, quando a ele ou ao seu debatedor faltava assunto para as crônicas diárias, telefonavam um ao outro com singelo e amigável pedido: “escreve alguma coisa sobre o busto”. Pronto! A semana estava salva. Não faltaria mais assunto para comporem seus artigos, preencherem suas colunas. Assim, a amizade se mantinha e a polêmica também. No fim, nada se perdeu, inclusive o busto: “Sempre fomos amigos. Apesar do busto de Manuel Bandeira que se interpôs entre mim e ele: e por pouco não levou o Recife a uma guerra civil; sendo que a intelectualidade recifense – na sua maioria – com o busto ficou e na poesia se exaltou”¹⁴⁶.

Toda a balbúrdia em torno da questão ensejou uma correspondência entre Nilo Pereira e o poeta Manuel Bandeira. Na década de 1980, o vencedor da causa publicou sob o título de “Entrevista (imaginária) com Manuel Bandeira” um artigo sobre o teor das cartas trocadas entre os dois sobre os desdobramentos da polêmica sobre o busto no Recife, assunto que ele introduz da seguinte maneira: “Não conheci pessoalmente o poeta Manuel Bandeira. Com ele mantive uma interessante correspondência a propósito do seu busto na praça pública. Isso rendeu uma polêmica de cinco anos com o jornalista Mário Melo”¹⁴⁷. Na continuação do

¹⁴⁶ PEREIRA, Nilo. Mascates. Notas Avulsas. *Jornal do Commercio*. Recife, fev. 1985.

¹⁴⁷ PEREIRA, Nilo. Entrevista (imaginária) com Manuel Bandeira. *Diário Oficial*. Recife .

artigo, afirma que a contenda causou um profundo ressentimento ao poeta, pois se questionava, no calor dessa discussão, sua “recifencidade”, julgando-o “um ausente do Recife”, do que ele se defendia com a afirmativa de que as matrizes de sua poesia estavam na Rua da União. De todo modo, como já foi anunciado, o vencedor da batalha foi mesmo Nilo Pereira e a colocação do busto de Bandeira, uma maneira que a cidade encontrou de reafirmar a pernambucanidade do poeta, foi aprovada. Bandeira não participou das solenidades de instalação do monumento, alegando impedimento médico, algo a ver com coração fraco para tamanha emoção, mas mandou o seu depoimento poético e sensibilizado, lido por um Nilo Pereira emocionado e vitorioso. Mário Melo talvez tenha se recusado a sair de casa naquele dia, protegendo-se da chuva fina que caía e da visão frustrante da cena contra a qual tanto protestou e que tomava lugar no cruzamento da Riachuelo com a Rua da União, onde viveu o avô do poeta.

O telurismo de Bandeira, exaltado por Nilo Pereira, remete-nos a uma discussão que vigorava no Recife desde os anos vinte sobre a relação telúrica que os recifenses mantinham ou deveriam manter com a cidade. Essa era uma das questões que vinham sendo fomentadas pelos regionalistas e Manuel Bandeira havia sido solicitado por Gilberto Freyre para fazer parte do grupo de intelectuais de origem nordestina que partilhavam desse sentimento. A discussão em torno da colocação do busto tornou-se um meio e um lugar de reflexão e de embate dessas idéias. Começamos a visualizar aqui uma outra vertente da atuação intelectual de Nilo Pereira no Recife, a que o aproximava das grandes discussões em torno da construção da idéia de uma pernambucanidade centrada na cultura recifense, que se desdobrava em nordestinidade, ou seja, literariamente, artisticamente, culturalmente, a região Nordeste estava sendo construída sobre as bases culturais e históricas do Recife, definindo-se como Nordeste açucareiro.

A cidade do Recife que suscitava essa associação era a das primeiras décadas do século XX, onde se podia visualizar ainda muitos elementos da sociedade patriarcal que deu origem ao Nordeste do açúcar. A cidade, para os intelectuais que se debruçavam sobre a missão de compreender e refrear as mudanças que ocorriam, estava assentada sobre a tradição que lastreou, segundo eles, a cultura e a sociedade brasileira, já que a colonização teve início nas terras que hoje conhecemos como região Nordeste, da qual o Recife, a partir do projeto histórico-sociológico-literário empreendido pelos regionalistas-tradicionistas, havia se transformado na sua principal expressão.

A partir dessas ligações, podemos visualizar uma outra cidade se configurando na vida de Nilo Pereira, que não se separa do humanismo conservador da Faculdade de Direito nem das ideologias católicas, mas extrapola os muros dessas instituições – indo além da Congregação Mariana, do jornal *Folha da Manhã*, do staff do interventor Agamenon Magalhães e do Padre Fernandes; e, a passos um tanto trôpegos, mas sempre constantes, avança sobre os muros da cidade tradicional, o *Recife Antigo*, misturando-se à turba dos defensores da cidade pacata, provinciana, que gostava de engenho, igreja e carnaval. O grande elo que unia os dois mundos de Nilo Pereira, ainda marcado pela divisão entre o sagrado e o profano, ainda era o exercício do jornalismo, que permitia a convivência com o que estava além dos domínios da intelectualidade católica.

O jornalismo foi a atividade diária de Nilo Pereira no Recife, desde os primeiros anos na cidade, tendo sido a imprensa pernambucana um dos lugares onde ele estabeleceu e reforçou os laços com a cidade e com as pessoas que começaram a fazer parte de sua vida ali. Por mais de cinquenta anos, o jornalista esteve presente no cotidiano da cidade e da população que o acolheu. Foi editor, redator e, principalmente, cronista. Os editoriais doutrinários dos anos 1940 e 1950, pouco a pouco, vão dando lugar a uma escrita leve, direcionada para o cotidiano da cidade, preocupada, muitas vezes, em entender a alma do recifense. Ele praticou o exercício jornalístico em diversos jornais pernambucanos, como o *Folha da Manhã* e *Diário de Pernambuco*, mas a casa que o acolheu ininterruptamente, desde os primeiros anos na capital pernambucana até o dia de sua morte, foi o *Jornal do Commercio*.

A relação de Nilo Pereira com o ser recifense, com a cidade que o acolheu, passa também pela redação, pelos jornalistas, pelos fatos e pessoas que fizeram aquele jornal dirigido durante muito tempo por Pessoa de Queiroz, que o recebeu quando chegou ali, como ele confia aos seus leitores em 1969, ano em que o jornal completava cinquenta anos de fundação:

O JORNAL DO COMMERCIO vai completar cinquenta anos de existência, no dia 03 de abril deste ano. Sou daqui um dos mais antigos. Ingressei na redação em dezembro de 1935. Pessoa de Queiroz, o dr. Pêssoa de Queiroz me disse então: - o artigo deve ser irritantemente claro. – Ainda hoje essa é para mim uma lição¹⁴⁸.

O primeiro artigo de Nilo Pereira para o *Jornal do Commercio* teve como tema o calçamento da cidade, misturando tema tão duro à subjetividade plena da busca que ele inicia,

¹⁴⁸ PEREIRA, Nilo. Notas Avulsas. *Jornal do Commercio*. Recife, jan. 1969.

mais sistematicamente, naqueles anos da década de 1960, uma busca pela essência da cidade, que era feita de pedra, mas também de homens e sentimentos que ele transformaria, mais tarde, em palavras. Durante muito tempo, foi responsável pelos editoriais do jornal. Na década de 1960, assumiu a coluna *Notas Avulsas* que se transformou, ao longo dos anos, num lugar de memória de Nilo Pereira e do Recife e também da sua cidade natal, Ceará-Mirim. A coluna teve diversos formatos - foi magra, longilínea, como ele, ao gosto de Gilberto Freyre, gostava de caracterizar o Recife; desceu ao pé da página, assumindo uma horizontalidade que talvez desejasse avistar a outra metade dessa cidade também inventada por ele, que atravessava as fronteiras do estado e desembocava no Vale do Ceará-Mirim – mas jamais deixou de ser um lugar de memória. E é nas páginas desse jornal que ainda debutava quando o jovem cronista chegou à sua redação, no ano de 1935, que visualizamos essa cidade feita de pedras, homens e sentimentos.

Nilo descobre o velho Recife: vida, morte e saudade... Recifencisando-se

Uma crônica escrita em 1985 mostra como essas duas cidades, Recife e Ceará-Mirim, foram se misturando no itinerário de Nilo Pereira. O ano era, aproximadamente 1936, quando Nilo Pereira saía às ruas pela primeira vez em pleno carnaval, levado pelo amigo de Faculdade e de jornalismo Mauro Mota: “Já não sei bem o ano. Sei que por exceção não fiz o meu retiro fechado de congregado mariano. Talvez quisesse conhecer o carnaval do Recife”. O memorialista dá uma primeira razão para atitude tão inusitada, ao qualificar o carnaval da capital pernambucana: “o melhor do mundo”¹⁴⁹. E segue em sua narrativa: “Nesse ano saí com Mauro Mota. Não tínhamos nada em vista. Iamos ao léu do tempo”¹⁵⁰. Em meio às lembranças do burburinho, ia mostrando o clima nervoso e alegre que envolvia todos na cidade que “fervia (ou frevia) tal como se dizia em 1906 segundo a tradição quando o jornalista Paula Judeu criou a palavra ‘frevo’ num momento de inspiração”.

A horda do carnaval vai desenhando o Recife festivo: “Saímos pela rua do Príncipe fomos pela rua do Hospício e ficamos apreciando o curso na rua da Imperatriz”¹⁵¹. O ritmo apressado que impactou Nilo Pereira nos primeiros tempos na capital pernambucana volta a figurar na sua escrita, quando ele relata sua primeira experiência com a festa mundana que transformava os ânimos, que tomava conta das ruas, que transformava as pessoas comuns de

¹⁴⁹ PEREIRA, Nilo. Um carnaval com Mauro Mota. *Jornal do Commercio*. Recife, fev. 1985.

¹⁵⁰ Idem.

¹⁵¹ Idem.

todos os dias em foliões irreverentes e indômitos. E o corso seguia: “Vimos passar um casal de ‘noivos’. Quem seriam? Soubemos que eram o professor Barros Lima e o médico Armando Temporal grandes amigo”¹⁵². Aí é que o inexperiente folião, mais observador do que folião, viu o poder do carnaval: “Quanto pode o carnaval!”. Os dois foliões que se enlaçavam em matrimônio nos dias de Momo eram dois médicos da Faculdade de Medicina, austeros professores em dias brancos.

O exercício de relembrar traz do passado aquilo que já não é mais: “O Recife era outra cidade. Digamos que isso fosse em 1936. O carnaval era muito diferente desse que vemos por aí. Olinda não sonhava em tomar ao Recife – vingança de quem perdeu o privilégio de ser capital de Pernambuco – a primazia do chamado tríduo momesco”¹⁵³. A cidade que emerge da escrita de Nilo Pereira em festa pela passagem do carnaval, a que tem o melhor carnaval do mundo, é aquela já distante, exatamente há quarenta e nove anos, e que ele vai buscar de volta num esforço de reconstituir o passado. E junto com ele vem a juventude, os primeiros momentos da vida no Recife, os amigos e também o amor. O carnaval do Recife também teria outro significado para esse homem que mais observou do que festejou na companhia de Mauro Mota, que “apontava pessoas conhecidas no corso” e “Num dado momento exclamou: – As Marques! – Quem são as Marques? – São as filhas de Bartolomeu Marques. Lindas Moças”¹⁵⁴. E Nilo recorda o momento em que viu pela primeira vez a mulher com quem se casou em 1943 e que lhe daria seis filhos, Lila Marques: “Vi quando passaram num carro enfeitado de rosas. Mal sabia que entre elas estava minha futura esposa – LILA – que seria tudo para mim nesta vida sem carnaval”¹⁵⁵. A cidade do Recife começava a transformar o cearamirinense em recifense também pelos laços do afeto.

¹⁵² Idem.

¹⁵³ Idem.

¹⁵⁴ Idem.

¹⁵⁵ Idem.



Nilo, Lila e os seis filhos do casal em sua casa do Recife, na década de 1950. Foto Acervo da família.

O amigo que lhe apresentou o carnaval, a cidade que emergia da folia de Momo, dividiu com ele outros espaços. Eles se conheceram nos tempos da Faculdade de Direito e encontraram-se ainda em muitas outras instituições, como a Fundação Joaquim Nabuco, a Academia Pernambucana de Letras, o Conselho Estadual de Cultura, lugares em que se discutiam os destinos e origens da cultura pernambucana. Mauro Mota, poeta, ensaísta e jornalista nascido em Nazaré da Mata, foi redator-chefe do *Diário de Pernambuco*, catedrático de Geografia do Instituto de Educação Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, membro da Academia Pernambucana de Letras, tendo publicado diversos livros, como *Elegias* (1952) e *Cajueiro nordestino* (1956)¹⁵⁶, dirigiu ainda o Arquivo Público Jordão Emerenciano, “onde ele arquivava desarquivando”, uma referência à sua maneira de dirigir a instituição. Mota é citado em muitos escritos de Nilo Pereira como o grande e velho amigo, “O companheiro de tantos anos. O confrade. Aquele a quem, por vezes, confidenciei segredos, porque confiava nele. E era ele não apenas um amigo, mas o amigo. Que vi sofrer em certas horas. E que comigo participava de certas incertezas da vida”¹⁵⁷.

¹⁵⁶ FONSECA, Edson Nery da. Gilberto Freyre de A a Z: referências essenciais a sua vida e obra. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, Zé Mário Editor, 2002, p. 117.

¹⁵⁷ PEREIRA, Nilo. Adeus, Mauro. *Jornal do Commercio*. Recife, nov. 1984.

Esse trecho foi retirado do artigo que Nilo Pereira escreveu por ocasião da morte de Mauro Mota, em sua coluna *Notas Avulsas*, em 1984. A partir daí, encontramos uma série de artigos fazendo referência à figura do escritor e aos tempos em que teve início a amizade entre os dois, como “O nosso Mauro”(02.12.1984); “O cajueiro”(05.06.1985), entre outros. A amizade entre os dois era sempre mencionada com significativo afeto, como vemos na dedicatória que ele fez ao amigo, no livro *Tradição e revisionismo*, publicado em 1950: “Ao querido Mauro Mota, com a admiração de outrora de Nilo Pereira. Recife, 17.02.950”¹⁵⁸. Encontramos ainda, no acervo da Fundação Joaquim Nabuco, um outro livro dedicado a Mauro Mota: “Ao meu querido Mauro, imortal antes de o ser, a velha admiração do Nilo/Recife, 29.1º,-970”¹⁵⁹. Nos dois oferecimentos há referência à velha amizade e trazem também, muito bem marcada, a palavra admiração, que se estendia ao escritor, jornalista e também geógrafo e não somente ao amigo que foi Mauro Mota.

Os artigos dedicados a homenageá-lo são o último adeus ao amigo morto, uma despedida que se arrasta por meses, que não cabe inteira naquele que foi intitulado singelamente de “Adeus, Mauro”, no qual o ilustre pernambucano morto é homenageado numa seqüência que lembra o poema que Manuel Bandeira escreveu para o *Livro do Nordeste*, no ano de 1925, “Evocação do Recife”, em que o poeta deseja relembrar o “Recife sem história nem literatura/ Recife sem mais nada/Recife da minha infância”¹⁶⁰. Assim como o Recife de Bandeira, desnudado de todas as denominações históricas, Nilo Pereira busca relembrar em seu adeus “Não o Mauro glorioso. O Mauro acadêmico. O escritor. O poeta poetíssimo. Mas o Mauro comum. O companheiro de tantos anos. [...] Esse o amigo que venho lembrar, no meu adeus”¹⁶¹, “o Mauro sem mais nada”... Ele busca o Mauro comum, o companheiro de sua infância no Recife (dos primeiros dias na nova terra), destituído de todos os títulos e posições que foi adquirindo ao longo da vida. Esse, o escritor, o jornalista, o grande intelectual não precisaria ser lembrado, revivido, pois jamais morreria. Cabia a Nilo Pereira então recuperar o Mauro Mota de carne e osso e espírito, das “boutades”, das peças pregadas aos amigos e a qualquer um que lhe parecesse devido, como as moças de Nazaré da Mata que se encantaram com os flashes de sua máquina fotográfica sem saber que não haveria filme algum a ser revelado.

¹⁵⁸ Dedicatória de Nilo Pereira a Mauro Mota no livro *Revisionismo e tradição*. Recife: Edições Folha da Manhã, 1955.

¹⁵⁹ Dedicatória de Nilo Pereira a Mauro Mota no livro que reunia os discursos pronunciados por ocasião da colação de grau dos concluintes da Universidade federal do Rio Grande do Norte, em 1969.

¹⁶⁰ FREYRE, Gilberto (org.). *Livro do Nordeste*. 2. ed. Recife: Arquivo Público, 1979.

¹⁶¹ PEREIRA, Nilo. Adeus, Mauro. *Jornal do Commercio*. Recife, nov. 1984.

Em sua comparação com o Recife de Bandeira, Mauro Mota surge no necrológio escrito por Nilo Pereira como o próprio Recife, um Recife de Mauro que o apresentou também ao congregado mariano, um mundo até então ignorado, um Recife desordenado, seguindo uma outra ordem, a dos foliões em busca do delírio do carnaval, a do homem dos arquivos que se embrenhava no labirinto de documentos que o levava para o passado da cidade, que via no cajueiro uma fonte de inspiração histórica e sociológica. Essa dimensão da cidade também se foi junto com Mauro Mota em seu caixão, carregado também de lembranças, as que guardavam a vida do jovem Nilo Pereira, descendo às profundezas da terra de onde não haveria de voltar se não fosse o poder da memória e da escrita. Como encontrá-lo agora “no Arquivo [...]? E no Conselho estadual de Cultura? E em qualquer parte?”¹⁶², perguntava-se Nilo Pereira. Mas não era apenas pelo amigo morto que ele perguntava. De todo modo, não o encontraria, nem a ele nem a cidade que lhe tinha sido revelada, essa havia morrido também, pois “Mauro Mota foi um tempo do Recife”¹⁶³ que se foi.



Academia Pernambucana de letras, 1958. De pé: Luiz Delgado, Mauro Mota e Costa Porto. Foto Acervo FUNDAJ.

E Mauro, como ele o chamava, não foi o único a lhe revelar o novo Recife, na verdade, o já velho *Recife Antigo*, cultuado, rememorado na poesia, na literatura, na crônica histórica de tanto recifense. Usamos como referência para a compreensão do que seria essa

¹⁶² Idem.

¹⁶³ PEREIRA, Nilo. Mauro Mota. *Jornal do Commercio*. Recife, nov. 1984.

cidade, denominada de *Recife Antigo*, as coordenadas fornecidas pelo historiador Raimundo Arrais, ao estudar a construção da capital pernambucana na literatura das primeiras décadas do século XX como produto das relações entre história e sentimentos. Para ele, o “*Recife Antigo*, ou *Recife Velho*, ou, ainda, *Recife de Outrora*”, se inscreve numa delimitação “em termos temporais situada entre o final do século XIX e a primeira década do século XX”¹⁶⁴. O *Recife Antigo*, mais do que recorte temporal e espacial, exprimia uma forma sensorial de apreensão da cidade, um lugar em que “a saudade se enrama nas formas físicas [...] e elabora as imagens que em grande medida foram sendo transmitidas aos sentidos daqueles que percorreram e percorrem”¹⁶⁵ suas ruas, orientados por uma literatura vigorosa que dava forma à fisionomia da cidade.

Como bom recifense que estava se tornando, Nilo Pereira precisava encontrar também aquela que seria a sua expressão do *Recife de Outrora*, aquele que não volta mais, mas que jamais deixará de ser lembrado, materializado e significado na escrita do bom recifense. Essa cidade paralela tão desejada e pranteada se afastava ainda mais cada vez que um de seus personagens saía de cena, mas aí ganhava cada vez mais força na lembrança de quem ainda por lá estava e que precisaria lutar com mais vigor para reencontrar os lugares que se perdiam junto com a morte daqueles que a habitavam. É isso que percebemos no elogio que Nilo Pereira faz ao livro de Gilberto Amado, *Minha formação no Recife*, de 1955. Em sua apresentação, o leitor é convidado à leitura de Amado como a um passeio pela cidade: “Recifense: toma do livro de Gilberto Amado – MINHA FORMAÇÃO – e com ele te embala na poesia da cidade”¹⁶⁶. O livro tem um formato específico: “Gilberto Amado completa com o elogio do Recife as suas lembranças renanianas”, as da infância, da juventude. Mas não são apenas lembranças dele,

são nossas, são de tôda a gente, que aqui nasceu, ou para aqui veio, ou aqui deixou-se ficar [...] e aqui continua a sonhar um sonho sempre de juventude. Ninguém envelhece no Recife, porque nesta cidade das galhardias, como escrevia Tobias Barreto, um sôpro de eternidade remoça tudo¹⁶⁷.

Essa é a missão da escrita memorialística para esses homens: manter esses espaços sempre jovens. Pois a memória de um é a memória de todos. Eles se encontravam no passado. Nilo Pereira também se inclui entre os recifenses aos quais se destina o livro. Aquele que

¹⁶⁴ ARRAIS, Raimundo. *A capital da saudade: destruição e reconstrução do Recife em Freyre, Bandeira, Cardozo e Austragésilo*. Recife: Bagaço, 2005, p. 19.

¹⁶⁵ Idem, p. 15.

¹⁶⁶ PEREIRA, Nilo. O livro de Gilberto Amado. *Jornal do Commercio*. Recife, set. 1955.

¹⁶⁷ Idem.

“para aqui veio, ou aqui deixou-se ficar” também deve ser considerado recifense: “Também eu vim”, escreve ele, “e fiquei; e não saio mais. Creio que a esta altura não me botam mais para fora”¹⁶⁸. Ao explicar os motivos que o fizeram ficar, vai apresentando também aqueles que legitimam a sua recifencidade: “Meu ideal era cursar a velha Faculdade, a catedral onde as verdades do Direito ressoam como num sino das liturgias sagradas. Realizei o ideal. Mas, ninguém vem ao Recife apenas para isso, para se locupletar da faculdade e ir-se depois pelos mundos”¹⁶⁹. Nessa passagem, podemos perceber que um dos elementos que seduziram ou contribuíram para a permanência de Nilo Pereira também foi a Faculdade de Direito, mas a causa maior estava além dos seus muros. Os dois anos que ainda faltavam para que o estudante concluísse o curso, quando se mudou para lá, não seriam suficientes para que o Recife se apresentasse por completo e lhe tomasse inteiramente à sua província, transformando-a numa segunda pátria.

A cidade que ele buscava não se revelava aos jovens, aos pouco observadores, aos recém chegados. Para descobri-la era preciso ficar, viver e envelhecer junto com ela, aí sim começariam a se descortinar as lindas paisagens que se escondiam no Recife misterioso. E para encontrá-lo, ele sugere ao leitor recifense: “debruça-te sobre êsse livro, se amas a tua terra, se és um devoto das coisas, se vives teluricamente do teu pequeno e grande mundo. Sobretudo, banha-te amorosamente no Capibaribe, o Papa-estrêlas da visão extraordinariamente poética de Gilberto Amado”¹⁷⁰. Esse não é apenas o Recife de Gilberto Amado, é o da visão de Nilo Pereira também, que tenta induzir o leitor a vê-lo no livro de memórias do autor que nem é recifense de nascimento, nem lá ficou além do tempo de sua formação, mas que soube compreendê-lo profundamente. E acaba nos revelando que esse é um pedaço do seu itinerário, que ele também passa a lembrar: “Por mim, sempre amei esse rio. Lembro as noites deslumbradas em que, juntamente com Silvino Lopes, outro que veio e ficou e morreu no Recife, nos púnhamos a olhar o rio quando deixávamos a redação do jornal”¹⁷¹.

Ele já havia permanecido tempo suficiente para começar a perceber que aquele Recife não existia mais, aquele partilhado com o amigo Silvino Lopes, enquadrado na imagem do rio que se emendava ao céu pontilhado de estrelas, no final de uma noite de trabalho na redação. E principalmente, aquele que o viu gastar a sua juventude: “os reflexos

¹⁶⁸ Idem.

¹⁶⁹ Idem.

¹⁷⁰ Idem.

¹⁷¹ Idem.

dos anúncios luminosos estão impedindo que as estrelas desçam ao seu grande comedor, ao seu devorador impenitente. Malditos anúncios luminosos”¹⁷². Os anúncios luminosos são a metáfora que representa a nova cidade, antagônica ao seu *Recife Antigo*, e surgem como um elemento modificador da paisagem lírica do rio onde se podia ver as estrelas, do rio que engolia as estrelas que se refletiam nele. Essa paisagem pertencia ao passado, aquele que pode ser visto no livro de Gilberto Amado, que é de todo recifense que tenha sabido ver e viver o Recife e de Nilo Pereira, unicamente dele, por caber inteiramente em suas lembranças de juventude, que direcionam o olhar do leitor para essa outra cidade que ele chama de romântica.

Na escrita de Nilo Pereira podemos visualizar o *Recife Antigo* que era só dele, mas que pertencia também a toda uma geração que envelheceu, que se adaptou menos do que a cidade à corrida insana do tempo. E por isso sentia com muito vigor e algo de ressentimento as mudanças que ela trouxera. O ressentimento maior é muito provável que viesse pela sensação de aproximação da morte, que se anunciava a cada vez que um pedaço da realidade que havia vivenciado se desfazia, dando lugar à lógica e aos personagens de um outro tempo. A memória age como o instrumento que permite que esses homens permaneçam enraizados aos lugares que faziam sentido para eles, reconstruídos em plena cidade convulsionada pelos letreiros luminosos, como aqueles que impediam a visão do rio estrelado: “Ponho-me a lembrar o Recife Antigo, que conheço desde 1931”¹⁷³. A expressão do *Recife Antigo* de Nilo Pereira é definida cronologicamente, e tem seu início em 1931.

Isso significa que essa cidade de outrora está condicionada à vivência que cada um mantém com ela, e à faculdade da memória que, para esses homens, parece ter o poder de reter o tempo. Mesmo em pleno exercício de rememorar o passado, ele afirma: “Não sou saudosista. Gosto de ver o tempo passar, silencioso como um fantasma”. Mas logo em seguida afirma que antes, antes de ver passar o tempo, “Era tudo menos apressado”. E mais, era tudo “menos opressivo”. Nesse momento, escrevendo em 1969, Nilo Pereira parece fazer também uma alusão ao sistema político do país, que vivia sob a ditadura militar, desde 1964. O que é um tanto curioso, pois ele mesmo fez parte do sistema de uma outra ditadura, a do Estado Novo, também um governo autoritário. Mas logo o Recife da década de 1930 volta à cena, visualizado por meio de jornais, lugares e personagens da época, as vozes que davam

¹⁷² Idem.

¹⁷³ PEREIRA, Nilo. Notas Avulsas. *Jornal do Commercio*. Recife, jan. 1969.

vida a essa cidade: “Jornais e revistas dão-me a impressão dêsse pequeno mundo que foi um momento da nossa beleza”¹⁷⁴.

Mesmo tendo afirmado não ser um saudosista, apreciando o posto de observador da passagem do tempo, como é o cronista, ele localiza no passado a beleza da cidade. E vai nomeando aqueles que tinham sido responsáveis por ela: “Ferreira dos Santos marcava como cronista. Willy Lewin como cronista e poeta. Altamiro Cunha escrevia sôbre a loura e a morena dos Aflitos. Austro-Costa, de monóculo, deixava na Rua Nova uma centelha de lirismo e às vezes de sátira”¹⁷⁵. Esses eram os personagens que marcavam o pitoresco da época e do lugar... “No café Continental, reuniam-se intelectuais ditos de vanguarda. Joaquim Cardoso fazia um poema. Otacílio Alecrim traçava no ar a caricatura de algum inimigo e sabia onde Tobias Barreto conversava com o Fausto de Goethe”¹⁷⁶.

Vai surgindo da escrita uma cidade um tanto enevoadada que ganha forma a partir de uma mistura de letras e pedras; que se materializa no encontro da poesia e da crônica desses homens com as ruas e bairros que lhes viram passar, que se deixaram viver e descobrir por eles, e que também receberam deles um novo sentido, como o Aflitos de Altamiro Cunha, redesenhado e personificado sob a análise e apreciação de suas mulheres (a loura e a morena); e a Rua Nova, que serviu de palco para a poesia de Austro-Costa, tornando-se lírica e até satírica. A rua ganha, então, as características que poderiam ser atribuídas ao próprio poeta e à sua poesia, tornando-se um personagem quase humano, envolvendo-se tanto com a poesia e com o poeta que se poderia afirmar que esses três elementos (a rua, a poesia e o poeta) davam origem a um único personagem, que era esse pedaço lírico do *Recife Antigo* de Nilo Pereira.

Nilo Pereira descreve uma cena romântica e pitoresca do Recife, ao apresentar o seu itinerário e daqueles a quem ele atribuía as características daquela cidade de poetas. Como ele não se coloca na cena, vemos o quadro do ponto de vista de um observador que se coloca à parte, que vê tudo a uma certa distância. Como recém chegado, é possível que ainda não tivesse tomado parte em tais cenas. A cidade não se mostrava inteiramente àqueles que ainda poderiam ser ditos desconhecidos. Como acadêmico mariano, poderia não se sentir tão atraído por essa cidade boêmia (que ele descreve nos anos sessenta), no momento em que chegou ao Recife. Percebemos, então, a interferência do Nilo sexagenário na reconstrução do Recife dos anos 1930. O grande momento da narrativa é quando ele narra o aparecimento de *Casa*

¹⁷⁴ Idem.

¹⁷⁵ PEREIRA, Nilo. Notas Avulsas. *Jornal do Commercio*. Recife, jan. 1969.

¹⁷⁶ Idem.

Grande & Senzala: “E um dia, o acontecimento maior: - chegava à Livraria Berenstein o livro de Gilberto Freyre – Casa Grande & Senzala. Waldemar Valente e eu corremos a comprar o livro, logo devorado”¹⁷⁷.

O aparecimento e a leitura do livro surgem como um momento de mudança, “o acontecimento que lhe permitiu enxergar um novo mundo”¹⁷⁸. O livro foi publicado em 1933, um ano depois de ele ter se estabelecido no Recife, seis anos antes de surgir o seu primeiro texto memorialístico sobre a cidade de Ceará-Mirim, chamando a atenção para a tradição açucareira da cidade. Junto da cidade fascinante que Freyre começava a lhe apresentar e da cidade romântica dos poetas e cronistas, eis que surge o Recife dos integralistas: “De repente, a passeata integralista, muita gente boa desfilando”; e dos intelectuais católicos, como “Manuel Lubambo numa época já remota do catolicismo viril. Nem sempre justo, Lubambo tinha, no entanto, o senso da realidade”¹⁷⁹. Quase numa mesma linha de texto, Nilo Pereira junta duas dimensões opostas, e duas fortes influências também: os pensamento católico conservador e as teorias sobre a formação do Nordeste de Gilberto Freyre.

Ao mesmo tempo que ele dá um lugar de destaque à *Casa Grande & Senzala*, traz para a cena um dos militantes católicos mais aguerridos do Recife naqueles anos: Manuel Lubambo, que desejou atear fogo ao livro de Gilberto Freyre no pátio do Colégio Nóbrega por causa da linguagem obscena que ele considerava imperar no livro. Esses foram acontecimentos que Nilo Pereira acompanhou de perto por ser o então presidente da Congregação Mariana da Mocidade Acadêmica, instituição que, de um modo geral, partilhava da opinião de Lubambo. Já nos anos 1980, ao se referir ao episódio, confessa que mesmo a Congregação Mariana sendo um “meio hostil a Gilberto Freyre”, simpatizava com ele, “secretamente”: “A primeira manifestação de hostilidade não era de caráter sociológico. Ele surgia aos olhos de alguns congregados como um pornógrafo – o pornógrafo do Recife”¹⁸⁰. Apesar de declarar não ter participado abertamente de tal campanha, procura justificar a reação da congregação ao livro: “O estilo era sem dúvida, maravilhoso; mas a linguagem tinha acentos fortes, tão em voga com Joyce, de obscenidade. A época não podia ter contemplações com esses excessos”¹⁸¹.

¹⁷⁷ Idem.

¹⁷⁸ Idem.

¹⁷⁹ PEREIRA, Nilo. Notas Avulsas. *Jornal do Commercio*. Recife, jan. 1969.

¹⁸⁰ PEREIRA, Nilo. *Gilberto Freyre visto de perto*. Recife: Editora Massangana, 1986, p. 5.

¹⁸¹ Idem.

Sutilmente, vai apontando aquilo que provavelmente ele mesmo reprovava na obra de Freyre, procurando deixar sempre muito claro que a crítica não era à sociologia, à nova interpretação que ele dava à sociedade patriarcal, mas sim aos “acentos fortes de obscenidade” que permeavam a linguagem do livro. Ele enumera ainda um outro elemento reprovável no livro “que seria um requisitório contra a pedagogia catequética dos jesuítas”¹⁸². Resumindo a questão, ele afirma que a Mocidade Acadêmica era “uma entidade fechada à permeação de certas idéias” e que não “trepidava em exercer seu papel na sociedade recifense, insurgindo-se contra tudo quanto não estivesse rigidamente conformado à doutrina da Igreja”¹⁸³. E que a ele, como presidente da congregação, eleito com apenas vinte e três anos, ocupando esse cargo privilegiado, não lhe era permitida qualquer concessão a Gilberto Freyre, mas também não o “obrigava a movimentos de hostilidades”¹⁸⁴.

Os textos analisados estão afastados temporalmente em mais ou menos vinte anos. A associação entre os dois é permitida e necessária pelo fato de tratarem, em alguns pontos, dos mesmos objetos, possibilitando a visão que o passar dos anos vai ajudando o autor a construir em relação às situações que viveu ao longo da vida, num esforço de conciliar o velho Nilo com o Nilo de ontem, o jovem Nilo. Dessa forma, aquilo que poderia ser entendido como contradição, que poderia depor contra a sua participação nesse ou naquele grupo, paralelamente, era realinhado e (re)significado numa lógica ordenadora capaz de mostrar coerência na fala de um mariano que se dizia fascinado por *Casa Grande & Senzala*. E tudo isso poder ser dito como o novo e o “velho Recife, já distante e tão vivo ainda!”. Afirmativa que ele logo explica: “Tudo vai mudando, correndo. Mas o tempo pode ser aprisionado numa lembrança, que é sempre uma maneira de sentirmos que somos os mesmos, que a vida é a mesma”¹⁸⁵. Mas não permanecemos os mesmos. Temos a capacidade de nos reinventar e de nos reavaliarmos, a cada momento da vida. E isso nos permite trazer de volta aquilo que julgamos necessário e conveniente e encobrir aquilo que já não parece mais tão interessante. Esse não é um processo inteiramente racional. É tão subjetivo quanto aquilo que resulta dele, por isso, o que somos e aquilo que julgamos ter sido ou vivido vai ser sempre resultado do diálogo existente entre essas dimensões que a memória e o tempo se encarregam de equacionar.

¹⁸² Idem.

¹⁸³ Idem, p. 6.

¹⁸⁴ Idem.

¹⁸⁵ PEREIRA, Nilo. Notas Avulsas. *Jornal do Commercio*. Recife, jan. 1969.

O homem vai envelhecendo e a imagem da morte vai ficando cada vez mais presente em sua escrita. O fascínio, o medo dessa última etapa da vida encheu as páginas de Nilo Pereira durante décadas, mas carregando, em cada época da vida do autor, nuances diferenciadas. Nos anos da velhice, ela aparece como um elemento capaz de recuperar o passado, de trazer-lhe de volta o vigor e todo o horizonte de vida que a juventude lhe permitia. Ao mesmo tempo que a morte vai tomando as páginas de Nilo Pereira, vai preenchendo-as com lugares, pessoas e imagens que fizeram parte de sua vida, da vida do homem que foi para o Recife e lá permaneceu, personagens já levados pela morte – os homens, e junto com eles esses outros personagens, os lugares que ganham vida, cores, cheiros e personalidade em suas narrativas.

Em 1980, Nilo Pereira recorda em um de seus artigos da coluna *Notas Avulsas* o colega professor de História da Literatura Portuguesa da Faculdade de Filosofia do Recife, da qual foi Diretor por dois mandatos. O colega em questão é Jordão Emerenciano, historiador nascido na cidade de Catende, Pernambuco, em 1919, bacharel em Direito, formado pela Faculdade de Recife, e em Biblioteconomia, e fundador do Arquivo Público Estadual, dirigido por ele até o ano de sua morte¹⁸⁶. Durante os quase trinta anos em que dirigiu o Arquivo Público de Pernambuco, que hoje tem o seu nome, realizou diversos trabalhos de natureza histórica, como a edição dos *Anais da história pernambucana*, de Pereira da Costa e do livro de Freyre, *A propósito de Morão Rosa & Pimenta*. A exemplo de Nilo Pereira, Emerenciano também pertenceu ao grupo dos Congregados Marianos, que “na década de 40, combatia G.F, de quem se aproximou posteriormente”¹⁸⁷. Em 1971, pouco tempo antes de sua morte, deixou o seguinte depoimento sobre a aproximação com o autor de *Casa Grande & Senzala*:

Durante largos anos, houve entre a minha geração e a do autor de *Casa Grande & Senzala* muitos antagonismos que impediam qualquer compreensão. [...] Não compreendo como foi possível esse equívoco, como se operou esse divórcio que a perspectiva, a compreensão, os anos, terminaram por superar e transformar em admiração ampla e larga¹⁸⁸.

O descendente de portugueses, nascido na cidade de Catende, com quem Nilo Pereira cultivou uma estreita amizade, havia morrido em 1971 e junto com ele levou o Recife dos jantares e saraus literários que oferecia aos amigos, em sua casa. Num domingo do mês de outubro de 1980, o assunto da crônica diária era a saudade do amigo morto e dos convescotes

¹⁸⁶ FONSECA, Edson Nery da. Gilberto Freyre de A a Z: referências essenciais a sua vida e obra, p. 64.

¹⁸⁷ Idem.

¹⁸⁸ Idem. (cf. Doutorado de Gilberto Freyre. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1972, p. 26)

interrompidos por sua morte: “Ando, hoje, com muita saudade do meu amigo Jordão Emerenciano. Lembro-me dos jantares que realizava na rua dos Ossos. Silvino Lopes dizia que Jordão morava nessa rua porque havia comido a carne toda”¹⁸⁹. Sylvio Rabello e Gilberto Osório de Andrade também são lembrados como comensais e debatedores assíduos dessas reuniões.

Nilo Pereira recorda uma dessas reuniões, na qual se encontravam o anfitrião e os convivas de sempre em volta da mesa, prestes a saborear um prato suculento de carne regado a bom vinho, quando veio a idéia de modificar o catecismo eliminando a carne dos elementos considerados inimigos do homem. Para Jordão Emerenciano, um famoso apreciador da boa mesa, se retiraria a carne e no lugar se colocaria o peixe, junto ao “Mundo e o diabo”. Nenhum Concílio Ecumênico foi realizado em prol de tal mudança, mas naquela noite foram todos absolvidos do pecado da gula. Mesmo Sylvio Rabello fazendo questão de observar que “segundo Eça de Queiroz, frei Euzébio quase era condenado às profundas por causa de um pernil de porco, comido com a voracidade da gula”¹⁹⁰. Segundo Nilo Pereira, Jordão era o centro de tudo. Para ele, esses momentos de prazeres da mesa eram antes de tudo “horas infindas de encantamento espiritual. O que ele queria era reunir amigos. Estar com eles”¹⁹¹. Ou seja, “ouvir Sylvio em ‘boutades’ diabólicas. Ou Cascudo em sua ‘causerie’ insuperável. Ou João Vasconcelos contando histórias de ingleses da Great-Western [...]. Ou ouvir Samuel Macdowell recitar Camões, Dante, Shakespeare, Jorge de Lima”¹⁹².

¹⁸⁹ PEREIRA, Nilo. Notas Avulsas. *Jornal do Commercio*. Recife, out. 1980.

¹⁹⁰ Idem.

¹⁹¹ Idem.

¹⁹² Idem.



Grupo que formava a diretoria do Arquivo Público de PE. Da esquerda para a direita: Jordão Emerenciano, Nilo Pereira, Cleophas de Oliveira, Câmara Cascudo, Gilberto Osório e João Vasconcelos. Ano de 1976. Foto Acervo da FUNDAJ.

A narrativa de Nilo vai se deslocando pela cidade, acompanhando os deslocamentos dos amigos dentro dela, conformando-se numa configuração afetiva: “Depois foi na rua Cardeal Arcoverde. A mesma alegria de convescotes intermináveis. E, mais tarde, na Jacaré Castle [...] O ciclo de amigos se alastrava. Tudo era amizade, expansão, certeza de que a vida é bela”¹⁹³. As linhas que ligam a rua dos Ossos a Arcoverde e ao Rosarinho no Recife lembrado por Nilo Pereira seguem pela via do afeto, da saudade que esses homens e lugares que se foram despertaram nele e mantinha vivo o Nilo que construía esse itinerário sentimental e literário, dentro da cidade: “Vivo muito dessa recordação. Tudo agora tão diferente! Quem falava em terrorismo? Quem tinha medo de sair à rua? Quem temia as sombras do quintal ao regressar à casa, depois de um encontro que a noite aprimorava em feitiços da inteligência?”¹⁹⁴. “Que é do Recife – pergunto sempre – sem Jordão, sem Waldemar de Oliveira, sem Nelson Ferreira? Sem Sylvio Rabello?”¹⁹⁵.

“Contemplei tua face, meu caro Gilberto, na cena final da morte. Estavas tranqüilo. Não era ao morto que eu falava, mas ao vivo. Tive palavras como estas: – como estás,

¹⁹³ PEREIRA, Nilo. Notas Avulsas. *Jornal do Commercio*. Recife, out. 1980.

¹⁹⁴ Idem.

¹⁹⁵ Idem.

Gilberto? Como te sentes nesta imobilidade? Para onde foste?”¹⁹⁶. São essas as palavras que abrem a coluna *Notas Avulsas*, no dia 03 de agosto de 1986. Era o último adeus a mais um amigo que partia. Dessa vez, quem partia era o geógrafo Gilberto Osório de Andrade, nascido em 1912 no Recife, formado na mesma turma de bacharéis em Direito de Nilo Pereira, “pertenceu ao grupo de estudantes que leram *Casa Grande & Senzala* e se tornaram discípulos de Gilberto Freyre”, e foi membro efetivo do Seminário de Tropicologia, desde o início, em 1966¹⁹⁷.



Turma de bacharéis em Direito de 1932. Da direita para a esquerda: Nilo Pereira e Gilberto Osório de Andrade. Foto Acervo da FUNDAJ.

E mais uma vez, diante do caixão que levava para o destino final um amigo e também mais um pedaço de sua vida, ressurge na narrativa de Nilo Pereira o passado de juventude e dos primeiros passos na cidade de Recife: “E, de repente, todo um passado se levantou diante de mim. [...] eramos estudantes da Faculdade de Direito. Quase adolescentes. Vivíamos os nossos sonhos. Que iríamos fazer? Quais seriam os nossos caminhos?”¹⁹⁸. Nilo Pereira escrevia como um homem que já tinha vivido o suficiente para assistir à morte daqueles que fizeram parte da realidade que fazia sentido para ele, na qual a vida era ainda todo um caminho ainda a ser seguido. O desalento de ir chegando ao final desse caminho e já muito enredado pela solidão, por viver num mundo que já não fazia muito sentido, percorre as

¹⁹⁶ PEREIRA, Nilo. *Notas Avulsas. Jornal do Commercio*. Recife, ago. 1986.

¹⁹⁷ FONSECA, Edson Nery da. *Gilberto Freyre de A a Z: referências essenciais a sua vida e obra*, p. 24.

¹⁹⁸ PEREIRA, Nilo. *Notas Avulsas. Jornal do Commercio*. Recife, ago. 1986.

linhas de suas *Notas Avulsas*, que vão se transformando, pouco a pouco, em crônicas da morte de uma cidade, de um tempo, de um homem.

Nilo Pereira vai descrevendo em mais um doloroso necrológio o itinerário que uniu a vida dos dois amigos na cidade do Recife: “nossos caminhos seriam quase os mesmos. Tu, o mestre; eu, o discípulo”¹⁹⁹. Vai mostrando ao leitor todas as angústias vividas por aquela geração que iniciou sua juventude ainda sob a sombra da Primeira Guerra Mundial: “Minha geração conheceu grandes nomes e grandes coisas. Viu e viveu as conseqüências da Primeira Guerra Mundial. Veio depois a Revolução de 1930”, momento em que ele e Gilberto Osório começavam suas vidas: “Estávamos – tu e eu – engatinhando os nossos passos para a vida. Mal havíamos entrado na Faculdade”, “Éramos professores de colégios e depois nas Universidades”²⁰⁰. A política foi um fator divergente entre os dois: “Depois veio a política [...]. Ficamos em campos diferentes”. Mas não opostos, como a seguinte declaração confirma: “Mas a tua grandeza nunca permitiu que uma amizade fosse ferida por circunstâncias que não configuravam de nenhum modo a essência da vida”²⁰¹. A narrativa se constrói como um diálogo entre Nilo Pereira e Gilberto Osório, na verdade, um monólogo de Nilo dirigido ao amigo com quem havia convivido por mais de cinco décadas. Em algumas passagens parece uma espécie de pedido de desculpas por alguma desavença que possa ter existido entre os dois. A maneira como a questão política é colocada dá indícios dessa possível intenção por trás das declarações de Nilo Pereira.



¹⁹⁹ Idem.

²⁰⁰ Idem.

²⁰¹ Idem.

Gilberto Osório de Andrade saudando Nilo Pereira na Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, no ano de 1949. Sentados: José Augusto Varela (governador do RN), Paulo Pinheiro de Viveiros (presidente da Academia) e Nilo Pereira. Foto Acervo da FUNDAJ.

No parágrafo final da crônica descreve-se também a cena do último ato da cena mortuária do geógrafo: “Olhei bem a tua face lívida. Vi as tuas mãos cruzadas e nelas as orquídeas de tua preferência. Falei baixinho de nós mesmos. Era a hora definitiva – aquela que anuncia a morte e o morto”. Depreende-se dessa passagem que o texto não trata unicamente da morte de Gilberto Osório, mas da morte como uma dimensão da vida, e também simbolizando o fim de uma época: “Por quem os sinos dobram? Não havia sinos. Bastava o bater dos nossos corações. E tu, amigo, dormindo. Dormindo profundamente”²⁰². Não é preciso um esforço muito grande para ouvirmos as vozes que o incitam silenciosamente. As referências literárias estão presentes no texto. Os sinos de Hemingway, que choram não pela morte de um homem, mas pelo fim de uma vida e a imagem do sono profundo de Bandeira, que anuncia a morte de uma sociedade a partir da perda familiar, do avô, da rua, da casa da primeira infância. Na crônica de Nilo Pereira, o que lateja é dor pela morte de um amigo, de um grupo, de uma época:

Minha turma de Bacharéis está acabando. E, no entanto, eu os vejo, a todos, como se ainda cursássemos a Faculdade. Onde estão eles? Ali nos corredores da Escola. Nos bancos. No anfiteatro. Que fazem? Esperam pelos professores. Sonham com o dia da formatura. Mais adiante são bacharelados. No outro dia, bacharéis. Começa uma vida nova, o futuro. Agora é o passado que retorna e se faz presente²⁰³.

O *Recife Antigo* de Nilo Pereira é literalmente o Recife morto, que simboliza a perda de pessoas que o ajudaram a enxergá-lo, a enterrar lá suas raízes. Morrendo essas pessoas que simbolizavam, para ele, o próprio lugar, morria também o seu passado ali, que se tornava mais uma expressão do *Recife Antigo* que o presente só lhe permitia rememorar. A relação que Nilo Pereira vai construindo com a cidade em suas crônicas nos remete à análise de Maurice Halbwachs sobre os elementos que fazem parte da formação de um grupo. Para ele, é impossível pensar um grupo “descartando qualquer imagem espacial”²⁰⁴, e “Esta dificuldade é ainda maior quanto mais longe retrocedemos no passado”²⁰⁵. As relações que estabelecemos com a dimensão espacial é, em grande medida, aquilo que ajuda a criar um sentido de grupo, de coletividade, isso porque os grupos precisam estar ligados a um espaço “que cria entre seus membros as relações sociais”, pois “Se, entre as casas, as ruas e os grupos

²⁰² Idem.

²⁰³ PEREIRA, Nilo. Mortos no meu caminho. Notas Avulsas. *Jornal do Commercio*. Recife, out. 1974.

²⁰⁴ HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006, p. 166.

²⁰⁵ Idem.

de seus habitantes houvesse apenas uma relação muito accidental e de curta duração, os homens poderiam destruir suas casas, seu bairro, sua cidade, e reconstruir em cima, no mesmo local, uma outra cidade, segundo um plano diferente”²⁰⁶. No entanto, a memória do tempo e das coisas impede que a configuração antiga se desfaça. Ela está impregnada nas lembranças, nos hábitos e trajetos que se costumava percorrer dentro daquele espaço.

No ano de 1987, ele assiste à morte de mais um amigo que a vida em Pernambuco lhe trouxera. No dia 26 de agosto daquele ano, passado pouco mais de um mês da morte de Gilberto Freyre, Nilo Pereira publica em sua coluna o último texto de uma série sobre o intelectual pernambucano, intitulado “Grandeza Final”. Todos os outros textos que anunciavam a morte de um amigo recifense traziam o desalento e o pesar costurando frases e palavras. Nesse texto, em especial, o desejo maior parece ser mais falar do vivo do que do morto. É isso o que vemos e sentimos em cada parágrafo, como esse que abre a crônica: “Há um aspecto em Gilberto Freyre, que muito me agrada declarar: a sua grandeza pessoal”²⁰⁷. Respeitaremos então o seu desejo na hora em que reverenciava o “grande morto, tão vivo!”.

O episódio lembrado por Nilo Pereira pretendendo demonstrar a retidão de caráter de Gilberto Freyre envolve as relações pouco amistosas entre o sociólogo e a figura do interventor Agamenon Magalhães, acusado de mandar prendê-lo na década de 1930. Mesmo em face da declarada antipatia de Gilberto Freyre em relação ao ex-interventor, na década de 1970, quando Nilo Pereira escreve o livro *Agamenon Magalhães: uma evocação pessoal* decide ofertá-lo a Freyre, com quem convivia em diversas instituições como o Seminário de Tropicologia, o Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisa Social, a Academia Pernambucana de Letras e o Conselho Estadual de Cultura. O que o levou a não hesitar em tal gesto, ele explica a seguir:

Como eu dava a Gilberto tudo quanto publicava não quis fazer exceção para esse novo livro [...] Entregando ao sociólogo, assim lhe falei: – Sei que você não vai ler esse livro, mas achei que era meu dever ofertá-lo. E ele, incisivo: – Você não seria digno de minha amizade se não escrevesse esse livro. Eis um gesto de grande significação moral e, repito, de grandeza pessoal²⁰⁸.

Em outro artigo, de dezembro de 1988, Nilo Pereira associa a figura de Joaquim Nabuco a Gilberto Freyre, os quais ele vê “unidos e reunidos pelos mesmos ideais de

²⁰⁶ Idem, p. 163.

²⁰⁷ PEREIRA, Nilo. Notas Avulsas. *Jornal do Commercio*. Recife, ago. 1987.

²⁰⁸ Idem.

liberdade e de Pernambucanidade”²⁰⁹, fazendo alusão à criação da lei que deu origem ao Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, de autoria do então deputado Gilberto Freyre, eleito pela UDN em 1946. Em 1979, uma outra lei autorizou o Poder Executivo a transformar o Instituto em Fundação Joaquim Nabuco - FUNDAJ, feito decretado em 15 de março de 1980, aniversário do autor de *Casa Grande & Senzala*²¹⁰. O Instituto e, principalmente, a FUNDAJ, surgem completamente sintonizados ao projeto de Nordeste de Freyre, um lugar onde pesquisadores e estudiosos poderiam encontrar o Nordeste da tradição e do açúcar sistematizado e, principalmente, um lugar onde se podia dar maior visibilidade às discussões em torno do passado tradicional do Nordeste e de Pernambuco.

Para Nilo Pereira, a lei que deu origem ao Instituto “nascia da realidade nordestina vista por um ângulo e por olhos sempre jovens”. Nessa declaração, ele esboça seu conceito sobre a figura e a obra de Freyre, o homem que deu uma nova interpretação à realidade nordestina e representa, junto com Nabuco, a expressão daquilo que “Pernambuco tem de mais precioso e de eterno como vitalidade de nosso espírito”. Juntos “Representam o que somos e o que nunca deixaremos de ser”²¹¹. Se os amigos pernambucanos de Nilo Pereira, os quais apresentamos nesses parágrafos que conjugaram duas dimensões da existência tão íntimas e tão distintas, vida e morte, ajudaram-no a compreender e viver o Recife, Gilberto Freyre o ajudou a compreender Pernambuco e o próprio Nordeste; e ainda, o ajudou a compreender e (re)significar, à luz de sua interpretação do que seria o Nordeste, a cidade da infância, o Ceará-Mirim.

Esse é um dos indícios da intensa troca de impressões e de influências que devia existir entre esses homens. Essas trocas de experiência podiam se materializar num pequeno gesto de oferecer ao outro aquilo que se produzia como, por exemplo, os livros dedicados a Mauro Mota por Nilo Pereira. Oferecer ao julgamento do outro aquilo que escrevemos pode significar muitas coisas: admiração pelo outro, confiança no veredicto desse outro, o desejo de compartilhar aquilo que pode ter tido alguma ascendência intelectual ou afetiva do outro, ou tudo isso. O corpo intelectual de cada indivíduo traz desenhado os diálogos e relações mantidos com as pessoas que fizeram parte de sua vida. Essas relações se tornam ainda mais complexas quando tratamos de um grupo específico, os intelectuais. Nesse caso, as

²⁰⁹ PEREIRA, Nilo. Evocação de Gilberto Freyre. Notas Avulsas. *Jornal do Commercio*. Recife, dez. 1988.

²¹⁰ FONSECA, Edson Nery da. Gilberto Freyre de A a Z: referências essenciais a sua vida e obra. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, Zé Mário Editor, 2002, p. 75.

²¹¹ PEREIRA, Nilo. Evocação de Gilberto Freyre. Notas Avulsas. *Jornal do Commercio*. Recife, dez. 1988.

influências se exteriorizam de um modo mais concreto, no sentido de que podemos visualizá-las em suas obras, discussões e pensamentos. Não apenas em gestos e palavras.

Como exemplo de práticas dessa rede intelectual, podemos citar a divulgação que eles fazem de suas obras. Assim, usam o seu prestígio em favor do outro e também ligam o seu nome à pessoa e obra em questão, legitimando aquilo que o amigo escreveu e demonstrando, algumas vezes, o que de seu existe ali. Gilberto Freyre faz isso nos comentários que tece sobre o livro *Pernambucanidade* de Nilo Pereira, quando este foi lançado em 1983: “Oportuno, justo, admirável o destaque, há pouco dado pelo notável acadêmico Mauro Mota ao trecho de ‘Pernambucanidade’, do sempre mestre do Recife Nilo Pereira”²¹². Essa é uma maneira de fortalecer os laços e as idéias defendidas pelo grupo que comunga de ideais semelhantes. Em *Pernambucanidade*, por exemplo, Nilo Pereira desenvolve, em grande medida, a idéia de um Nordeste tradicional, assentado na cultura pernambucana e principalmente recifense. Fazia parte do procedimento de disseminação desse ideário o seu grande divulgador se mostrar receptivo em relação ao livro, resenhando e discutindo seus conteúdos.

Essas exposições são quase sempre muito elogiosas, mesmo que em alguns casos tragam sutilmente alguma discordância em relação à obra. Esse diálogo também pode ser observado no artigo que Nilo Pereira escreveu sobre o livro *Cana de açúcar e região*, de Sylvio Rabello, que trazia também o prefácio do amigo Mauro Mota. O livro foi publicado pelo Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais no ano de 1969, mesmo ano em que Nilo Pereira publicou *Imagens do Ceará-Mirim*. O autor de *Cana de açúcar e região*, ensaísta e biógrafo pernambucano, à época, era Diretor do Departamento de Psicologia Social do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais²¹³, ao qual pertenciam também Nilo Pereira e Mauro Mota. O livro se constitui em uma pesquisa sobre os engenhos de rapadura da região. Para Nilo Pereira, uma das características do autor que garantem a qualidade da pesquisa, que ele qualifica de ensaio, é uma “vivência a toda prova” do autor com o objeto de sua pesquisa. O que significa dizer que o livro também traz um pouco de memórias, não lhe faltando o “espírito crítico” de Sylvio Rabello, o que faz Nilo lembrar-se da sua condição de menino

²¹² FREYRE, Gilberto. Um episódio ignorado. *Jornal do Commercio*. Recife, out. 1983.

²¹³ FONSECA, Edson Nery da. Gilberto Freyre de A a Z: referências essenciais a sua vida e obra. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, Zé Mário Editor, 2002, p. 147.

vindo do vale do Ceará-Mirim: “Revejo-me em muitas de suas páginas, pois sou menino de engenheiro, sem ter sido menino da bagaceira”²¹⁴.

Essa relação que podemos chamar de simbiose intelectual nos leva a afirmar que o *nós* presente em nossas obras, aquilo que escrevemos e pensamos, é realmente plural e carrega a presença de todos aqueles que contribuíram para germinar essa ou aquela idéia, mesmo quando isso não aparece explicitamente, nem mesmo para nós. Gilberto Freyre é figura central nessa rede de influências em que situamos Nilo Pereira. A ascendência do sociólogo sobre o grupo de intelectuais aqui apresentados se dá por algumas características comuns de pensamento que os aproxima profissionalmente, intelectualmente e afetivamente. O objeto comum era o interesse pelas tradições da região Nordeste, pela recuperação do passado da sociedade do açúcar – o regionalismo instituído por Gilberto Freyre –, elementos fundamentais para a construção do pensamento e da escrita do autor cearamirinese.



Gilberto Freyre e Nilo Pereira, no final da década de 1970. Foto Acervo FUNDAJ.

Por mais de trinta anos, a coluna *Notas Avulsas* foi o lugar onde Nilo Pereira se reencontrava com o passado, com os lugares, personagens e verdades que circundavam cada uma das dimensões de sua vida – a afetiva, intelectual, política, espiritual, social; todos confraternizavam nas páginas que compuseram suas *Notas Avulsas*. As notas que se pretendiam avulsas se entrelaçaram, reconstruindo com palavras o itinerário de seu “rabiscador” (como ele preferia ser chamado), naquelas três décadas. Em 1974, Nilo Pereira recebeu o título de cidadão recifense. Foi numa tarde de abril que o vice-presidente da

²¹⁴ PEREIRA, Nilo. *Notas Avulsas*. *Jornal do Commercio*. Recife, abr. 1969.

Academia Pernambucana de Letras, vice-presidente do Conselho Diretor do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais e membro do Instituto Histórico e Geográfico Pernambucano e do Conselho Estadual de Cultura ²¹⁵, recebeu da câmara dos vereadores da cidade o título de cidadão do Recife.

Todos esses títulos são mencionados na apresentação que o *Jornal do Commercio* faz de Nilo Pereira para noticiar a entrega da condecoração. Traduzem-se em justificativa mais do que plausível para o ato. O homem radicado no Recife há mais de quarenta anos, estava posto ao lado de nomes como o de Mauro Mota e Gilberto Freyre, presentes em todas as associações culturais do estado, onde se travavam as discussões que definiam cultural e socialmente a cidade do Recife e o estado de Pernambuco. Em seu discurso de agradecimento, Nilo Pereira expressa sua gratidão à cidade, afirmando que “nada se faz no Recife, sem uma prece, uma oração, uma vez que em cada recanto pitoresco ou histórico há uma igreja, onde o Sino toca a Ave Maria. Diz que só o poeta sabe dizer o que é o Recife, porque tem o Dom Divino!”, que “o Recife é tão cheio de pernambucanidade que chega a produzir nordestinidade” ²¹⁶. No agradecimento do novo cidadão recifense, ao qual um dos cronistas que noticiaram o evento chamou de criança recifense, percebemos um discurso que há muito vinha sendo engendrado na literatura e na história pernambucana, aquele que pretendia desvendar ou criar as origens do Nordeste. Vemos também o homem católico, buscando dentro da cidade as marcas da religião. Estavam lá os dois grupos que fizeram o Recife de Nilo Pereira: os recifenses católicos e os recifenses regionalistas, de onde veio o Nilo recifense, que foi concebido não naquela tarde de abril de 1974, mas no diálogo que o homem estabeleceu diariamente com a cidade, com suas histórias, seus intelectuais, no posto de cronista oficial que conquistou, ao longo dos anos.

A cidade e sua população tornaram-se uma personagem que era, a um só tempo, o Leitor e o Objeto da leitura do cronista, pois ao mesmo tempo que se davam a ler ao cronista recebiam suas crônicas diárias, em que a cidade personificada surge também em versos, na escrita do seu mais novo cidadão: “tu tens alma [...] E és mais do que Recife, muitos Recifes/Que cada um tem e quis e amou” ²¹⁷. Não restavam mais dúvidas, aí está o recifense que já lia e traduzia em versos sua cidade, aquela que ele viveu, construiu e aprendeu a amar e a dizer.

²¹⁵ PROFESSOR Nilo Pereira recebe na câmara título de cidadão recifense. *Jornal do Commercio*. Recife, abr. 1974.

²¹⁶ COLCHA de retalhos. *Jornal do Commercio*. Recife, abr. 1974.

²¹⁷ PEREIRA, Nilo. Louvação do Recife. *Jornal do Commercio*. Recife, fev. 1977.

A cidade de Ceará-Mirim também foi personagem recorrente nas crônicas que Nilo escrevia, dando toda expansão ao sentimento de saudade da infância no vale, sentimento que o acompanhou desde muito cedo. Essas crônicas, divididas entre o que se vivia no Recife e o vivido no Ceará-Mirim, como dividido era o coração do cronista, mostram um pouco do espírito saudosista de Nilo Pereira. Uma delas, publicada no dia 7 de dezembro de 1980, anuncia um dos retornos ao Vale com o propósito de participar das homenagens a Nossa Senhora da Conceição, padroeira da cidade:

Realizarei, amanhã, um velho sonho de minha vida: ir ao Ceará-Mirim para levar flores aos pés da Virgem da Conceição, Padroeira da cidade. Isso equivale a voltar a ser menino. Retomar os passos da infância, ouvir de novo os sermões do Padre Pedro Paulino, grande orador sacro, ver a Matriz cheia de gente de toda parte, contemplar a paisagem verde do canavial a distância, onde velhos engenhos falam de tanta coisa. [...] Deixai-me ir, antes que seja tarde. E lá me vou como o menino que leva consigo, no seu mundo fabuloso, as suas imagens do tempo e ouve o dobrar dos sinos de bronze convocando os fiéis ²¹⁸.

Fala-se do retorno à infância deixada para trás, dos caminhos que o levaram embora; fala-se do apego ao passado, dos laços com o catolicismo, do mundo dos engenhos, do medo da morte: “Deixai-me ir, antes que seja tarde”. Essa crônica, de 1980, mostra ainda, e mais do que nunca, o homem que sente saudade de um lugar, de um tempo, de uma maneira de vivenciar o mundo; e o mote para se evidenciar tudo isso é o Ceará-Mirim e a morte.

Os tempos vividos no Recife também serviram de inspiração ao cronista. O Recife de outros tempos, aquele que passou e que levou consigo os companheiros de uma época também despertou saudades e tudo isso vemos numa crônica intitulada *O Recife que não volta mais*:

Recordar ainda é uma das coisas boas da vida. Pode trazer sofrimento. Mas o espírito se refaz. O coração se alegra. Há sempre um tempo que não foi perdido. [...] Lembro hoje o Recife de há uns bons 40 anos. A cidade hanseática como a chama Vamireh Chacon, era outra. Não havia assaltos nem seqüestros. Punha-se a cadeira na calçada. Era possível ‘arruar’, como no romance de Mário Sette. Lia-se Anibal Fernandes e Mário Melo. Tomava-se chá na confeitaria Helvética que talvez fosse a nossa Casa Havaneza tão celebrada por Eça de Queiroz. Frequentava-se o cinema Roial. Ouvia-se Maurice Chevalier e Jannette Mac Donald cantar ²¹⁹.

Nos anos 1980, a morte toma realmente lugar de destaque na escrita de Nilo Pereira. É um outro momento de morte, de definhamento, não mais a morte da infância, do menino

²¹⁸ PEREIRA, Nilo. Avulsas. *Jornal do Commercio*. Recife, dez. 1980.

²¹⁹ PEREIRA, Nilo. Um Recife que não volta mais. *Jornal do Commercio*. Recife, fev. 1985.

Nilo Pereira, dos engenhos; mas do homem que nasceu/viveu no Recife e daqueles que o ajudaram a (re)significar os engenhos da infância. A crônica fala dos amigos que iam morrendo: morrem os amigos, vai morrendo um tempo e uma sociedade, uma cidade da qual eles eram sujeitos e testemunhas e que vão levando embora junto consigo. Vai surgindo um outro tempo, uma outra cidade que não é mais a cidade da juventude, que vai sendo apresentada a partir do itinerário vivenciado por um grupo de amigos que a morte aniquilava e deixava em seu lugar um cenário de solidão. Não é só a cidade ou os amigos que morrem, morrem as testemunhas de uma época, um tempo... E logo depois o próprio Nilo Pereira...

A morte há muito o rondava. Ficariam as palavras, o desejo de voltar ao passado, ao *Recife Antigo*. A morte não seria ainda o fim... A escrita encarregava-se de enganar o tempo, de não deixar morrer.



Nilo Pereira, em 1932, caminhando pelas ruas do Recife...

E a cidade, o tempo e os homens que se foram respirariam, novamente, sempre que essas palavras fossem lidas. E o velho Recife “que esfumou-se no tempo” revivia nas recordações de Nilo Pereira e ligava-se, nessas memórias, à cidade da infância, o Ceará-Mirim, que era também engenho e açúcar.



*O Vale da escrita: Ceará-Mirim,
engenho e saudade...*

Cap. 3 - O Vale da escrita: Ceará-Mirim, engenho e saudade

Um cearamirinense em terras pernambucanas: regionalizando-se...

No ano de 1909, no vale do Ceará-Mirim, nasceu Nilo de Oliveira Pereira, caçula de uma família composta por mais três irmãs. Filho de Fausto Varella Pereira e Beatriz d'Oliveira Pereira, o pequenino cearamirinense trazia as marcas da tradição e nobreza da cidade onde nasceu. Naqueles anos que abriam o século XX, a maior riqueza da família estava no brasão que carregava, na herança familiar, nas lembranças do passado. O açúcar, que havia sido, até bem pouco tempo, a maior fonte de riqueza da cidade onde viviam já não garantia mais dinheiro e poder, mas tinha ficado nas lembranças e no ar melancólico daquela cidade como o elo que ligava o presente de decadência ao passado de prosperidade.

A decadência da produção açucareira no Vale era atribuída à frequência das cheias do rio Ceará-Mirim, que desciam, de tempos em tempos, destruindo toda a lavoura. As cheias levavam o Ceará-Mirim, recorrentemente, às páginas dos jornais. Em 12 de junho de 1912, encontramos no semanário *O Ceará-Mirim* uma notícia alarmante: “A crise é assustadora pela totalidade das perdas”. O cronista se referia aos últimos acontecimentos daquele ano no vale do Ceará-Mirim, “que vieram liquidar a safra de assucar e de cereaes, deixando um grande desfalque na agricultura de nossa terra”. Para ele, os maiores danos foram sofridos pelos produtores de açúcar: “ficaram os pobres senhores de engenho na impossibilidade de fundar novas safras, não só pela somma dos prejuizos atingidos, como, também, pela dificuldade de obter novas sementes para o plantio de seus terrenos”¹. Um outro trecho da matéria indica que essa não era a primeira vez que toda a produção se perdia devido às inundações, assunto recorrente nas páginas dos jornais dos últimos anos, nos quais se discutia também as possíveis soluções para tal questão: “O assunto sobre a drenagem do Valle já por tantas vezes debatido por nós em editoriais sucessivos e pela penna inabalavel de nossos colaboradores”².

¹ VALLE do Ceará-Mirim. *O Ceará-Mirim*, Jun. 1912.

² Idem.

No início daquele mês de junho de 1912, os produtores da cidade já faziam a denúncia sobre o estado lastimável de suas plantações e do descaso que lhes era infligido:

Com a satisfação dos que cumpriram com o seu dever, nós, o povo do Ceará-Mirim, representando o commercio, a agricultura, a industria, todas as classes laboriosas do municipio, denunciemos ao paiz inteiro o estado a que chegou um pedaço do Rio Grande do Norte – o Ceará-Mirim – depois das continuadas inundações que reduziram à miséria uma população inteira ³.

O jornal daquele 02 de junho trazia também a publicação de um abaixo-assinado das “Victimas das inudações”, reclamando medidas urgentes, pois não era apenas a produção de açúcar que estava interrompida. O comércio também estava paralisado devido à obstrução das vias públicas e aos danos causados à estrada de ferro, por onde se escoava toda a produção do Ceará-Mirim. A principal atividade econômica da cidade era o cultivo e beneficiamento da cana, com a inundação do Vale, o arrasamento das plantações instaurava-se um clima de desespero e decadência. O exemplo de 1912 não era algo isolado, desde o início da produção açucareira na região, no século XIX, reclamavam-se os melhoramentos técnicos que impediriam que o rio se derramasse sobre os canaviais, destruindo as plantações.

Em 1877, já era possível sentir nos jornais locais o tom de preocupação com o destino da produção açucareira, com a tragédia anunciada das inundações. Os cronistas anteviam que as cheias do rio seriam um dos principais motivos para a decadência que se afligiria sobre a produção dos engenhos que movimentavam a cidade e o vale ⁴. Há apenas trinta anos, tinha sido instalado o primeiro engenho de açúcar no vale do Ceará-Mirim ⁵, onde muita fortuna havia sido construída devido à produção dos engenhos e à condição fértil de suas terras, como podemos sentir no título da matéria: “Ceará-Mirim – uberdade do Valle ⁶. Acreditava-se no desenvolvimento da indústria açucareira ali instalada, ao ponto de ser assinalada a necessidade de um engenho central, que modernizaria a produção. No entanto, esse desenvolvimento estava condicionado à fúria do rio e aos investimentos técnicos que eram exigidos para a correção do terreno. De 1877 a 1937, podemos reconstruir, por meio dos depoimentos dos jornais, o clima e os

³ O CEARÁ-MIRIM, Jun. 1912.

⁴ O CEARÁ-MIRIM, Jun. 1877.

⁵ O engenho Carnaubal, de propriedade do português Antonio Vianna, foi instalado no ano de 1847, sendo o primeiro a ser fundado no vale do Ceará-Mirim.

⁶ O CEARÁ-MIRIM, Jun. 1877.

eventos que levaram à agonia e morte a indústria açucareira de Ceará-Mirim⁷. Durante longos sessenta anos, as lamúrias e reclamações dos produtores tomaram as páginas dos jornais. Em 1917, a cena se repetiria e novamente a produção seria comprometida. Os clamores dos produtores voltam a figurar nos jornais. A cidade se transformava, novamente, num cenário desolador. O ânimo dos produtores, que se recuperava ainda das inundações dos anos anteriores, tendo sido um pouco aliviados pela alta dos preços do açúcar proporcionada por fatores externos, era novamente aterrado pelas águas do rio⁸. A crise que se abateria sobre a produção de açúcar do vale do Ceará-Mirim, que levaria a cidade à estagnação econômica e social, foi resultado de um processo que já dava sinais desde o final do século XIX.



Convite de casamento de Fausto Varella Pereira e Beatriz d'Oliveira Pereira, ano de 1897. Acervo da família.

As famílias Pereira e Varela, unidas também pelo matrimônio de Fausto e Beatriz, ocorrido em janeiro de 1897, eram típicos representantes de uma elite do açúcar que havia se formado ali: ricos e emblemáticos do poder outrora, e, naqueles anos 1910, herdeiros dos casarões antigos, das memórias, do nome e da tradição. Beatriz d'Oliveira Pereira, mãe de Nilo Pereira, era filha de Victor José de Castro Barroca e Maria Amélia

⁷ Os aspectos que ocasionaram a decadência da indústria açucareira no vale do Ceará-Mirim entre o final do século XIX e início do século XX podem ser vistos em: MORAIS, Helicarla. *Três rios dentro de um homem: Nilo Pereira em imagens do Ceará-Mirim*, p. 27-57 (cap. I O vale, o açúcar e atécnica).

⁸ COUSAS locaes. *O Ceará-Mirim*, Abr. 1917.

de Oliveira Barroca. A morte do marido, proprietário do engenho Verde Nasce, deixou à D. Maria Amélia as dívidas e a missão de prover a família, desamparada pela morte do patriarca. A crise que vitimava os produtores de açúcar do Ceará-Mirim atingiu em cheio essa família. Numa noite de março de 1910, D. Maria Amélia atravessava a ponte que separava o vale e a cidade, trazendo sua família e pertences em carro de boi para a Rua São José. Nilo acabara de nascer, tinha apenas três meses de vida e junto com sua mãe, que o carregava nos braços naquela noite, era forçado a deixar o engenho onde nascera.

Durante toda a sua infância, passada na casa de São José, ele ouvia nas conversas em família as reminiscências do tempo e do prestígio perdidos: “Nas conversas de família [...] quase não se falava em outro assunto senão no que estava perdido, nas saudades da velha casa, onde viveu o meu avô [...] formado pelo curso Jurídico de Olinda, em 1944”⁹. Nos serões familiares lembrava-se ainda que o dono do Engenho *Verde Nasce*, Victor José de Castro Barroca, cuja família fora despojada de sua casa no início de 1910, havia sido “deputado à Assembléia legislativa Provincial, de 1846 a 1851, e o primeiro juiz municipal do Ceará-Mirim”¹⁰, e que mandara estudar na Inglaterra seus primeiros filhos, de onde mandou vir a cerca de ferro fundido que circundava o engenho. Todo o prestígio e luxo do qual dispunha a família em tempos anteriores não impediram que a “Dindinha de tantos netos [...] viúva e sem o amparo que lhe faltou no grave momento porque passou”, fosse despojada “dos seus domínios sem justa causa”¹¹.

Do lado paterno, o menino nascido no dia 11 de dezembro de 1909 era bisneto de Manuel Varella do Nascimento, que pertenceu à Guarda Imperial no século XIX, nomeado Barão do Ceará-Mirim pelo Imperador D. Pedro II, “pelos serviços prestados à educação do povo”¹². Manuel Gouveia Varella, o Barão de Ceará-Mirim, “Era homem profundamente voltado para a economia açucareira, para o destino decisivo do vale, cujo papel no desenvolvimento do Ceará-Mirim cedo compreendeu”¹³. Em 1º de julho de 1868, foi nomeado, pelo visconde de Itaboraá, terceiro Vice-Presidente da Província. Exerceu a função de Deputado Provincial entre 1868 e 1869, foi presidente da Câmara

⁹ PEREIRA, Nilo. *Imagens do Ceará-Mirim*, p. 53

¹⁰ Idem.

¹¹ PEREIRA, Nilo. *A República*. Natal, Jan. 1980.

¹² PEREIRA, Nilo. *Imagens do Ceará-Mirim*, p. 122.

¹³ Idem, p. 123.

Municipal de Extremoz de 1829 a 1832, “começando como pequeno plantador, logo se fez senhor de engenho”¹⁴. Nilo era neto de Vicente Ignacio Pereira, “segundo norte-riograndense formado em Medicina, deputado provincial, jornalista, e vice-Presidente da Província”¹⁵. Ele foi “Senhor de engenho, à maneira do tempo, nunca deixou o vale pela sedução das cidades grandes”¹⁶. O engenho foi “a sua fonte permanente de renovação”¹⁷.

O menino que nasceu em meio a um cenário de decadência e evocação de um passado de riqueza e prestígio, tornou-se figura fundamental na formação da imagem desses homens na literatura e na história cearamirinense. Nilo Pereira, que ainda adolescente deixou a cidade de Ceará-Mirim, foi a grande voz da sociedade e da economia açucareira que se desenvolveu lá. E passou a enfatizá-la em seus escritos como uma cidade de tradição, fundada sobre as bases rústicas e sólidas dos engenhos, dos canaviais, das casas grandes, capelas e senzalas. Para ele, “Os engenhos encheram o vale de riqueza, de ação, de progresso”, dando origem à “nobreza da terra”¹⁸, “Uma aristocracia de maneiras e de estilo [...] que se irradiava por tôda a Província, fazendo do Ceará-Mirim uma cidade cuja tradição devemos recolher”¹⁹. A semelhança dos nossos senhores nascidos em meados do século XIX com os senhores pernambucanos não é pura coincidência. O menino que buscamos apreender em sua viagem de retorno encontrou na cidade de Recife o porto seguro de sua viagem, e de lá revia, observava, burilava e reformulava cada imagem que guardou da cidade que o viu nascer. Foram longos sessenta anos de convívio e aprendizado em terras pernambucanas, em terras recifenses. A terra se tornou uma categoria fundamental para explicar o homem e os lugares que a escrita forjou nessas seis décadas.

Nilo Pereira morreu aos oitenta e dois anos, em sua casa no Recife, o sobrado azul da Rua Bispo Cardoso Ayres, no bairro da Boa Vista. Morreu de ataque cardíaco na madrugada do dia 23 de janeiro de 1992, depois de deixar prontas as crônicas daquele final de semana para sua coluna *Notas Avulsas*, espaço que lhe pertencia desde a década de 1960, no *Jornal do Commercio*, para o qual escrevia há 53 anos. Nilo, eleito cidadão recifense no ano de 1974, foi velado no salão nobre do Memorial

¹⁴ Idem.

¹⁵ Idem, p. 41.

¹⁶ Idem.

¹⁷ Idem.

¹⁸ Idem, p. 123.

¹⁹ Idem, p. 124.

Joaquim Nabuco, na FUNDAJ, da qual era membro, tendo ocupado o cargo de Presidente do Conselho Diretor. Depois de receber as bênçãos do Arcebispo de Olinda e Recife, D. José Cardoso Sobrinho, seu corpo foi levado ao cemitério Santo Amaro por um cortejo aberto por carro de bombeiros, com honras de grande figura pública, tendo sido sepultado às 17 horas. Nilo, que havia instituído uma “Manhã da Criação” como o sublime momento da Gênese de uma imagem que construiu e guardou em suas memórias e escritos, cumpriu o último ato de homem cristão num fim de tarde.

Ninguém melhor do que ele havia percebido a singularidade que envolvia a morte do dia e dos homens. Ele dedicou os últimos anos de sua vida a um ritual que parecia ter duas funções: distanciar o momento da morte e também preparar-se para ele. A escrita era a tábua de salvação desse homem, era por meio dela que ele buscava reafirmar todos os dias a sua crença na vida, a certeza de que ainda fazia parte dela. No entanto, essa insistente reafirmação evidenciava um profundo medo da morte, que foi tratada por ele, desde o início da trajetória de escritor, como uma figura literária, com conotações históricas e afetivas, mas uma figura literária, presente em toda a sua obra escrita. Antes, no vigor da juventude, a figura da morte em sua escrita representava o fascínio pelo passado, incitando-o a um exercício nostálgico de dar vida a personagens e cenários de um passado morto. Ao se identificar com esse passado, colocava-se também como parte dele. No entanto, tratava-se de uma imagem de algo que ele gostaria de ter sido, mas que não havia existido, resultando daí uma morte simbólica. Ao se aproximar a velhice, o passado histórico que ele costumava relembrar tão nostalgicamente se mistura com a sua própria história vivida e a obsessão pelo passado transforma-se na melancolia e no pavor que a certeza de já ter vivido muito o aproximava de uma morte que já não seria uma imagem ou uma sensação de deslocamento temporal, mas uma realidade natural, condição biológica inerente a todos os homens, mesmo àqueles que têm o dom de reescrever a vida.

Assim como os personagens que deram vida à sua escrita, ele também renasce pela força da palavra, como uma imagem produzida pelo tempo. Durante todo o mês que sucedeu sua morte, o nome e a vida do homem que foi batizado “cronista oficial da cidade do Recife” foi lembrado e homenageado. O Recife, como era de sua escolha, foi o repouso final, essa já era sua casa desde muito tempo. Mas repousou sua cabeça sobre uma almofada de terra trazida de Ceará-Mirim, da cidade que metonimicamente

transformou em Vale e o aproximou dessa outra cidade, o Recife, cuja tradição ele saudou logo na chegada, na década de 1930.



Necrológios de Nilo Pereira, 1992. Acervo da família.

No dia 24 de janeiro de 1992, o caderno Cidades, do *Diário de Pernambuco*, foi inteiramente dedicado a Nilo Pereira. A reportagem trazia como título a seguinte declaração: “Nilo Pereira: uma vida dedicada à cultura”. Durante algumas décadas, em sua coluna *Notas Avulsas*, ele se incumbiu da árdua tarefa de dizer as últimas palavras de adeus e homenagem aos amigos recifenses, trazendo sempre em suas crônicas, que há muito vinham se transformando em necrológios, o elogio às contribuições desses homens, todos intelectuais envolvidos na vida pública e cultural de Pernambuco, num esforço de reviver o passado e tornar suas ações referências para as gerações que assistiam à sua morte. Durante décadas, essa despedida última dos amigos mortos fez parte do ritual cumprido por Nilo Pereira. Ele buscava através de sua escrita manter vivas as suas causas, destacando sempre a relevância de cada um deles no mundo intelectual que construíram.

Nomes como Mauro Mota (morto em 1984), Gilberto Osório de Andrade (em 1974), Jordão Emerenciano (em 1971), Gilberto Freyre (em 1986), são exemplos de personagens reverenciados por ele. Ao reverenciar os amigos mortos lembrando momentos de suas vidas, trazia de volta também suas próprias lembranças, um Nilo que havia se perdido junto com os anos que haviam passado. Esses homens que dividiram com ele fases da juventude e da vida adulta eram as grandes figuras da intelectualidade pernambucana. Todos mereceram sua palavra de dor e saudade. Naquele 23 de janeiro,

os papéis se inverteriam. Outros cronistas escreveriam e chorariam a sua morte e descreveriam com admiração e respeito sua trajetória.

A primeira referência da vida do intelectual mencionada na matéria do dia 24 de janeiro de 1992 foi sua ligação com a cidade do Ceará-Mirim:

Nilo de Oliveira Pereira nasceu em 11 de dezembro de 1909, no Engenho Verde Nasce, no município de Ceará-Mirim, Rio Grande do Norte. Passou a infância e adolescência em outro engenho, o Guaporé, na mesma localidade e durante um período que marcou profundamente a sua vida: o vale potiguar seria tema de alguns de seus livros e de muitos de seus poemas²⁰.

Não era apenas uma referência à cidade natal. O que se queria enfatizar eram as suas origens em uma determinada realidade que a intelectualidade pernambucana vinha tentando delimitar e explicar, desde os anos 1920. O mundo que se buscava conceituar e legitimar era aquele que mantinha fortes laços com a sociedade patriarcal. Esses laços eram representados pelos engenhos de açúcar e pela vida social e cultural que girava em torno dessas pequenas unidades produtoras. Sendo assim, o nome do intelectual morto aparecia ligado ao mundo dos engenhos, um homem nascido no vale do Ceará-Mirim, nos primeiros anos do século XX, e que havia sido, portanto, um menino de engenho. Esse era um dos títulos mais cobiçados pelos membros de um determinado grupo de intelectuais nascidos entre o final do século XIX e início do século XX. Tanto que em 1933 surgiu o livro de memória do escritor paraibano José Lins do Rego, que contava as memórias da infância do autor no engenho que pertencera ao avô, transformado pelos intelectuais ligados à identidade patriarcal num modelo ideal de infância de todos os meninos nordestinos. O livro conjuga esse desejo duplo: a volta à infância e o elogio da vida rural nos engenhos. Antes dele, as memórias da infância de Joaquim Nabuco haviam sido narradas num livro que descrevia os primeiros anos de sua vida no engenho Massangana, no interior de Pernambuco.

Essas memórias foram tomadas como exemplo da infância do verdadeiro menino nordestino e acabaram se tornando memórias da infância de todo um grupo. No momento de sua morte, a identidade de Nilo Pereira com esse grupo é mais uma vez reafirmada: Nilo havia sido um menino de engenho, nascido no “Engenho Verde Nasce”, tendo vivido sua infância em um outro engenho, “o Guaporé”. De forma simplificada, o autor da crônica esboça um desenho da identidade social e intelectual de

²⁰NILO Pereira: uma vida dedicada à cultura. CIDADES. *Diário de Pernambuco*, jan. 1992.

Nilo Pereira. O que não foi dito é que o Guaporé que ele conheceu na infância já não tinha mais as funções de engenho. O que restava era a antiga casa grande, um sobrado construído na segunda metade do século XIX em estilo afrancesado, onde morava sua avó paterna. O sobrado se afastava do padrão arquitetônico das velhas casas grandes pernambucanas, que eram inspiradas numa arquitetura lusitana, segundo Gilberto Freyre.

Ao estudar a arquitetura dos engenhos pernambucanos, Geraldo Gomes afirma que a relação estabelecida por Freyre entre a arquitetura das casas grandes brasileiras e a arquitetura portuguesa se faz por meio de um olhar reducionista, sem levar em conta que essa era uma “arquitetura sem autor, a arquitetura típica que se caracteriza pela utilização de modelos cuja origem está muito mais nos costumes da sociedade do que na cabeça privilegiada de um único artista”²¹. Para Gomes, depois de *Casa Grande & Senzala*, “o termo ‘casa-grande’ [...] passou a designar qualquer casa de proprietário de açúcar do Nordeste”²², o que torna o Guaporé também um dos exemplares dessas casas, símbolo da riqueza dos seus antigos proprietários.



Recorte mostrando a sala da casa grande do Guaporé. Foto Sebastião Lucena, 1984.

Assim como no processo de reconhecimento do lugar da cidade de Ceará-Mirim no Nordeste açucareiro, o esforço de toda a vida intelectual de Nilo Pereira fez com que o cronista que noticiava sua morte em 1992, não soubesse que o viver a infância no Guaporé reduzia-se, na verdade, às visitas que realizava, quando criança, à

²¹ GOMES, Geraldo. *Engenho e arquitetura*. Recife: FUNDAJ, Ed. Massagana, 2006, p. 146.

²² Idem, p. 115.

casa de sua avó, fascinantes por trazerem de volta a riqueza e o fausto de outros tempos: os móveis, os artigos de luxo, como os galgos de louça inglesa que guardavam a entrada do edifício, a campainha elétrica que jamais funcionou depois que secaram as pilhas, todos esses artigos que contribuía para aguçar a imaginação do menino que ouvia tantas histórias do passado contadas pela velha matriarca.

Para o artigo escrito em 1992, cumprindo o ritual de adeus que a cidade de Recife oferecia aos grandes nomes da intelectualidade local, o que realmente importava era mostrar sua relação com o mundo dos engenhos, uma imagem que foi sendo formada e propalada ao longo dos sessenta anos de vida e exercício intelectual no estado de Pernambuco, constituindo o principal traço de sua identidade. Importava informar que foi o engenho o cenário da infância e adolescência de Nilo, como ele sempre fez questão de lembrar numa insistente afirmação das suas raízes: “Nas minhas visitas ao Ceará-Mirim, nunca deixo de rever o Verde-Nasce, onde nasci, ou verde-nasci”²³. Esse era o principal elemento que permitia que ele não fosse um estrangeiro em terras recifenses, pois onde houvesse engenhos e açúcar haveria também um pedaço da identidade pernambucana. Dessa forma, redescobrir as raízes aristocráticas da cidade de Ceará-Mirim o aproximava cada vez mais do Recife ao qual ele desejava pertencer. Para o autor, a infância vivida num mundo que respirava ainda ares patriarcais foi o momento que marcou de forma decisiva sua produção intelectual. De fato, aos 76 anos, escreveu um artigo intitulado “Sou apenas um menino que cresceu”, no qual reafirmava a predominância dos valores apreendidos ainda na infância sobre sua vida:

Sinto em mim uma criança que foi crescendo, crescendo. Procuo fixar-lhe a idade. Parece-me que tem treze anos, quando deixei o Ceará-Mirim [...] Trazia o menino comigo, bem guardado. Eu o ignorava até certo tempo. Depois ele começou a se mexer, dando sinais de vida. Cada livro é uma criança que nasce²⁴.

Na década de 1980, quando a grande maioria dos amigos pernambucanos com os quais havia partilhado suas idéias sobre a tradição já havia morrido, inclusive, Gilberto Freyre, a presença da cidade do Ceará-Mirim e das referências às origens aristocráticas é cada vez mais intensificada nas crônicas diárias, publicadas nos jornais. Ela aparece sob a forma de lembranças que vão se intensificando e ganhando cada vez mais espaço, à medida que os anos vão passando. Os temas e os personagens, assim

²³ PEREIRA, Nilo. O verde Nasce. Avulsas. *Jornal do Commercio*, Recife, Jan. 1980.

²⁴ PEREIRA, Nilo. Sou apenas um menino que cresceu. *Jornal do Commercio*, Abr. 1985.

como aconteceu nos livros publicados anteriormente, se repetem. A grande maioria das crônicas memorialísticas publicadas nos últimos dez anos de vida do autor traz fatos e personagens já apresentados. Ao sentir se aproximar a morte, ele parecia insistentemente se agarrar às lembranças da vida que passou no Ceará-Mirim. Mas não apenas isso: parecia reafirmar as suas origens, relembrando, a cada dia, os elementos que constituíram sua identidade intelectual e nordestina. Como exemplo dessa estratégia, podemos citar: “O verde nasce”, (engenho onde ele nasceu) publicado em 1980, 1984 e 1985; “O trem de Ceará-Mirim”, 1984 e 1985; “A comarca do Ceará-Mirim”, 1976 e 1986; “Juvenal” (Juvenal Antunes, poeta, tio de Nilo Pereira), 1980 e 1985; “Aspectos de uma casa grande”, 1984 e 1986, “Sebastião Lucena e o Guaporé”, 1984, “A casa grande do Guaporé”, 1988, entre outros.

A maior parte desses artigos foi publicada no *Jornal do Commercio*, na coluna *Notas Avulsas*. É importante salientar que não se trata de simplesmente republicar um texto antigo. A leitura de cada um deles permitiu perceber que eles foram reescritos a cada nova publicação. O conteúdo era idêntico, o título do artigo muitas vezes também, mas a maneira de narrar, a ordem dos acontecimentos ia mudando, evidenciando dinâmica própria da memória. Nos artigos que escreve sobre o tio cearamirinense, o poeta Juvenal Antunes, podemos perceber essa dinâmica. O primeiro, publicado no dia 23 de maio de 1980, vem sem o nome do poeta no título, iniciando como mais uma das conversas em tom familiar que o autor da coluna mantinha com seus leitores, apenas sob a denominação de suas *Notas Avulsas*. O segundo, publicado cinco anos mais tarde, no dia 25 de agosto de 1985, é intitulado “Juvenal”, no qual ele reconta as histórias narradas sobre o tio na crônica de 1980. É possível que em 1985 a figura do tio, antes lembrado pelas peripécias de poeta boêmio, tenha ganhado outra conotação. Talvez a marca de um passado familiar que a iminência da morte fazia mais próximo.

No artigo publicado no dia 21 de abril de 1985, no qual referendava a predominância da infância vivida no Ceará-Mirim sobre o adulto, apreendemos Nilo Pereira no exercício habitual que praticou em sua escrita durante algumas décadas. “Sou apenas um menino que cresceu” nos dá indícios do projeto de construção identitária realizado pelo autor ao longo da vida, a reafirmação de uma auto-imagem que ele vinha elaborando a cada livro, a cada artigo publicado. Explicando o título do artigo e da palestra que lhe deu origem, ele afirma: “Quis com essa confissão lembrar que minha

infância comanda minha vida”²⁵. Afirma ainda que cada livro publicado é como uma criança que nasce, fruto da descoberta de suas origens, no vale do Ceará-Mirim. Ao admitir que só depois de algum tempo se deu conta da criança que carregava junto ao adulto, chama a atenção exatamente para algo que ele buscava esconder: o tempo que separava o homem adulto dessa criança, imagem que não esteve sempre com ele, que foi formulada a partir de determinado período. Algo despertou o interesse de Nilo por esse menino que ele havia deixado na infância vivida na cidade de Ceará-Mirim. Esse menino, na verdade, foi sendo gestado em cada livro, em cada artigo que ele escreveu sobre o vale do Ceará-Mirim, sobre a infância vivida lá, mais do que uma lembrança do passado, ele era uma imagem literária que fazia parte do projeto de produção de uma auto-imagem.

Esse modo de explicar a trajetória de vida de um homem é um modelo criado por Gilberto Freyre a partir da figura de Joaquim Nabuco, homem nascido no engenho e que extraiu da experiência da infância a principal causa de sua vida pública, a luta pela extinção da escravidão. Ao eleger Joaquim Nabuco o modelo de *pernambucanidade*, projeta no memorialista uma imagem que buscava construir para si: a do homem que unia o universal ao local, que mesmo tendo conhecido diversos mundos retorna à província e demonstra, por meio de sua trajetória, de suas escolhas, uma relação de profundo afeto com o estado de Pernambuco, o torrão natal, dando origem àquilo que Raimundo Arrais chama de modelo de fidelidade ao mundo rural²⁶. Isso porque as imagens mais vivas da trajetória desses homens são as que retratam a infância e o mundo dos engenhos. Segundo Arrais, mais do que um modelo de *pernambucanidade* e de fidelidade ao mundo rural, Nabuco acaba fornecendo a Freyre um modelo de rememoração e de vida pernambucana: sair pelo mundo em busca dos centros maiores, em busca de uma formação, voltar ao lugar de origem, buscar na infância a razão da vida adulta.

Diversos intelectuais nascidos no Nordeste entre o final do século XIX e início do século XX foram enredados nas teias sedutoras do modelo de pernambucano ideal formulado por Freyre. Assim como Nabuco, em *Minha Formação*, Manuel Bandeira também localiza nos primeiros oito anos de vida a origem de sua poesia. A infância, para esses homens, opera como um mediador do olhar do homem adulto. A inspiração

²⁵ PEREIRA, Nilo. Sou apenas um menino que cresceu. *A Republica*, Natal, Abr. 1985.

²⁶ ARRAIS, Raimundo. *A amizade como método*: Gilberto Freyre, o Recife e os recifenses.

de tal modelo está no trecho mais célebre de *Minha formação*, no qual Nabuco afirma que

O traço todo da vida é para muitos um desenho de criança esquecido pelo homem, mas ao qual ele terá sempre que se cingir sem o saber... Pela minha parte acredito não ter nunca transposto o limite das minhas quatro ou cinco primeiras impressões... Os primeiros oito anos de vida, foram assim, em certo sentido, os de minha formação, instintiva ou moral, definitiva²⁷.

O próprio Freyre, na introdução de *Região e tradição*, livro publicado em 1941, que corrobora mais uma vez o seu interesse por assuntos da cultura regional nordestina, faz questão de assegurar ao leitor que

taes assumptos estiveram sempre entre as preocupações do autor, attrahido, desde a meninice, para a aventura intellectual, para a experimentação artistica, para a innovação literária e, ao mesmo tempo, para os encantos da rotina, da tradição e da continuação – nos limites do possível – das coisas familiares, quotidianas e de província²⁸.

Essa reafirmação quase obsessiva da coerência entre a vida e a obra do autor, comum em Freyre e seus seguidores, age como uma espécie de mecanismo de construção intelectual das identidades²⁹. Esse modelo vai sendo transmitido e incorporado por intelectuais que adotam a infância como tema principal de suas obras. Por meio desse mecanismo, o grupo de intelectuais que se une em torno de Gilberto Freyre, num processo de construção e consolidação de uma identidade regional, vai sendo arregimentado. Nilo não trazia do Ceará-Mirim a mesma causa de Nabuco. A luta a ser vencida nas primeiras décadas do século XX, diferente daquela do final do século XIX, era a preservação de um mundo em desintegração.

O tempo de maturação desse intelectual ideal seria justamente o tempo do amadurecimento. É na velhice que o passado, que o período da infância passa a fazer sentido na vida desse intelectual como o nascedouro de suas principais idéias e primeiro ponto de partida da trajetória de uma vida. É nesse momento que a própria vida, os rumos que ela tomou passam a ser objeto de análise. Nessa narrativa de si mesmo, é preciso dar um sentido, uma ordem aos fatos que compõem essa trajetória. É preciso que seja demonstrada a coerência que conduziu a história de sua vida. Cada etapa é ordenada de modo a encontrar seu lugar e importância no produto final, o homem e os

²⁷ NABUCO, Joaquim. *Minha formação*. Brasília: Senado, 2001.

²⁸ FREYRE, Gilberto. *Tradição e região*. São Paulo: José Olympio, 1941, p. 23.

²⁹ ARRAIS, Raimundo. *A amizade como método*. p. 16.

projetos formados até ali, como se desde o princípio da vida houvesse uma pré-destinação determinada pelo lugar, pelo tempo e pelas relações mantidas por esse homem que se mostra em sua escrita memorialística não como o produto do diálogo entre as várias possibilidades que podem ser a vida de um ser humano, mas como o predomínio absoluto de uma delas sobre todas as outras.

Na literatura que se produziu sobre o Nordeste na primeira metade do século XX, a sociedade patriarcal havia envelhecido e junto com ela seus filhos, valores, e construções mentais e materiais. Casas grandes, engenhos e capelas ruíam, fazendo levantarem-se vozes por entre os escombros, clamando pelo mundo que se perdia. Assim era a cidade rememorada por Nilo Pereira, um lugar onde figuras de outros tempos “pareciam animadas dum sôpro de vida, falando e convivendo, com a sua linguagem e seus trajes rituais, eles também voltando do seu sono, etéreos e lúcidos, trazendo nos lábios e nas mãos transparentes, como visões fantasmáticas, a sabedoria do tempo”³⁰. Essas almas penadas, meninos, senhores, sinhás, velhos escravos, sinhazinhas que teimavam em não abandonar as ruínas da sociedade patriarcal vão animar a literatura que se produziu sobre o Nordeste açucareiro, a partir dos anos 1920. Essa literatura traz em suas páginas muito forte a presença do ressentimento, como se eles tivessem envelhecido e se pusessem a rememorar o passado. O desejo de recuperar o passado despertava as lembranças da infância, transformando, paradoxalmente, a velhice que parecia anunciar a morte em momento de retorno à infância. Narrando um de seus retornos ao Vale, Nilo afirma que o Ceará-Mirim que ele ama e contempla toda vez que volta à cidade onde nasceu “é o da infância, da primeira mocidade”³¹. É esta sensação de retorno à inocência da primeira infância e ao vigor da juventude que o impulsiona em sua busca de recuperação do passado, o passado da cidade, o seu próprio passado.

Havia um sentimento que animava esse movimento de recuperação do passado, fazendo ressuscitar “Velhas figuras que se foram no tempo”. Para a sensibilidade poética de Nilo Pereira, essas figuras ressuscitavam do sono etéreo “através das notas de um piano antigo”³². Esse é o tom do artigo escrito por ele em 1949, “Manhã da

³⁰ PEREIRA, Nilo. *Imagens do Ceará-Mirim*, p. 20-21.

³¹ Idem, p. 20.

³² PEREIRA, Nilo. *Manhã da criação. A Republica*, Set. 1949.

Criação”, em que toda a realidade de um mundo adormecido parece despertar dos sonhos de criança.

O grande porta-voz e animador desses clamores pela recuperação da tradição do passado era Gilberto Freyre, que arregimentou parte significativa da intelectualidade pernambucana no projeto que reinscreveria o Nordeste, tendo como ponto de referência a cidade de Recife. Esses intelectuais, sob a proteção da escrita, se travestiram de senhores e sinhás e se prostraram às portas de velhas igrejas e ruínas na tentativa de impedir que elas sucumbissem ao tempo. Essa também era a bandeira empunhada por Nilo Pereira, que redescobriu em terras recifenses sua própria identidade cearamirinense e também a do lugar que havia deixado para trás. Longe de Ceará-Mirim, ele reescreveu a história do lugar, legitimando, inclusive, sua partida, pois foi esse distanciamento que permitiu que ele enxergasse a verdadeira riqueza do lugar, a tradição, e contribuísse para a construção de sua própria identidade, aquela que o legitimaria tão recifense quanto cearamirinense, pois surgiu de um discurso que pregava a unidade cultural e política, que só seria alcançada e respeitada quando as particularidades de cada localidade fossem devidamente reconhecidas e conhecidas a ponto de possibilitarem a identificação das semelhanças que as compreendiam em uma mesma realidade.

O esforço intelectual de Nilo Pereira permitiu que ele ultrapassasse um outro obstáculo. Se a ligação com a terra, com as raízes, eram imprescindíveis para a caracterização do homem tipicamente nordestino, pernambucano ou brasileiro, como ele poderia ser incorporado a esse grupo se havia deixado desde muito cedo o lugar e a realidade onde nasceu? O exercício da escrita permite reconquistar os laços perdidos com o lugar, que acaba se tornando objeto de uma reapropriação intelectual. Para que esse processo de reintegração tenha sucesso é preciso conhecer, ver, visitar, perguntar, como Freyre fez em sua experiência de voltar ao Recife, depois de cinco anos de ausência. Segundo Larreta, o que permite a Freyre esse redescobrimto de suas raízes, no final dos anos 20, “É um olhar, em parte, de estrangeiro, que consegue perceber as peculiaridades locais”³³ e entender qual o lugar desse pedaço de mundo na conjuntura global que o distanciamento lhe permitiu conhecer. Identificamos Nilo Pereira, em diversas passagens de seus escritos, no exercício de reconhecimento, de reapropriação do lugar de sua infância, como no ano de 1965, quando esteve no vale em companhia de

³³ LARRETA, Enrique Rodríguez; GIUCCI, Guilherme. Gilberto Freyre, uma biografia cultural: a formação de um intelectual brasileiro – 1900-1936. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 275.

Francisco Montenegro. A visita não demorou mais do que uma tarde, tempo suficiente para que ele apreendesse em cada paisagem, cada personagem revisto o significado da alma daquela cidade.

A primeira parada, como sempre, foi na Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, onde os viajantes agradeceram pela viagem tranqüila que haviam feito de Natal até a cidade. Depois seguiram para a casa de Vicente Barbosa, pai de Edgar Barbosa, onde foram agraciados com mimo muito especial, um doce tradicional da família Barbosa, “Doce de goiaba branca feito com as minhas mãos”³⁴, garantiu a Sra. dona da casa. Saindo da casa de Vicente Barbosa, passaram pela Escola Barão do Ceará-Mirim, onde foram recebidos alegremente pelas crianças. O roteiro não tinha sido cumprido inteiramente. Desceram então à Rua Grande em busca da casa da professora Adele de Oliveira, onde encontraram a velha mestra no recolhimento que lhe era peculiar. Montenegro leu, de pé, a passagem do livro *Evocação do Ceará-Mirim* em que o antigo aluno, Nilo Pereira, homenageava a primeira professora. Saindo da casa de Adele, finalmente, estavam de frente para o vale, que avistavam à distância, iluminado pelo sol da tarde, onde viam, ao fundo, “a casa grande do Engenho Guaporé. A fachada heráldica, banhada pelos raios do sol, reflete seu passado de glória – tudo o que foi o Vale desde que a cana de açúcar lhe deu prosperidade e riqueza”³⁵. Para os dois viajantes, o filho pródigo e o visitante, a cada passo desse roteiro se familiarizavam cada vez mais com a essência do lugar, que naquela tarde de março de 1965 tinha cheiro e sabor não somente da cana de açúcar que bordeava a cidade, mas do doce de goiaba branca feito por mãos de gente querida e acolhedora da terra.

Para Nilo Pereira, o interesse em escrever sobre o lugar onde havia nascido só aparece quando se encontra já estabelecido no Recife, já formado em Direito, professor do Colégio Nóbrega, membro do sistema político que governava o estado, colaborador e redator de jornais conceituados, localmente. Muito desse interesse por tematizar a cidade de Ceará-Mirim em sua escrita se deve não às suas raízes, mas à sua formação, que o aproximava dessa identidade maior que era a de nordestino, que nas décadas que sucederam os anos 1920, no Recife, ganharia um significado próprio.

³⁴ MONTENEGRO, Francisco. *Itinerário sentimental do Ceará-Mirim*, p. 10.

³⁵ Idem, p. 19.

As particularidades que definiriam o homem e o espaço nordestino podem ser entendidas como as raízes do lugar e do povo que nele vive, levando em conta aspectos econômicos, sociais, etnográficos, culturais e geográficos. A observação atenta dessas características resultaria na descoberta daquilo que se transformou em expressão corriqueira entre os defensores dessa corrente de pensamento – a cor local. Isso é inaugurado por um romance de grande repercussão no Nordeste, *Senhora de engenho*, do escritor pernambucano Mario Sette, publicado em 1921, considerado o iniciador do regionalismo. A junção de todos esses elementos dava origem ao que havia se tornado o bem mais desejado para a afirmação de um grupo ou lugar que buscava legitimar-se, a tradição. E tradição no Recife tornou-se sinônimo de engenho, açúcar, casa grande – símbolos da sociedade patriarcal que se desenvolveu ali desde os anos da colonização, apropriados por Freyre e pelo grupo que o seguia como os símbolos do Nordeste que eles gostariam que fosse visto e revisto.

O que entendemos hoje por Recife, Pernambuco e região Nordeste é profundamente afetado por esse projeto intelectual e afetivo que traduzimos como um desejo de Nordeste. No início dos anos noventa, momento em que se deu a morte de Nilo Pereira, a imagem de Nordeste defendida por esse grupo já havia sido estabelecida e era perfeitamente refletida nos elementos enfatizados no artigo que homenageava o intelectual, mostrando sua infância associada a dois engenhos como primeiro elemento condicionante na sua trajetória intelectual.

Existem várias informações implícitas nas declarações contidas no artigo do dia 24 de janeiro de 1992. Faz-se necessário o esclarecimento de algumas delas: Nilo nasce no meio de duas famílias tradicionais da cidade, tendo como avós maternos Victor de Castro Barroca e Amélia de Oliveira Castro Barroca, donos de engenho, o Verde Nasce; do lado paterno, pertencia à família Pereira, tendo como avós Vicente Ignacio Pereira e Isabel Augusta Vaz Pereira, filha do Barão de Ceará-Mirim, Manoel Varela do Nascimento, seu bisavô, a quem haviam pertencido as terras chamadas de Sítio Bonito, onde foi construído o engenho Guaporé. Por trás de todos esses nomes havia uma sociedade que se formou a partir da produção de açúcar, do plantio da cana, da vida nos engenhos.

Esses eram os elementos que deviam ser evidenciados e o foram durante toda a vida do intelectual, pois eram eles que o aproximavam do grupo que lutava pelas

tradições no Recife, composto, em grande medida, por intelectuais com os quais, ao longo de décadas de convívio, construiu uma relação de amizade – os mesmos que estavam à frente do regionalismo tradicionalista, surgido nos anos 20, liderado por Gilberto Freyre, que foi o responsável pela criação da tradição do Nordeste patriarcal, no qual infância, memória e engenho se entrelaçavam e constituíam as memórias de toda uma região. A região que se desenha sob essa tradição parecia caber em um único estado, Pernambuco, em uma única cidade, sua capital, Recife, e ao mesmo tempo extrapolava esses limites na medida em que as linhas que cingiam os seus contornos seguiam em busca do elemento que caracterizava, segundo Gilberto Freyre, não apenas a paisagem física dessa região, mas também a paisagem econômica, humana e social ³⁶, a cana de açúcar. Essa gramínea trazida pelos portugueses para a Capitania de Pernambuco, ainda no século XVI, impulsionaria não só a empresa açucareira, mas também a colonizadora na principal possessão portuguesa nos trópicos ³⁷.

Para Freyre, três séculos de desenvolvimento de uma região de onde se irradiou o modelo de colonização que vigorou em quase toda a colônia atestava irrefutavelmente sua tradição. Essa associação entre *Região e tradição* é explorada por ele no livro de mesmo nome publicado em 1941, no qual ele apresenta o grupo que ficaria conhecido como regionalista-tradicionalista, os “renovadores do nordeste”, para o qual “regional nunca esteve separado do *humano*”. Ou seja, nas palavras do idealizador do Nordeste da tradição, “para nenhum deles o gosto pela experimentação literaria, artistica, sociologica ou psychologica, foi, ou é, maior do que o gosto pelo assumpto vivo – os homens vistos de perto, tanto no tempo como no espaço” ³⁸. Isso explica a essência da nova imagem que esses homens buscavam produzir para o Nordeste, dando origem a uma fisionomia que se espelhava nos traços dos “paes e [...] avós, antepassados directos, os conterraneos ou os conteporaneos dos proprios experimentadores. Gente da sua carne, do seu sangue, do seu tempo” ³⁹. A missão desses homens que contavam a partir de uma ótica familiar a história desse novo Nordeste era identificar o desenho que as linhas que delimitavam a nova região riscavam no mapa físico e humano do Brasil, já no século XX, mostrando como o país e a sociedade que se desenvolveu ao longo

³⁶ A relação entre a região Nordeste e a cana de açúcar é explorada por Gilberto Freyre em: FREYRE, Gilberto. *Nordeste: aspectos da influência da cana sobre a paisagem do Nordeste do Brasil*. 5. d. Rio de Janeiro: José Olympio; Recife: FUNDARPE, 1985.

³⁷ Ver em: FREYRE, Gilberto. *Casa grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 49 ed. São Paulo: Global, 2004.

³⁸ FREYRE, Gilberto. *Tradição e região*. São Paulo: José Olympio, 1941, p. 29.

³⁹ Idem.

quatro séculos tinham suas raízes plantadas num espaço que foi denominado Nordeste açucareiro. Dentro dele caberia toda a região que se desenvolveu a partir do cultivo da cana.

Na obra memorialística de Nilo Pereira, essa região ganha ainda um outro desenho, tracejado por um imenso trilho que atravessava a zona da mata de Pernambuco e vinha repousar no vale do Ceará-Mirim, no Rio Grande do Norte. Nascer em Ceará-Mirim e viver no Recife: esses dois momentos extremos da existência de Nilo Pereira definiram o lugar que ele ocuparia na intelectualidade nordestina. A identidade cearamirinense passou a ser o seu principal cartão de visitas na terra dos extensos canaviais e da tradição dos antigos senhores de engenho. É preciso entender então, como são construídos esses trilhos que ligam o Recife ao Ceará-Mirim.

Regionalismo e tradição: o alvorecer do século XX no Recife

Desde o final do século XIX, o estado de Pernambuco se ressentia da perda do poder político e econômico. A República não lhe trouxera bons augúrios. Mesmo a cidade do Recife garantindo a Pernambuco a posição de centro hegemônico em relação aos demais estados da região Nordeste, nas primeiras décadas do século XX encontrava-se em pleno processo de estagnação. O clima vivido era mesmo de decadência e marginalidade em relação aos centros maiores, Rio de Janeiro e São Paulo. É exatamente nesse momento de crepúsculo político e econômico vivido na região que o Nordeste passa a ter consciência de si mesmo. Até o final do Império, o Brasil se dividia basicamente em duas áreas maiores: Norte e Sul. Pernambuco e a zona produtora de açúcar estavam localizados no Norte⁴⁰. Diversos fatores de ordem econômica e social, como o desenvolvimento da economia cafeeira no Sul, a substituição do trabalho escravo e as grandes secas como a de 1877 contribuíram para a reorganização do espaço regional. A partir daí, começa a se delinear o Nordeste, mas um Nordeste decaído econômica, política e socialmente. O Recife, nesse momento, era o centro dessa nova região, uma capital marcada pelo poder e a riqueza de tempos posteriores e o desprestígio que vivia.

⁴⁰ Para compreender o processo de formação da região Nordeste em detrimento do antigo Norte ver: ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. *A invenção do nordeste e outras artes*.

As classes produtoras do Nordeste começam a reagir ao que chamavam de esquecimento da região pelo poder público em benefício dos estados do Centro-Sul. A imagem de Nordeste que começa a surgir nos anos 1910 é, portanto, produto dessa reação. A nova região que surge a partir do discurso dessa classe produtora, antiga elite econômica e social já decaída, era produto da apropriação de símbolos e paisagens que representavam determinadas áreas da região que buscava se afirmar política, econômica e culturalmente ⁴¹. Nos anos 1920, a região Nordeste já se constituía em uma unidade política. A partir desse momento, iniciava-se um esforço de construir uma cara para a região, dar-lhe uma feição harmoniosa, transformando o espaço delimitado pelas linhas imaginárias que a conformavam numa inscrição inteligível econômica, social e culturalmente. Essa era a grande missão dos regionalistas nordestinos. O lugar de onde emergiam todas essas idéias era o Recife para onde se mudou Nilo Pereira ainda muito jovem, ainda estudante de Direito.

Ao chegar ao Recife, na década de 1930, Nilo Pereira encontrou montado o cenário em que se travavam todos os embates pela preservação do passado e da tradição. Essa foi a maneira encontrada pelas antigas elites de recuperar o prestígio perdido. O grande nome do movimento regionalista nordestino, Gilberto Freyre, vinha encetando desde sua volta de uma temporada de estudos nos EUA e Europa uma luta pelo reconhecimento da tradição nordestina, pelo reconhecimento da hegemonia histórica de Recife e Pernambuco. Na década de 1920, o antropólogo liderava o grupo de intelectuais ao qual denominou mais tarde de “‘Regionalistas-Tradicionalistas’ do Recife também, a seu modo, modernos e até modernistas” ⁴², como ele gostava de defini-lo. Eles faziam frente às idéias do grupo “futurista” de São Paulo, liderado pelo poeta Mário de Andrade, Menotti del Picchia e Tarsila do Amaral, figuras fundamentais para a realização da Semana de Arte Moderna de 1922, representados, localmente, por Joaquim Inojosa.

O grupo arregimentado por Freyre vai empreender esforços no campo da política, da economia e da cultura para estabelecer os ideais do novo regionalismo. Jornalistas, poetas e escritores saem a campo para divulgar os ideais de uma nova divisão espacial que entrelaçava região e tradição. As idéias regionalistas de Freyre vão

⁴¹ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. *A invenção do nordeste e outras artes*.

⁴²FREYRE, Gilberto. *Manifesto regionalista*. 4. ed. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais – MEC, 1967, p. XVI.

ser fundamentais para o novo desenho da região que começa a ser esboçada. Esse novo regionalismo foi definido por Durval Muniz como algo que extrapola “as fronteiras dos Estados, que busca o agrupamento em torno de um espaço maior, diante de todas as mudanças que estavam destruindo as espacialidades tradicionais”⁴³.

O movimento de valorização dos elementos da cultura nordestina iniciado nos anos 1920 teve três momentos cruciais: a fundação do Centro Regionalista do Nordeste, em 1924; a publicação do *Livro do Nordeste*, em 1925 e a realização do primeiro Congresso Regionalista do Nordeste, no ano de 1926. A fundação do Centro Regionalista foi o primeiro passo do projeto de tomada de consciência dos valores nordestinos e trazia como coadjuvante a crítica ao regime federalista nacional. De um modo geral, dá início oficialmente ao movimento Regionalista e Tradicionalista do Recife. Apesar do projeto ambicioso, o centro jamais teve uma sede própria, e antes de ser uma instituição formal foi uma iniciativa de um grupo de amigos afinados em um mesmo desejo de recuperar e defender as tradições locais.

A exemplo da reunião inaugural, realizada em 28 de abril de 1924, na qual estiveram presentes Odilon Nestor, Antonio Inácio, Moraes Coutinho e Gilberto Freyre, as atividades do centro se resumiram a encontros realizados na casa de Odilon Nestor, regados à chá com sequilhos e outras iguarias regionais oferecidas pela mãe e pela irmã do poeta, onde “homens animados pelo mesmo sentimento regionalista e tradicionalista”⁴⁴ discutiam em defesa do sentimento e da diferenciação local. As ações do grupo entre 1924 e 1926 se restringiram à realização da Semana das Árvores, no final de 1924. Pouco tempo depois, devido à inoperância do Centro, o próprio Freyre sugeriu sua dissolução. A proposta não foi aceita e em 1926 foi realizado, entre os dias 7 e 11 de fevereiro, o primeiro Congresso Regionalista do Nordeste, no qual Freyre realizou conferência sobre a importância da cozinha nordestina. A realização do congresso afirmava o caráter artístico e cultural do movimento, e não teve grandes repercussões, mesmo localmente, mas discutiu calorosamente sobre questões do

⁴³ ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. *A invenção do nordeste e outras artes*, p. 47.

⁴⁴ LARRETA, Enrique Rodrigues; GIUCCI, Guilherme. Gilberto Freyre, uma biografia cultural: a formação de um intelectual brasileiro – 1900-1936. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 292.

patrimônio histórico e cultural, apontando a necessidade da preservação de velhas igrejas e casas ⁴⁵.

O movimento tinha como principal aspiração preservar as tradições nordestinas. A nova região que surgia ganhava forma na escrita dos intelectuais regionalistas, na literatura memorialística que produziram na primeira metade do século XX, na qual se inserem os artigos produzidos por Nilo Pereira nas décadas de 30, 40 e 50 e que mais tarde iriam compor o principal livro de memórias do cearamirinense, *Imagens do Ceará-Mirim*. No período em que essas discussões eclodiam no Recife, Nilo Pereira iniciava em Natal sua carreira jornalística, dividido entre a imprensa católica, que o havia acolhido e instruído, e a sedução do jornalismo secular, no qual estavam os grandes nomes da intelectualidade norte-rio-grandense.

Mesmo vivendo em realidade tão distinta naquele momento, não apenas pela distância física, mas pela predominância de interesses, é provável que Nilo Pereira já tivesse algumas leituras sobre os interesses dos regionalistas, pois havia sido aluno de Luiz da Câmara Cascudo na Escola de Commercio, sendo ele, naquele período, proprietário do jornal *A Imprensa* e já mantinha relações estreitas com Freyre e com os intelectuais do Recife ⁴⁶, onde concluía o bacharelado em Direito. Os acontecimentos que se davam no âmbito da intelectualidade pernambucana eram noticiados em Natal por Cascudo e poderiam, facilmente, tornar-se matéria de discussão em suas aulas de História. O fato de Nilo ter vindo de uma cidade de economia açucareira devia motivá-lo ainda mais, atraindo-o para o tema. É fato que não houve um contato direto nesse período, mas um certo interesse já vinha sendo despertado. Por outro lado, durante as duas primeiras décadas de permanência no Recife, a aproximação com Freyre e os regionalistas se dava de maneira mais discreta. A condição de intelectual católico mariano assumida por Nilo Pereira desde a adolescência, ainda em sua passagem por Natal, e consolidada no Recife, onde chegou a ocupar o cargo de presidente da instituição, e sua aproximação com uma corrente política divergente da apoiada por

⁴⁵ Para uma melhor compreensão sobre o início do movimento Regionalista Tradicionalistas do Recife ver: AZEVEDO, Neroaldo Pontes de. *Modernismo e regionalismo: os anos 20 em Pernambuco*. 2. ed. Recife: Editora Universitária da UFPE, 1996; e LARRETA, Enrique Rodríguez; GIUCCI, Guillermo. Gilberto Freyre, uma biografia cultural: a formação de um intelectual brasileiro – 1900-1936.

⁴⁶ Sobre a aproximação entre Luiz da Câmara Cascudo e os regionalistas ver: SALES NETO, Francisco Firmino. *Palavras que silenciam: Câmara Cascudo e o regionalismo-tradicionalista nordestino*. João Pessoa: editora Universitária, 2008.

Gilberto Freyre, restringiam as relações entre eles. No entanto, esse afastamento não impediu que o interesse fosse mantido e até cultivado.

Os textos publicados entre as décadas de 1930 e 1940, “Guaporé”, publicado no jornal *A Republica*, em 08 de novembro de 1939, e “Manhã da criação”, publicado no mesmo jornal no ano de 1949, demonstram a afinidade da escrita de Nilo Pereira com a proposta dos regionalistas-tradicionistas. O primeiro texto aparece na imprensa oito anos depois da mudança para o Recife, seis anos depois do aparecimento de *Casa Grande & Senzala*, cuja leitura ele confessa mais tarde ter realizado com avidez, imediatamente depois da chegada do livro às livrarias do Recife. Em 1949, quando publicou o segundo texto, depois de quase vinte anos de permanência na cidade, já fazia parte de um grupo mais amplo de intelectuais, composto por professores, jornalistas, ex-colegas da faculdade de Direito, como Mauro Mota, Gilberto Osório de Andrade, e o antigo professor Câmara Cascudo, nomes que também figuravam no círculo de amizade de Gilberto Freyre.

As atividades intelectuais de Nilo Pereira como jornalista e professor foram o elo de ligação que permitiu a aproximação com esse grupo e, posteriormente, com Gilberto Freyre. Com a causa regionalista, a identificação era mais antiga, como percebemos na leitura dos dois artigos citados, que traziam como tema a sociedade açucareira do vale do Ceará-Mirim e o seu estado de ruína, naquelas décadas. Nos dois textos, o objetivo principal parecia ser chamar a atenção para o descaso que os próprios cearamirinsenses dispensavam aos nobres vestígios de seu passado de tradição, como a casa grande do Guaporé, já em ruínas, impregnado das lembranças do passado, “onde antigas vozes serão sempre mais fortes do que a solidão e o abandono”⁴⁷.

O artigo de 1939, que marca a primeira viagem de retorno ao Rio Grande do Norte, desde a mudança para Recife, da qual temos registros escritos, parecia ser o cartão de visitas da cidade do Ceará-Mirim para os recifenses. Nilo Pereira apresentava as origens da tradição do lugar e dava um primeiro alerta sobre a destruição e esquecimento daquele cenário descrito por ele com as seguintes palavras: “Deante da paisagem do vale do Ceará-Mirim, sente-se a tranquilidade de uma civilização que lançou as suas raízes na terra e que não passou completamente, pois ainda existe quem

⁴⁷ PEREIRA, Nilo. *Manhã da criação*. *A Republica*, set. 1949.

ampare essas tradições da nobreza rural⁴⁸. A perda do status político e econômico repercutiu em alguns não somente como um trauma de alcance material, mas de cunho afetivo também. Nilo parecia absorver o ressentimento dos recifenses e pernambucanos e projetá-lo sobre o Ceará-Mirim.

A exemplo de Nilo Pereira, os homens que reclamavam o reconhecimento da tradição e dos valores nordestinos viam-se destituídos de suas “referências espaciais ou temporais”, incorporavam a voz de “toda uma classe social que perdeu historicamente sua posição, que viu os símbolos do seu poder esculpido no espaço sendo tragados pelas forças tectônicas da história”⁴⁹. Eles se voltavam para um passado no qual julgavam reencontrar a paisagem perdida. Esse mundo estava localizado no Brasil que ainda respirava ares coloniais, no espaço que se desenvolveu à sombra da cultura da cana e do patriarcalismo. Esses intelectuais passam a se mover dentro de um campo ideológico que vai exercer aquilo que Pierre Bourdieu chama de poder simbólico, responsável pela construção de uma realidade na qual se busca estabelecer uma determinada ordem impondo uma “concepção homogênea do tempo, do espaço, do número, da causa, que torna possível a concordância entre as inteligências”⁵⁰.

Nilo mudou-se para o Recife muito jovem, lá viveu e envelheceu. Ao envelhecer, com o auxílio do poder da memória e da palavra, viu-se novamente criança e transferiu-se, de vez, para o lugar onde o menino era legítimo senhor, a infância, mas não era uma infância qualquer. Tratava-se de uma infância vivida num paraíso pontilhado de engenhos, numa cidade que se ergueu à sombra de um vale povoado por histórias de senhores, barões e escravos, onde muita festa e sofrimento eram lembrados. O Ceará-Mirim, entrecortado pelo rio que deu nome ao vale e à cidade, cujas margens serviram de berço para os primeiros canaviais plantados na região, ainda no século XVII⁵¹, tinha se transformado no paraíso da infância de Nilo Pereira.

⁴⁸ PEREIRA, Nilo. O Guaporé. *A Republica*, 08 nov. 1939.

⁴⁹ ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*, p. 65.

⁵⁰ BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 10 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. p. 9.

⁵¹ CASCUDO, Luiz da Câmara. *História do Rio Grande do Norte*. 2. ed. 1955.



Rio Ceará-Mirim. Foto Raimundo Arrais, 2005.

Essa maneira de se reportar à infância como o momento de completa harmonia da existência se deve ao modelo autobiográfico idealizado por Freyre. Segundo Giucci e Larreta, “A representação autobiográfica da infância oscila entre a idade do ouro e o inferno”⁵². Os autores explicam que entre os escritores modernos é comum a infância ser representada como “uma época de sensações confusas e experiências incompletas. Já para outros, essa é a época da vida espontânea e da descoberta entusiasmada do mundo”⁵³. Freyre estava mais afinado com o segundo grupo. Para ele, a experiência da infância aparece sempre “envolta numa aura de magia”, um período de intensa vivência, no qual “arraigaram-se definitivamente espaços, corpos e afetos”, provocando nele uma “atração pela memória profunda”, que “seria a marca distintiva de sua obra”⁵⁴, onde o apanhamos num intenso desejo de recuperação do passado. O projeto de escrever a história do menino no Brasil é mais um exemplo do esforço autobiográfico que o acompanhou em toda a sua obra.

O telurismo, num certo momento da história e da literatura da região nordeste, torna-se uma espécie de categoria de pensamento empregada para explicar uma

⁵² LARRETA, Enrique Rodríguez; GIUCCI, Guilherme. Gilberto Freyre, uma biografia cultural: a formação de um intelectual brasileiro – 1900-1936. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 17.

⁵³ Idem.

⁵⁴ Idem.

realidade social e econômica desenvolvida naquele espaço que buscava se estruturar dentro de uma unidade cultural. O olhar telúrico que durante as décadas de 1920 e 1930 é lançado sobre o Nordeste que se construiu a partir do desenvolvimento da cultura açucareira vai direcionar a escrita que se fez daquela sociedade em determinado período. O amor à terra vai se desdobrar em um outro sentimento, a saudade, que se tornou uma categoria que orientou todo o pensamento de um grupo que se colocou na linha de frente no combate pelo predomínio da tradição dessa região: os regionalistas-tradicionistas. O amor à terra e a saudade vão se tornar elementos emblemáticos da escrita de toda uma região, delineando um espaço formado pela tradição com forte auxílio da memória.

Nordeste regionalista: uma inscrição espacial e identitária

A causa, o tempo e o espaço que se desejava estabelecer e legitimar era o Nordeste das tradições, o Nordeste dos engenhos, que vai se tornar o tema principal de uma literatura memorialística e autobiográfica praticada por um grupo de intelectuais arregimentados em vários cantos da região, e, principalmente, no Recife. Inicialmente, o que os unia era a semelhança em sua trajetória de vida. Em sua grande maioria, as vezes que se levantavam em nome da conservação de uma tradição que tinha as formas das velhas ruínas da sociedade patriarcal eram descendentes de famílias que fizeram parte desse passado, unidos pelo desejo de colocar a tradição e a memória familiar a serviço de um projeto maior.

Esse grupo era formado por netos e filhos da aristocracia decadente da região Nordeste, herdeiros do nome e da tradição, dentre eles podemos citar Odilon Nestor, Julio Bello, Moraes Coutinho, o poeta Ascenso Ferreira, Alberto Cavalcanti, Luiz Cedro⁵⁵, entre outros. Era muito comum, nessas famílias, os filhos mais novos serem mandados para centros maiores para se tornarem bacharéis em Direito⁵⁶. Essa era a primeira formação de muitos dos amantes das ruínas patriarcais. As famílias que já não detinham o poder econômico, devido à decadência do açúcar, procuravam manter o prestígio social investindo na educação dos filhos.

⁵⁵ LARRETA, Enrique Rodríguez; GIUCCI, Guilherme. Gilberto Freyre, uma biografia cultural: a formação de um intelectual brasileiro – 1900-1936. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

⁵⁶ Para entender o processo de formação da intelectualidade brasileira ver: MICELI, Sérgio. *Intelectuais à Brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

O bacharelado era quase sempre o caminho escolhido pelo peso da tradição que carregava e por oferecer uma formação humanística⁵⁷, o que acabou possibilitando a entrada desses homens para uma elite intelectual que, por pensar a sociedade, poderia também interferir em sua conformação, como no caso dos regionalistas-tradicionistas, que buscavam repensar a região Nordeste tendo como base o mundo patriarcal. Por isso ser muito comum encontrarmos advogados formados nas primeiras décadas do século XX que jamais exerceram a profissão, tendo se tornado escritores, jornalistas, professores, historiadores, geógrafos ou tudo isso ao mesmo tempo, como o caso de José Lins do Rego, Nilo Pereira, Mauro Mota, Gilberto Osório de Andrade, entre outros. Esse processo evidenciou a substituição do poder econômico pelo das relações sociais, permitindo que muitas dessas famílias tivessem seus nomes perpetuados pela ascendência que tiveram no passado e pelo investimento na formação intelectual de seus filhos.

O próprio Gilberto Freyre pertenceu a uma família que descendia de senhores de engenho e que muito se esforçou para manter seus estudos fora do país. A luta pela memória da tradição do passado era silenciosamente movida por um desejo de reencontrar um lugar na sociedade. Aquelas famílias já não faziam parte de uma elite econômica, mas o prestígio e as relações que sobraram dos tempos nobres e fastigosos em que o açúcar movia toda uma sociedade permitiram que se tornassem uma elite tão influente quanto a que detinha o dinheiro, por estar muito próxima do poder. Era muito comum intelectuais serem nomeados para ocupar cargos públicos, principalmente, na conjuntura política que se instaurou com o Estado Novo, em que os intelectuais eram parte significativa do staff do governo⁵⁸. Muitos puderam manter seus estudos por meio das ligações que mantiveram com o poder público, como Nilo Pereira, para quem o primeiro emprego foi o cargo de arquivista na Assembléia Legislativa de Natal, em 1926, aos dezessete anos de idade, concedido pelo então governador do Rio Grande do Norte, José Augusto Bezerra de Medeiros. Assim, ele pôde manter-se enquanto realizava os primeiros estudos. Nos anos posteriores, também esteve inserido no quadro dos intelectuais que fizeram parte do Estado Novo⁵⁹.

⁵⁷ VENANCIO FILHO, Alberto. *Das arcadas ao bacharelismo: 150 anos de ensino jurídico no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

⁵⁸ Ver: CAVALCANTI, Lauro (Org.). *Modernistas na repartição*. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, MINC - IPHAN, 2000.

⁵⁹ Ver essa discussão do capítulo 2.

Nilo segue uma trajetória comum aos intelectuais brasileiros que se formaram na primeira república: filho de família pobre e tradicional do interior, segue para a capital para iniciar os estudos, demonstra inclinação para as letras, inicia-se no jornalismo, parte para centros maiores para formar-se em Direito, aproxima-se pouco a pouco da vida pública, exercendo diversos cargos até se envolver diretamente com a política, exercendo sempre e paralelamente as atividades de professor, jornalista e escritor. Essa foi a trajetória que o aproximou dos regionalistas e de Freyre. Os intelectuais das primeiras décadas do século XX estavam à frente do poder e da sociedade, dizendo-lhes que caminhos seguir. No caso de Nilo Pereira essa afirmação ganha ainda mais força já que ele foi um dos ideólogos do Estado Novo em Pernambuco.

O poder, para esses intelectuais, estava na palavra, na escrita, – para os regionalistas, na memória, transformando-se em porta-vozes de uma realidade social e histórica vivenciada por eles, “Uma vez que cada ser humano espelha o mundo e os mundos nos quais nasceu, viveu e vive”⁶⁰, pois “escrevendo sua história ele acaba fornecendo um testemunho aos outros”, fornecendo elementos para a reconstituição de contextos culturais, modos de sentir e interpretar e descrever experiências vividas por um grupo. Por isso se faz tão necessário o entendimento do papel da escrita memorialística no âmbito do movimento regionalista, no processo de constituição do Nordeste da tradição. Por isso esse gênero de escrita foi eleito por Gilberto Freyre o veículo legítimo de disseminação e consolidação do ideário regionalista e tradicionalista, tendo ele estimulado a produção de livros como *Menino de engenho*, *Memórias de um senhor de engenho*, e até mesmo de *Imagens do Ceará-Mirim*, o livro de memórias publicado por Nilo Pereira já no final da década de 1960, período em que a amizade e identidade intelectual entre os dois já tinham bases solidificadas.

A década de vinte, segundo o historiador Durval Muniz, “é a culminância da emergência de um novo regionalismo, que extrapola as fronteiras dos Estados, que busca o agrupamento em torno de um espaço maior, diante de todas as mudanças que estavam destruindo as espacialidades tradicionais”⁶¹. Esse novo regionalismo tomava como referência, como centro do país, o espaço de onde se fala, apontando as práticas realizadas em cada lugar como os elementos diferenciadores do espaço maior que se

⁶⁰ OLMÍ, Alba. *Memória e memorialismo*.

⁶¹ ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. *Ainvenção do nordeste e outras artes*, p. 86.

denominava de região. Caía por terra a antiga divisão entre Norte e Sul que delimitava o país. A crise vivenciada pelos produtores que ocupavam o antigo Norte, desde o século XIX, que se viam subjugados frente à industrialização do Sul, impunha uma necessidade urgente da organização e legitimação do Nordeste como uma unidade política, econômica e cultural. Essa necessidade de organização e legitimação acaba por aproximar as diferenças existentes entre cada estado que formaria a região Nordeste, o que garantiria a unidade desejada.

No nordeste brasileiro, região surgida, segundo Durval Muniz, como um espaço simbolicamente instituído, assentado no discurso da tradição e da saudade, materializado a partir de símbolos e discursos que além de criar uma identidade para a região delimitava também suas fronteiras, o movimento regionalista aparece como um veículo de resgate e preservação da tradição dos costumes e valores que deram forma à região. Na verdade, o espaço instituído como região Nordeste era um pedaço do antigo norte, que desde a primeira década do século XX lutava para se definir como região, firmando-se no discurso da diferenciação em relação ao Sul.

As sementes do regionalismo-tradicionalista lançadas no início da década de 1920 por nomes como Aníbal Fernandes, Mário Melo, Luís Cedro, Mário Sette⁶², entre outros, germinaram com vigor na intelectualidade nordestina. O ideólogo do regionalismo tradicionalista, que organizou e fortaleceu as vozes dispersas que reclamavam as tradições perdidas, nunca deixou que elas atrofiassem, inspirando diversas obras de caráter regionalista e nostálgico. Segundo ele, “intelectuais e artistas de gerações já posteriores à dos ‘Regionalistas’ do Recife [...] se ergueram revolucionariamente a favor de uma valorização de temas regionais”⁶³, como Lula Cardoso Ayres, Mauro Mota, entre outros.

Naqueles anos em que a cidade do Recife foi sacudida pelo regresso do jovem Gilberto Freyre e pelo movimento regionalista também teve início a amizade entre o pernambucano e o escritor José Lins do Rego, fator decisivo na vida intelectual do autor de *Menino de engenho*. Segundo Durval Muniz, José Lins fez na literatura aquilo que Freyre vinha fazendo na sociologia. As idéias regionalistas de Freyre são materializadas na literatura de José Lins e de um grupo de nordestinos ciosos dos valores da sociedade

⁶² AZEVEDO, Neroaldo Pontes de. *Modernismo e regionalismo: os anos 20 em Pernambuco*. 2. ed. Recife: Editora Universitária da UFPE, 1996.

⁶³ Idem, p. XX.

dos engenhos. Na introdução de Mauro Mota à segunda edição do *Livro do Nordeste*, de 1979, promovida pelo Arquivo Público estadual de Pernambuco, do qual ele era diretor, o jornalista e poeta pernambucano, ao se referir aos efeitos do movimento regionalista de Freyre, afirma que

Sem esses rumores para acordar paisagens, costumes, canaviais, águas, chãos, cores e cheiros, talvez não tivessem existido os romances do ciclo de cana-de-açúcar de José Lins do Rego, as *Memórias de um senhor de Engenho*, de Júlio Belo, os poemas de Ascenso Ferreira, os estudos sócio-antropológicos de Gonçalves Fernandes e René Ribeiro, a pintura da primeira fase de Cícero Dias, e a atual de Lula Cardozo Aires ⁶⁴.

Mauro Mota, que também era amigo de Gilberto Freyre, continua enumerando os nomes e trabalhos nordestinos que sofreram influência direta do regionalismo de Freyre. Ele afirma, no entanto, que o grande mérito do amigo foi o impulso, o incentivo dado a essas vozes que já clamavam pela conservação das tradições do Nordeste, ou seja, ele apenas organizou vozes dispersas de forma que dessem forma a uma unidade inteligível e sólida. Antes de Mauro Mota, o próprio Freyre se instituiu como líder do movimento regionalista, adotando o método de enumerar os nomes em torno dele como uma estratégia de auto-afirmação ⁶⁵, assim como Mota o fez no trecho anterior. No entanto, ele se apressa em dizer que Freyre não foi o criador do desejo de preservação das tradições nordestinas, mas o animador desse sentimento:

Não é que esses escritores e artistas pernambucanos ou de formação pernambucana ficassem silenciosos ou inativos sem o impulso que os conduziu a uma temática regional. Nem que, por recebê-lo, contorcessem ou perdessem a expressão individual. É que, recebendo-o, mantiveram-se mais fiéis às fontes do Recife e da Região ⁶⁶.

Ele afirma ainda, referindo-se à controvérsia que envolve o *Manifesto Regionalista* de Gilberto Freyre, que o *Livro do Nordeste* talvez tenha sido o verdadeiro manifesto, surgido um ano antes do evento de 1926. Podemos firmar que era a primeira materialização da união de esforços em prol do regionalismo freyreano e nordestino, a primeira grande mostra do mundo que se queria despertar do sono dos mortos. A sociedade dos engenhos, seus costumes, paisagens e tradições aparecem em cada texto

⁶⁴ MOTA, Mauro. Introdução. In.: FREYRE, Gilberto (org.). *Livro do Nordeste*. 2. ed. Recife: Arquivo Público, 1979.

⁶⁵ Ver: FREYRE, Gilberto. *Manifesto regionalista*. 4. ed. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais – MEC, 1967.

⁶⁶ Idem.

ali publicado como um alerta àqueles que permitiam que esse mundo sucumbisse, verdadeiros manifestos.

Em um dos artigos de Freyre publicados naquele livro, intitulado “Vida social no Nordeste - aspectos de um século de transição”, podemos ouvir as palavras de alerta do jovem que regressava à sua terra decidido a recuperar os costumes e tradições que julgava por lá ter deixado antes de embarcar para os Estados Unidos, em 1918. Para Freyre, “Comparando o Nordeste de 1825 com o de 1925 tem-se quase a impressão de dois paizes diversos. A propria paisagem, o proprio physico da região, alterou-se profundamente. E’ outra, a crosta. Outra, a physionomia”⁶⁷. Mostrava ainda seu ressentimento em relação às usinas que tomavam o lugar dos engenhos e às avenidas que rasgavam a velha cidade do Recife: “Perdeu a paisagem aquelle seu ar ingênuo dos flagrantes de Koster e de Henderson para adquirir o das modernas photographias de uzinas e avenidas novas”⁶⁸. O Nordeste do açúcar se transforma então no mundo da infância, o mundo que precisava ser preservado, inspiração de uma literatura memorialista, confessional e regionalista.

As origens do Regionalismo - Tradicionalista

No *Manifesto Regionalista*, texto publicado em 1952, que, segundo Freyre, se constitui em material lido no I Congresso Regionalista do Nordeste, realizado em Recife no ano de 1926, é possível identificar algumas das influências sofridas pelo recifense durante o período de sua formação universitária nos Estados Unidos e na Europa, antes do retorno ao Brasil. No texto que compõe o Manifesto, o pernambucano afirma que de passagem por Paris, em 1922, às vésperas de seu regresso ao Brasil, foi levado pelo companheiro de aventuras intelectuais, Regis de Beaulieu, a conhecer “o [...] mestre, Charles Maurras”⁶⁹. Em janeiro de 1923, em carta ao amigo e mentor intelectual Oliveira Lima, para o que nos chama a atenção a historiadora Maria Lúcia Pallares-Burke, Freyre demonstra a sua simpatia em relação às idéias descentralizadoras de Maurras, afirmando que de tudo que tem visto na cena política européia, em particular

⁶⁷ FREYRE, Gilberto. *Livro do Nordeste*. 2. ed. Recife: Arquivo Público, 1979, p. 75.

⁶⁸ Idem.

⁶⁹ FREYRE, Gilberto. *Manifesto Regionalista*, p 29.

em Portugal, “os melhores elementos parecem estar com os monárquicos e as doutrinas de Maurras estão encontrando eco, entre a geração nova. Ainda bem!”⁷⁰.

Chegando ao Brasil, em 1923, Freyre vai iniciar um esforço de disseminação do seu modelo tradicionalista de explicação da sociedade brasileira. Num primeiro momento, com a fundação do Centro Regionalista e a realização do primeiro Congresso Regionalista, a discussão era mais restrita ao âmbito local. Em 1933, com a publicação de *Casa Grande & Senzala*, toma proporções nacionais e dá início a uma disputa intelectual com o grupo marxista da USP (formado por Florestan Fernandes, Caio Prado Jr., Fernando Henrique Cardoso, Otávio Ianni, Nelson Werneck Sodr e e Antonio C andido), comentada por Joaquim Falcão: “Quem teria formulado a única e verdadeira interpreta o da forma o social do Brasil? Quem foi capaz de nos dizer o que somos? Quem melhor apreendeu nosso significado estruturador?”⁷¹. O que estava no centro dessa disputa era “o trono de intérprete do Brasil”⁷².

Em Pernambuco, ele continuava a campanha de valoriza o da cultura nordestina e muitos dos que o acompanhavam desde sua volta ao país brindavam-no com livros de memórias dos tempos de menino no engenho, como *Senhor de engenho*, de 1938, de Jullio Bello, a quem ele chamava de “agricultor sentimental”. A defini o que Freyre elabora sobre o livro de memórias d a justa medida do tipo de trabalho que ele vinha animando entre os pernambucanos: “um livro de memórias que   também uma autobiografia. Uma autobiografia que   um pedaço de história social do Brasil”⁷³.

  o modelo de regionalismo defensor da tradi o, mais universal que separatista, que o intelectual pernambucano vai instituir no Nordeste a partir de 1923, ano do seu regresso ao Recife, quando encerra a publica o da série de artigos numerados que chegam até o número 99, intitulada *Da outra América*, publicados no *Diário de Pernambuco*, nos quais ele apresentava suas idéias regionalistas em defesa da tradi o nordestina e relatava também suas experiências em terras estrangeiras.

⁷⁰ PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. *Gilberto Freyre: um vitoriano nos trópicos*. São Paulo: Ed. UNESP, 2005, p. 180.

⁷¹ FALCÃO, Joaquim. A luta pelo trono: Gilberto Freyre versus USP. In: *O imperador das idéias*. Gilberto Freyre em questão. Rio de Janeiro: Topbooks, 2001, p. 131.

⁷² Idem.

⁷³ FREYRE, Gilberto. Júlio Belo, agricultor sentimental. In: *Gilberto Freyre: perfil de Euclides da Cunha e outros perfis*. 2. ed. aum. Rio de Janeiro: Record, 1987, p. 181.

Outra influência significativa no regionalismo de Freyre provém dos ensaístas ibéricos, especialmente, de Ortega y Gasset. Segundo Regina Aída Crespo, podemos identificar no interesse pelo ensaísmo “como gênero e estilo literários e como instrumento de produção científica (antropológica, sociológica e historiográfica), [...] a sua aproximação com os autores da chamada Geração de 98 e seus seguidores”⁷⁴. A Espanha, para ele, estava “desmembrada entre regiões e homens”⁷⁵.

Freyre parecia se perguntar sobre quem ele era, o indivíduo que atravessara o atlântico em busca de conhecimento, conhecimento sobre si e sobre o seu povo, sobre o seu país. Mais do que inquietações pessoais, os questionamentos do jovem intelectual se estendiam à formação da sociedade brasileira. Era preciso saber quem era o brasileiro, o que era o Brasil, e o que significava Pernambuco dentro dele e, especificamente, a cidade de Recife. A angústia de não se reconhecer mais em sua terra fazia com que ele esbravejasse contra as ações que descaracterizavam o Recife de outrora, o Recife que deixara ainda respirando ares coloniais, carregado de tradição. Era preciso salvar a tradição que caracterizava a região Nordeste, projetada, principalmente, no estado de Pernambuco, onde se desenvolveu com maior vigor e exuberância a indústria açucareira, dando origem à sociedade dos engenhos, origem da tradição da região Nordeste, segundo a sociologia freyreana. A cidade e o indivíduo já não eram os mesmos. Ele, modificado pela experiência de vida e estudos no estrangeiro; a cidade, pela modernização que modificava o traçado das ruas, pondo abaixo as referências do passado patriarcal da cidade⁷⁶.

À frente do movimento regionalista centrado no Recife desde os anos 1920, Gilberto Freyre evoca, no *Livro do Nordeste*, de 1925, em *Nordeste*, e em diversos outros livros, artigos e conferências, um passado patriarcal que colocava senhores e escravos em um ambiente harmonioso, retratado, em 1933, com mais detalhe e vigor pelo escritor em *Casa Grande & Senzala*. Sob sua influência, vários outros escritores e intelectuais também evocaram o passado de tradição da sociedade açucareira do Nordeste, como o romancista José Lins do Rego. José Lins e Gilberto Freyre mantiveram laços estreitos de amizade, sendo visível a influência intelectual e

⁷⁴ CRESPO, Regina Aída. Gilberto Freyre e suas relações com o universo cultural hispânico. In: KOSMINSKY, EthelVolfzonet al. *Gilberto Freyre em quatro tempos*. São Paulo: EDUSC, 2003, p. 183.

⁷⁵ Idem, p. 184.

⁷⁶ Sobre descaracterização da cidade do Recife nas primeiras décadas do século XX ver: ARRAIS, Raimundo. *A capital da saudade: destruição e reconstrução do Recife em Freyre, Bandeira, Cardozo e Austragésilo*.

emocional que o pernambucano exerceu sobre o jovem romancista. Ao escrever *Menino de Engenho*, ele realizou aquele que foi o grande projeto acalentado pelo sociólogo: escrever a história da infância no Brasil. A partir dessas relações, vemos tomar forma nas obras desses e de outros autores regionalistas uma trama intelectual e afetiva.

É necessário observar que o regionalismo tradicionalista não era a única corrente ativa na intelectualidade pernambucana nos anos 1920, rachada pela disputa entre tradicionalismo e futurismo. Enquanto o grupo de Gilberto Freyre lutava por aquilo que ele vai traduzir como conservação da tradição, Joaquim Inojosa se incumbia da missão de pregar a doutrina modernista na capital pernambucana, no início dos anos 1920. Inojosa vai a São Paulo em 1922, conhece Mário de Andrade, Tarsila do Amaral e Menotti Del Picchia, que vão seduzir o pernambucano. Com a chegada de Freyre no ano seguinte, inicia-se uma contenda pelos jornais e revistas da cidade, como a *Revista do Norte* e *Mauricéia*, nos quais os dois representantes dos principais movimentos intelectuais de Pernambuco expressavam suas idéias.

Nacionalmente, a oposição entre *tradicionalismo* e *modernismo* era representada por Freyre e Mário de Andrade. Entre os dois jamais houve qualquer aproximação, mesmo o escritor paulista tendo percorrido todo o Nordeste, passando por Pernambuco e Rio Grande do Norte numa viagem de reconhecimento do Brasil que deu origem ao livro *O turista aprendiz*, de 1928⁷⁷. Freyre acusava o escritor de ter “grande parte da sua modernice mais copiada de modernismos europeus que inspirada em sugestões da situação brasileira”⁷⁸. Essa era a principal queixa em relação ao modernismo que ele via disseminado no Brasil, naquelas primeiras décadas do século XX.

Descrever o contexto em que se deram as primeiras incursões regionalistas permite observar também como as idéias do próprio Freyre estavam carregadas de conotações modernas, adquiridas nas relações com as vanguardas européias. Ele não era totalmente avesso ao Modernismo, “Simpatizava com as renovações acontecidas na produção cultural, com manifestações das vanguardas artísticas européias”⁷⁹. A grande

⁷⁷ As relações de animosidade intelectual entre Mário de Andrade e Gilberto Freyre são estudadas em ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. *Modernismo nos anos 20 no Rio Grande do Norte*. Natal: EDUFERN, 1995.

⁷⁸ REZENDE, Antonio Paulo. *(Des)Encantos modernos: histórias da cidade do Recife na década de XX*. Recife: FUNDARPE, 1997, p. 151.

⁷⁹ *Idem*, p. 150.

questão levantada por ele era “como absorver essas inovações sem afetar a originalidade da cultura brasileira”⁸⁰.

Assim como todas as correntes de pensamento que passaram pelo crivo intelectual de Freyre, o modernismo também foi depurado, deglutido e até meio reinventado. Ele se dizia modernista, mas um modernista tradicionalista, associando o regionalismo que tanto defendia a um modernismo que ele julgava saudável à cultura brasileira. Ou seja, “que não se deslumbre com os vanguardismos, mas que busque suas inspirações nas tradições locais”⁸¹. A resistência dos representantes locais do modernismo acabou fazendo com que ele buscasse no grupo do Rio, “modernistas na verdade renovadores sem ismo nenhum”⁸², o apoio para o seu projeto regionalista. Desse grupo faziam parte Carlos Drummond de Andrade, Sérgio Buarque de Holanda e Manuel Bandeira, em quem encontrou a cooperação necessária à afirmação dos ideais regionalistas como elementos formadores da identidade do homem nascido no Nordeste. A aproximação de Freyre e Bandeira teve início na preparação do *Livro do Nordeste*, de 1925. Bandeira participa do livro com um poema sobre suas raízes recifenses, encomendado por Freyre. A partir daí, ele se encarrega de reintegrar o poeta às suas raízes pernambucanas.

Primeiro esboço do Nordeste do açúcar

Em 1925, a publicação do *Livro do Nordeste*, livro de 192 páginas contendo textos assinados por Oliveira Lima, Luiz Cedro, Odilon Nestor, Julio Bello, Eloy de Souza, Joaquim Cardozo, Henrique Castriciano, Mario Melo, o próprio Gilberto Freyre e Manuel Bandeira, colocava em evidência temas como funções e festas de engenho, relações internacionais, relações luso-brasileiras, infância no engenho, aspectos econômicos, sociais, culturais, poesia, enfatizando elementos da literatura, arquitetura e pintura, tipicamente, nordestinas. Todos esses elementos aparecem como resultantes de um único condicionante: “A cultura da canna no Nordeste”, título de um dos três artigos assinados por Freyre nessa coletânea. É importante salientar que todos esses textos e temas que buscavam radiografar o Nordeste daqueles últimos 100 anos, de 1825 a 1925, tomam como referência o Estado de Pernambuco. Mesmo a inserção de autores e temas

⁸⁰ Idem.

⁸¹ Idem, p. 152.

⁸² Idem, p. 151.

referentes a outros estados – como a poesia de Nísia Floresta, apresentada por Henrique Castriciano e os cantadores de coco do Nordeste, de Eloy de Souza, ambos autores norte-rio-grandenses, – tinha o objetivo maior de apresentar a região Nordeste numa unidade coerente, mesmo em suas diferenças.

No livro que parece ter sido o grande projeto de Gilberto Freyre logo após seu retorno do estrangeiro, organizado por ocasião do centenário do *Diário de Pernambuco*, mais do que mostrar a evolução histórica e cultural do Nordeste entre 1825 e 1925, buscava apresentar a cultura e sociedade de um Nordeste específico, o Nordeste alicerçado sobre a produção do açúcar, recoberto, em sua maior extensão de terras, por imensos canaviais. Fazia-se necessário também construir uma imagem visual para esse lugar e essa sociedade, necessidade que não escapou às atenções de Freyre, que convidou o pintor Manoel Bandeira para ilustrar o livro, que traz os bicos de pena do recifense retratando igrejas, negros em seus afazeres, canaviais e engenhos fumegantes, representando as paisagens urbanas e rurais desse Nordeste. Freyre estimulava entre os pernambucanos “uma pintura narrativa [...] com um caráter histórico e de épica social”⁸³. O livro, por sua vez, se colocava como um estandarte que abria caminhos para o avanço do exército dos escavadores de um passado e da tradição que dele provinha, os tradicionalistas que desde o ano anterior, com a fundação do Centro Regionalista Nordestino, vinha se movimentando em prol do esforço de criar uma tradição como principal instrumento da construção da identidade nordestina.

O outro Bandeira que faz parte da história do livro, o Manuel, o poeta, está presente como tema e também como autor do Nordeste que Freyre busca construir. Bandeira, poeta recifense e modernista estabelecido há décadas no Rio de Janeiro, é estrategicamente convidado por Freyre para ser um dos colaboradores do livro e recebe a encomenda de um poema que desse conta da sua relação com o Recife, com o Nordeste, o que suscitou uma série de críticas, pois afirmava-se que alguém que viveu apenas a infância em determinada realidade não podia sentir-se parte dela. O convite e o próprio poema são as respostas de Freyre e Bandeira às críticas. O organizador do livro pode ter invocado em defesa do recifense desterrado o exemplo de Joaquim Nabuco, para quem a infância vivida no mundo dos engenhos teria significado uma vida inteira de luta contra a escravidão. De seu lado, o poeta escreveu um poema que buscava no

⁸³ LARRETA, Enrique Rodríguez; GIUCCI, Guilherme. Gilberto Freyre, uma biografia cultural: a formação de um intelectual brasileiro – 1900-1936. p. 284.

mundo da infância as razões para a sua forte identidade pernambucana, recifense e brasileira.

Além da ausência do Recife, contestava-se também o fato de Bandeira ser um poeta modernista. Como explicar a sua participação na realização de um projeto regionalista que tinha como objetivo exaltar o passado de tradição de uma terra que desde muito cedo havia deixado? No entanto, ele escreve *Evocação do Recife*, poema que já trazia o regionalismo no nome, apesar da estrutura modernista, dos versos livres e frases nominais que o compunham. Tratava-se de uma evocação, evocação de um passado, de uma sociedade, de uma cidade que já não era mais como antes. Bandeira narra a trajetória histórica da cidade e do estado onde nasceu enfatizando os elementos destacados por Freyre como os mais significativos na reconstituição do passado do Nordeste açucareiro.

Evocação do Recife

Recife
 Não a Veneza americana
 Não a Mauritstad dos armadores das Índias Ocidentais
 Não o Recife dos Mascates
 Nem mesmo o Recife que aprendi a amar depois
 - Recife das revoluções libertárias
 Mas o Recife sem história nem literatura
 Recife sem mais nada
 Recife da minha infância

(...)

Recife...
 Rua da União...
 A casa de meu avô...
 Nunca pensei que ela acabasse!
 Tudo lá parecia impregnado de eternidade
 Recife...
 Meu avô morto.
 Recife morto, Recife bom, Recife brasileiro
 como a casa de meu avô ⁸⁴.

No seu poema, Bandeira evoca o Recife da memória, das relações familiares, dos valores e histórias apreendidos em casa. Ele desejava evocar e apresentar o “Recife sem história nem literatura”, o “Recife sem mais nada”, o Recife da infância, antes da

⁸⁴ FREYRE, Gilberto. *Livro do Nordeste*. 2 ed. Recife: Arquivo Público Estadual, 1979.

interferência racional do homem intelectualizado. Ele evocava todo um passado morto, ressuscitava as vozes que se perderam no tempo, as vozes da infância, das brincadeiras de roda na Rua da União, as vozes que remontavam ainda a um tempo anterior às vozes das crianças que brincavam, a voz do avô que o levava a tempos ainda mais remotos, os tempos em que os símbolos dessa sociedade ainda não existiam somente em suas ruínas.

Esse era o Recife bem brasileiro que havia silenciado junto com as vozes das crianças e do avô morto. Esse lugar silencioso enchia-se novamente de vida e sonoridade nas lembranças, na memória contada, na memória que reescrevia o passado, na memória que se transformava em poesia. Freyre apostou na memória como a principal fonte da história que ele buscava reescrever, porque mesmo falando de um passado morto, falava-se a partir de experiência vivida, resultando numa história também viva, perene, que lamentando a mortalidade de um passado, dava-lhe a eternidade da memória partilhada. Por isso a ênfase na pureza dessas memórias, como faz o poeta ao afirmar que evoca o Recife sem glórias, sem história nem literatura, ou seja, um Recife da memória de cada um que viveu o lugar e não da História oficial de heróis e revoluções. Os heróis do poema que conta a sua relação com o Recife são as personagens que lhe ensinaram a conhecer a cidade, a se reconhecer recifense: os familiares, as crianças com quem brincava na rua, simplesmente. Essa, a grande genialidade do poeta que se colocava a serviço dos regionalistas-tradicionistas: explicar a complexidade das coisas naquilo que há de mais simples.

O modernismo começava a sua busca pela originalidade e explicação da sociedade e da nação brasileira também no passado. E *Evocação do Recife* é também um exemplar dessa busca, servindo perfeitamente a esse propósito, como podemos evidenciar nos últimos versos, nos quais o poeta afirma que esse Recife definido pelos laços emocionais, da casa, do avô, do cenário da infância é também a imagem do Brasil, aquela que o grupo modernista buscava construir e legitimar. Ao ler o primeiro verso do poema, tem-se a sensação de estar-se diante de um dos grandes oradores do Império, que prometia, em seu discurso, dada a postura empertigada e o tom de voz empostado, uma inflamada exaltação aos atos heróicos de um povo e de uma cidade⁸⁵. No entanto, o Recife que se desenha no canto de exaltação do poeta não traz a gravidade das ações, homens e prédios oficiais. Não nega sua existência, mas o rejeita. Conhecemos o Recife

⁸⁵ As bases dessa interpretação estão em: ARRAIS, Raimundo. *A capital da saudade: destruição e reconstrução do Recife* em Freyre, Bandeira, Cardozo e Austragésilo.

a partir das lembranças do menino, a cidade do afeto que se reconstrói na memória do poeta a partir dos sentimentos de dor e saudade, pois remetia a uma realidade já dissolvida pelo tempo. O grande orador vai ganhando o aspecto de um poeta boêmio no espírito, que elegia tema de sua poesia as brincadeiras da infância, recusando as intervenções do homem adulto na construção da cidade que era só sua e do menino que lá viveu e mesmo assim poderia representar toda uma região.

Para Bandeira, assim como para Freyre, Recife bom é Recife morto. Recife do passado, das origens. No prefácio à quarta edição do *Manifesto Regionalista*, Freyre explica a sua aproximação com os modernistas, segundo ele, uma “Atuação no sentido de unir-se o regional ao universal, o tradicionalismo ao moderno”⁸⁶, mostrando que os regionalistas-tradicionalistas foram, “a seu modo, modernos e até modernistas”, promovendo, inclusive, a revelação e a defesa “de uma pintura, de uma escultura e de uma arquitetura que fossem de vanguarda nas formas, embora substancialmente, regionais”⁸⁷. O poema que Bandeira escreveu para o *Livro do Nordeste* conjugava a vanguarda na forma e o regionalismo, acusado de passadista, em sua essência. É óbvio que essa é uma explicação dada pelos regionalistas, pois o modernismo pregava não somente a mudança no formato da poesia, da escrita, mas também em sua essência, abrindo caminho para um eu lírico mais leve, mas não menos profundo, tão pungente de sentimentos e complexidade humana quanto a poesia derramada e solene, mas simples no dizer, menos enfatizada. O poema de Bandeira é produto dessas duas correntes, situado exatamente na confluência do encontro promovido pelos dois pernambucanos. Não se pode separar agora elementos regionalistas e modernistas em sua composição, quando o que se buscava era o diálogo entre as duas correntes, o que para Freyre, fortaleceria sua causa. O regionalismo-tradicionista deixaria de ser visto como tema local com tendências separatistas política e estilisticamente, enfatizando sua universalidade ou unidade desejada.

Nilo Pereira faz parte daquilo que Mauro Mota, na introdução da segunda edição do *Livro do Nordeste*, definiu como uma segunda geração de regionalistas-tradicionalistas. Ele não fez parte do núcleo original que deu início às discussões no Recife, mas assimilou em sua obra as principais definições estilísticas e características daquela corrente, como a temática da sociedade do açúcar, a relação conflituosa com a

⁸⁶ FREYRE, Gilberto. *Manifesto Regionalista*, p. XVII.

⁸⁷ Idem, p. XVI.

modernidade, uma literatura memorialística que tinha como elemento mais pungente a saudade em relação ao passado. Nos artigos e livros que publicou sobre a cidade de Ceará-Mirim podemos perceber a influência do regionalismo-tradicionalista sobre ele. No trecho do seu livro *Evocação do Ceará-Mirim*, que traz já no título a inspiração nos regionalistas, publicado em 1959, quase ouvimos a voz de Freyre descrevendo a sociedade patriarcal da qual descendiam os senhores de engenho pernambucanos a que ele denominou Civilização do açúcar.

Utilizando o mesmo termo apropriado por Freyre para definir o mundo construído pela sociedade açucareira, Nilo se refere à aristocracia do açúcar que se formou na cidade de Ceará-Mirim como “uma civilização típica, que produziria não apenas os autênticos senhores de engenho, com o senso absoluto do seu papel econômico, mas uma fidalguia poderosa, elegante e aprimorada, que encheu de brilho os fins do século XIX, nesta cidade”⁸⁸. No parágrafo seguinte, completando o raciocínio anterior, a voz do sociólogo pernambucano parece continuar soprando ao ouvido de Nilo Pereira, dizendo-lhe que no Ceará-Mirim havia “figuras e fatos de um expressionismo contagiante, de uma fôrça comunicativa capaz de aguçar o apetite do romancista, do historiador, do sociólogo, do poeta, do cronista”⁸⁹. O próprio Nilo foi poeta, romancista, historiador e cronista do vale em inúmeros livros e centenas de artigos que tinham como principal personagem a cidade e o vale do Ceará-Mirim.

Nilo Pereira também foi buscar na infância o mote para a literatura memorialística que produziu ao longo da vida. Acreditamos que essa era também uma maneira de construir sua própria identidade. Estar no Recife e lidar com as personagens e peculiaridades da cidade, como a luta aguerrida pelo título de expressão maior da cultura nordestina, despertou nele, definitivamente, o interesse pelas suas origens aristocráticas. Se, chegando ao Recife, o contato de Nilo tivesse se restringido aos intelectuais da Igreja Católica e aos políticos do Estado Novo é possível que a ênfase da sua escrita tivesse sido sempre a doutrinação cristã e política conservadora. Essa seria hoje a única imagem que teríamos dele, o ideólogo do laicato católico e do Estado Novo.

⁸⁸ PEREIRA, Nilo. *Evocação do Ceará-Mirim*, p. 10.

⁸⁹ Idem, p. 14.

O convívio com os intelectuais que estavam à margem do poder doutrinador do Estado Novo em Pernambuco, que voltavam suas atenções para os aspectos culturais da sociedade pernambucana e nordestina, permitiu que o memorialista saudoso do passado sobressaísse ao intelectual versado em ideologias conservadoras e autoritárias. O que não impediu que mesmo na obra e na imagem memorialística e saudosista que Nilo projetou de si perceba-se a presença constante do homem e dos conceitos conservadores, mas como uma presença subliminar porque a imagem perpetuada seria a do neto de senhor de engenho que lutou a vida toda pela preservação da tradição do passado da cidade onde nasceu e também do passado de toda uma região.

Assim como Bandeira, o passado que Nilo Pereira vai relembrar e eleger como lugar de suas origens tanto cearamirinense quanto pernambucana tem lugar na casa de seu avô, nos primeiros anos da infância. Na verdade, a força da figura do avô lembrada por Bandeira em seu primeiro poema regionalista, é substituída pela imagem da avó Dobé, viúva de Vicente Ignacio Pereira, avô de Nilo Pereira. Era ela que o recebia na casa que pertencera ao avô, que lhe abria as portas da casa que havia de se tornar uma das imagens mais fortes da sua escrita. Para Nilo, ela era o retrato vivo de uma antiga sinhá, uma matriarca que guardava as últimas riquezas da família, riquezas que dividia com ele a cada visita que fazia à antiga casa grande, onde estavam penduradas ainda as pinturas a óleo do Barão Manoel Varela do Nascimento e da Baronesa Bernarda Varela, seus bisavós. Não é à toa que em seus escritos, Nilo vai se referir sempre a esses personagens como se tivessem entregues a um sono profundo e despertassem dele sempre que sua pena se debruçasse sobre eles e as memórias que lhes sobrepujaram a morte.

A imagem da morte como um sono profundo era de Manuel Bandeira e foi aplicada pelo poeta aos avós e à infância no Recife, no poema “Profundamente”. Ele narra um sonho que tivera em uma noite de São João, no qual revia a lembrança de uma festa da qual não participou por ter adormecido antes que começasse. Nas últimas estrofes do poema podemos sentir o tom de evocação do passado:

Profundamente

Quando tinha seis anos
 Não pude ver o fim da festa de São João
 Porque adormeci

Hoje não ouço mais as vozes daquele tempo
 Minha avó
 Meu avô
 Totônio Rodrigues
 Tomásia
 Rosa
 Onde estão todos eles?

– Estão todos dormindo
 Estão todos deitados
 Dormindo
 Profundamente

No poema, que para David Arrigucci, é “antes de tudo, um daqueles poemas que Manuel Bandeira vincula, de forma explícita, a circunstâncias biográficas, a lembranças de sua infância, passada em Pernambuco”⁹⁰, o autor revela a frustração do menino por ter perdido tal festa. Indo além da compreensão superficial de cada verso, nos damos conta de que quem se lamenta não é o menino, mas o adulto já velho que olha para o seu passado e sente falta daquilo que o tempo levou embora: a festa de São João da infância nas ruas do Recife, o avô e o preto velho Totônio Rodrigues que já não poderiam ouvi-lo, pois estavam adormecidos em sono profundo, mortos junto com a infância e com o Recife de festas e brincadeiras na calçada. O poema se constrói de forma que podemos identificar vários narradores, dependendo do tempo evocado, por ter o espaço e o tempo do sonho como referenciais, e pelo traço autobiográfico.

A múltipla temporalidade que atravessa a narrativa desperta do sono profundo vários personagens: O menino sonha com a festa que havia perdido no dia anterior, ao acordar se dá conta de que não se passou apenas uma noite e o menino que já não morava no Recife se põe a falar do avô e das festas que não existiam mais para ele; de repente, um outro personagem se levanta atordoado pelas buzinas do trânsito que cortavam o silêncio da noite, estaria aí o nosso poeta já velho em sua casa em Santa Tereza, anunciando que o sono profundo tinha se abatido sobre essas lembranças. Quem dormiria profundamente? O passado vivido no Recife ou o menino que o sonho, vez ou outra, fazia despertar dentro do poeta? A lembrança que lhe veio à mente antes de dormir se transformou em imagem viva no sonho que virou poesia. Isso nos faz lembrar as confissões do velho Proust no primeiro volume de “À la recherche du temps

⁹⁰ ARRIGUCCI, David. *Humildade, paixão e morte: a poesia de Manuel Bandeira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 2003.

perdu”, em que ele descreve o momento que antecede o sono como aquele que traz de volta as imagens do passado⁹¹.

O menino de engenho e a imagem ideal do Nordeste açucareiro

Um outro autor regionalista que aparece como referência na literatura memorialística produzida por Nilo Pereira foi o romancista José Lins do Rego. Foi ele quem deu a imagem literária ao Nordeste do açúcar. Lins não está entre os autores do livro de 1925, mas alguns anos depois, em 1933, surgiu o primeiro romance do açúcar do autor, *Menino de engenho*, que parecia também uma encomenda do precursor do regionalismo-tradicionalista. Freyre exerceu influência direta sobre a literatura produzida por José Lins entre as décadas de 1930 e 1950. Não apenas sobre o intelectual, mas sobre o próprio homem, como podemos ler no prefácio que o autor paraibano fez para o livro *Região e tradição*, de 1941, no qual ele confessa sua dívida intelectual e emocional com o mestre e amigo, descrevendo o início dessa amizade:

Para mim tivera começo naquella tarde de nosso encontro a minha existência literaria. O que eu havia lido até aquelle dia? Quasi nada. [...] Gilberto Freyre pediu-me para ler os meus retalhos de jornal. Leu as chronicas, os contos, e criticou-os, [...] a minha aprendizagem com o mestre da minha idade se iniciava sem que eu sentisse as lições. Começou uma vida a agir sobre outra com tamanha intensidade, com tal força de compreensão, que eu me vi sem saber dissolvido, sem personalidade, tudo pensando por elle, tudo resolvendo, tudo construindo como elle fazia⁹².

Começava a surgir aos olhos do jovem escritor um novo mundo, um novo Brasil, o Brasil de Freyre, que deveria ser apreciado com todos os sentidos, instintivamente, emocionalmente. Esse Brasil representado e originado no Nordeste do açúcar aparece pela primeira vez na obra de José Lins no romance de 1933. O livro aborda uma problemática tão individual quanto regional por tratar da infância do autor e da sociedade do açúcar, misturando memória e imaginação na escritura de uma literatura social do Nordeste, era um reflexo das idéias regionalistas que fizeram com que todos aqueles que liam seus escritos se descobrissem também “meninos de engenho”.

⁹¹ PROUST, Marcel. *No caminho de Swan*. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

⁹² REGO, José Lins. In.: FREYRE, Gilberto. *Região e tradição*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1941, p. 10.

Na verdade, o livro é fruto de um projeto de Freyre, acalentado por ele desde o seu regresso ao Recife. Em “Vida social do nordeste”, um dos textos publicados pelo autor do *Livro do Nordeste*, a vida do menino de engenho já aparece com seus cenários e costumes, vivendo livre pelos canaviais, aos cuidados das mães pretas, em contato com a natureza, exercitando todos os sentidos, iniciando muito cedo a vida sexual⁹³. Gilberto Freyre é muito cioso da sua responsabilidade na criação do *Menino de engenho* e de todos os romances do açúcar e trata dessa simbiose intelectual entre ele e o amigo em *Vida, forma e cor*, de 1962, no qual ele pretende enfatizar o quanto havia dele nos escritos de José Lins.

Em 1933, José Lins dá notícias do seu *Menino de engenho* ao amigo Freyre, confessando ter sorvido a inspiração para o livro no seu antigo projeto de reconstituir a vida de menino no Brasil. Segundo Luciano Trigo, a reação de Freyre não foi exatamente a esperada, o que faz mesmo com que José Lins peça desculpas por ter incluído seu nome na dedicatória do livro. No entanto, em carta enviada ao romancista em abril de 1937, sobre um de seus livros, Freyre deixa clara sua vaidade de mentor intelectual, sentindo-se quase uma força sobrenatural impulsionando a escrita do amigo, como podemos ver no trecho que segue: “Creio que é o seu romance mais romance. Mas não tem a intensidade de expressão nem a riqueza de substância, de conteúdo dos outros – *meus romances*”⁹⁴. A vaidade do pernambucano em relação à influência que exerceu sobre o romancista é ainda mais pungente no trecho que segue: “uma liberdade criadora semelhante a de um escultor, senhor quase absoluto de seu barro. Fui por algum tempo senhor quase absoluto dessa personalidade indecisa”⁹⁵.

Apesar da fanfarronice intelectual de Freyre, já tão conhecida e até mesmo autorizada, o próprio José Lins afirma em vários momentos, como podemos ver no prefácio que escreveu para o livro de 1941, *Região e tradição*, já apresentado aqui, sua comunhão intelectual com o amigo. Poderíamos até dizer dependência, quando ele afirma que sua existência literária tem início com o encontro entre eles, que se deu numa das tardes quentes do Recife, no ano de 1923, quando ele se descreve como um homem ainda quase sem personalidade, “tudo pensando por ele, tudo resolvendo como

⁹³ Ver: vida social no Nordeste. In.: FREYRE, Gilberto. *Livro do Nordeste*, p. 82-84.

⁹⁴ Trecho de correspondência citada por Luciano Trigo em *Engenho e memória: o nordeste do açúcar na ficção de José Lins do Rego*, p. 55.

⁹⁵ Idem.

ele o faria”. Nessa maneira derramada de descrever a participação intelectual e afetiva do pernambucano em sua vida, José Lins acaba se mostrando um discípulo confesso.

Um outro exemplo dessa simbiose pode ser visto nos comentários tecidos por Nilo Pereira em relação ao livro *Os escravos nos anúncios de jornais brasileiros no século XIX*, afirmando o pioneirismo de Freyre no uso de anúncios de jornais como fonte histórica. O título do livro, o qual não é possível ler de um só fôlego, tenciona anunciar por completo o seu teor e objetivo. Indo mais além e chegando ao prefácio de sua segunda edição, de 1978, assinado pelo autor, podemos ler, dentre outros merecidos auto-reconhecimentos, o seguinte: “A análise de anúncios de jornais relativos a escravos veio trazer preciosa contribuição para o esclarecimento de parte tão obscura da história desse aspecto das relações do Brasil com a África”⁹⁶. E ainda: “Mais do que isto: a análise sistemática de anúncios relativos a escravos nos jornais brasileiros do século passado veio permitir chegar-se a importantes conclusões ou interpretações de caráter antropológico”⁹⁷.

Ou seja, o reconhecimento de Nilo sobre o pioneirismo de Freyre no uso dos jornais como fonte histórica e também sociológica carrega muito forte a presença e as afirmações do próprio Freyre, sendo mais um indício da influência das relações intelectuais-afetivas que se mantém entre grupos e também os mantém, e que não podem ser apreendidas apenas à luz de uma sociologia dos intelectuais. Há de se fazer também, para se compreender melhor os diálogos existentes entre determinados autores e grupos, uma sociologia das relações de amizade e dos sentimentos que daí provém e que se materializam na escrita desses intelectuais-amigos, um pouco mentores uns dos outros.

Na escrita de Nilo Pereira não é muito difícil perceber os indícios dessas relações, da presença dessas relações, nas teses defendidas por ele. Nilo - amigo e admirador de Freyre – amigo, mentor e admirador de José Lins – amigo e admirador de Freyre. É indiscutível a circularidade de idéias na obra desses autores, o que não se dá por uma simples apropriação ou semelhança sócio-geográfica-temporal, mas também por uma questão de identificação, de afinidade de sentimentos. Há sim uma questão

⁹⁶ FREYRE, Gilberto. *Os escravos nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX*. 2. ed.aum. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas sociais, São Paulo: Editora Nacional, 1979. p. XIV.

⁹⁷ Idem.

talvez de “sobrevivência” de um grupo que faz com que seus membros se unam com o propósito de promover um ao outro, seus livros, suas teses.

Uma outra força intelectual que age sobre o escritor dos “romances do açúcar” vem de um dos autores mais lidos por essa geração intelectual e que vai buscar no passado a motivação para a sua escrita. O autor em questão é o francês Marcel Proust, que viria a influenciar trabalhos literários e pesquisas depois da sua monumental obra, “À la recherche du temps perdu”, escrita entre 1908 e 1909 e publicada em sete volumes entre 1913 e 1927, os três últimos volumes, postumamente. A imagem da busca pelo tempo perdido como reconstituição da memória de um passado foi escolhida pelos memorialistas tradicionalistas como referência literária. Todos esses homens que se voltaram para o passado da sociedade açucareira, transformando-o em memórias familiares, em memórias da sociedade e do indivíduo, diziam-se tomados por um espírito proustiano que os fazia revisitar e reviver o passado, substituindo o aroma das *madelleines* no movimento de recuperação do passado por meio da memória despertada pelo corpo e pelos sentidos pelo odor dos canaviais. O próprio Nilo Pereira se apropriou da obra memorialística de Proust como uma inspiração quase espiritual que o fazia reencontrar o vale e a infância:

Para êsse velho Ceará-Mirim, para a sua distância antes temporal do que espacial é que volto em lembranças proustianas, que fazem de minha infância a razão de ser do que tenho sido – simples menino alongado no homem, cujas raízes mergulham nessa terra dadivosa, onde a cana tão alta como jamais vi em parte alguma, é um símbolo de idealismo, um anseio de ascensão ⁹⁸.

Os romances memorialistas de José Lins são considerados por Luciano Trigo uma “busca do tempo perdido nordestino”, uma busca das raízes, de um sentido para o passado. Enquanto Proust registrou em sua busca pelo tempo perdido a decadência da nobreza e da grande burguesia francesa, no final do século XIX, José Lins trazia de volta em seus escritos um mundo e uma sociedade já corroídos pela decadência, naqueles primeiros anos da década de 1930. Repensar a infância e adolescência significava buscar o entendimento das raízes, o que se configurava num exercício de resgate do passado. *Menino de engenho*, segundo Trigo, trazia a ficção como uma maneira de camuflar a realidade.

⁹⁸ PEREIRA, Nilo. *Evocação do Ceará-Mirim*, p. 11.

Em *Meus verdes anos*, livro confessadamente de memórias, publicado em 1956, acontece exatamente o inverso: o tom autobiográfico tenta esconder a força de reinvenção literária sobre a realidade descrita. Vários períodos e episódios narrados nos “romances do açúcar” aparecem novamente no livro. Muitas vezes a única distinção que notamos nessas transposições de realidade em literatura e vice versa é a mudança de nome do personagem, como no caso do coronel José Paulino, avô do menino Carlinhos em *Menino de engenho*, dono do engenho Santa Rosa, que aparece com a mesma figura hirta e senhorial nas memórias da infância do autor como seu avô, proprietário do engenho Corredor, no município de Pilar, interior da Paraíba.

Podemos afirmar então que as idéias regionalistas de Gilberto Freyre e a busca proustiana pela essência do tempo que lhe colocaria para além dele, devolvendo-lhe assim o passado, orientaram a escrita de traços autobiográficos e memorialísticos que deram forma aos livros que a crítica literária chamou de “ciclo da cana-de-açúcar”, chamados aqui, preferencialmente, de “romances do açúcar”, como sugeriu o estudioso da obra do autor, Luciano Trigo.

Em 1949, quase todos os “romances do açúcar” do escritor paraibano já haviam sido publicados. *Menino de engenho* iniciou a trilha que abriu caminho para *Bangüê*, *Doidinho*, *Usina*, *Moleque Ricardo*, *Fogo Morto* e por último *Meus verdes anos*. Nesses livros podemos ver episódios que fizeram parte da vida do romancista, quando ainda menino no engenho Corredor, coloridos por pinceladas ficcionais. Segundo Trigo, “Os romances do açúcar não se limitam a fixar a crise dos velhos engenhos no período de disseminação das usinas no Nordeste açucareiro: é a própria vida que lateja em cada página, vida de instintos e de sangue, de heranças assimiladas, perdidas e rejeitadas”⁹⁹. Podemos dizer ainda com ele que não é apenas a infância perdida, a infância individual que José Lins narra em seus romances, mas a “infância de uma sociedade já condenada a madurecer, condenada ao progresso e às transformações econômicas e sociais”¹⁰⁰. Esse tipo de literatura faz com que o Nordeste açucareiro surja como região, “ao lado da tradição, como pontos de partida para qualquer trabalho de nossa sociedade”¹⁰¹, ampliando a memória ou experiência pessoal de um grupo e espaço específico.

⁹⁹ TRIGO, Luciano. *Engenho e memória: o nordeste do açúcar na ficção de José Lins do Rego*, p. 55., p. 34.

¹⁰⁰ Idem, p. 42.

¹⁰¹ ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*, p. 94.

Encontramos nos romances de José Lins a ânsia de reencontrar um mundo que se foi, um mundo perdido, só possível de ser reencontrado por meio da memória. Podemos sentir nos escritos do paraibano o desejo de recuperar um tempo que havia passado, localizado na infância, nos lugares da infância, nas memórias da infância, nos cheiros e lembranças que marcaram essa fase da sua vida. O mundo perdido de José Lins é o mundo da bagaceira, dos senhores de engenho, de uma aristocracia peculiar, conformada por barões e senhores talhados na terra argilosa que produzia a cana de açúcar.

O mundo apresentado nos livros do romancista é construído a partir da nostalgia, evocado pela via dos sentimentos, denunciando a forte ligação afetiva do autor com a realidade retratada, constituindo-se numa literatura de crônica social, que busca reconciliar presente e passado, vivências pessoais e contextos coletivos. Essa era a ambição dos intelectuais tradicionalistas da época: recuperar através dos seus escritos a realidade aristocrática dos engenhos que ruíam um pouco mais a cada nova usina instalada. Podemos sentir nesses textos a negação do progresso, associada a um sentimento de melancolia, negando o processo histórico no qual a ruína da sociedade do açúcar estava inserida.

Ao negar esse processo, tanto José Lins do Rego, como os outros intelectuais que faziam parte do esforço de recuperar a tradição do passado, acabavam também por negar a história. Segundo Durval Muniz,

Quanto mais a história fazia este grupo social se aproximar de seu desaparecimento, mais se tornava perigosa. No momento em que a história se aproxima desses confins, ela só pode deter-se, sob pena de pondo fim a este grupo social, à sua história, pôr fim a si própria. Por isso, como todo grupo em crise, esta elite tradicional tenta deter sua morte, detendo a história. Lutar contra a história é lutar contra a finitude e é justamente a memória a única garantia contra a morte¹⁰².

José Lins não é o único autor nordestino que se volta para o passado dos engenhos, para o mundo da infância, para a sociedade patriarcal ligada à terra, às tradições. Essa literatura que a crítica costuma chamar literatura de 30, de denúncia social, literatura regionalista, teve muitos adeptos na primeira metade do século XX, dos quais podemos citar Raquel de Queiroz e Graciliano Ramos, autores que também elegeram o Nordeste como objeto de análise de suas obras. Para eles, não o Nordeste do

¹⁰² Idem, p. 79.

açúcar, o Nordeste litorâneo, mas sim o Nordeste árido, da caatinga, da seca, produzindo aquilo que a crítica vai chamar de ficção social do Nordeste. Os principais frutos dessa estirpe literária são *O quinze*, de Raquel de Queiroz, publicado em 1930 e *Vidas secas*, de Graciliano Ramos, de 1938. A ficção social e o regionalismo de José Lins se constituíam em uma literatura peculiar. A particularidade da sua obra é o caráter autobiográfico, a mistura entre realidade e ficção que dá o tom dos seus “romances do açúcar”. Outro fator tremendamente importante e que está inclusive por trás do caráter confessional da obra é o regionalismo instituído por Gilberto Freyre nos anos 1920.

A escrita memorialística de Nilo Pereira também tem origem na busca por um tempo que passou, pela infância perdida, pelo lugar das origens, pela afirmação da tradição, o que pode ser evidenciado, principalmente, em *Imagens do Ceará-Mirim*. O livro foi produzido a partir da junção de artigos que vinham sendo escritos desde os anos 1930, depois de pronto parece ter se tornado o álbum de referência para as demais produções memorialísticas do autor, que continuou escrevendo sobre sua infância na cidade do Ceará-Mirim, recontando e reinventando as histórias contadas no livro publicado em 1969.

O livro se traduz num sentimento de perda em relação ao passado, sentimento presente nos romances regionalistas de José Lins, de um modo geral, recorrente nas obras devotadas a rememorar o passado, o Recife de outrora, o Nordeste colonial, o Brasil luso-brasileiro. A escrita memorialística de Nilo Pereira, do homem que passa a vida toda recordando o passado, reconstruindo um tempo e um lugar que já não existiam mais no presente, tem origem no meio social e afetivo no qual ele estava inserido e fundamentou suas bases intelectuais. No final da década de 1930, quando começa a escrever os primeiros textos dedicados a relembrar o passado patriarcal da cidade do Ceará-Mirim, começa também a fazer parte do cenário cultural onde circulavam as idéias basilares do tradicionalismo da sociedade do açúcar e do Nordeste patriarcal.

A participação de grandes autores da literatura e da poesia brasileira, como foram José Lins do Rego e Manuel Bandeira, no projeto liderado por Gilberto Freyre, teve grande relevância na consolidação da imagem do Nordeste da tradição. Permitiu que ela extrapolasse o âmbito local e regional, dando-lhe visibilidade nacional, sem perder a principal característica, que era a ênfase na riqueza cultural local, já que esses dois autores eram nordestinos – um nascido providencialmente no Recife, o outro, bem

perto, num engenho no interior da Paraíba. No núcleo dos regionalistas-tradicionistas do Recife, a influência do estilo desses dois autores colocados a serviço do regionalismo foi fundante, como podemos ver na obra memorialística de Nilo Pereira, repleta de referências e imagens que remetem aos dois autores.

Na literatura produzida por esse grupo, o sentimento de saudade transporta o memorialista para o passado, evoca uma paisagem melancólica, já tocada pela morte – as ruínas dos engenhos da sociedade patriarcal, a grande imagem formulada pela escrita dos tradicionalistas. Essas ruínas se constituem nos vestígios do passado que não se quer morto, ainda vivo no presente, mesmo materializado em paisagens desoladas, silenciosas. Em Nilo Pereira, como em Manuel Bandeira e José Lins, as imagens das ruínas se constituem no elemento que aciona a memória e reconstitui o passado. Em *Imagens do Ceará-Mirim*, o autor nos apresenta um mundo em ruínas, uma cidade abandonada num passado de fausto e tradição, o espaço da saudade do “viandante do passado”, do menino Nilo Pereira, que ganha novas feições, recriadas pelo homem maduro que olha em direção ao “paraíso perdido da infância”.

Trama tecida no fio da saudade

O sentimento de saudade, aos poucos, foi se tornando o elemento que ajudou a reordenar e (re)significar toda uma região e a literatura que se produziu sobre ela. Tomando-se a saudade como uma categoria de análise do processo de construção da imagem do Nordeste do açúcar, percebe-se que mais do que um sentimento ela se torna um elemento direcionador, a referência principal para estabelecer a trajetória que as linhas que traçavam o desenho da nova região deveriam descrever. Era a saudade que despertava a memória, saudade de uma época, de um lugar deixado na infância ou dissolvido pelo tempo. A saudade se coloca à frente dos fundadores do Nordeste do açúcar como uma entidade, conduzindo a escrita que redesenharia o novo mapa da região. Não há uma paisagem desenhada dentro dessa inscrição de Nordeste em que não sintamos a saudade, a ausência e a morte. A saudade punge em cada página desse Nordeste e dilacera aqueles que são acometidos por ela, pois lhes tira o conforto de estar em paz com o presente que vivem, com o lugar em que estão. Há sempre um lá que está no passado e que leva para lugares distantes:

Na verdade, não temos saudades, é a saudade que nos tem, que faz de nós seu objeto. Imersos nela tornamo-nos outros. Todo o nosso ser

ancorado no presente fica, de súbito, ausente. Sentimo-nos como um rio que deixa de correr e reflui para o nascente. O aqui onde estamos assemelha-se a um crepúsculo, toda a ‘nossa’ luz se vai para o lá que nos causa saudades, lugar ou presença, ou ambos, envoltos pelo mesmo ‘halo’ de irrealidade. Saudade subtende, naturalmente, memória [...] É por uma outra maneira de ser presente no passado, ou de ser passado no presente, que a saudade se distingue de uma simples manifestação ‘memorial’¹⁰³.

Na longa citação do crítico literário português Eduardo Lourenço, percebemos a saudade como um sentimento, uma sensação que nos transporta para um outro lugar, uma outra dimensão da realidade, muitas vezes, um lugar que reinventamos, uma dimensão que, segundo ele, podemos chamar de “passado-presente”, onde projetamos nossos sonhos e desejos. Para ele, a saudade não significa apenas lembrar um passado, um lugar ou uma presença. Na verdade, a saudade se constitui em uma equação entre memória, tempo e sensibilidade humana. Buscamos no passado aquilo que não temos e projetamos no presente a imagem que constituímos desse passado, numa busca pela eternidade, por aquilo que teoricamente nos completaria, preencheria o vazio, a ausência dentro de nós que origina a saudade, a nostalgia, a melancolia, que são, segundo ele, estágios diferentes dessa nossa relação sensível com o tempo.

Podemos dizer ainda que a saudade seduz e arrasta para o passado. Esse passado que julgamos recuperar por meio da memória é, na verdade, o plano onde projetamos as aspirações e imagens do presente. Desse modo, o que resulta do processo de lembrança é uma sombra de passado, uma imagem refeita. A saudade nos restituiria algo que julgamos perdido, seria o fio que nos manteria ligados a esse passado. A pátria, a província, o lugar onde nascemos ou vivemos também desperta esse sentimento, porque nela imprimimos nossas marcas, lançamos nossas raízes. Isso explica porque quando somos afastados do espaço afetivo de nossa vivência nos sentimos destituídos de nossas origens, das nossas raízes, de parte importante do nosso ser e somos invadidos pelo sentimento de nostalgia e melancolia, pois nos sentimos destituídos dos laços que nos ligavam ao lugar de nossas origens, a nossa primeira casa. Mas, a saudade, segundo o poeta português Teixeira Pascoaes, promove o “Retorno ao Paraíso”, transmuda a sensação de perda que provoca a melancolia em “vitória de sonho”, ou seja, nos leva à realidade desejada, que julgamos estar no passado. Podemos afirmar então que a nostalgia, saudade da pátria,

¹⁰³ LOURENÇO, Eduardo. *Mitologia da saudade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 32.

inscreve-se no horizonte da espacialidade humanizada e nele toma forma. Nessa medida, pode mesmo findar se reintegramos o espaço humano cujo afastamento a provocou. Só em princípio, porém, porque pode acontecer (como sempre acontece) que o ‘tempo’ – que é mais, nesse caso, que a ação humana ou medida exterior – tenha desfigurado o lugar de origem do qual sentimos nostalgia. Se assim for, experimentamos perante o lugar revisitado uma nostalgia saudosa, o que mostra bem que a saudade se enraíza numa outra experiência, mais radical ainda que a do espaço afetivo¹⁰⁴.

A saudade é mais um indicativo da nossa condição humana, da condição de seres perecíveis e mortais vivendo em lugares mutáveis, passíveis às intervenções humanas e à passagem implacável do tempo. Um lugar que conhecemos na infância, onde nascemos, aprendemos a falar, conquistamos os primeiros amigos, os primeiros afetos, pode, com o passar dos anos, depois de um longo período de ausência, não fazer mais sentido algum para nós. O período de ausência, a construção de novas casas e prédios, a morte e o nascimento de pessoas vão desfazendo nossas referências. Sentimos a ausência de algo, saudade das referências que um dia foram o chão que sempre haveríamos de pisar, as paredes que abrigariam, as pessoas e lugares que dariam sentido à nossa própria existência. Nesse momento, a memória entra em ação num esforço de recuperar tais referências. O processo de rememoração é sempre doloroso, pois evidencia os vazios que foram se acumulando ao longo da vida, por isso podemos afirmar que sentir saudade de um lugar, de pessoas, de um período é carregar uma gota ácida de dor, pois é fato que da ausência que buscamos reconstituir só teremos de volta uma imagem contaminada pelo sentir e viver do presente.

Essa é a grande dor dos homens que se voltavam para o passado – carregadores dos pedaços de velhas casas, móveis, retratos antigos, cartas e receitas de família, livros e fotos guardados em baús empoeirados, tudo que pudesse reavivar as cores de um mundo dilacerado que a saudade e a memória se encarregavam de reordenar –, como Nilo Pereira. As imagens capturadas do passado eram reimpressas na dimensão opaca do papel. O poder da imaginação, as estratégias das linguagens que as veiculavam lhes trazia de volta as cores, o brilho e a materialidade perdida. Esses pedaços, reordenados e colados pelo poder da saudade e da memória, deram origem à região Nordeste que começou a tomar forma no discurso arrebatado de um homem pela preservação dos espaços e costumes tradicionais de sua cidade e que reuniu em torno de si e de sua causa dezenas de aliados que se reconheciam naquele clamor, carregando seus próprios

¹⁰⁴ Idem, p. 34

pedaços de Nordeste, a partir do desejo de preservar a tradição de uma sociedade e de um grupo que se reconhecia como herdeiro dessa sociedade.

Dezenas de livros, plaquetes, artigos, palestras resultaram das ações desses homens e em cada um deles se apresenta um pedaço do Nordeste que fazia sentido para eles. Assim foi com José Lins do Rego, Manuel Bandeira e também com Nilo Pereira, que juntou a essas as suas próprias imagens de Nordeste, as do vale e da cidade do Ceará-Mirim. Vemos em cada uma das obras desses autores que buscavam construir sua própria imagem de Nordeste a imagem de um homem que olha fixamente para uma paisagem em ruína, empalidecida pelo silêncio e solidão. Esse homem procura retirar de lá aquilo que ainda tenha vida e possa dar novo significado àquela realidade esquecida, que não encontra mais lugar no presente vivenciado por ele. Essa paisagem está no passado, o olhar e o sentimento desse homem a recolocam no tempo e no espaço presente. Esse processo de reconstrução do passado se realiza na escrita, quando se misturam memórias, estilos e sentimentos.

Em fevereiro de 1985, em mais uma crônica de Nilo Pereira sobre o vale do Ceará-Mirim, encontramos-lo na mesma posição do homem que observa os vestígios do passado tentando reorganizá-lo em uma nova lógica. Ele tinha em sua casa no Recife alguns objetos vindos do Ceará-Mirim. Um deles era um abat-jour casca de ovo que havia pertencido ao mobiliário do engenho Verde Nasce, um dos poucos objetos que restaram do espólio da família, um dos símbolos do passado aristocrático que ele cultivava e reacendia no gesto de se colocar sob a meia luz do velho candeeiro que não encontrava lugar menos destoante em sua casa do que a sala de estudos, onde iluminava as noites esmorecidas da velhice:

Mais uma vez acendi esse candeeiro – tão puro no seu passado – azul e amarelo como uma garça voando sobre as canas de açúcar – nas noites sem a luz que sempre falta. Cuido ver sombras que saem de sua chama indecisa e bailam a minha vista: são figuras que encheram de vida o velho engenho com a sua cerca de ferro¹⁰⁵.

Na sala de estudos onde era mantido o abat-jour, Nilo Pereira fazia suas leituras diárias, escrevia suas crônicas e podia visitar o passado que ele reacendia naquela chama que não iluminava somente o ambiente de estudo em noite sem luz, mas

¹⁰⁵ PEREIRA, Nilo. Notas Avulsas. Um candeeiro. *Jornal do Commercio*, Recife, Ago. 1985.

toda uma realidade já desaparecida que a chama pálida do candeeiro e a melodia ritmada que saía de sua máquina de escrever traziam de volta.

O sentimento de saudade, mais do que a nostalgia que sentimos em relação à pátria perdida, está inserido numa dimensão temporal. A saudade é um sentimento de busca de si mesmo, de algo que julgamos perdido não apenas no espaço, mas no tempo também. A passagem do tempo imprime novas marcas, apaga as antigas, transformando um velho conhecido em estrangeiro. É possível mesmo que nos sintamos estrangeiros em nossa própria terra e busquemos então no passado os lugares, objetos e paisagens que caracterizavam esse espaço que se tornou estranho para nós. Para recuperá-lo, o transformamos em espaço do sonho, onde temos de volta aquilo que julgávamos perdido. Vemos então passado e presente se misturarem, refletindo-se um no outro, ligados pela saudade. Esse sentimento que evoca uma ausência, um passado de sonho harmonioso e feliz, faz com que sempre nos sintamos longe de casa, ou da realidade a que julgamos pertencer. Nilo Pereira construiu para si a imagem do exilado, de um homem que viveu toda a vida sob a tensão de ordenar em presença constante aquilo que era, na verdade, ausência. Assim foi a relação que ele manteve com a cidade do Ceará-Mirim durante os sessenta anos que viveu no Recife, onde se dizia “um exilado do vale do Ceará-Mirim”¹⁰⁶ e fazia sempre questão de enfatizar tal infortúnio: “Exilei-me por mim mesmo. [...] nasci no vale do Ceará-Mirim. [...] Fiz os meus preparatórios em Natal. Vim para o Recife. Vejam bem: não ao Recife e sim para o Recife. Aqui fiquei”¹⁰⁷. Nilo era um exilado do tempo, da história. A sua pequena pátria, o “velho Ceará-Mirim”, estava afastado dele por uma “distância antes temporal do que espacial”¹⁰⁸, por isso mais do que voltar à cidade da infância para reencontrar o seu lugar no mundo, o lugar do qual sentia saudade, era preciso realizar uma viagem no tempo, na qual a memória, reavivada pelos vestígios do passado, seria o principal guia.

Na análise que Eduardo Lourenço faz da saudade, de sua história na cultura portuguesa, vemos se desenhar uma nação inteira marcada por esse sentimento que cria uma identidade a partir de uma relação saudosa com a pátria, o que pode ser percebido, principalmente, na literatura, como bem mostrou o português, de Camões a Pascoaes. A saudade como marca da identidade de um povo e de um lugar é também uma

¹⁰⁶ PEREIRA, Nilo. Exilado. Avulsas. *Jornal do Commercio*, Mar. 1985.

¹⁰⁷ Idem.

¹⁰⁸ PEREIRA, Nilo. *Evocação do Ceará-Mirim*. Recife, p. 14.

característica do Nordeste açucareiro. Um dos traços presentes nas obras dos intelectuais “regionalistas”, em romances, poemas, pinturas e canções, é a relação de afeto que esses homens mantiveram com o passado, criando seus espaços por meio da memória e da escrita, resistindo às transformações pelas quais o seu mundo passava. Esse processo é analisado sob o signo de “espaços da saudade” pelo historiador Durval Muniz. A saudade seria, segundo o mesmo historiador, referindo-se à constituição da região Nordeste,

um sentimento pessoal de quem se percebe perdendo pedaços queridos de seu ser, dos territórios que construiu para si. A saudade também pode ser um sentimento coletivo, pode afetar toda uma comunidade que perdeu suas referências espaciais ou temporais, toda uma classe social que perdeu historicamente sua posição, que viu os símbolos do seu poder esculpidos no espaço sendo tragados pelas forças tectônicas da história¹⁰⁹.

Percebemos na leitura e imagens formuladas na escrita desses autores que a saudade é o sentimento que inspira e une a literatura produzida por eles. A saudade se espalhou como um bálsamo pelas ruínas dos engenhos, pelas paisagens marcadas pelo silêncio e solidão, onde aos poucos foi renascendo uma outra história, uma vida nova para aqueles que tinham sido silenciados e esquecidos pelo tempo. A saudade pungente na escrita dos autores do Nordeste do açúcar foi se tornando uma categoria importante para orientar o olhar e os sentimentos e daí surgiu um novo Nordeste.

Essa busca pela imagem ideal no passado leva o homem, um povo ou um grupo a se sentir exilado do seu mundo, de si mesmo, desterrado de uma realidade que extrapolava a dimensão espacial, um espaço de sonho em que as únicas categorias definidoras eram tempo e emoção, que poderiam resgatar as raízes de um indivíduo ou de um grupo em relação a um determinado lugar ou desintegrá-las de vez. Mesmo a materialidade está sujeita ao poder do tempo e da subjetividade. Podemos compreender melhor essa discussão a partir dos conceitos formulados por Maurice Halbwachs para explicar a relação da memória com a dimensão espacial. Tomando como referência o âmbito da cidade, ele estabelece uma discussão que busca compreender o alcance da relação entre a imagem espacial e a memória, levando em conta que a memória se apóia também em costumes cultivados pelo grupo e que tem na matéria, nas pedras, casas e ruínas o apoio e o reflexo das construções mentais que moldaram a exterioridade física desse grupo.

¹⁰⁹ ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*, p. 65.

Isso explica a afirmação de Halbwachs de que as pedras podem até se deixar transportar sem oferecer resistência. São matéria inerte sem a intervenção humana. O que não se desintegra facilmente são as dimensões imateriais, aquelas que passam de uma geração a outra: os costumes, a vivência, o afeto. Por isso, as relações mais difíceis de serem modificadas são as “que se estabeleceram entre as pedras e os homens”¹¹⁰. Um grupo que vive em determinado lugar que de repente é atingido por uma grande catástrofe natural ou uma guerra que destrói o traçado das ruas, a disposição das casas, das escolas, se vê destituído dos símbolos que ordenavam sua vida ali, que representavam suas marcas inscritas naquele espaço. Considerar as dimensões subjetivas que moldam os espaços permite compreender que mesmo que essas marcas sejam apagadas da dimensão material, não se apagam da memória, não com a rapidez com que um vendaval ou um tanque de guerra destrói toda uma cidade. Mesmo que não exista mais nada no espaço ocupado anteriormente, além de ruínas, a memória se encarrega de recolocar cada coisa de volta em seus antigos lugares. Só assim, o indivíduo ou grupo consegue ainda se reconhecer naquele espaço.

É como se ao ser modificado o traçado de uma rua, a localização de uma casa, os antigos moradores, “de cujo pequeno universo faziam parte [...] velhas paredes”, lembranças que se prendiam a essas imagens “agora apagadas para sempre”, sentissem “que toda uma parte sua morreu com essas coisas e lastimam que não tenham durado pelo menos o tempo que lhe restara de vida”¹¹¹. Resistir a essa destruição é reivindicar os antigos lugares ocupados por eles, pois:

um grupo não se contenta em manifestar que sofre, em se indignar e protestar [...] Ele resiste com toda a força de suas tradições e essa resistência tem suas conseqüências. Ele procura e em parte consegue reencontrar seu antigo equilíbrio nas novas condições. Ele tenta se manter ou se reformar em um bairro ou uma rua que já não são feitos para ele, mas estão sobre o lugar que era seu¹¹².

Podemos compreender essa relação em texto publicado em 1965, no livro *Itinerário Sentimental do Ceará-Mirim*, de autoria de Francisco Montenegro, no qual Nilo Pereira dá um exemplo muito claro do esforço que realizava por meio da memória e da escrita para reencontrar a cidade que deixara ainda na infância, a cada vez que revisitava o lugar: “Eis o Ceará-Mirim que me ficou e que procuro cada vez que o

¹¹⁰ HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006, p. 163.

¹¹¹ Idem, p. 164.

¹¹² Idem.

revejo, como quem perdeu alguma coisa e perdeu tudo; como quem tenta voltar sem ter saído; como quem já não encontra as pedras nos seus lugares, que até elas, rudes peregrinas, também se vão [...] E tudo passa e não passa. O espírito recria a vida”¹¹³. O espírito recriando a vida e a cidade na escrita de Nilo Pereira era, na verdade, a memória, permitindo que os personagens e paisagens do passado tivessem novamente lugar.

É comum na literatura memorialista escrita pelos intelectuais nordestinos nascidos no início do século XX, identificá-los em pleno exercício de reconstrução do passado, dos espaços que deram sentido à sua vivência, como se retirassem de baixo da poeira espessa de escombros velhas construções, móveis antigos e até personagens já mortos. A grande catástrofe que se abateu sobre esse grupo não foi um vendaval ou o advento de uma guerra. Aqui, o tempo e a história, paradoxalmente, são os grandes vilões. As casas que estão em ruínas, os homens que se encontram mortos, as cidades nas quais os grupos já não se reconhecem foram sendo desintegrados pela passagem do tempo.

A cidade do Recife, principal símbolo da riqueza da sociedade patriarcal do Nordeste, nos anos 1920 era alvo de reformas urbanas que redesenhavam o traçado das ruas, demoliam velhas igrejas, iam aniquilando, aos poucos, velhos hábitos da população¹¹⁴. Os intelectuais recifenses, aqueles que se uniam em torno de Gilberto Freyre, filhos de famílias tradicionais da capital pernambucana, olhavam com certo desdém para as mudanças que ocorriam na cidade e dedicavam-se à tarefa de resgatar os velhos espaços e costumes, redesenhando, por meio da escrita, a antiga cidade dentro da cidade nova que sofria as reformas. Eles lutavam para manter vivos os símbolos que os identificavam como ocupantes daquele espaço.

Esses símbolos iam sendo destruídos, mas o sentimento de pertencimento desse grupo se mantinha e impulsionava-os a reclamar sua preservação. A história, o tempo, da mesma forma que ia fazendo a velha cidade desaparecer, em meio às mudanças, permitia, a partir dos vestígios que permaneceram desse passado, as pedras e a memória, que ela renascesse sob os escombros que serviram como matéria prima para a

¹¹³ MONTENEGRO, Francisco. *Itinerário sentimental do Ceará-Mirim*. Recife: Coelção Concórdia, 1965, p. 29.

¹¹⁴ Sobre a descaracterização da cidade do Recife nas primeiras décadas do século XX ver: ARRAIS, Raimundo. *A capital da saudade: destruição e reconstrução do Recife em Freyre, Bandeira, Cardozo e Austragésilo*.

reconstrução da velha cidade e dos valores da antiga sociedade. Os homens que compunham esse grupo chamavam a atenção para o valor das antigas construções, para os hábitos e instituições que haviam caracterizado aquela sociedade no passado e que ainda se faziam sentir no presente. Na verdade, as relações mantidas com aquele espaço, reavivadas pela memória, eram responsáveis pela identidade do grupo e razão para a tradição reivindicada e que lhe devolvia a “posse” sobre o lugar, mesmo que fosse apenas na memória e no discurso.

Nilo Pereira também engrossa o coro que lamentava a desintegração dos valores da sociedade do açúcar, o que lhe causava duplo sofrimento. Ao chegar ao Recife, suas atenções se voltam para o Ceará-Mirim. As discussões sobre a preservação da tradição fervilhavam na capital pernambucana. Ele, aos poucos, também ia tomando parte nesses debates, mas não tinha vivenciado a cidade que ressurgia das memórias daqueles homens. Dirige o olhar, então, para a cidade que havia conhecido na infância, a Ceará-Mirim dos engenhos, do rio intempestivo, das noites iluminadas pela chama do lampião e que de repente se viu fascinada pela chegada da eletricidade. Esse fascínio representou também, para ele, desencanto.

Para o menino que assistia ao espetáculo da primeira noite da cidade iluminada pelo advento da eletricidade, aquele era um momento mágico, carregado de espanto e admiração: “Era preciso que tudo escurecesse, que tudo ficasse negro e espectral, para que a luz ressaltasse na sua espantosa velocidade, na sua claridade quase mortal”¹¹⁵. Para o homem adulto, aquele foi o momento que retirou a cidade de uma realidade harmoniosa, romântica, em que o engenho, o canavial, a produção de açúcar ditavam o ritmo da cidade: “Os lampiões se apagaram. Mas à sombra deles – uma sombra que ainda cai invisível – permanece o dono da noite, com a sua magia, a sua eterna luz”¹¹⁶. O dono da noite ao qual ele se refere era o antigo acendedor de lampiões da cidade, *Boca de Uruá*, que representava as figuras e profissões que perderam o lugar e a função na sociedade na virada do século XIX para o XX, figura muito lembrada em seus escritos, desde que começou a escrever sobre Ceará-Mirim.

Em meados da década de 1970, ele já tinha vivido tempo suficiente na cidade do Recife para formar sua própria imagem do *Recife Antigo*. Começava a assistir à ruína

¹¹⁵ PEREIRA, Nilo. *Imagens do Ceará-Mirim*, p. 78.

¹¹⁶ Idem, p. 80.

da cidade que havia conhecido no início dos anos 1930. Na verdade, ele, o próprio Nilo, é que havia envelhecido. Ele e os amigos que conquistou lá. E, como vimos, os amigos de Nilo iam morrendo e junto com eles a cidade que ajudaram a compreender. A memória e a escrita também seriam suas aliados na missão de não deixar que esses homens e a cidade que eles representavam passassem, que fossem esquecidos e enterrados definitivamente. A cidade e os homens que foram seus guias no trajeto que ele percorreu na capital pernambucana se transformaram em personagens constantes em suas crônicas, nas quais ele evocava o tempo vivido, o passado de sua relação com a cidade. Em “Um Recife que não volta mais”, crônica escrita em 1985, encontramos um retrato da cidade morta evocada por ele, onde ainda se podia colocar “a cadeira na calçada”. E “Era possível ‘arruar’, como no romance de Mário Sette”¹¹⁷. O romancista pernambucano nascido no século XIX foi um dos principais autores da chamada história pitoresca no Recife. *Palanquim dourado*, *Senhora de engenho* e *Arruar*, publicados entre 1920 e 1948, foram seus principais romances, nos quais ele recontava a história do Recife, usando a memória como principal elemento no processo de reconstituição do passado. O Recife que Nilo Pereira buscava reencontrar, em que ainda se usava chapéu de palhinha e bengala, localizava-se num tempo que não voltava mais, “um tempo do Recife”¹¹⁸ que a morte dos amigos com quem tinha dividido a vida naquela cidade levava embora.

Na crônica de 1985 e em outras dedicadas a lembrar os amigos e o passado da cidade do Recife, a materialidade do lugar rememorado por Nilo Pereira está condicionada à memória dos amigos. A cidade existe enquanto personagem da vida dos amigos mortos e da juventude de Nilo. A saudade é o sentimento que ordena as relações entre a materialidade e a memória na maneira como ele compreende e explica o mundo ao seu redor. Para entender essa relação estabelecida entre saudade, memória, espaço e identidade, Eduardo Lourenço nos convida ainda a compreender o sentimento que o povo português mantém com a pátria. Os lusitanos têm uma história muito particular: uma pequena tira de terra margeada pelo Oceano atlântico que vai expandir seus domínios territoriais prodigiosamente através das expedições pelo Atlântico, a partir do século XV. A aventura do português que estende sua pátria pelo mundo todo também acaba por deixar nesse povo o sentimento de não pertencer a nenhum lugar do mundo.

¹¹⁷ PEREIRA, Nilo. Um Recife que não volta mais. *Jornal do Commercio*, Fev. 1985.

¹¹⁸ Idem.

Depois do esplendor do período de expansão veio o período de decadência, que faz o português reclamar até hoje as glórias do passado, como legitimadoras da imagem de povo heróico que espalhou suas raízes por todo o mundo. Nas palavras de Lourenço, “Os portugueses não são o único povo que se sente desconhecido, mal conhecido ou decaído do antigo esplendor”¹¹⁹. A “‘pequena casa lusitana’, esse sítio simultaneamente banal e onírico”, “é o único onde os portugueses se sentem em casa”. Mesmo assim, “Nele são tão estrangeiros como fora dele. O seu lugar não se situa apenas no mapa. E muito menos se circunscreve ao pequeno retângulo, deitado à margem, carregado de passado e de vidas singulares, que chamamos Portugal”¹²⁰.

Ou seja, o povo português construiu sua identidade sob os signos da ausência/presença: “Um tal povo, tão à vontade no mundo como se estivesse em casa, na verdade, não conhece fronteiras, porque não tem exterior. Como se fosse, sozinho, uma ilha”¹²¹. O conceito de identidade é suscetível ao tempo, ao movimento histórico, ao mesmo tempo que pode ser também mítico, lançado no plano do sagrado. A sacralização das origens é necessária para definir as particularidades, a identidade de um povo. Para Lourenço,

A identidade é percebida e vivida por um povo em termos simultaneamente históricos e trans-históricos. Mas só o que a cada momento da vida de um povo aparece como paradoxalmente *inalterável* ou subsistente através da sucessão dos tempos confere sentido ao conceito de identidade¹²².

Sendo assim, cada povo só pode se conceber e viver enquanto destino, como se existisse desde sempre, alcançando a eternidade, a superação do tempo. E somente assim conquistará para si uma identidade. A tradição de um povo é que define seu lugar no tempo e no espaço. Por isso nos esforçamos para identificar elementos que comprovem a nossa existência e sobrevivência na sucessão dos tempos. A semelhança existente entre o povo português e o grupo que se une em torno do esforço de reconstruir a região Nordeste é uma identidade construída sobre a ausência, a saudade da pátria, que transgride as linhas de fronteira, se universalizando e por isso mesmo se desmaterializando, deixando nesses homens a eterna sensação de buscar um lugar no mundo, um lugar perdido, localizado no passado de glórias. O sentimento de ausência

¹¹⁹ LOURENÇO, Eduardo. *Mitologia da saudade*, p. 9.

¹²⁰ Idem, p. 11.

¹²¹ Idem, p. 12.

¹²² Idem, p. 90.

também evoca a memória nesse processo de construção de uma identidade. É a memória que permite reconstituir esse passado, para os portugueses, de glória; para os nordestinos, de tradição.

Assim como a pátria lusitana, o Nordeste dos tradicionalistas-saudosistas era definido por um sentimento de pertencimento e não por delimitações espaciais. Essas sim seriam definidas por uma série de elementos mais subjetivos do que materiais como, no caso de Ceará-Mirim, as memórias do lugar. Se elas não tivessem sido escritas e divulgadas, mesmo a cidade tendo surgido a partir da produção açucareira, poderia não ser minimamente citada na historiografia e na literatura que estudava o Nordeste açucareiro. Entendemos que a partir do canto de exilado que entoou, Nilo Pereira construiu uma identidade para si e para a cidade do Ceará-Mirim. Essa cidade vai figurar como uma das unidades do sistema produtor de açúcar que deu origem ao Nordeste da tradição, o qual ressurgia por meio da escrita de intelectuais saudosos de um tempo e de um lugar definido pelo sentimento e pela memória.

A partir da poesia de Camões, na qual o sentimento de saudade extrapola todas as dimensões temporais e espaciais, Lourenço nos ajuda a compreender que a saudade não é somente a ausência do ser amado ou da pátria perdida, “mas a angústia do ser que vive [...] como filho do Tempo, quer dizer, como seu prisioneiro”¹²³, o desejo de eternidade, a busca de uma felicidade fora do mundo. Ao perceber sua sujeição ao tempo, sua impotência diante do envelhecimento e da morte, o homem começa sua busca pelo fio que permite segurar o tempo e voltar ao passado, a memória. Julgando alcançar a tão desejada eternidade, acaba se tornando um prisioneiro não do tempo, mas da saudade. Nilo Pereira também segue o fio da saudade em busca do passado. Ceará-Mirim é a principal imagem formada na trama que ele vai costurando. A cidade aparece como um mundo inefável, vivendo um outro tempo, esparzindo ainda o odor da tradição dos seus velhos engenhos.

Ceará-Mirim, engenho e saudade...

¹²³ Idem, p. 29



Engenho Mucuripe, instalado em 1935. Foto Raimundo Arrais, 2005.

Ao longo de sua permanência no Recife, Nilo Pereira foi reaprendendo a compreender e interpretar o vale do Ceará-Mirim. O ideário regionalista ofereceu as categorias conceituais e o estilo para que ele pudesse expor o quadro histórico, econômico e cultural da cidade, modificando a sua própria relação com o lugar e também com o Recife. Estar na capital pernambucana permitiu a ele enxergar as peculiaridades da cidade onde nasceu, estabelecendo semelhanças entre essas duas cidades. Assim justificava-se também a identidade recifense assumida por ele, o que não o tornava menos cearamirinense, já que havia encontrado na cidade estrangeira as raízes da sociedade que ele viu desenvolver-se em Ceará-Mirim, como se uma cidade ajudasse a perceber a outra.

Em *Louvação do Recife*, poema publicado no ano de 1977, percebe-se, claramente, esse processo de prolongamento entre Ceará-Mirim e Recife. Ele inicia o poema descrevendo o Recife colonial, das lutas heróicas contra “Os holandeses que vêm chegando”, de “Nabuco falando, Castro Alves recitando/Tobias celebrando”, passando por todos os personagens tradicionais da história pernambucana como D. Vital, José Mariano, a Faculdade de Direito, Dona Olegarina, mostrando as várias facetas daquela cidade: “Recife, muitos Recifes/ Senão o Recife de hoje, de sempre/ O Recife antigo”. Quando vai concluindo a primeira parte, introduz um novo personagem na narrativa: “O

peregrino audaz, o exilado/Que se deixou exilar por vontade”¹²⁴. Logo percebemos que daí por diante, Nilo passa a integrar-se à cidade do Recife que, aos poucos, vai ganhando uma outra conotação, e surge mais um dos muitos Recifes gestados na sensibilidade de cada um que vivenciou aquela cidade. Esse é um momento de transição no poema, um momento de transição na vida do próprio Nilo, quando ele redescobre suas origens e louva aquela que permitiu esse reencontro: “Louvo esta cidade”. E confessa que o seu Recife, o que está no poema, o que está em toda a sua obra, conjuga duas cidades, “prolonga outra cidade, outro vale”.

Nesse momento, o Recife transfigura-se em um outro lugar, aquele que o estrangeiro buscou enxergar em cada imagem da nova cidade que o acolheu, onde ele encontra “Outros heróis, outros silêncios/Outras contemplações, outros gênios/ Outras vibrações/Outras saudades”. Assim, a cidade de Recife passa a se transfigurar em outra cidade, o Ceará-Mirim. Na verdade, nenhuma delas consegue ser inteiramente uma na escrita de Nilo Pereira. Há um lugar intermediário em que essa cidade híbrida que é Ceará-Mirim/Recife está situada, lugar ao qual o exilado devoto de dois mundos se recolhe para evocar o passado, o paraíso da infância, e permite perceber que esse lugar é “um mundo só”¹²⁵.

Essa cidade que se funde em outra na obra memorialística de Nilo é mais um dos elementos que o aproximam dos intelectuais que primeiro levantaram a bandeira do regionalismo-tradicionalista. Assim como Bandeira, ele também deixou a cidade onde nasceu ainda muito jovem e buscava por meio da escrita redimir-se do abandono primeiro. Outro desses elementos foi o modelo autobiográfico que se impôs entre os memorialistas, e que consistia no ato de partir em direção ao centro. Lá permanecendo algum tempo, procuravam ansiosamente um retorno à província. Esse modelo se manifesta em Gilberto Freyre, que nos últimos anos de sua permanência no estrangeiro expressa em seu diário o desejo ardente de voltar, e, aos poucos, tenta “reaprender” as coisas da província; em Manuel Bandeira, que é levado quando criança para o Rio de Janeiro e, em 1929, a convite de Freyre, volta ao Recife, e reconquista suas origens pernambucanas; em Mário Sette, o romancista recifense considerado o iniciador do romance regional com *Senhora de engenho*, publicado em 1921, que vive essa experiência e faz um dos protagonistas do livro vivê-la também. E, para mencionar um

¹²⁴ PEREIRA, Nilo. Louvação do Recife. *Jornal do Commercio*, Fev. 1977.

¹²⁵ Idem.

exemplo potiguar, poderia ser lembrado Jerônimo Rosado, que, saindo de Mossoró em 1885, indo estudar Farmácia na Faculdade de Medicina no Rio de Janeiro, não se entrega às “futilidades da vida de cidade grande” e mantém uma postura rigorosa que se atribui ao sertanejo ¹²⁶. Em todos esses exemplos aparece esse pacto de fidelidade às origens provincianas.

O livro *Imagens do Ceará-Mirim*, obra síntese do memorialismo de Nilo Pereira, se constitui na escrita do cearamirinense como um elo entre o passado, a infância vivida na cidade de Ceará-Mirim, e a vida adulta, o período da formação intelectual e envelhecimento no Recife. O texto que compõe o livro é resultado da união dos artigos que vinham sendo publicados desde a juventude. É muito provável que o autor tenha sido aconselhado a reuni-los e publicá-los em livro, já que eles traziam fatos e lugares da infância e da juventude na cidade de Ceará-Mirim, que já vinha também se consolidando como um pedaço do Nordeste do açúcar encravado no Rio Grande do Norte. Uma evidência dessa inserção é o artigo que Freyre escreveu para o *Diário de Pernambuco*, publicado no dia 8 de junho de 1969. No artigo, o sociólogo saudava a chegada do livro de Nilo Pereira, lançado em março daquele ano:

Telúrico, lírico, transbordante de saudosidade, é outro livro recente – êste singular: ‘o poema em prosa’ em que o humanista admirável que é Nilo Pereira acaba de evocar sua meninice de neto de barão e filho de senhores de engenho ainda prósperos de Ceará-Mirim, no Rio Grande do Norte ¹²⁷.

Essas foram as palavras que ele usou para qualificar as memórias do cearamirinense. O tema do livro, memórias da infância, engenho, açúcar era muito comum aos autores nordestinos. No parágrafo seguinte, vemos a inserção de *Imagens do Ceará-Mirim* no panorama da literatura memorialística do Nordeste:

Junta-se o livro de Nilo Pereira a outras recordações de infância de meninos brasileiros de engenho crescidos à sombra de casas-grandes do Nordeste canavieiro sem confundir-se com nenhuma outra. É o relato lírico, sentimental, poético de um especialíssimo menino de engenho. Nada tem que lembre o José Lins do Rêgo do Engenho Corredor ¹²⁸.

É visível também o esforço de apontar as peculiaridades daquele livro, que era também memórias de menino de engenho, mas um menino diferente daquele de José

¹²⁶ Ver: ARRAIS, Raimundo. Jerônimo Rosado (1861-1930): uma ação brasileira na província. In: SILVA, Marcos (Org.). *Dicionário crítico de Cascudo*. São Paulo: Perspectiva, 2003, p. 143.

¹²⁷ FREYRE, Gilberto. Três livros novos. *Diário de Pernambuco*. Recife, Jun. 1969.

¹²⁸ Idem.

Lins, o que evidencia o desejo de diferenciar os espaços apresentados pelos autores, mesmo que possam ser conformados numa mesma realidade social, e, principalmente, de evidenciar a diferença de personalidade e verve literária de um em relação ao outro, pois:

Nilo Pereira como que viveu em canavial parte de sua meninice sem ter sido subjugado pelas fôrças demoníacas soltas nas terras de cana do Nordeste do Brasil: conservando-se quase angélico. Daí o que há de cândido, de ternamente sentimental, de comovidamente filial nas suas evocações ¹²⁹.

Mesmo o livro e o estilo se distanciando do modelo de infância no engenho elaborado por Freyre e materializado por José Lins, ainda assim era fruto da evocação do passado da sociedade dos engenhos e era perfeitamente representativo da fidelidade de Nilo Pereira às suas origens: “através dessa terna candura, se afirma um telúrico que o asfalto não separou até hoje do massapê. Nilo Pereira é um recifense que não se desprende do Ceará-Mirim. A saudade do Ceará-Mirim está sempre com ele” ¹³⁰. Para Freyre, ia além do saudosismo do engenho que animou Nabuco, Sylvio Romero e José Lins. Para ele, Nilo “é um super-saudoso do Ceará-Mirim”, um brasileiro do Nordeste, animado dos sentimentos telúricos de amor à terra. Nilo, ao expressar seu sentimento de devoção e saudade pelo vale do Ceará-Mirim, conquista, aos olhos de Gilberto Freyre, a condição que unia as duas identidades do memorialista cearamirinense e recifense - ele passava a ser, assim como Bandeira e Nabuco, um “brasileiro do Nordeste”. E a cidade do Ceará-Mirim, tornava-se, efetivamente, um pedaço do Nordeste canavieiro. Quem ousaria dizer o contrário depois que o próprio Freyre o disse? Recorde-se o texto que Freyre escreveu, de próprio punho, em 1984, na página de abertura de álbum produzido pelo fotógrafo pernambucano Sebastião Lucena com aspectos da antiga casa grande do engenho Guaporé. O início dessa pequena introdução de apenas uma página é esclarecedor:

Quando sugiro, de casas-grandes antigas do Brasil, que foram, por encantos de forma [...] de arquitetura de não poucas, dentre elas, uma espécie de compensação para o fato do nosso País perder para a America Espanhola, em imponência das catedrais, não exagero. Compreende-se ter Luís Cedro Carneiro Leão [...] dito, de uma dessas casas-grandes de porte monumental, com a capela ligada ostensivamente a imensa, grandiosa, acolhedora residência – a casa-grande de Noruega, em Pernambuco – que era um Escurial rustico. Outros Escuriais rusticos ergueram-se em diferentes partes do Brasil,

¹²⁹ Idem.

¹³⁰ Idem.

monumentais e como que catredalescas. Verdadeiras catedrais á paisana ¹³¹.

O trecho apresentado faz parte de texto escrito à mão na presença do cearamirinense Nilo Pereira e de Sebastião Lucena no gabinete de Freyre na Fundação Joaquim Nabuco, depois de apresentado o resultado final do álbum. Nessa introdução podemos ver sintetizados os conceitos sobre as casas grandes do Nordeste estabelecidos pelo pernambucano, em sua obra histórica e sociológica. A monumentalidade atribuída à casa grande do engenho Noruega, construída ainda no século XVII, escolhida por ele como o modelo dessa arquitetura, figurando inclusive em *Casa Grande & Senzala* uma perspectiva aérea dessa construção, encomendada ao pintor Cícero Dias, excluiria o solar cearamirinense do âmbito dessa arquitetura tradicional.

Em artigo publicado na década de 1980, o próprio Nilo Pereira evidencia a discordância de formas e dimensões entre as casas grandes pernambucanas, com arquitetura de origem portuguesa, remontando ainda ao século XVII, e o Guaporé, construção do século XIX em estilo afrancesado: “O Guaporé é uma construção da segunda metade do século XIX. Fugiu à tradição do estilo português de casas-grandes rurais, referidas pelos primeiros cronistas da vida brasileira” ¹³².

No entanto, na descrição que faz daquela casa, Freyre encontra outros elementos que permitem aproximá-la das casas grandes do Nordeste: “A casa-grande de Guaporé, no Rio Grande do Norte canavieiro, de fidalga família de que descende, o ilustre Nilo Pereira, não chega a ser um Escurial. É de outra dimensão, mas é das mais características casas-grandes patriarcalmente nordestinas” ¹³³. Ele busca na minúcia da apreensão das lentes do fotógrafo os elementos que legitimariam aquela casa como genuíno exemplar das casas grandes do Nordeste açucareiro: “O admirável artista que é Sebastião Lucena soube surpreender da casa-grande de Guaporé seus encantos mais íntimos: aqueles que precisam de olhos que não vejam só o ostensivo, mas descubram proustianamente belos e significativos aspectos que estão escondidos” ¹³⁴. A ligação com Nilo Pereira e o talento perscrutador das lentes de Sebastião Lucena, que já havia fotografado outras casas de engenho em Pernambuco, inclusive o solar de Apipucos, onde morava Gilberto Freyre, garantiram a inserção do Guaporé no hall das casas

¹³¹ FREYRE, Gilberto. Guaporé: solar no vale do Ceará-Mirim. (introdução) Natal, 1984.

¹³² PEREIRA, Nilo. Aspectos de uma casa grande. *Jornal do Comércio*. Recife, Nov. 1984.

¹³³ FREYRE, Gilberto. Guaporé: solar no vale do Ceará-Mirim. (introdução) Natal, 1984.

¹³⁴ Idem.

grandes do Nordeste. Sem esses elementos, essa evidência não seria possível. Sendo assim, as mãos do sociólogo e as lentes do fotógrafo corroborariam com a tradição do solar e da cidade do Ceará-Mirim.



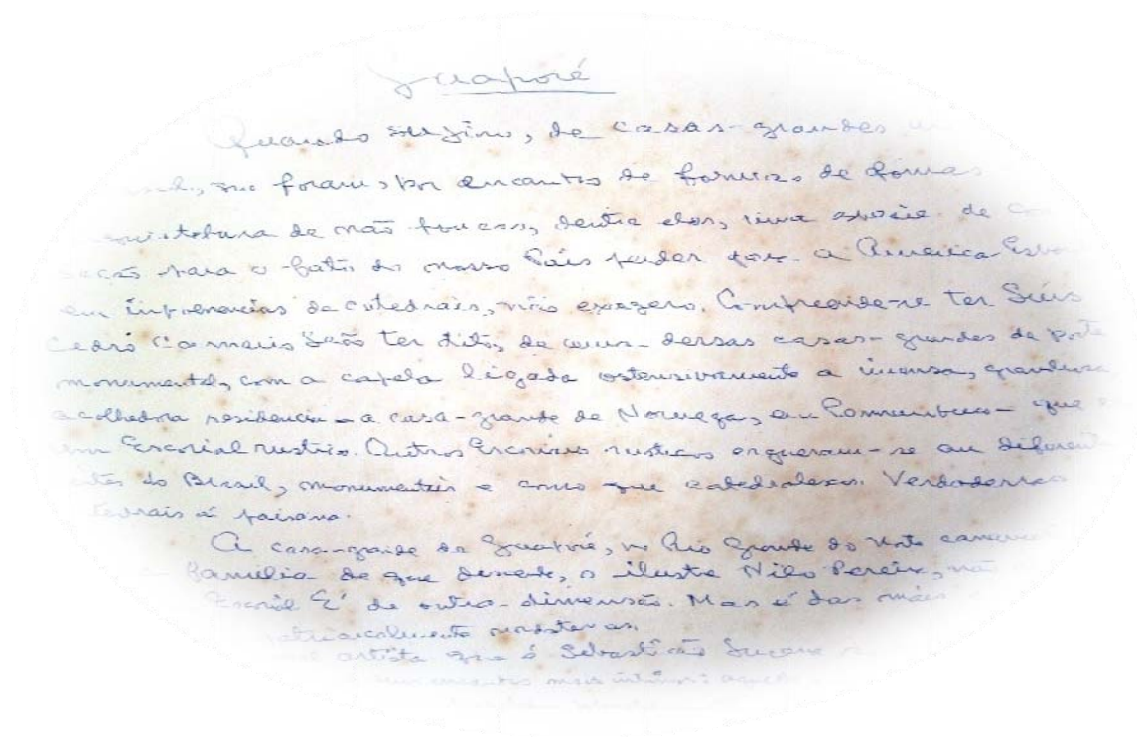
Casa grande do engenho Guaporé. Foto Sebastião Lucena, 1984.

Em vários artigos publicados entre 1984 e 1988, em jornais pernambucanos e norte-rio-grandenses, Nilo faz referência a esse álbum produzido por Lucena a pedido seu, no qual o artista reproduziu aspectos importantes do velho solar, o que permitiu que ele afirmasse com ainda mais orgulho e certeza: “Esta Casa tem, portanto, uma História e uma tradição. Aqui neste Album ela revive na beleza de sua arquitetura num testemunho do sentimento”¹³⁵. Atualmente o álbum está sob a guarda da Fundação Nilo Pereira, na cidade do Ceará-Mirim. A insistente lembrança desse momento permite perceber a importância da produção do álbum e, principalmente, das palavras de Gilberto Freyre sobre o Guaporé. Há quase cinquenta anos, Nilo elegera a casa como tema constante de sua escrita, transformando-a em símbolo da fidalguia de sua família e da cidade. O fato do líder regionalista do Nordeste se voltar para aquela casa representava a vitória de um projeto que tomou toda a sua vida: “Pela restauração desta Casa lutei por mais de trinta anos. Até que ela se reergueu do seu próprio abandono pela tenacidade e pelo amor de José Ferrão Castelo Branco, técnico do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional”¹³⁶. Em 1979, a restauração foi concluída e o velho solar recebeu o nome de Nilo Pereira e a função de museu da cidade de Ceará-

¹³⁵ PEREIRA, Nilo. Aspectos de uma casa grande. *A Republica*. Natal, Nov. 1984.

¹³⁶ Idem.

Mirim¹³⁷. Com essa restauração, a velha casa se elevava ao status de patrimônio histórico, como as construções antigas da velha Minas Gerais, tão exaltadas por Manuel Bandeira como representantes de uma genuína arquitetura brasileira¹³⁸. Poucos anos após a restauração, o depoimento de Freyre veio coroar a luta de Nilo, que sempre gostou de se apresentar como “neto daquela casa”: “Gilberto Freyre traça o perfil muito gilbertiano das casas-grandes senhoriais do Nordeste brasileiro, dentre os quais o Guaporé. Tanto basta para que este solar se eternize no tempo”¹³⁹.



Trecho extraído do texto que Freyre escreveu sobre o Guaporé, 1984. Introdução do álbum de Sebastião Lucena.

A palavra do ideólogo da tradição do Nordeste do açúcar era mais do que suficiente para oficializar o novo status da cidade de Ceará-Mirim. Mas outros recifenses também exaltaram a atitude regionalista de Nilo Pereira. E como pudemos sentir no parágrafo anterior, a publicação de *Imagens do Ceará-Mirim* serviu de corolário ao projeto de construção da imagem da cidade e do próprio Nilo como produtos legítimos do Nordeste açucareiro, projeto que vinha sendo realizado desde os

¹³⁷Atualmente, a velha casa encontra-se sob a guarda da prefeitura municipal de Ceará Mirim e da Fundação José Augusto, não tem mais a função de museu e está completamente deteriorada pelo abandono e descaso do poder público.

¹³⁸ Para uma melhor compreensão da luta dos intelectuais modernistas pela preservação do patrimônio nacional ver: BANDEIRA, Manuel. *Crônicas da província do Brasil*. Manuel Bandeira. 2. ed.(Org.) GUIMARÃES, Júlio Castañon. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

¹³⁹ PEREIRA, Nilo. Aspectos de uma casa grande. *A Republica*. Natal, Nov. 1984.

anos 1930, com a publicação dos primeiros textos de teor regionalista. No dia 30 de março de 1969, o próprio Nilo informa aos recifenses sobre o lançamento do livro, em sua coluna *Notas Avulsas*. A cerimônia de lançamento ocorreu na cidade do Ceará-Mirim com a presença do prefeito Murilo Barros e do amigo Edgar Barbosa, dentre outras personalidades: “lançado, há poucos dias, o meu livro, ‘Imagens do Ceará-Mirim’, no centro esportivo da mesma cidade”. Não demorou muito até que os amigos e jornalistas recifenses se pronunciassem em relação ao livro.

No dia 17 de abril de 1969, a coluna *Crônica da Cidade*, assinada por L.A.B, apareceu com matéria intitulada “Imagens do Ceará-Mirim”, inteiramente dedicada ao livro de Nilo Pereira. O autor inicia o artigo relatando viagem que fizera àquela cidade em companhia do amigo cearamirinese: “Em dezembro de 1965, fui ver de perto o Ceará-Mirim. E ver a cidade e admirar-lhe o vale paradisíaco, [...] velhas aspirações”¹⁴⁰. O passeio pelo Vale inspirou as seguintes declarações: “olhando de perto o Ceará-Mirim, que ainda hoje reflete a passada opulência dessa zona açucareira do Nordeste, senti todas as verdades que dele me disseram Nilo Pereira e Francisco Montenegro”¹⁴¹. Logo percebemos quem são os interlocutores do cronista em suas impressões sobre a cidade, onde “Muita coisa por certo se perdeu no vale sedutor: e velhas sombras por ali perpassam, em busca da grandeza, que o tempo matou: mas o tempo não conseguiu matar o verde da paisagem”¹⁴². Percebemos em cada linha a mão e o olhar direcionador de Nilo Pereira no percurso descrito pelo cronista. Na viagem de 1965, o próprio Nilo serviu de guia ao então colaborador do *Jornal do Commercio*. No artigo-resenha de 1969, o livro proporciona um novo encontro, leva-o de volta ao Ceará-Mirim, onde enxerga a mesma paisagem retratada pelo cicerone contumaz: o “cenário verde, onde os engenhos repontam como marcos senhoriais e duma cultura já a seu modo desfigurada”¹⁴³.

A cidade surgia na crônica como um lugar “onde os heróis eram senhores de engenho, que souberam adoçar a vida nas tachas dos velhos banguês dêste grande e sofrido Nordeste brasileiro”¹⁴⁴. Ao mesmo tempo que o autor reconhece o lugar do Ceará-Mirim no Nordeste do açúcar também resume a própria região Nordeste aos

¹⁴⁰ IMAGENS do Ceará-Mirim. Crônica da cidade. *Jornal do Commercio*. Recife, Abr. 1969.

¹⁴¹ Idem.

¹⁴² Idem.

¹⁴³ PEREIRA, Nilo. *Imagens do Ceará-Mirim*, p. 32.

¹⁴⁴ IMAGENS do Ceará-Mirim. Crônica da cidade. *Jornal do Commercio*. Recife, Abr. 1969.

espaços ocupados pela zona da mata açucareira. Sendo assim, corrobora com o ideário regionalista e tradicionalista e com a pretensão de Nilo Pereira de inserir o Ceará-Mirim nessa realidade. Para concluir o artigo, L.A.B. invoca o poema de Ascenso Ferreira sobre os engenhos de Pernambuco, sugerindo a afinidade da temática e do desejo que une os dois autores. Ele associa os engenhos do Vale, “Guaporé. Verde-Nasce. S. Francisco”, àqueles transformados em poema por Ascenso Ferreira: ““Dos engenhos de minha terra só os nomes fazem sonhar/Esperança!/Estrêla D’Alva!/Flor do Bosque!/Bom Mirar”¹⁴⁵. Tudo isso era o livro de Nilo Pereira sobre o qual sugeria ao leitor: “um livro delicioso [...] Devore-o. Sinta-o”.

A cidade e o vale do Ceará-Mirim eram já velhos conhecidos dos recifenses. No dia 30 de abril de 1965, uma conferência proferida pelo professor Francisco Montenegro na Academia Pernambucana de Letras reforçava os laços que estavam sendo estabelecidos entre os dois lugares. A conferência, que posteriormente virou livro publicado, intitulava-se *Itinerário Sentimental do Ceará-Mirim*, na qual Montenegro prestava uma homenagem ao amigo Nilo Pereira e à cidade onde este havia nascido. Na noite daquele 30 de abril, outros conferencistas também tiveram a oportunidade de discursar sobre a importância daquele momento de integração, como Waldir Cavalcanti, presidente do centro Norte-Rio-Grandense de Pernambuco, e o próprio Nilo Pereira.

Ao ler a conferência que deu nome ao livro posteriormente publicado, que traz também os demais discursos proferidos naquela noite e as manifestações de apoio e congratulações de vários intelectuais aos organizadores do evento, encontramos novamente as mãos e os olhos de Nilo como guias na descoberta da cidade do Ceará-Mirim pelos amigos recifenses. Algumas passagens nos transmitem mesmo a impressão de que é o próprio Nilo que escreve. Montenegro abre o seu texto advertindo que o que está ali é fruto de uma viagem sentimental:

Nilo Pereira e eu viajamos ao Ceará-Mirim. Claro que não viajamos nem poderíamos viajar como os professores Gilberto Osório de Andrade e Mário Lacerda de Mello, que com olhos de geógrafos analisaram a terra, os vales, os rios. O que fizemos foi muito diferente. Apenas procuramos sentir e pressentir a beleza que estava à vista ou escondida em tudo¹⁴⁶.

¹⁴⁵ Idem.

¹⁴⁶ MONTENEGRO, Francisco. *Itinerário sentimental do Ceará-Mirim*. Recife: Coleção Concórdia, 1965, p. 7.

O que eles desejavam era seguir um itinerário sentimental. Nesse momento não sabemos se a sugestão da imagem de um itinerário sentimental para definir os reencontros de Nilo com o Ceará-Mirim veio de Montenegro ou se foi mesmo uma percepção do cearamirinese. Mas o vale e a cidade que vemos descritos pelas mãos do autor da conferência é claramente uma apropriação da cidade reinventada por Nilo Pereira, como nessa descrição que o visitante elabora sobre a visão que se tem ao se aproximar do Vale:

o tapete verde desdobra-se até que se perde diante dos nossos olhos. Ao fundo, a fachada da casa grande do Guaporé, iluminada pelo sol da tarde, reflete o esplendor do passado. À distância não alcançamos as ruínas em que ele vai pouco a pouco se tornando, a decadência que vai pouco a pouco escondendo e apagando o esplendor de seu passado, o fausto e a riqueza dos anos prósperos da aristocracia canavieira ¹⁴⁷.

O discurso de Nilo vem confirmar o prolongamento de uma fala na outra e nos leva a entender que os passos da “via-sacra sentimental” realizada por ele e pelo amigo conduziram a um lugar onde se reencontrariam com “os mortos que se foram, e uma velha casa já em ruínas, quase morta, mas ainda oferecendo a última coisa que os mortos oferecem: a face. Sim a face; a fachada heráldica, que procuro cobrir com a minha sombra de menino crescido no adulto, projetada na solidão e no abandono” ¹⁴⁸.



Fachada principal do Guaporé. Foto Sebastião Lucena, 1984

O trecho do artigo de Montenegro parece revestido também da saudade e da indignação do menino que não pôde reencontrar o fastígio e o esplendor de outrora. Montenegro fala como “menino do vale”. O título do artigo lido por Nilo Pereira na

¹⁴⁷ Idem, p. 18.

¹⁴⁸ Idem, p. 28.

noite de 30 de abril, “Em nome dos meninos do Ceará-Mirim”, traz exatamente essa conotação. Ele e o amigo pernambucano irmanados no amor e na solidariedade ao vale decadente. O próprio Nilo se arroga da missão de explicar tal sintonia: “O professor Francisco Montenegro aprendeu rapidamente êsse mistério – a grandeza e a simplicidade, o fausto e a decadência, a cidade pobre e o vale exuberante; e nisso tudo o espírito que resta dos velhos tempos: a dignidade do passado”¹⁴⁹.

A repercussão que foi dada à conferência nos jornais pernambucanos dá indícios de como a cidade do Ceará-Mirim era personagem já conhecido naquele estado. O livro traz um capítulo intitulado “Recortes de Jornais”, no qual estão catalogados os artigos dedicados à divulgação do evento. Nomes como Dulce Chacon, Orlando Parahym, Leduar de Assis Rocha e Lauro de Oliveira figuram entre os admiradores do Ceará-Mirim de Nilo Pereira. A primeira matéria que figura nas páginas do livro é “O Ceará-Mirim”, publicada no Jornal *Diário de Pernambuco*, em 28 de abril daquele ano. Em tom irreverente, o autor do artigo pergunta o que tem o Ceará-Mirim para se tornar cidade tão cara a seus conterrâneos recifenses. O interlocutor escolhido pelo cronista, o potiguar Thales Ramalho, responde de forma simples e peremptória: “é a terra do nosso grande Nilo! Daí, o tanto falar o Nilo no Ceará-Mirim em prosa bem embebida de evocação poética pelo edênico vale”. E mais: “arremata-me o Thales, acrescentando à informação de ser a terra do Nilo, outras bem menos importantes, secundárias e adicionais”¹⁵⁰.

Ou seja, o prestígio que a cidade do Ceará-Mirim gozava entre os recifenses era nada menos que o prestígio do próprio Nilo em terras pernambucanas, por meio do qual tanto o cronista como os demais recifenses e pernambucanos tomam conhecimento de que se trata “de um vale, cortado pelo rio que lhe dá o nome e onde tudo o que se planta, graças ao humus, floresce”¹⁵¹. O cronista confessa conhecer o vale do Ceará-Mirim apenas pelas “vias do ouvir dizer”, colhidas nas *Notas Avulsas* de Nilo Pereira. Não fosse o esforço quase diário do cearamirinense em descrever as paisagens e tradições de sua terra, esta jamais teria figurado entre os pernambucanos das tradições patriarcais como tema de discussão e lugar digno de fazer parte do itinerário de quem se interessasse pelas cidades que tinham no passado sua principal riqueza.

¹⁴⁹ Idem, p. 28-29.

¹⁵⁰ O Ceará-Mirim. *Diário de Pernambuco*. Recife, Abr. 1965.

¹⁵¹ Idem.

Um outro artigo publicado no dia 24 de abril vem reafirmar a responsabilidade de Nilo Pereira na projeção da cidade do Ceará-Mirim em terras recifenses. O autor do artigo intitulado “Canaan”, assinado com o pseudônimo de Isnar, afirma que reconheceu, em visita a cidade de Nilo Pereira, “o sentimento natural de amor à gleba natal que levava o autor das Notas Avulsas a escrever tão lindas crônicas sobre a sua terra”¹⁵². Uma manhã na cidade, assim como a tarde que levou Francisco Montenegro a escrever *Itinerário Sentimental*, e o jornalista recifense estava convencido de que Nilo Pereira “tem muitos motivos para as louvações ao seu reino da infância”. Motivos que animam o jornalista a tecer o seguinte comentário: “A cidade clara, a igreja de duas torres altas [...] tem na realidade uma marca diferente, um ar de tranqüilidade e graça que a caracteriza. E os campos, o vale de verdes tão ricos”¹⁵³. A cidade posta em sossego, o vale verde e abundante são imagens que se repetem nos textos de Nilo dedicados ao Ceará-Mirim. Não seria preciso que o nosso *Isnar* confessasse a influência do cearamirinense sobre as impressões que a cidade lhe causou.

O depoimento da escritora Dulce Chacon, publicado em maio de 1965, evidencia ainda a repercussão da conferência e o interesse que causou entre os recifenses que conheciam em detalhe a cidade de Nilo Pereira sem nunca lá terem ido:

Nunca estivemos na cidade do Ceará-Mirim, no entanto, podemos afirmar que conhecemos a cidade que parou no tempo, o Grupo Escolar Barão de Ceará-Mirim, os engenhos, o Verde-Nasce, de nome poético, as usinas e o vale onde se encontra o ‘Paraíso Perdido’, decantado pelos escritores Francisco Montenegro e Nilo Pereira¹⁵⁴.

A escritora descreve em seu artigo nomes e lugares que fizeram parte da infância de Nilo Pereira na cidade de Ceará-Mirim, apresentados já há quase trinta anos pelo escritor cearamirinense em seus livros e artigos, revelando o poder da persistente e lírica escrita memorialística que transformou a pequena cidade do interior do Rio Grande do Norte numa espécie de irmã caçula da capital pernambucana. A última frase do artigo de Dulce Chacon nos mostra como essa relação foi construída: “O Ceará-Mirim entrou em nossos corações, com todo o encanto e a graça de uma cidade

¹⁵² Canaan. *Diário de Pernambuco*. Recife, Abr. 1965.

¹⁵³ Idem.

¹⁵⁴ CHACON, Dulce. As rosas verdes do Ceará-Mirim. *Jornal do Commercio*. Recife, Mai. 1965.

tranqüila e feliz”¹⁵⁵. Se ela não encerrasse ali o seu artigo, poderia ainda dizer: pelas doces palavras de Nilo Pereira.

Outro visitante ilustre da cidade de Ceará-Mirim, assim como Francisco Montenegro, foi Vamireh Chacon, amigo pessoal de Nilo Pereira, e também muito ligado a Gilberto Freyre, sobre o qual escreveu *Biografia intelectual*, tendo publicado também, em 1959, uma *História sentimental do rio Capibaribe*, mostrando o significado do rio para os recifenses amantes da tradição e do passado. O escritor nascido no Recife em 1934, filho de Dulce Chacon, depois de ir ao vale, publicou “Ceará-Mirim ao entardecer”. Na década de 1980, publicou suas memórias, *O poço do passado*, citando a passagem por Ceará-Mirim como um momento importante de sua vida. O livro do pernambucano é comentado por Nilo Pereira em matéria intitulada “Vamireh e o Ceará-Mirim”, publicada no jornal natalense *Tribuna do Norte*, no dia 03 de março daquele ano.

No artigo podemos ler alguns trechos que compõem o livro do ainda jovem memorialista, como esse que desenha a trajetória das viagens de Vamireh pelo Nordeste canavieiro: “Percorri muitas vezes o litoral pernambucano de Pontas de Pedra de São José da Coroa Grande, da divisa com a Paraíba, à de Alagoas. Mares tocados pela cana-de-açúcar, meu Nordeste do Ceará-Mirim”¹⁵⁶. O roteiro das viagens do memorialista pela zona açucareira começa em Pernambuco e finda aqui, no Rio Grande do Norte, na cidade de Ceará-Mirim. Esse é um roteiro já conhecido para quem leu os artigos memorialísticos de Nilo Pereira. Foi lá do Recife que ele começou a escrever sobre o passado açucareiro da cidade, cumprindo um ritual que repetiu durante cinquenta anos, desde a viagem realizada em 1939, quando publicou o primeiro texto de caráter memorialístico e regionalista, “Guaporé”, até 1988, ano em que o memorialista veio pela última vez visitar os cenários da infância. Desde então, parte importante da vida de Nilo obedecia à seguinte ordem: voltar ao Ceará-Mirim, escrever sobre Ceará-Mirim. Esse ritual cumpria um objetivo muito especial na escrita e na vida de Nilo Pereira.

Assim como Vamireh Chacon, foram muitos os viajantes que aterrissaram em terras cearamirinsenses. Todos foram levados a ver a primeira escola, o vale com seus engenhos antigos, a matriz sobressaindo à cidade. Esse era um ritual de apresentação e

¹⁵⁵ Idem.

¹⁵⁶ CHACON, Vamireh. *O poço do passado*. Recife, 1985, p. 97.

de integração também. A primeira etapa desse ritual de iniciação nas coisas do vale começava ainda no Recife, como pudemos comprovar nos parágrafos anteriores. Para Nilo, escrever sobre o Ceará-Mirim; para os amigos pernambucanos, ler sobre o Ceará-Mirim. Num segundo momento, seguindo as coordenadas deixadas por Freyre (que instituiu como prática comum entre os regionalistas a “técnica” de levar para passear, para conhecer as paisagens “tradicionais”), levar os pernambucanos iniciados em leituras sobre a cidade para percorrerem aquele espaço, verem de perto os engenhos, as ruínas, o verde do canavial, o lento caminhar em que se movia a cidade. O depoimento de 1985 esclarece a estratégia por trás das tardes e manhãs bucólicas em que ele e os amigos pernambucanos estiveram em Ceará-Mirim: “Levei sempre ao Ceará-Mirim as figuras mais notáveis da cultura pernambucana. Lá estiveram comigo [...] Gilberto Osório de Andrade, Valdemar de Oliveira, Orlando Parahyn, Leduar de Assis Rocha, Andrade Lima Filho, Silvino Lopes, Dirceu Borges, Jordão Emerenciano, Cleophas de Oliveira, Francisco Montenegro”¹⁵⁷ e o próprio Freyre, num desses momentos em que se apresenta ao criador uma de suas criaturas.

A etapa posterior a ser cumprida era transformar em artigos, crônicas e pesquisas aquilo que foi visto na cidade. Ou seja, transformar Ceará-Mirim em objeto de atenções literária e científicas. Nilo revela ainda a peculiaridade daquelas visitas: “Todos escreveram sobre aquela aparição meio que súbita. Maravilhosa”. E não foram somente artigos literários, as memórias dos amigos. Em 1957, Gilberto Osório de Andrade publicou *Os rios do açúcar do Nordeste oriental: I o rio Ceará-Mirim*, no qual o vale aparece interligado à zona açucareira do Nordeste. Manuel Correia de Andrade parece ter dado continuidade ao trabalho de Gilberto Osório e incluiu, tanto no *Sistema canavieiro no Nordeste*, como em *O homem e a terra no Nordeste*, menções à cidade do Ceará-Mirim como parte da zona geográfica, social e econômica que conformava o Nordeste do açúcar. O direcionamento dado nesses estudos ajuda a situar a cidade numa realidade geográfica comum às áreas produtoras de açúcar da região, permitindo-lhe ocupar uma posição singular dentro do Rio Grande do Norte. Esses estudos são importantíssimos para estabelecer uma identidade geográfica com Pernambuco, Alagoas e os outros estados que compõem o recorte açucareiro do Nordeste.

¹⁵⁷ PEREIRA, Nilo. Vamireh Chacon e o Ceará-Mirim. *Tribuna do Norte*. Natal, mar. 1985.

Na década de 1980, o intelectual cearamirinense concluía a travessia que vinha realizando desde os anos 1930, quando se mudou para o Recife. *Pernambucanidade* parecia fechar o ciclo que o transformou num cearamirinense do Recife, ou como disse o próprio Freyre, “num brasileiro do Nordeste”. O livro publicado em 1983 reúne textos de vários intelectuais recifenses, procurando traçar a fisionomia do Recife, de Pernambuco. No texto de Vamireh Chacon podemos perceber esse processo metonímico em que os escritores recifenses geraram um Nordeste que cabe dentro das linhas que delimitam o Recife. Na página 285, Chacon afirma que “Pernambuco é sinônimo do Recife”, cidade que exercia uma atração econômica, intelectual e política sobre todo o Nordeste canavieiro, “que irmanava do vale do Ceará-Mirim até quase todo o recôncavo baiano, só cortado pela dificuldade de transporte, mas com a mesma cultura patriarcal nos mesmos tipos de edifícios; casas grandes e sobrados”¹⁵⁸.

Esse mesmo desejo de um Nordeste marcado pela associação entre Recife e Ceará-Mirim está no livro de memórias de Vamireh, que traz o Nordeste que ele visualiza “Do alto da matriz do Ceará-Mirim, olhando o sertão distante ao norte”, desejando “ver superadas as fronteiras de um país dentro do outro...”. Esse país que se chamava Nordeste, visto por ele das torres da igreja do Ceará-Mirim, tinha origem lá em Pernambuco e unia os pedaços que formavam essa região em “Círculos concêntricos de afetividade” que convergiam para o Recife¹⁵⁹.

Em *Pernambucanidade* ele afirma que “Existe assim um espírito recifense, filho do comércio e pai da política, recebendo os ventos do mundo como no poema de Joaquim Cardozo”¹⁶⁰. Para ele, a pernambucanidade nada mais era do que a própria nordestinidade, pois o Recife é “tão nordestino quanto pernambucano”¹⁶¹. Neste livro, no qual Nilo reúne elementos da cultura pernambucana, expressão mais forte da cultura canavieira, sutilmente, o homem que sempre se disse um exilado, ao esboçar um panorama da cultura do estado que o conquistou e que o tornou um estrangeiro em sua terra de origem, vai apresentando também elementos que aproximavam a cidade de Ceará-Mirim do Nordeste do açúcar que tinha como capital o Recife de Gilberto Freyre, de Vamireh Chacon e também de Nilo Pereira.

¹⁵⁸ PEREIRA, Nilo. *Pernambucanidade*, p. 286.

¹⁵⁹ CHACON, Vamireh. *O poço do passado*, p. 179.

¹⁶⁰ PEREIRA, Nilo. *Pernambucanidade*, p. 286.

¹⁶¹ Idem.

O livro, publicado em 1983, foi lançado no Palácio das Princesas, tendo sido patrocinado pelo governo do estado de Pernambuco. Ao lado dos elementos que, segundo Nilo, denotavam a peculiaridade da cultura recifense, Ceará-Mirim encontrou o seu lugar, como podemos notar em várias passagens. O texto da ata de reunião do Conselho Estadual de Cultura de Pernambuco de 1972, publicado no livro, informa que o jornal *Diário de Pernambuco* daquele 20 de julho trazia a notícia de “que parte do teto da casa-grande de Massangana desabou e que a capela de S. Mateus ameaça derruir”¹⁶². Ao apontar a relevância histórica da casa que abrigou Joaquim Nabuco em seus primeiros anos de vida, Nilo lembra-se logo de que a cidade onde nasceu também trazia a marca da solidão histórica que ele amava em Massangana, a mesma que o fazia recordar a frase dita pelo bispo de Natal, José Pereira Alves Costa, no ano de 1928, por ocasião de sua partida para o Rio de Janeiro.

Segundo Nilo Pereira, em seu discurso de despedida, depois de repousar na Vila de Extremoz, o bispo recém transferido afirmou: “Eu amo a solidão histórica de Extremoz”¹⁶³, rica em tradições e lendas. Extremoz, elevada a município desde 1760, em 1855 teve sua sede transferida para Ceará-Mirim, tendo feito parte do município por algum tempo¹⁶⁴. A lenda que teria afirmado a tradição da vila conta que os sinos que eram transportados por um carreiro para a Matriz do Ceará-Mirim mergulharam no fundo da lagoa de Extremoz, de onde “às horas mortas da noite um repique misterioso saía do fundo daquela lagoa renaniana”¹⁶⁵. Junto com o dobrar dos sinos emergia toda uma cidade que estava mergulhada no fundo das águas da memória de Nilo. Para assinalar a relevância histórica de Massangana e justificar o seu sentimento de amor pela casa de Nabuco antes era preciso remontar às tradições de sua própria casa. Somente depois dessa retratação, era justo dizer: “Eu amo a solidão histórica de Massangana”¹⁶⁶. Vemos interligados, por meio dos autores, um lugar ao outro, o que nos permite ver as semelhanças estabelecidas entre eles. Mostra que um talvez seja a inspiração do outro na escrita de Nilo – frutos de uma evocação histórica e emocional.

No texto de apresentação do livro e do autor, Vamireh Chacon nos dá novamente indícios do espírito de *Pernambucanidade*: “Nilo Pereira é um nordestino de

¹⁶² Idem, p. 43.

¹⁶³ Idem.

¹⁶⁴ Ver: CASCUDO, Luiz da Câmara. *Nomes da terra: geografia, história e toponímia do Rio Grande do Norte*. 2 ed. Natal: Sebo Vermelho, 2002, p. 180-181.

¹⁶⁵ PEREIRA, Nilo. *Pernambucanidade*, p. 43.

¹⁶⁶ Idem.

boa cepa, neto de barão, ainda hoje com a casa grande do Guaporé dominando o verde vale do Ceará-Mirim no Rio Grande do Norte, que ele comparou, em certa fase da vida brasileira, como a ‘nossa Vendéia’¹⁶⁷. O Ceará-Mirim de Nilo Pereira podia, então, ostentar o prestígio da tradição, a tradição de um passado que se fez sob os auspícios da cultura da cana, um prestígio que o próprio Nilo se esforçou em angariar entre os donos da tradição do Nordeste do açúcar, colocando esse pedaço do Rio Grande do Norte dentro dos contornos dessa região.

Ao refazer o percurso literário e histórico da vida de Nilo Pereira, o qual se delineia nas milhares de páginas escritas deixadas pelo cearamirinese, encontramos-lo na missão de organizar dentro de uma mesma unidade os dois lugares que viveu e amou, Ceará-Mirim e Recife. Para isso, era preciso estabelecer as linhas do Nordeste do açúcar que uniriam essas duas cidades tão distintas em expressão política e cultural, mas irmanadas na tradição da cultura canavieira. Essa foi a grande viagem realizada por ele: unir o homem e o intelectual, estabelecer uma ponte entre o lugar das origens e aquele que formou o intelectual, Ceará-Mirim e Recife. Também a viagem narrada aqui.

No sobrado azul da Rua Bispo Cardoso Ayres, no Recife, guardado no baú de lembranças de Dona Lila Marques Pereira, está o retrato que Nilo elaborou de si mesmo, espalhado em uma dezena de volumes, os *Livros de recortes*, nos quais foram catalogadas, durante quase trinta anos, as crônicas e matérias de jornais que foram mais caras a ele, e que guardam grande parte do esforço intelectual de toda uma vida. Do quebra cabeças formado por aqueles recortes, surge o homem que levou a vida em rememorar o passado, devolvendo à cidade do Ceará-Mirim, acabrunhada pelo malogro da empresa açucareira e pelo esquecimento daqueles que não viam no lugar os vestígios da tradição, o prestígio e o reconhecimento de sua condição histórica.

No retrato que se pinta do autor das *Imagens* mais propaladas do Ceará-Mirim, no momento de sua morte, ano de 1992, podemos ver o homem que viveu entre os engenhos Verde Nasce e Guaporé, evidenciando o sucesso do empreendimento de toda a vida do intelectual que jaz no Recife, protegido por um punhado daquela terra que pisou na infância, recolhida numa de suas últimas viagens ao *paraíso perdido*...

¹⁶⁷ PEREIRA, Nilo. *Pernambucanidade*, 1983, (orelha).

Nilo de Oliveira Pereira nasceu em 11 de dezembro de

1909, no Engenho Verde Novo, no município de Ocaia-Mirim, Rio Grande do Norte. Passou a infância e adolescência em outro engenho, o Guaperó, na mesma localidade e durante um período que marcou profundamente a sua vida; o vale petiguar seria tema de alguns de seus livros e de muitos de seus poemas



Escrevendo a vida, vivendo na escrita

Escrevendo a vida, vivendo na escrita

Na viagem pela escrita de Nilo Pereira, vemos se formar duas imagens bem definidas: a do próprio homem e intelectual Nilo Pereira e a da cidade do Ceará-Mirim. Essas duas imagens principais se desdobram em várias outras: Nilo católico, cearamirinense, recifense, regionalista, sem contar com as definições de professor, historiador, jornalista, memorialista, escritor; o Ceará-Mirim é vale verde e poético, cidade da tradição, lugar da infância, berço da criação, Guaporé, Verde Nasce, Ceará-Mirim/Recife, um pedaço do nordeste patriarcal. É, especialmente, a escrita que permite a elaboração dessas imagens, agindo como um método autoformativo que acompanha o “desenvolvimento e a mudança da própria identidade”¹, já que ela tem a capacidade de ordenar os elementos que compõem uma certa realidade.

Na escrita do cearamirinense, Ceará-Mirim e Nilo Pereira se constroem num processo mimético, onde um se confunde com o outro, ou um se funde no outro. Na escrita memorialística aqui estudada conjuga-se a todo o momento a materialidade e a subjetividade. As pedras, as pessoas e os espaços são transformados em memória, em lembranças, em escrita, que também é uma forma de materializar o subjetivo. As cidades que surgem da escrita de Nilo Pereira são construídas com pedras e sentimentos, quase sempre a partir do impulso que a sensação da perda provoca, apontando para um processo de construção e desconstrução constante. A cidade que vai tomando forma a cada nova lembrança, logo se esvai como uma imagem pálida de uma cidade morta que se sustenta na memória e nos sentimentos. Se a memória falha, a imagem também se apaga. Se o sentimento que lhe dava sentido enfraquece, ela também vai perdendo força. A escrita oferece uma condição menos fugidia a essa imagem, apreende e imobiliza esses momentos de elaboração. No entanto, a escrita também é móvel, muda de lugar, muda de feitiço, muda de idéia. A escrita, assim como o homem, é produto de inúmeras variáveis.

Cada vez que o ser humano escreve, e, especialmente, quando escreve memórias, ele reflete o mundo em sua volta: “escrevendo sua história ele acaba fornecendo um testemunho aos outros”². Desse modo, a escrita de conotações

¹ OLMÍ, ALBA. Memória e memorialismo, p. 14-15.

² Idem.

memorialísticas e autobiográficas interessa ao “historiador, ao sociólogo, ao antropólogo [...] que, estudando as escrituras privadas e analisando-as podem reconstituir contextos culturais, eventos, atitudes humanas, modos de sentir, interpretar e descrever a experiência vital”³.

A escrita e a memória são constructos que vão sendo elaborados e reelaborados ao longo de cada fase da vida. A escrita memorialística e autobiográfica dá forma ao gênero híbrido que surge das páginas de Nilo. *Imagens do Ceará-Mirim*, por exemplo, é livro que conjuga muito intimamente essas duas dimensões. É o típico modelo disseminado entre os regionalistas: memórias elaboradas com uma certa conotação romanesca e também histórica. Os livros produzidos por esses autores eram o romance de suas vidas. E sendo memória e sendo romance podia-se visualizar ali, partindo do campo de visão de quem escrevia, uma versão sobre a formação histórica e sociológica do recorte espacial e social que essa escrita evidenciava. Nos livros sobre memórias vividas em engenhos ou em cidades de tradição açucareira, como é o caso do livro de Nilo, os autores, relatando acontecimentos da sua vida e daqueles que fizeram parte dela, abrem uma janela, tanto no âmbito privado das casas grandes dos engenhos, como no público das igrejas, das ruas, para as relações que se estabeleciam naqueles ambientes, naquela sociedade, fossem elas de cunho econômico, cultural ou social.

Em *Imagens do Ceará-Mirim* podemos visualizar alguns dos elementos que impulsionaram a produção do açúcar na cidade e, por outro lado, aqueles que levaram à trajetória de declínio. Tudo sempre narrado pela ótica familiar: o bisavô que fundou o engenho, onde se desenvolveu a melhor cana da região, a avó que foi obrigada a deixar o engenho no vale e seguir para a cidade para ter uma vida modesta, depois de perder suas posses, no momento de crise. Percebemos ainda as relações de mando, o senhor benevolente com seus escravos; a devoção cristã das famílias cearamirinsenses que tinha suas raízes ainda no século XIX, representada na avó carola que realizava durante todo o mês de maio o novenário de Maria; e ainda as sociabilidades nos relatos de festas e reuniões que aconteciam nos sobrados da cidade e nas casas grandes do vale. Enquanto Nilo Pereira refazia o percurso de sua infância, era possível visualizar os indícios de todas essas relações e ainda outras, muito bem alinhavadas em sua escrita e memória.

³ Idem.

O livro de difícil classificação – não era propriamente autobiografia, nem memória, nem romance, nem história, e era tudo isso ao mesmo tempo – dava margem a uma primeira percepção do caráter conflitante e multifacetário daquele intelectual. Esse livro se desdobrou em outros livros, foi fruto de muitos textos e de muitos homens, não somente daqueles que estão em suas páginas, mas daqueles que estiveram dentro do autor em todos os momentos em que escreveu e reescreveu *Imagens do Ceará-Mirim*. Descobrimos em cada parte da obra de Nilo Pereira, em cada artigo que escreveu para os jornais, em muitas de suas atividades profissionais, como a de professor, por exemplo, uma parte de *Imagens do Ceará-Mirim*. O livro que à primeira vista parecia ter sido elaborado em vários tempos se decompõe ao longo da pesquisa em artigos e viagens realizadas durante 30 anos, costuradas por meio da memória e da escrita. Percebemos que ele continha o modelo de escrita do autor, uma escrita mergulhada na terra, nos laços familiares, obstinada pelo passado.

Essa escrita híbrida é historicamente construída, assim como a relação principal estabelecida por Nilo: a ligação entre Ceará-Mirim e Recife, resultando na inserção de Ceará-Mirim no Nordeste do açúcar. A compreensão dessa mensagem exigia que o homem fosse, em alguma medida, desvendado. A escrita, sempre ela, foi a fonte para tal descoberta. Os sentimentos da escrita e os sentimentos das pessoas também o foram, ou seja, a dimensão da escrita, da memória e do sentimento deu forma a vários personagens: Nilo, o Ceará-Mirim, o Recife, o Nordeste. A construção da memória dos indivíduos e dos lugares, os sentimentos pungentes nessas memórias e lugares escritos tomaram todos os lugares desse trabalho de reconstituição histórica da escrita. Por meio dela, homens tempos e espaços foram interligados.

A cidade de Ceará-Mirim que vivencio desde 1985, quando minha família mudou-se para lá, da casa grande e das ruínas do engenho Ilha Bela, da usina São Francisco, do vale visto do patamar da igreja, da cheia de 1998, do silêncio de casas, engenhos e capelas vazias, também das rapaduras e do mel do engenho Mucuripe, com sua torre e casinhas beirando à estrada, também esteve presente na constituição desse trabalho.

O poder de memória e da palavra do qual se investem os intelectuais se transfigura em poder da História que eles têm nas mãos à medida que podem escrever e reescrever a vida. Esse trabalho, investimento ainda de pequenas proporções que

evidenciou ainda mais a necessidade do enfrentamento direto da dimensão da escrita pelo historiador, despertou uma grande sensação: mais do que nunca, a escrita, a memória e o uso que se faz delas devem ser observados não com desconfiança, mas com sensibilidade humana e de historiador que permita perceber suas emendas e sobreposições.

Referências Bibliográficas

ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. Recife: JNB: Bagaço; São Paulo: Cortez, 1999.

_____. *História: a arte de inventar o passado*. São Paulo: EDUSC, 2007.

ALMEIDA, Maria das Graças. *A construção da verdade autoritária*. São Paulo: Humanita/FFLCH/USP, 1995.

ANDRADE, Manuel Correia de. *Área do sistema canavieiro do Nordeste*. Recife: SUDENE, 1998.

ANDRADE, Mário de. *O turista aprendiz*. São Paulo, Duas Cidades, Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976.

ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. *Modernismo nos anos 20 no Rio Grande do Norte*. Natal: EDUFRN, 1995.

ARRAIS, Raimundo. *A amizade como método*. Digitado (trabalho a ser publicado em coletânea patrocinada pelo CNPQ, sobre Gilberto Freyre, com organização do professor Roberto Motta), 2007.

_____. *Gilberto Freyre e a formação do pernambucano*. 2009 (artigo a ser publicado em coletânea organizada por Mauro Mota).

_____. *Do alto da torre da matriz, acompanhando a procissão dos mortos: Câmara Cascudo como historiador da cidade do Natal* (artigo a ser publicado em coletânea do CNPq sobre Câmara Cascudo).

_____. *A capital da saudade: destruição e reconstrução do Recife em Freyre, Bandeira, Cardozo e Austragésilo*. Recife: Bagaço, 2006.

_____. et al. *O corpo e alma da cidade: Natal entre 1900 e 1930*. Natal: EDUFRN, 2008.

_____. et al. *Ceará-Mirim: tradição, engenho e arte*. Natal: SEBRAE-RN, 2005.

_____. *O pântano e o riacho: a formação do espaço público do Recife do século XIX*. São Paulo: Humanitas /FFLCH/USP, 2004.

ARRIGUCCI, David. *Humildade, paixão e morte: a poesia de Manuel Bandeira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

AZEVEDO, Neroaldo Pontes de. *Modernismo e regionalismo: os anos 20 em Pernambuco*. 2. ed. Recife: Editora Universitária da UFPE, 1996.

BANDEIRA, Manuel. *Libertinagem e estrela da manhã*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

_____. *Crônicas da província do Brasil: Manuel Bandeira*. 2. ed. (Org.) GUIMARÃES, Júlio Castañon. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

BARBOSA, Edgar. *Imagens do tempo*. Natal: Imprensa Universitária - UFRN, 1966.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 9. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 10 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

CAVALCANTI, Lauro (Org.). *Modernistas na repartição*. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, MINC - IPHAN, 2000.

CASCUDO, Luiz da Câmara. *Nomes da terra: geografia, história e toponímia do Rio Grande do Norte*. 2 ed. Natal: Sebo Vermelho, 2002.

_____, Luiz da Câmara. *História do Rio Grande do Norte*. 2. ed. 1955.

CAVALCANTI, Lauro (Org.). *Modernistas na repartição*. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, MINC - IPHAN, 2000.

CHACON, Vamireh. *O poço do passado*. Recife: Nova Fronteira, 1984.

CHIANTARETT, Jean-Fracois (org.). *Escriture de soi, écriture de l'histoire: réflexions du temps présent*.

CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio*. São Paulo: Estação Liberdade, Editora UNESP, 2001.

DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FALCÃO, Joaquim. *A luta pelo trono: Gilberto Freyre versus USP*. In: *O imperador das idéias: Gilberto Freyre em questão*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2001.

FERREIRA, Angela Lúcia et al. *Surge et ambula: a construção de uma cidade moderna, Natal, 1890-1930*. Natal: EDUFRN, 2005.

FONSECA, Edson Nery da. *Gilberto Freyre de A a Z: referências essenciais a sua vida e obra*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, Zé Mário Editor, 2002.

FREYRE, Gilberto. *Casa grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 49. ed. São Paulo: Global, 2004.

_____. *Os escravos nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX*. 2. ed. aum. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas sociais, São Paulo: Editora Nacional, 1979.

_____. *Livro do Nordeste*. 2. ed. Recife: Arquivo Público, 1979.

_____. *Manifesto regionalista*. 4. ed. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais – MEC, 1967.

_____. *Nordeste*. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio; Recife: Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco, 1985.

_____. *Região e tradição*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1941.

_____. *Nordeste*. 5 ed. Rio de Janeiro: José Olympio; Recife: Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco, 1985.

_____. *Perfil de Euclides da Cunha e outros perfis*. 2. ed. aum. Rio de Janeiro: Record, 1987.

FRYE, Northop. *Fábulas de identidade: estudos de mitologia poética*. São Paulo: Nova Alexandria, 2000.

GOMES, Geraldo. *Engenho e arquitetura*. Recife: FUNDAJ, Ed. Massagan, 2006.
Jornal do Commercio 1985.

HALBWACHS, Maurice. *Memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004.

HEMINGWAY, Ernest. *Por quem os sinos doam*. São Paulo: Ed. Companhia Nacional, 1978.

KOSMINSKY, Ethel Volfzon et al. *Gilberto Freyre em quatro tempos*. São Paulo: EDUSC, 2003.

LARRETA, Enrique Rodríguez; GIUCCI, Guilherme. *Gilberto Freyre, uma biografia cultural: a formação de um intelectual brasileiro – 1900-1936*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 3. ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 1994.

LIMA, Luiz Costa. *O controle do imaginário: razão e imaginação nos tempos modernos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

LOBATO, Monteiro. *Cidades mortas*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1956.

LOURENÇO, Eduardo. *Mitologia da saudade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

LUZ, Nícia Vilela. *A luta pela industrialização do Brasil*. São Paulo: Ed. Alfa-Omega, 1978.

MOTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da cultura brasileira (1933-1974)*. São Paulo: Ática, 1990.

MICELI, Sérgio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MIRANDA, Wander Melo. *Corpos escritos: Graciliano Ramos e Silviano Santiago*. São Paulo: Edusp; Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1992.

MONTENEGRO, Francisco. *Itinerário sentimental do Ceará-Mirim*. Recife, 1965 (Coleção Concórdia).

NABUCO, Joaquim. *Minha formação*. Brasília: Senado, 2001.

OLIVEIRA, Fernanda d'. *Nilo Pereira: a raça de um homem múltiplo*. Recife: A Assembléia, 2001.

OLMI, Olba. *Memória e memórias: dimensões e perspectivas da literatura memorialista*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. *Gilberto Freyre: um vitoriano nos trópicos*. São Paulo: Ed. UNESP, 2005.

PADOLFE, Dulce Chaves. *Pernambuco de Agamenon Magalhães*. Recife: Fundação Nabuco/Massangana, 1984.

PEREIRA, Nilo. *Imagens do Ceará-Mirim*. Natal: Imprensa Universitária, 1969.

_____. *Evocação do Ceará-Mirim*. Recife: Ed. Arquivo Público, 1959.

_____. *A rosa verde*. Recife, Ed. da Universidade Federal de Pernambuco, 1982.

_____. *Gilberto Freyre visto de perto*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Ed. Massangana, 1986.

_____. *Espírito de província*. Recife: Editora da UFPE, 1970.

_____. *Os outros*. Pernambuco. 1996.

_____. *Pernambucanidade: alguns aspectos históricos*. Recife: Secretaria de Turismo, Cultura esportes, 1983.

_____. *Conflitos entre a igreja e o estado no Brasil*. 2 ed. Recife: Ed. Massangana, 1982.

_____. *Dom Vital e a questão religiosa no Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Recife: Arquivo Público Jordão Emerenciano, 1986.

_____. *A dimensão humana*. Recife: Ed. Universitária, 1975.

_____. *Revisionismo e tradição*. Recife: Edições Folha da Manhã, 1950.

PROUST, Marcel. *No caminho de Swan*. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

QUEIROZ, Maria José de. *Os males da ausência ou a literatura de exílio*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1998.

REGO, José Lins do. *Usina*. 9. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1979

REZENDE, Antonio Paulo. (Des)Encantos modernos: histórias da cidade do Recife na década de XX. Recife: FUNDARPE, 1997.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. São Paulo: Ed. UNICAMP, 2007.

ROCHE, Daniel. *Humeurs vagabondes: de la circulation des hommes et de l'utilité des voyages*. France: Fayard.

RODRIGUES, Cândido Moreira. *A Ordem: uma revista de intelectuais católicos 1934-1945*. Belo Horizonte: Autêntica/FAPESP, 2005.

RENAN, Ernest. *Souvenirs d'enfance et de jeunesse*. Paris, 1932.

SAID, Eduard. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SALES NETO, Francisco Firmino. *Palavras que silenciam: Câmara Cascudo e o regionalismo-tradicionista nordestino*. João Pessoa: editora Universitária, 2008.

SCHAMA, Simon. *Paisagem e memória*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SILVA, Marcos (Org.). *Dicionário crítico de Cascudo*. São Paulo: Perspectiva, 2003.

SOIHET, Raquel; BICALHO, Maria Fernanda Baptista; GOUVÊA, Maria de Fátima Silva (Org.). *Culturas Políticas: ensaios de história cultural, história política e ensino de história*. Rio de Janeiro: Mauad, 2005.

SOUZA, Itamar de. *A República Velha no Rio Grande do Norte, 1889-1930*. 2. Ed. Natal. EDUFRN, 2008.

THIESSE, Ane Marie. *La petite patrie enclose dans la grande: regionalismo e identidade nacional na França durante a Terceira República (1870-1940)*. Paris, 1995.

TRIGO, Luciano. *Engenho e memória: o Nordeste do açúcar na ficção de José Lins do Rego*. Rio de Janeiro: Ed. da Academia Brasileira de Letras; Topbooks, 2002.

VENANCIO FILHO, Alberto. *Das arcadas ao bacharelismo: 150 anos de ensino jurídico no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

Periódicos:

Jornais

A Ordem, Natal, 1935, 1936, 1939.

A Republica, Natal, 1939, 1949, 1954, 1955, 1980, 1985.

Diário de Pernambuco, Recife, 1921, 1924, 1974, 1992.

Jornal do Commercio, Recife, 1955, 1969, 1974, 1977, 1980, 1983, 1984, 1985, 1986, 1988.

Folha da Manhã, Recife, 1938, 1949, 1955.

O Ceará-Mirim, Ceará-Mirim, 1877, 1912, 1917.

O Poty, Natal, 1984.

Tribuna do Norte, Natal, 1985.

Revista

Bando, Natal, 1949, 1954

Mídias Digitais

Memória Viva. TV Universitária da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 1983.

Niló: o homem rio. Fundação Joaquim Nabuco. Recife: Massangana Multimídia Produções, 1999.